1952

FEVEREIRO - N.417

EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS



NESTE NÚMERO:

POR QUE OS TRABALHISTAS PERDERAM



- OS CENTENÁRIOS
- OS MORTOS DO ANO
- O ANO AERONÁUTICO
- O ANO ARTÍSTICO
- O ANO CATÓLICO
- O ANO CIENTÍFICO
- O ANO HOROSCÓPICO
- O ANO EXLIBRÍSTICO
- CALENDÁRIOS
- FESTAS RELIGIOSAS

SÃO AS MAIS BELAS AS HISTÓRIAS DE AMOR DO "ALMANAQUE EU SEI TUDO"

UM MUNDO DE ASSUNTOS OS MAIS VARIADOS E INTERESSANTES:

TRATADO SÔBRE HERÁLDICA
BELO, MINUCIOSO, EM CORES

- INFORMAÇÕES ÚTEIS PARA O LAR
- ARTIGOS ESPECIAIS
- HISTÓRIA E LITERATURA

Uma novela magnífica

"A ESTRÊLA DA MANHÃ"

A VENDA EM TÔDA A PARTE Cr$ 25,00

REDAÇÃO: MARANGUAPE, 15 — RIO

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Tapêtes feitos à mão

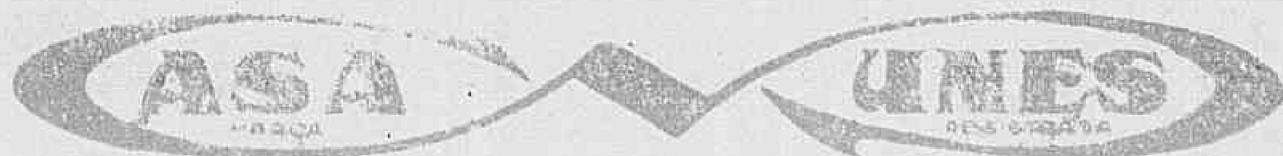
Projetos executados por técnicos-decoradores

TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65 — Rua da CARIOCA — 67 — RIO

BOLOS BISCOUTOS e MINGAUS de CREME de MILHO LUX

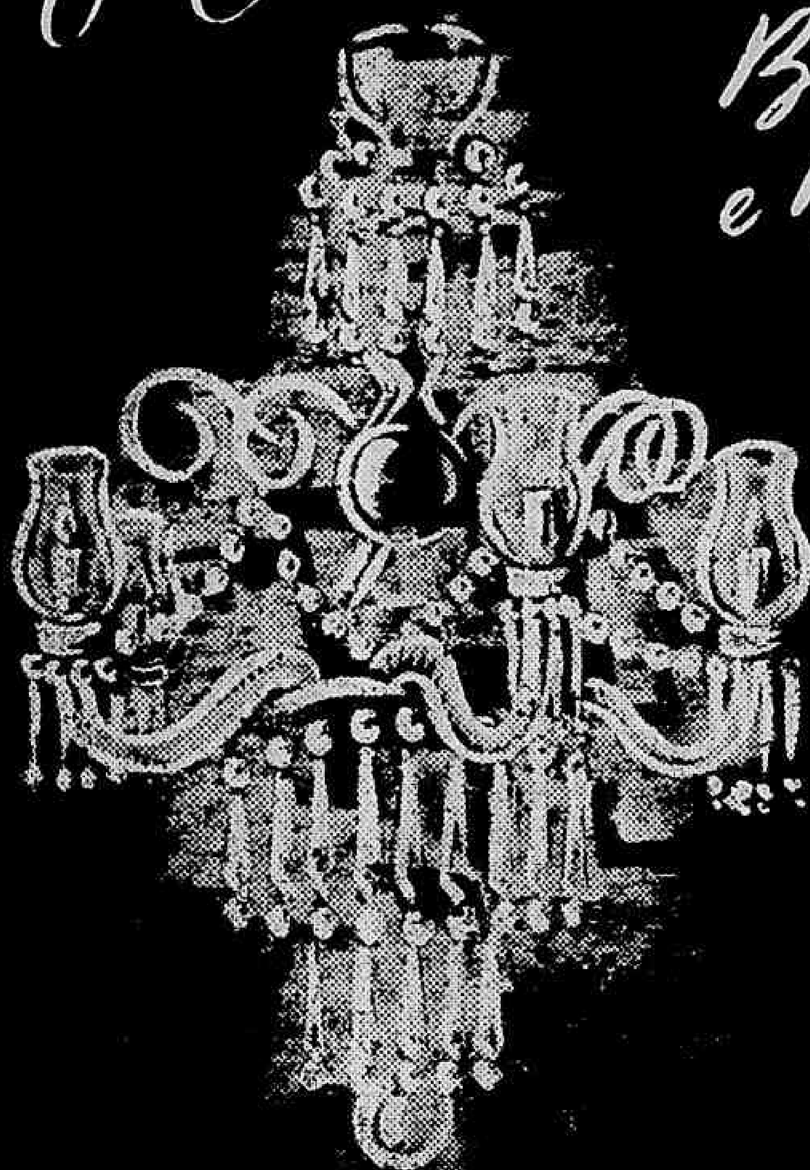


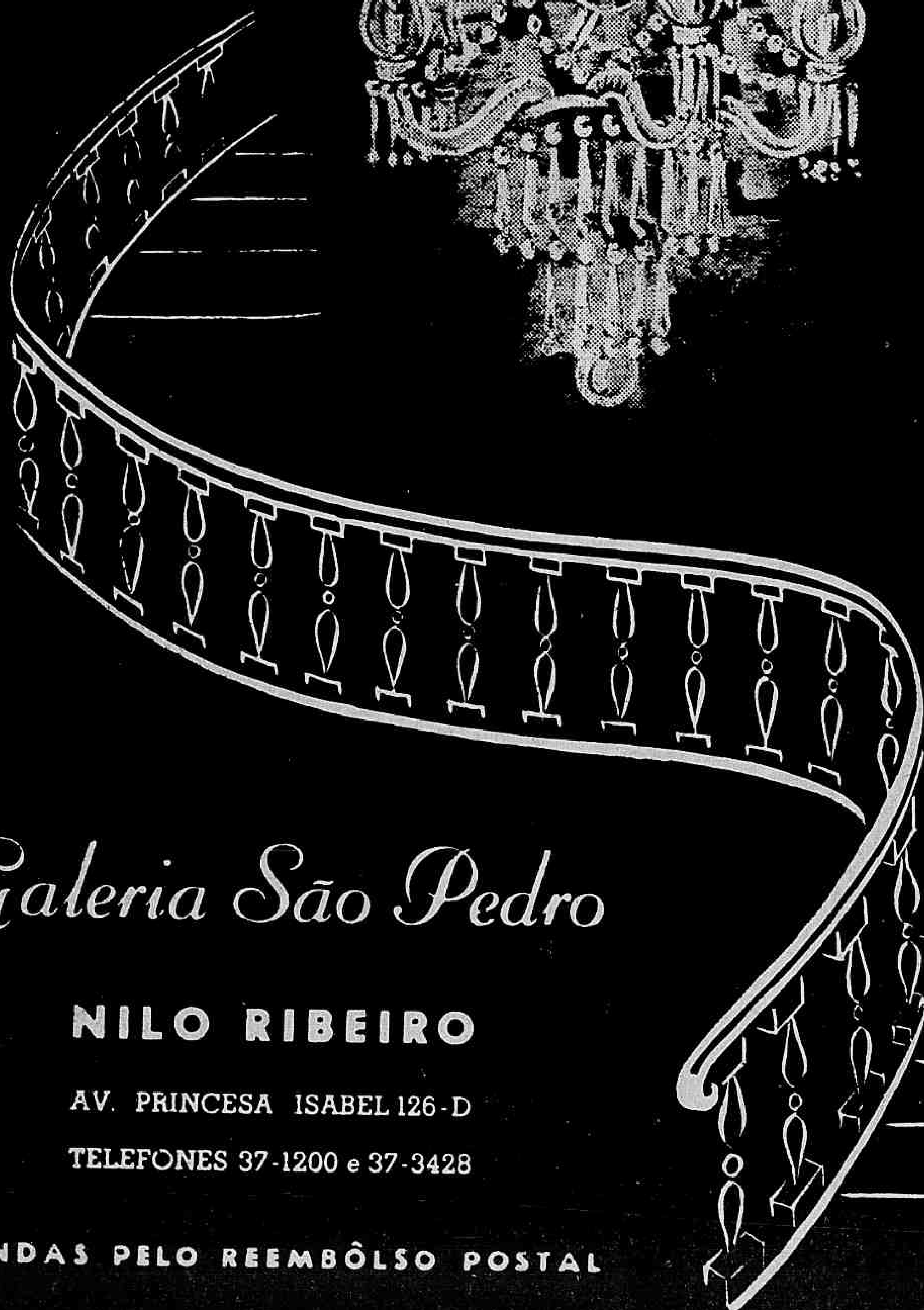
Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos. —

Lustres

Baccarat e Bohemia







Galeria São Pedro

NILO RIBEIRO

AV. PRINCESA ISABEL 126-D

TELEFONES 37-1200 e 37-3428

VENDAS PELO REEMBÔLSO POSTAL

Sapatos que seus filhos adoram!

insinuante
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA AS SUAS ORDENS.



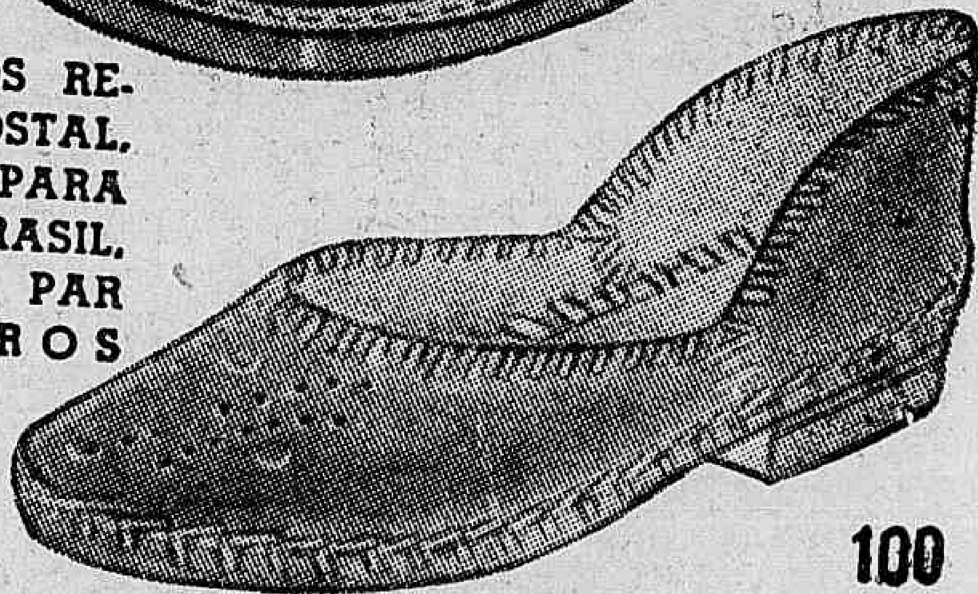
098





099

NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO POSTAL. REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS



100

098 — Cr$ 98,00. «Maracanã». Uma maravilha para meninos. Núm.: de 22/27

099 — Cr$ 75,00. Uma botinha que é um encanto. Núm.: de 18/24.

100 — Cr$ 100,00. «Caiçaras». Um encanto de sapato para meninas. Núm.: de 22/27.

insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46·48 — SETE de SETEMBRO, 199·201



Diretor: GRATULIANO BRITO

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Redator-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro.End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Ciac., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

Pode casar filinha...

Conto de ALEC WAUGH

— Querido... Êles não vão consentir, com certeza! Dirão que sou muito criança... Que você ainda está estudando; que nos conhecemos há pouco mais de dois meses. Você não pode imaginar o que mamãe pensa dêsses casamentos apressados. Ela, principalmente, depois da experiência que teve! E, nisso, há de ter todo o apoio do meu padrasto. Você sabe que também êle se divorciou — duas vêzes!

Êle, depois de alguma hesitação, assentiu. Também temia isso. Afinal, ela tinha apenas dezenove anos. Êle, por sua vez, ainda lutava para se formar.

— "Agora, eis o que devemos fazer — continuou ela — Concordar com tudo o que êles disserem. Se exigirem um noivado de dois anos, nós diremos **"Okay..."** Se insistirem em que o mesmo não seja anunciado às nossas relações, também concordaremos. Devemos concordar sempre, fazer sempre o que êles quiserem. Só assim poderemos vencer. Curvaremos a cabeça a tudo, com o ar mais natural dêste mundo. Depois, com o tempo, quando compreenderem que nos amamos sèriamente, querido, tenho a certeza de que êles se deixarão convencer em um ano ou pouco mais.

— Tanto assim? Melhor seria que fizéssemos isso por um pouco menos.

Tinha os braços passados sôbre os ombros dela; com mão carinhosa, afagava os seus braços. Ela, mal respirando, tinha a sensação de que alguma coisa aquecia o seu coração, alguma coisa deliciosa... Passou os braços em redor do pescoço dêle:

— Querido... Eu poderia esperar por você dez anos. Mas isso seria horrível!

Na mesma noite, quando contou a "novidade", a mãe e o padrasto trocaram um rápido olhar de inteligência.

Assim — segundo ela pensou — êles haviam, de há muito, entrevisto a possibilidade dêsse acontecimento; e, com certeza, já haviam preparado, com antecipação, uma sólida **linha de defesa,** com argumentos estratégicos positivamente intransponíveis! Porém nunca poderia estar tão redondamente enganada. O padrasto foi o primeiro a falar:

— Não sei, realmente, o que pensa sua mãe — disse êle, examinando a cinza do charuto. Porém pessoalmente, acho Stanley um rapaz muito correto. Gosto mesmo dêle. E' talentoso, parece ser ambicioso... O pai é figura muito respeitada e bem relacionada. Tanto quanto posso imaginar, meu bem, você não poderia ter feito melhor escolha.

Então sua mãe falou, com um sorriso feliz:

— O tipo do marido que sempre desejei para você, minha filha...

Porém o padrasto a interrompeu, para perguntar com ar grave:

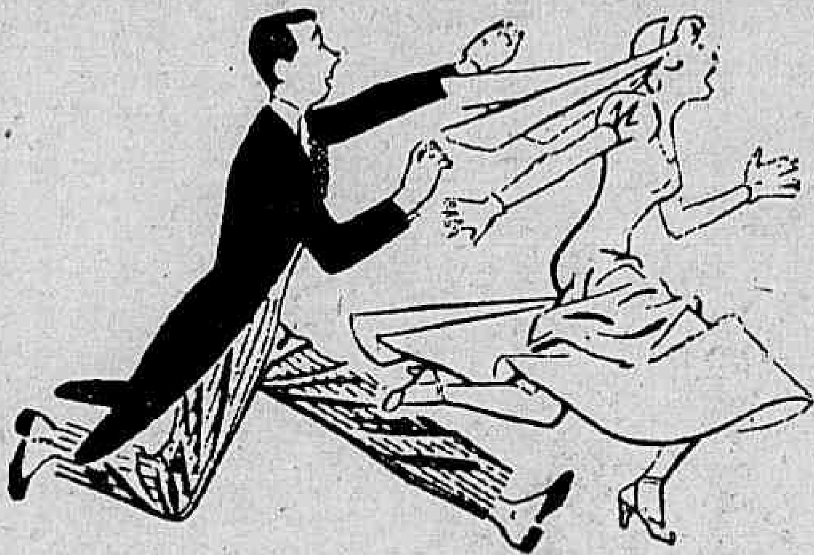
— Quando pretendem realizar êsse casamento? Hmmm... Eis a pergunta que tanto temiam!

— Bem... Não sei... Não sabemos, realmente.

Ficou a olhar para êle, interrogativamente. O padrasto respondeu em seu lugar.

— Pessoalmente, confesso que não gosto dos noivados longos. Meus pais exigiram que eu aguardasse um ano. Aquilo foi um horror. Oh! As obrigatórias visitas Ys futuras tias e primos... Vamos ver. Estamos em meados de outubro. Sua mãe e eu pretendemos pasar o inverno na Flórida. Por que vocês não arranjam as coisas para que o casamento seja nas proximidades do Natal? Poderão passar a lua de mel nas Ilhas Virgens. Assim estarão de volta para o Ano Novo... Hein? Que disse eu de errado?

Errado. Que poderia estar errado? Ela não tinha



palavras para agradecer. Stanley estava, igualmente apalermado de felicidade.

— Natal? Ês... êste natal? Mas... claro! Está ótimo! Sim, senhor! Pode ser!... **Neste** próximo natal!

★

Com tão poucas semanas de conhecer Stanley, ela estava discutindo os detalhes do seu enxoval com a sua principal confidente.

Nem posso acreditar que tudo isso seja verdade! — confessou — Mamãe me deixou atônita! Ela, que era tão severa e exigente com essas coisas...

A confidente consultou:

— Você sabe a idade de sua mãe?

— Claro! Ela tem quarenta e dois.

— Quer dizer... Nasceu em 1910. Muito moça, portanto, para se lembrar da Primeira Grande Guerra. Com certeza leu Hemmingway, quando cursava a escola ginasial. Formou-se em 1928; o último ano de fartura, o primeiro de depressão econômica, de reforma social, de "melindrosas" e **flappers**, de maior liberdade feminina... do maior impulso do cinema; foi então que freqüentou as primeiras festas. Tem, portanto, idéias avançadas... E' uma mulher formada à moderna.

— "Sempre imaginamos nossos pais "antiquados". Só o fato de serem **pais** sugere que sejam gente atrasada, de velhos tempos. Gostaria que você tivesse ouvido a sua mãe, discutindo com a minha! Moderna não é bem o têrmo. **"Um primeiro casamento é como o sarampo, que atinge infalìvelmente tôdas as crianças! Melhor será que o tenhamos cedo; o mais cedo possível!..."**

— Mam... Mamãe disse isso?

Seu rostinho exprimia todo o seu assombro. Não podia acreditar.

— Disse, sim. E disse mais, até: "Uma moça, a partir do instante em que se casa, tem um **estado.** Porém todos os demais homens que encontra, pensam nela, sonhando como seria uma boa espôsa **para êles.** Por isso ela poderá casar outra vez, se a "bôlha de sabão" explodir. Porém o pior é quando está noiva! Então sim, fica **posta de lado.** Deixa de interessar a todos os demais. E aí está o perigo...

— Oh! Como é possível pensar assim?

Disse isso com um sorriso, porém seus dedos se encurvaram violentamente dentro dos sapatinhos. Então era assim que elas conversavam sôbre êsse ato miraculoso que agora resumia todo o seu mundo! O casamento... comparado ao sarampo, a uma coisa infalível e enfadonha que se deseja ter quanto antes, para passar depressa e ficar o enfêrmo livre do mal! E o que mais a impressionava e irritava era a impressionante lógica da comparação. Ela mesma via dezenas de casamentos desmanchando-se em seu redor. Tudo na vida era tão instável! Aí estava a política, a própria vida... Guerras após guerras e tratados de paz. E o mundo parecia no meio de tudo isso, continuar jovem. E também as pessoas. Aos quarenta, cinqüenta e mesmo aos sessenta, apaixonavam-se e esfacelavam lares. Como poderia uma criaturinha de dezenove primaveras estabelecer um programa e decidir o que seria aos cinqüenta?

★

Seu coração estava pesado, essa noite, quando se sentou diante de Stanley, fitando-o através da mesa. Poucas semanas antes, não tinha sequer idéia da sua existência. Nesse curto prazo não apenas todo o seu futuro mas também tôda a sua verdadeira natureza passará a pertencer-lhe. Se tanto pudera ocorrer em tão poucos dias, que não aconteceria em vinte anos, em mais de vinte... trinta, quarenta anos? Seu padrasto e sua mãe pensavam da mesma maneira. Mesmo assim...

★

— Isso estraga tudo! — disse ela — Sinto que êles se esforçam para arranjar as coisas de uma vez, completamente, **para que casemos o mais depressa possível!**

— E' o que fazem, realmente. Isso me faz recordar uma parábola — você sabe, hein? — a respeito da semente que caíu num chão de pedra e brotou muito depressa...?

Sim, ela conhecia a parábola. Conhecia e sentia-se humilhada; muito infeliz Aquêle era um exato

O DOTE DE NANETTE

Chamamos a atenção dos leitores para informar que, ao contrário do que está indicado na página 50, êste romance TERMINA NESTE NÚMERO, sendo o desfecho encontrado na página número 89.



paralelo! Êles eram como a semente. Não teriam tempo para criar raizes...

— Isso me assusta. Como se não tivesse um amparo... — murmurou ela.

— Pois a mim nada faz — disse êle. — Sinto-me corajoso.

Sorriu ao falar e havia uma fácil confiança no seu sorriso; uma segura confiança que compreendia, em última análise, a forte atração que o prendia a ela, dando-lhe a certeza de que poderia lutar pela felicidade e que, juntos,obteriam tudo quanto desejassem.

— Quando me atrevo vou até ao fim! — disse êle — Aceito o desafio.

— Mas, neste caso, como...

— Recuse a oferta que nos fizeram. Espere que eu me forme.

Ela saltou da cadeira. Nunca, positivamente nunca, se sentira tão furiosa em tôda a sua vida.

— Se é assim que você me quer, pode ficar com a sua aliança!

Com a mão direita aprisionou a mão esquerda, dela retirando a aliança de ouro, estendendo-a, depois, na palma da mão direita, aberta, sôbre a mesa que os separava.

— Tolinha — disse êle — Não vai querer que eu afirme que a primeira vez que dancei com você, desejei — por que não fiz isso? — casar imediatamente, iniciando desde logo a nossa lua de mel! Foi isso o que desejei então e continuo a desejar. Mas você há de compreender que o nosso casamento tem que ser muito **especial.**

Fêz uma pausa e sua voz, ao recomeçar, era mais grave. Apoderara-se da mão aberta sôbre a mesa e comprimia carinhosamente os dedos.

— Não será apenas... **mais um casamento** — falou — **Será único.** Nenhum de nós poderá dizer outra vez: **"Você é o primeiro"...**

— Sim. Nem você nem eu; jamais!

Havia um brilho de adoração nos olhos dêle. O que ela ouvia e sentia era tudo aquilo com que sempre sonhara, mas jamais ousara pedir. Oh, sim... Havia de ser "especial". Não desprezariam nenhuma **chance** para proteger e preservar a sua felicidade. Embora, na vida, tudo tivesse repetições, o casamento, para êles, não teria!

★

Êle continuava falando:

— Quando vi você, pela primeira vez, na outra extremidade do salão, qualquer coisa dentro de mim estalou. "E' ela" — pensei — E era mesmo! Mas quero dizer uma outra coisa: cada vez que vejo você, cada vez que escrevo uma carta para você, cada vez que ouço você ao telefone, é sempre qualquer coisa nova, qualquer coisa que você faz ou diz e que me faz ficar apaixonado por você. Talvez que se prolongarmos isso um pouco mais, não muito, mas apenas um pouquinho mais... para que eu possa encontrar outras "você" e me apaixone mais e mais, então sim, poderemos casar, digamos... em junho, quando já estiver trabalhando lado a lado com meu pai.

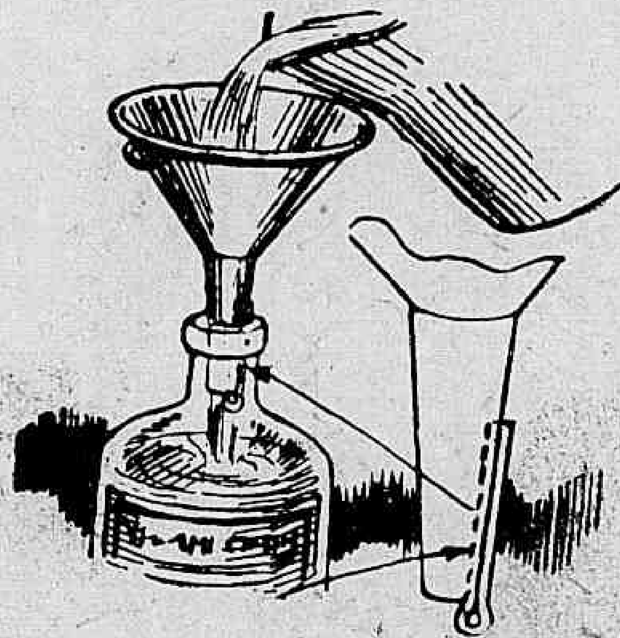
Ela sorriu e fêz que **sim**, com a cabeça. Sentia-se feliz. Muito feliz e tranqüila. Sentia que havia nascido para casar com Stanley. Graças a Deus sua mãe não era assim moderna. Se não o fôsse, ela talvez tivesse perdido aquela felicidade.

★

APANHADO EM FLAGRANTE!



GRANDE DE MAIS! — Quando o Cardeal Spellman — que recentemente visitou o Brasil — compareceu à inauguração de um novo hospital de Nova York e, depois de abençoar a casa, ajoelhou a fim de orar, retirou a sua "biretta", deixando-a num banco, ao lado. E, é claro, se se deixa um chapéu qualquer ao alcance da mão de um menino de dois anos de idade, é mais que provável que o guri o apanhará a fim de experimentá-lo na própria cabeça!

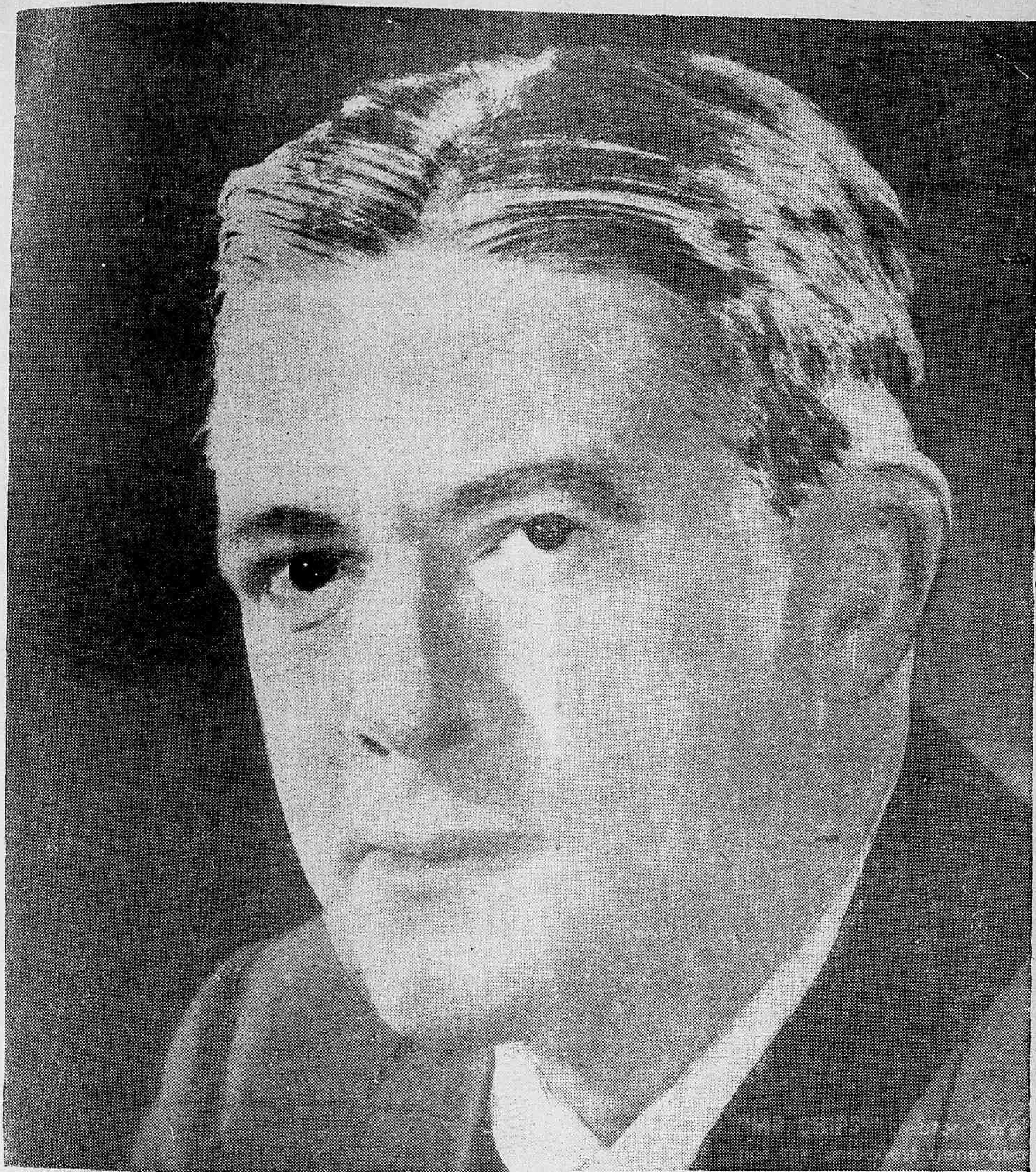


PARA O FUNIL — Para se encher um frasco de bocal estreito, com a ajuda de um funil, é comum atrasar-se a operação porque a sua entrada no frasco é prejudicada pela saída do ar existente no bojo do frasco. Com um grampo de cabelo, colocado conforme indica a gravura, o mal será remediado, pois não deixando o funil se ajustar à garrafa, facilita a saída do ar.

★

ORA VIVA O TOMATE!

Das fôlhas, hastes e raizes do tomate, os químicos podem, agora produzir com facilidade e pouca despesa, valiosos hormônios conhecidos como **testosterone** (para o homem) e **progesterone** (para a mulher). O câncer, a angina pectoris e, no mínimo, quarenta e duas desordens sexuais (12 próprias do homem e 30 femininas), podem ser tratadas com tais hormônios.



Não tema a vida!

Por JAMES HILTON

O criador de "Mr. Chips" diz: "Não somos, como muitos pensam, a geração mais infeliz!"

"A vida é uma luta constante... Vivemos cercados por fôrças tremendas, misteriosas e pouco amigas."

George Santayana, o grande — talvez o maior de todos os filósofos Norteamericanos — disse isso, há um quarto de século; e, se olharmos para trás, havemos de pensar que a vida, naquele tempo, era bem tranqüila, comparada com a que hoje conhecemos. Mas, naturalmente, para um fino observador, como Santayana, isso não é verdade. Nunca tivemos, não temos, nem nunca teremos tranqüilidade. A preocupação, o desejo de melhorar, estará sempre conosco. Fôrças tremendas, misteriosas e pouco amigas estão e estarão sempre em redor de nós. A Vida não é coisa que se aprenda em doze facílimas lições; não há curtos períodos de claridade e de compreensão, nem uma resposta correta e definitivamente esclarecedora na última página do livro. O livro, sim, deverá ser escrito por nós mesmos; não o temos para ler. Por isso mesmo, muita coisa sempre ficará sem resposta.

Pessoalmente, pude achar mais coragem, talvez, que outro qualquer. Como geração não somos, como se pretende, *a mais infeliz das que já viveram*. Enfrentamos, cada um em diferentes formas, os problemas que já existiram desde a aurora da Humanidade — problemas de moral, de ambiente, de govêrno e de religião.

A luta, o esfôrço, ou, se quiserem, êsse sentido de apuro constante que nos anima, é coisa boa. Não deve ser considerada como um abismo ou um castigo, embora também não como um santuário. E', sim, alguma coisa que nos desafia, mas que não deve infundir mêdo. E, além de tudo, é a vida! Temos que aceitá-la quer gostemos ou não.

POR QUE OS TRABALHISTAS PERDERAM?

FORAM muitas as razões que animaram os trinta e tantos milhões de eleitores inglêses a afastar do poder o Partido Trabalhista. Razões que feriam não apenas a economia da nação e a economia particular, mas atingiam ainda — e profundamente — a tradição britânica, a sólida estrutura, que permitiu às "Ilhas" a sua expansão segura até obter as **Cinco Chaves** do globo terrestre, conquistando um domínio que lhe assegurava uma sólida situação econômica, baseada na mais invejável posição estratégica jamais alcançada por nenhum outro povo em todos os tempos.

O orgulho britânico — que é o orgulho de Winston Churchill — não poderia ver, sem revolta, o aniquilamento de tudo isso. Churchill, como político e chefe de partido, sentiu isso mais que outro qualquer.

Aos setenta e seis anos está êle associado, há mais de cinqüenta, à vida pública do seu país. O que viveu, ao longo dêsse meio século, foi, sem dúvida, um declínio — glorioso, marcado por surpreendentes vitórias, abrasado de heroísmo — mas, apesar de tudo, um declínio!

Ao chegar à idade adulta, reinava a Rainha Vitória e o **nome inglês** não tinha equivalente. Eis por que sempre olha êle para trás, e a altura da descida o fascina! Assistiu à queda do Império das Índias e à ruina do Império da Libra Esterlina. Forjou duas grandes vitórias. Os dias que se seguiram à segunda se apresentaram sinistros, enquanto os que se seguiram à primeira apenas difíceis.

— **"O vencedor deve ser magnânimo!"** — disse êle, um dia. Infelizmente, vitoriosa embora, a Inglaterra não é magnânima. E' pobre!

O povo inglês, cansado de lutar, esgotado por tanto **sangue, suor e lágrimas**, acreditou que, com o retôrno da Paz, o homem indispensável para a vitória havia deixado de ser útil. Mercê de uma campanha realizada sôbre as gloriosas ruinas de Londres e dez outras cidades inglêsas, os Trabalhistas conquistaram, senão a verdadeira simpatia do povo inglês, ao menos a sua esperança. O Partido Trabalhista, que tivera mais tempo para observar as necessidades internas, devia estar mais preparado para vencer os problemas urgentes e graves criados pela guerra.

Assim, Churchill voltou aos seus pincéis e Clement Attlee subiu ao poder, para tentar fazer o que não fôra conseguido por Ramsay McDonald: restituir o bem-estar geral do povo Inglês.

Por que não o fêz? Quais foram os seus erros principais?

Não se poderia encontrar outro juiz melhor e respostas mais claras e justas que ouvindo a própria opinião do povo inglês, através dos seus políticos, dos seus financistas, industriais, pensadores e jornalistas, além do homem da rua, cuja veredito final foi insofismável, condenando a política trabalhista e afastando do poder os seus representantes.

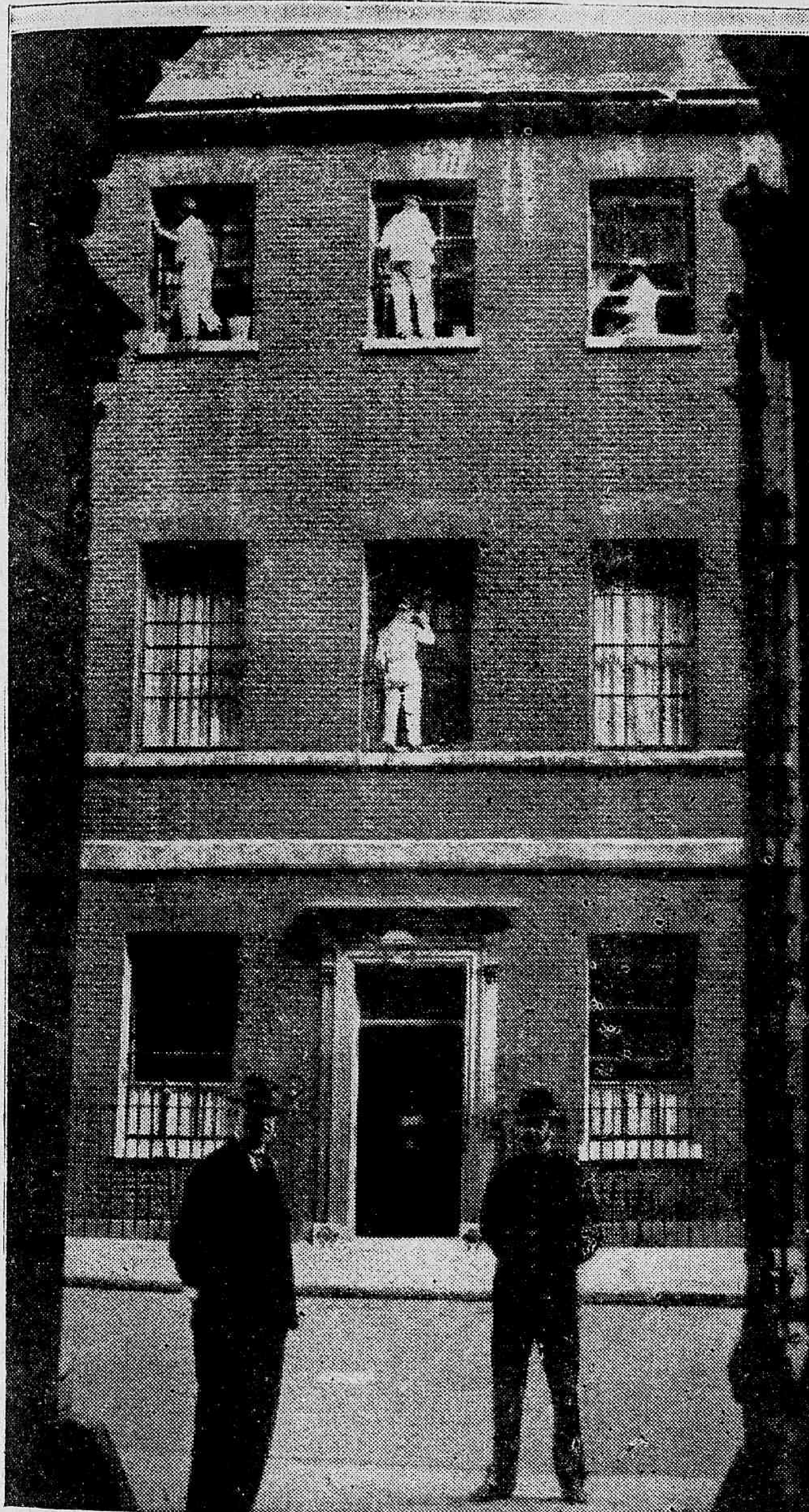


Winston Churchill num «sketch» autografado e feito recentemente, em Londres, por Oscar Berger.

UM RECORD NEGRO — Ao encerrar o seu sexto ano de govêrno, os Socialistas se encontravam em tão difícil posição que apenas uma solução se impunha. Novas eleições. Isto porque, de todos os seus atos surgia uma verdade: com todo o seu talento, tantas vêzes anunciado, para dar uma solução salvadora à situação, não poderiam ter levado a mais baixo nível o prestígio britânico! conseguiram até o que se considerava impossível e que foi quebrar os braços e as pernas do homem britânico, reduzindo-o a um estado de depressão nervosa e apatia, nestes seis anos mais duros da história da nação. Lamentàvelmente, as urgentes necessidades do povo e do país, não foram compreendidas dentro do sentido de equilíbrio e de equivalência indispensáveis a um bom têrmo. Houve êrro de planejamento — ou mesmo falta. Assistiu-se a um excesso de **passos falsos**, defendidos, em geral, com insultuosas palavras, atiradas contra os adversários políticos. A tradicional dignidade e pomposas orações de Westminster foram substituídas por palavreado que atingiu às raias da má educação e falta de gôsto. Talvez que o salvador **sense of humour** da família britânica simplesmente tenha achado graça na transformação. Porém o efeito da mesma, fora do país, muito serviu à propaganda dos países adversários, tendo sido particularmente lamentável que o "Foreign Office" se transformasse na Meca dos chefes da "Trade Union".

Mas, relacionemos êsse **record**, êsse catálogo de pecados de comissão e de omissão, que, na opinião dos próprios observadores britânicos, chegou a formar uma espiral inflacionária que subia assustadoramente.

O atual período foi descrito como o de "guerra



OS INGLÊSES VOTARAM PARA DESIGNAR O LOCATÁRIO DO...

10 DOWNING STREET

E ESCOLHERAM ENTRE AS NACIONALISAÇÕES E A INICIATIVA PRIVADA.

UMA RUA TRANQUILA, UMA CASA BAIXA, DE TIJOLOS VERMELHOS. UM GUARDA UNIFORMISADO E DOIS CAVALHEIROS, DE ASPÉCTO INOCENTE, MAS QUE NÃO TIRAM OS OLHOS DO Nº. 10 DOWNING STREET. É ALI QUE HABITA O 1º. MINISTRO DA GRÃ-BRETANHA... E É ÊSSE O PRÊMIO FINAL DAS ELEIÇÕES...

fria" contra os Comunistas. Apesar disso, uma "guerra quente" — e de natureza unilateral — desenvolveu-se, sem freios, em redor das fronteiras do império. Houve incremento do serviço militar. Houve vontade consciente de aumentar êsse poderio e o ânimo bélico dêsses povos.

Por outro lado, devemos citar a recente limitação dos dividendos. Com uma simplicidade que atordoa, o Govêrno Trabalhista determinou que certa classe do povo que, durante muitas centúrias, pôde viver com relativo confôrto, não o tivesse mais! Foram ouvidos, então, intermináveis discursos explicando "as elevadas razões da medida". A verdade, porém — segundo o relatório do "National Income White Paper", os dividendos e os lucros aumentaram de 24 milhões de libras, em 1950, sôbre o ano anterior. Por sua vez o aumento de salários, durante o mesmo período, subiu acima dos 390 milhões de libras.

Aos gemidos do povo inglês os Trabalhistas respondiam sempre, afirmando que "o seu Govêrno



A cartola repugna tanto a Clement Attlee quanto as cerimônias oficiais repugnam à sua espôsa

fazê-lo, êle próprio. O gás foi nacionalizado com a promessa de barateamento da produção; porém, ao fim de um ano apenas, os preços do produto tinham sido muito aumentados. Por sua vez, o carvão, indispensável nos lares da Grã-Bretanha, sofreu um aumento de 12 s. e 6d. depois da nacionalização!

Será necessário mencionar a alimentação? As contas para o subsídio alimentar atingiram a 410 milhões de libras anuais, contra 195,7 milhões, no último ano da guerra. E' voz geral que a culpa tôda cabe ao Estado Trabalhista. Mas há quem vá além, afirmando que o Estado Trabalhista foi o responsável pelas péssimas relações com os países com os quais a Inglaterra vivia sob o regime de trocas, não entregando as mercadorias prometidas. E' claro, nenhum inglês aprova o regime Peronista e, menos ainda, a sua política e o seu comércio internacional. Mas não deixará de reconhecer as razões da sua intransigência relativamente à Inglaterra, considerando os milhões de libras que lhe foram retirados através das duas loucas aventuras que se intitulam "East African Groundnuts" e "Gambia Eggs"...

Sir Ernest Benn, às vésperas das eleições, num frio estudo da situação britânica, escrevia no "Everibody":

"Quando tôdas as Nações Unidas se vêem forçadas a realizar um supremo esfôrço para produzir mais e mais, chega a ser disparate falar em diminuição de produção!

havia dado emprêgo a todos". Empregos, sim; porém **no sentido socialista!** Podemos, portanto, perguntar: estavam os empregados satisfeitos com o empregador? Não. O programa de distribuição de empregos, do Govêrno Trabalhista, foi marcado por uma série de erros, de injustiças e de explorações, que atingiram às raias da crueldade, castigando mais ainda o já sobrecarregado homem das ruas. O processo de abrir vagas e criar empregos por meio da nacionalização dos serviços, entre outros grandes males, aumentou o indiferentismo em todos os espíritos; quebrou o entusiasmo individual; nivelou competência com incompetência, esfôrço com desinterêsse, e o resultado foi que as Estradas de Ferro britânicas se viram obrigadas a adiar os tradicionais programas de viagens especiais, do período de férias, que tanto auxiliavam os passageiros, **até que a papelada burocrática inútil, pudesse ser posta em dia!**

Assim ocorreu com todo o desastroso programa de nacionalização. Quando o ferro e o aço foram nacionalizados, o Ministro dos Suprimentos teve que pedir à antiga "Federação" que suportasse todos os encargos... por não se encontrar à altura de

"Isso é coisa fàcilmente compreensível. Porém os planejadores políticos do Govêrno Trabalhista vivem falando em carência disto e daquilo em têrmos generalizados e procurando dar ao povo inglês a impressão de que, por algum motivo misterioso e inexplicável, o mundo inteiro ficou, repentinamente, sofrendo da falta de tudo o que se pode imaginar.

"Se tal fôsse realmente o caso, então os políticos deveriam tentar descobrir que censura deveriam fazer a si mesmos, porém nunca procurar atirar a culpa para quem jamais a teve. Os "capitalistas", os "proprietários de terras", os "empregadores", os "bancos", foram, até o advento do atual govêrno, os verdadeiros empreendedores, função que perderam no **Novo Mundo do Trabalhismo.**

"A verdade é que não deve ser censurada a iniciativa privada por não haver construído casas, quando as licenças são retardadas ou simplesmente negadas, ou os capitalistas por não comprarem produtos alimentícios fora do país, quando a moeda estrangeira não pode ser obtida...

"Na falta de uma explicação melhor ou de uma confissão pura e simples, os Trabalhistas preferi-

ram apelar para o fantasma da carência mundial, da incapacidade geral de produção. Foi êsse o "bode expiatório" da incapacidade Trabalhista".

E, adiante

"Isso é claro. Qualquer um pode entender. Com isso queriam explicar a falta do milho, da carne, da lã, do papel e, enfim, de tudo o que torna a vida confortável. Quando uma tal coisa é dita por um Ministro da Coroa, o povo pensa que um tal homem deve saber — e acredita piamente. Pois claro! Êsse Ministro tem os fatos, os esquemas, as documentações à sua disposição e deve poder provar a sua teoria de carência. Porém aquêles que têm boa memória, devem estar alertados e saber que tais afirmações não podem ser provadas.

"Em 1789, Malthus publicou o seu famoso "Ensaio sôbre População", com o qual provocou tremenda sensação, afirmando que "a menos que o mundo reduzisse a sua população, acabaria morrendo de fome". Porém a Natureza prosseguiu em sua marcha e em cem anos a população mundial foi quadruplicada... sendo também quadruplicada a alimentação".

"Sempre que os governos e os políticos se mostram muito interessados pelos assuntos econômicos, todos os seus esforços, nos últimos tempos, têm sido dirigidos no sentido de reduzir a fôrça de proliferação da natureza.

"As **Trade Unions** existem para limitar a produção do homem; as tarifas não têm outra finalidade senão a de nos proteger dos "excessos" de produção dos demais países; o "dumping" foi um fantasma político da mesma forma que hoje nos amedrontam com o fantasma da "diminuição" da produção". A explicação mais comum é a de que **"havia em excesso e era barato de mais!"** Por isso o Govêrno compra e retira o produto do mercado, usando-o como combustível e, em certos casos, como hoje ocorre, chega a pagar aos plantadores para que retardem o plantio e diminuam a colheita!

"Assim o algodão e o chá estão sujeitos ao contrôle para corrigir a superprodução da boa natureza. Houve um tempo em que instituímos um "Egg Marketing Board"... **porque havia ovos com fartura!"**

Entretanto, segundo o mesmo autor, o carvão ilustra perfeitamente a loucura da interferência governamental. Com a nacionalização todo o carvão pertence à nação, **que está literalmente sentada sôbre êle.** O govêrno gastou centenas de milhões de libras na mecanização das minas... e acabou comprando carvão norte-americano à razão de 10 libras por tonelada!

Êsse e outros erros maiores levaram o irriquieto Bernard Shaw a escrever, com a sua maneira direta e eternamente irreverente:

"The Labor Government, which is responsable for these robberies of the rich, will be defeated at the next election." ("Buoyant Billions", pág. 32 — Constable and Co. Ltda. —Londres,1950) e que quer dizer:

"O Govêrno Trabalhista, que é responsável por estas ladroeiras do rico, será derrotado nas próximas eleições!"

Não há dúvida. Shaw, no seu último livro, editado pouco depois de sua morte, foi verdadeiramente profético.

★

Em alguns países já chegaram à conclusão de que a única forma de racionamento continua a ser a de racionar pelo preço. Na Inglaterra, neste período do após-guerra, foram adotadas duas variedades. Se o Ministro da Alimentação concedia ao povo mais uma fatia de "bacon" — indispensjvel ao "breakfast" britânico — elevava o preço dos ovos, o que equivalia a proibir ao povo o prazer do seu "quebra-jejum" favorito. Se o Inglês conse-



Ao contrário, a Sra. Winston Churchill gosta de ouvir as aclamações que sempre acolhem seu marido em público.



O símbolo preferido do partido de Winston Churchill é o bull-dog inglês. E' o símbolo da determinação, da coragem, da resistência tradicional dos britânicos (que tanta falta fazia... na opinião quase unânime do povo inglês). — «Você deseja restituir ao seu país a grandeza passada? Votará, portanto, com os Conservadores!»

seguia fugir do racionamento da lata de chá, via o preço do café chegar às nuvens. E se achasse intragável — ou insuficiente — a feia ração de pelanca de carne, tinha que descobrir um meio de vencer o tremendo obstáculo do preço proibitivo da galinha Um modesto coelho tinha sempre o preço... próprio para um rajá em férias.

E não há quem não saiba, quão perigoso é irritar o homem que tem o estômago vazio! No entanto, a isso se atreveu a improvização dos senhores Trabalhistas!

Sob o regime do govêrno Socialista, os esquilos, êsses graciosos animais que prendem o nosso olhar, quando saltam, quase voando, de uma árvore para outra, mereceram a alta honra de figurar nos "cardápios". Sim, senhores! Foram elevados à categoria de alimento humano!

Essa foi, aliás, uma das difíceis perguntas feitas, em pleno Parlamento, aos líderes Trabalhistas, forçando o Ministro da Alimentação a comparecer ao mesmo, em 1950, **para responder, exatamente, quantos esquilos tinham sido abatidos pelo seu Departamento.** E não apenas esquilos, mas também coelhos, cavalos e... rãs!

E, por causa disso, um jornal londrino perguntava, não há muito, indignado:

— "Que Inglês se atreverá, a partir de agora, a atirar pedras nos Franceses, que hoje existem — segundo aprendemos na escola — graças exclusivamente a uma dieta de sapos, ratos e caracóis, ou outros povos que comem gatos e trituram gulosamente os seus ossos, como os mais sinistros chacais?"

E acrescentava: **"Carne de baleia, ainda bem! Mas, (senhores!) estamos comendo esquilos!"**

Na mesma época, os mais elegantes restaurantes de **West End** incluiam em seus "cardápios" saborosos **"écureuil à l'anglaise"** (Esquilos, à inglêsa) enquanto os açougueiros locais começavam a roubar as primeiras donas de ca-



Um milhão de casas foram construídas nos seis últimos anos. Isto devemos agradecer ao «Partido Trabalhista»!

sa, que formavam gigantesca fila para comprar carne de esquilo.

Assim poderíamos continuar **ad infinitum.** Porém, entre todos êsses erros, o que mais feriu a alma britânica, nesses seis anos de mau govêrno foi, sem dúvida, a ação do "Foreign Office" (Ministério das Relações Exteriores).

Ninguém duvida de que a Inglaterra tenha lá a sua dúzia de amigas ou simpatizantes entre as demais nações do mundo. No entanto, até êsses povos amigos passaram a querer menos à Grã-Bretanha — e mesmo a temer os seus futuros atos — quando o Govêrno Trabalhista resolveu reconhecer o "Govêrno Popular" da China Comunista. Isto, para só citar um fato!

Por outro lado — e aí está a grande falta do Trabalhismo — a tradicional, sadia, musculosa e simpática figura de "John Bull" foi de tal modo maltratada que passou a ser motivo de riso e de ridículo em todo o mundo, apresentada como fraca e quase servil nos jornais e bazares do Oriente Médio — principalmente — quando o Egito passou a interferir na navegação do Suez e intimou a Inglaterra a sair do Sudão.

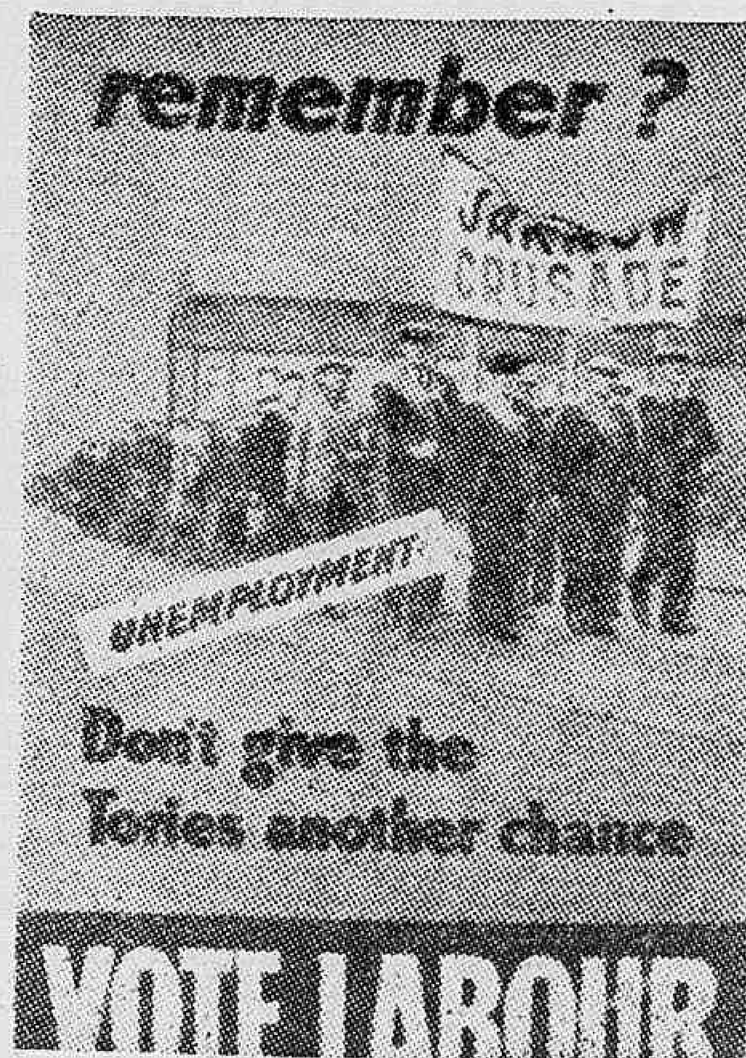
Na mesma ocasião o povo inglês ficou sabendo que o govêrno trabalhista continuava a suprir com tanques, canhões e aviões... o exército egípcio!

O mesmo ocorreu — e estarreceu o povo inglês — quando foi revelado que, no auge da ruinosa e sangrenta Guerra da Coréia, a Inglaterra continuava a suprir o govêrno Comunista chinês com a preciosa borracha! E hoje se jura que a Inglaterra teria enviado bombas atômicas para a Rússia, **caso as tivesse...**

E que respondiam os chefes Trabalhistas, ao povo que gemia, pedindo dias melhores? Exigiam paciência! **Mais paciência, ao fim de seis anos malbaratados!**

Em 1945, a Inglaterra era realmente Grande e seu nome se impunha no cenário internacional. Agora, com os últimos meses do regime de Clement Attlee, atingira o nível mais baixo de sua História.

Os Trabalhistas praticaram o maior mal que seria possível. Quebraram a confiança do povo inglês na solidez da nação.



Você não pode ter esquecido os milhões de desempregados, nem deve dar aos Conservadores (Tories) uma nova oportunidade! Vote com os Trabalhistas.

E falharam, principalmente, porque tentaram ferir uma ideologia em que o povo sempre acreditou e que servia muito bem ao seu natural amor pela independência. Porque o Socialismo de Mr. Attlee não era apenas o monopólio do Estado sôbre a riqueza e a produção, mas o contrôle sôbre a vida do cidadão, sob todos os seus aspectos, contrariando violentamente todos os instintos.

Os próprios Socialistas acabaram reconhecendo essa verdade e em seu "Manifesto Eleitoral", publicado poucas semanas antes das eleições Gerais, não falavam mais em novas Nacionalizações. E, assim, abandonando essa idéia, com a qual formaram a base da sua plataforma, há seis anos, abandonaram a própria razão da existência do Partido.

★

Abraão Lincoln foi quem disse, certa vez:

— **"Não é possível ajudar o pobre destruindo o rico. E ninguém pode reforçar o fraco, enfraquecendo o forte."**

E, depois de transcrever essas palavras de Lincoln, êsse esplêndido exemplo de honestidade, larga visão e amor à pátria, um jornal comentava:

"Se a nação deseja sobreviver terá que repelir os que falam acrimoniosamente, tentando lançar classe contra classe. São enviados do diabo para arruinar a nossa fé no próprio destino da nação, na nossa capacidade e na nossa determinação de ocupar no mundo o lugar que nos pertence."

"Em 1945 atingimos o pináculo da glória. Unidos construimos a maior vitória da nossa história. Tivéssemos mantido a mesma unidade e com facilidade teríamos vencido os pesados encargos da reconstrução e da manutenção da paz, o que compensaria muito bem os sacrifícios passados. Mas faltou-nos um chefe viril!"

"Hoje tudo está destruído, inclusive a nossa esperança. Fora de nossas fronteiras o nome inglês é sinônimo de vacilação e derrota; em casa quase afogamos num mar de apatia, enquanto outras nações afiam os dentes e arregaçam as mangas, encorajados por nossa fraqueza.

"Quem teria alguma vez pensado que, poucos anos depois de destruir a gigantesca máquina guerreira alemã, Persas e Egípcios, cujos solos salvamos, ousariam rasgar tratados ante o olhar indiferente do nosso Govêrno?

Já foi dito que uma nação tem o Govêrno que merece. Porém, depois de nossa exemplar coragem e resistência que assombrou o mundo, voltamos as costas aos chefes que nos ensinaram o caminho que conduzia a tudo isso!

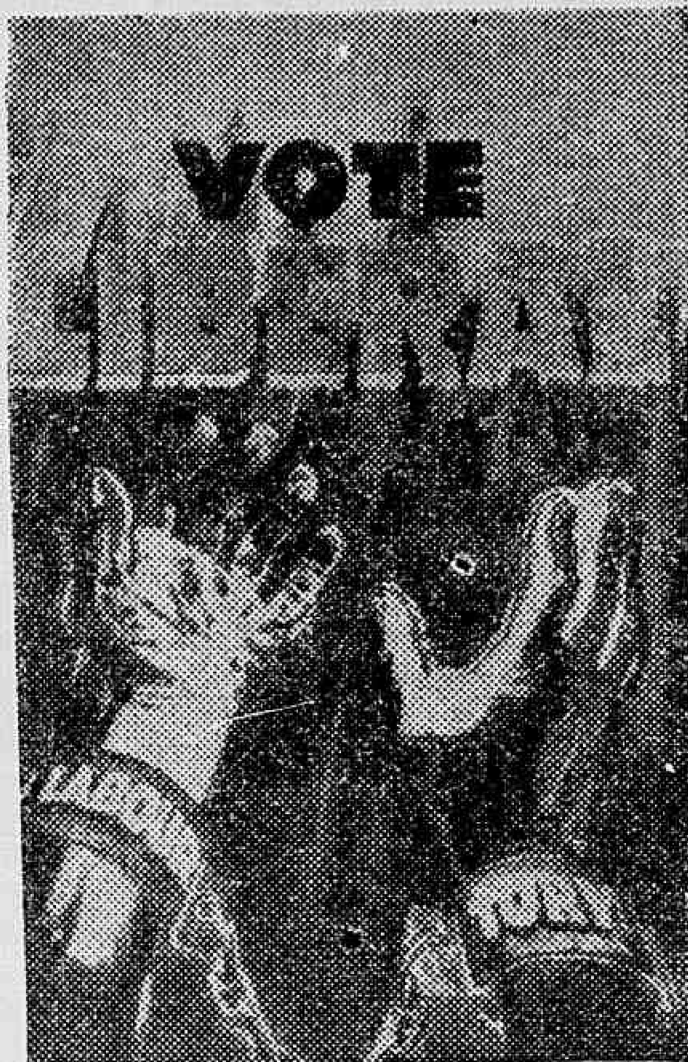
"Acusam os Conservadores de ser provocadores de guerras. Quem pensaria em nos fazer guerra, caso continuássemos fortes e altivos? O govêrno Trabalhista, sim, com a sua fraqueza, os seus erros, as suas hesitações e a sua política de apaziguamento, que chegou ao extremo de fornecer armas e material estratégico ao adversário, colocou o país em situação calamitosa e senão em guerra, pelo menos na posição de insulto e desafiado.



Os Trabalhistas sabem perfeitamente que você deseja tudo isto: uma satisfatória distribuição de gêneros... igualmente satisfatória!



Você não repudiará um govêrno que tanto fêz por nós! Naturalmente você não permitirá isso e votará com os Trabalhistas!



O Partido Liberal desempenha o papel do «terceiro homem» e convida os eleitores a não se deixar «acorrentar» pelos «dois grandes».

★

Não pode haver dúvida. O govêrno Trabalhista desiludiu — e o fêz senão para sempre pelo menos por muitos e longos anos — o povo inglês. Seria alijado do poder mais tarde ou mais cedo. A verdade, porém, é que foi a orientação errada e totalmente contrária ao espírito britânico e à segurança do **Commonwealth**, o que apressou a sua queda.

Pouco antes das últimas eleições, uma publicação londrina, perguntava aos seus leitores:

— **"Pode alguém imaginar uma entrevista entre o débil Primeiro Ministro Persa e o ardoroso Churchill? Pode algum inglês imaginar o que o último teria dito à Argentina, Chile, Guatemala, Egito e ao resto dessas esganiçantes criaturas, tôdas ansiosas por obter uma lasca da decadente carcassa de "John Bull"? Talvez tenhamos a sorte de saber — e mais depressa do que se espera!"**

★

Em 1945, quando a maré trabalhista, com um cesto cheio de promessas, derrubou do Govêrno

o Partido Conservador, Winston Churchill saiu de "Downing Street, 10", dizendo: **"Agora, preciso apenas de duas coisas: uma casa em Londres e uma nova caixa de pincéis."** Muitos acreditaram que tais palavras anunciavam a "aposentadoria política de Churchill. No próprio partido, muitos membros esfregaram as mãos, satisfeitos e, quando viram que êle continuava, foram ouvidas queixas amargas. Hoje devem estar arrependidos das palavras de censura, dirigidas ao velho chefe. Porque Churchill é um dêsses capitães que não abandonam jamais o tombadilho; dêle são retirados de pés juntos. Um homem que viveu como Nelson, há de morrer como o Almirante.

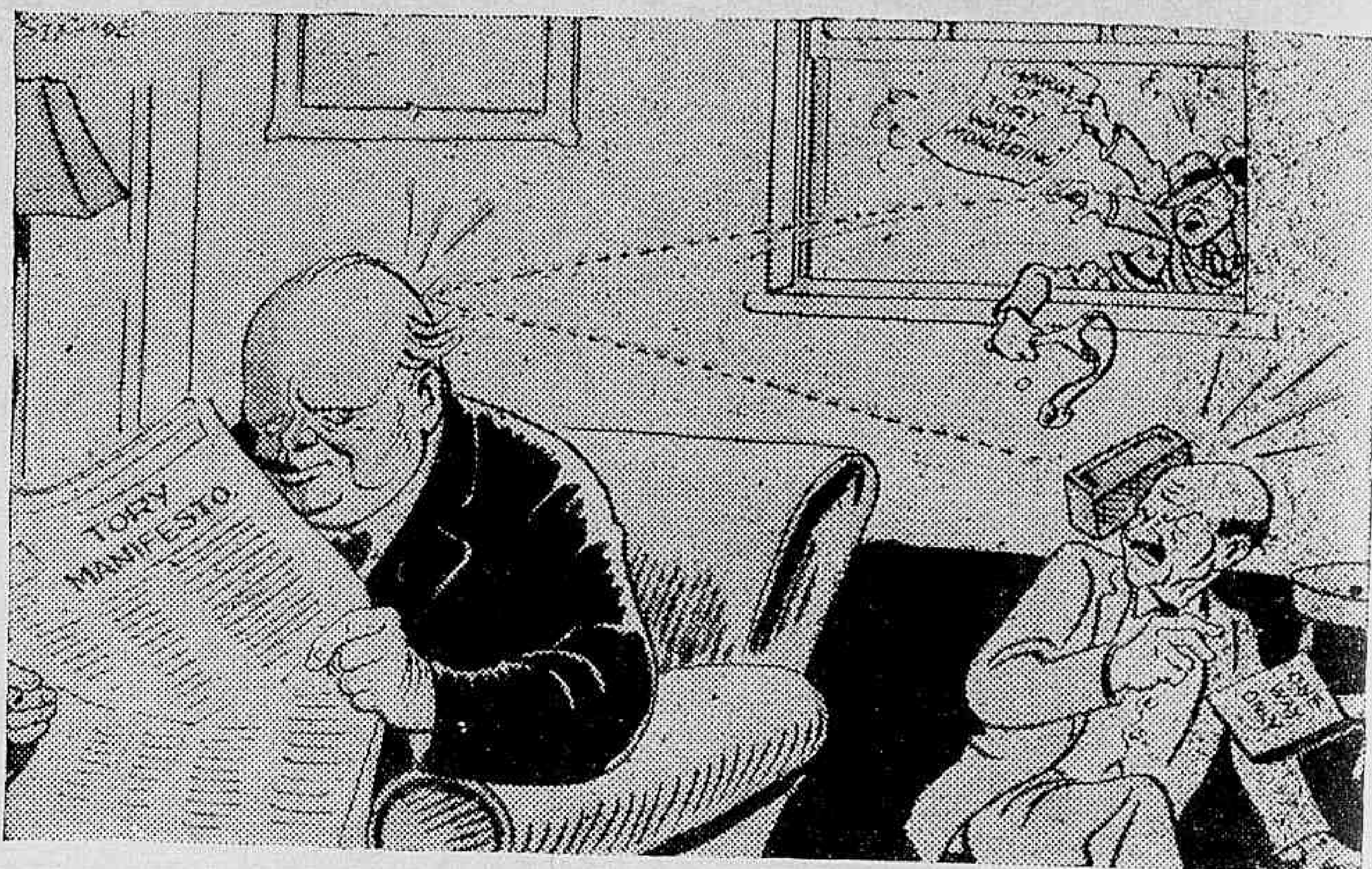
★

Acreditava na vitória? Não sabemos. Porém de uma coisa estamos seguros: **êle acreditava na necessidade da sua vitória!** Estava convencido de que o prolongamento do socialismo alteraria de maneira provàvelmente irremediável as características profundas e sagradas da Inglaterra.

— "O resultado disto — disse êle, há tempos — será a liberdade individual ou a tirania do Estado."

A liberdade econômica e a liberdade política são irmãs siamesas. Matando a primeira, a segunda estará condenada à morte. Chega um momento em que o Estado, senhor de tudo, não permite mais qualquer crítica nem suporta oposição.

Na última etapa do socialismo surge o regime policial!



O RICOCHETE FATAL — Essa caricatura inglêsa é uma sátira ao êrro dos Trabalhistas, acusando os Conservadores de «forjadores de guerra» e citando a manobra de Clement Attlee, às vésperas das eleições, como «último recurso» de um derrotado. Porque o manifesto dos «tories» refutou a acusação recordando que a timidez internacional demonstrada pelos Trabalhistas foi o que colocou a Inglaterra à beira de uma guerra com o Irã, o Egito, além de animar outras nações a desafiá-la com arrogância tal, que deixou arruinado o prestígio da nação no cenário internacional, sendo hoje obrigada a brigar ou a ficar desmoralizada para sempre!



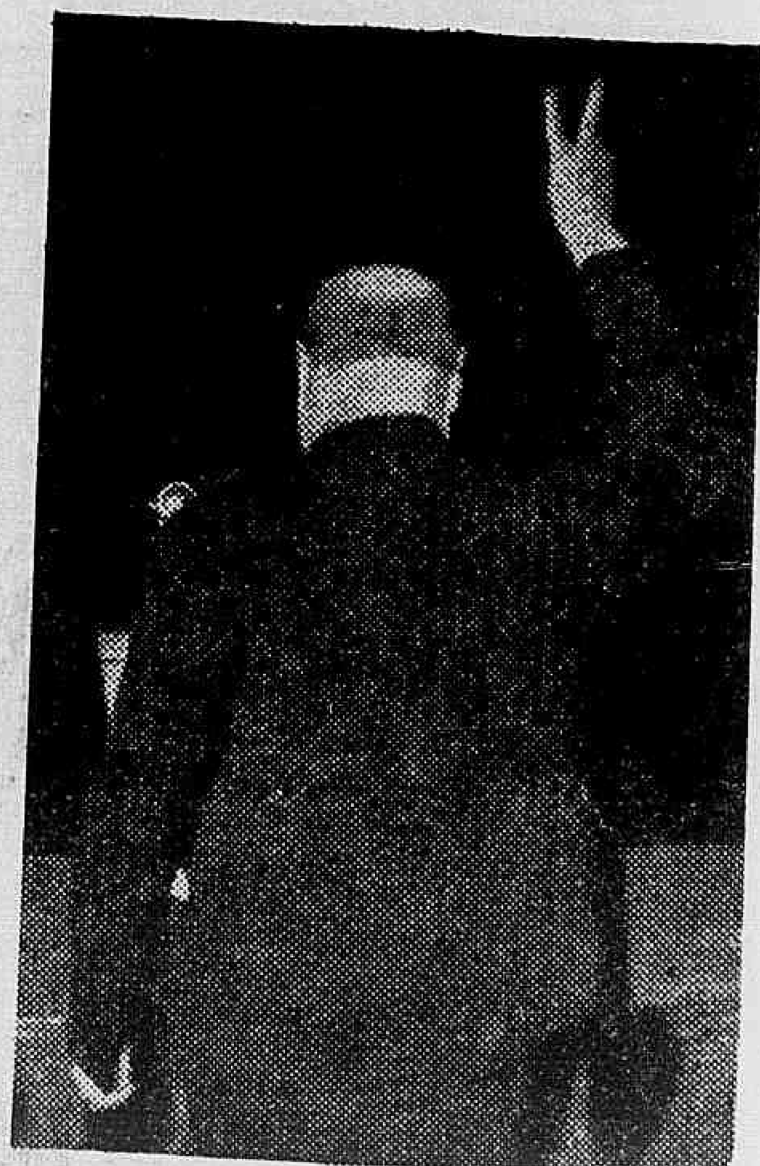
CHURCHILL, O ETERNO COMBATENTE —Visìvelmente um homem nada «cômodo».

★

CURSO DE VAQUEIRO



Agora, qualquer aluno do colégio Fort Lewis, Hesperus College e outros estão favorecidos com um curso de vaqueiro. Sim. Poderão aprender todos os segredos da arte de lidar com o gado essas instituições, campos de treinamento e rebanhos necessários para que os seus alunos recebam no fim do curso um diploma de «cow-boy». E' claro, o curso não deixará de ensinar canções e danças próprias dos vaqueiros...

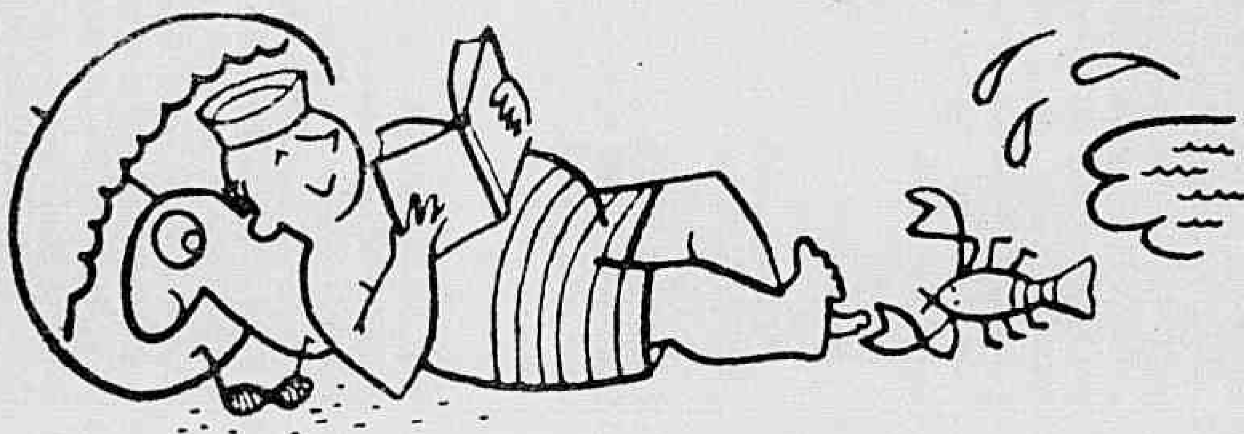


O VENCEDOR: Seu gesto ficará na história!

VOCÊ DESCANSA MESMO?

NENHUM organismo na natureza pode trabalhar sem repouso. Êsse é um fato reconhecido pela existência e não é preciso ser nenhum sábio para aceitá-lo como verdadeiro.

Não há colégio em que não se mostre às crianças os músculos de rã, fazendo-os repetir certo número de vêzes o mesmo movimento.



Ao fim de um certo tempo, êsses músculos estarão completamente incapazes de desempenhar as suas funções. Terão perdido tôda a sua elasticidade, tôda a **iniciativa** — se assim podemos dizer — e, até mesmo, as suas faculdades de reação.

Tudo o que vive tem um ritmo alternativo de trabalho e de repouso. À noite, mesmo as plantas adormecem e não há sequer um único ser vivo que possa trabalhar de maneira contínua.

Salvo os humanos que, castigados como vivem, continuam persuadidos de que após onze meses de trabalho intenso num escritório ou numa usina, a melhor maneira de repousar é carregar sacos de lona às costas, e caminhar, durante quilômetros...

Estará o leitor certo de que as férias que pretende obter trarão aquilo que delas espera? Porque, se não é para que possa voltar à cidade em "estado de novo" e pronto a empreender novos e prolongados esforços, que vai então fazer nas férias — e por que gasta com elas tanto dinheiro?

★

Há, de fato, tôda sorte de desregramentos na maneira de "repousar" Talvez que o leitor que nos lê saiba gozar sensatamente as suas férias. Mas, quando lê, nos jornais, que em alguma cidade do interior, preferida para o "repouso" das férias, há indivíduos que se levantam às onze horas, bebem álcool, comem distraída e erradamente e passam tôda a noite nas salas de jôgo ou dançando nos **grills**, tagarelando sôbre política e passeios, antes de ir dormir, às cinco horas da manhã, então sente, como nós sentimos, que tais pessoas terão necessidade de um tratamento de desintoxicação em março ou abril e que, se pensam que "tiveram férias", enganam-se redondamente.

Fazendo-se bem a conta, é coista curiosa verificar, repassando em nossa memória a lista dos que vimos dedicados a êsses divertimentos — jogos, excursões, álcool e falsas férias — que todos já estão mortos. Mortos ainda bem moços. Foi êsse o caso de um famoso fabricante de automóveis, na França, que passava as suas noites de "repouso" jogando bacará até amanhecer. Foi, igualmente o de um norte-americano, construtor de aviões, homem riquíssimo e dotado de belíssima saúde. Morreu porém, antes dos cinqüenta anos. Foi também o caso de um famoso escritor, rapaz cheio de espírito, figura de destaque nos melhores salões da Europa e... herói de tôdas as excursões alpinas, realizadas na Suíça nos últimos dez anos, tendo escrito, sôbre as mesmas crônicas deliciosas.



ISTO, AO CONTRÁRIO, PODE SER PERIGOSO...
Desconfie da reverberação!

Onde estão êsses trepidantes?

Todos mortos; antes dos cinqüenta anos...

Mas o leitor não é um louco. Nós também não — pelo menos nesse ponto. Por isso partimos sempre com a intenção de utilizar sensatamente as nossas férias.

Mas teremos, mesmo, sido sensatos?

★

Uns nos dirão:

— "Oh! eu levei uma vida deliciosa! Não dei um passo! Deitei-me na areia, como os caranguejos, e fiquei ao sol oito horas por dia..."

Isso, realmente, não é coisa recomendável.

Não devemos esquecer que os caranguejos foram feitos para êsse exercício, que possuem uma couraça, que vivem, de resto, pouco tempo e que recorrem freqüentemente à água, a fim de que esta restabeleça a sua temperatura.

Não abriremos novos horizontes repetindo pela milésima vez que o banho de sol pode constituir



CONVÉM DEIXAR AOS MOÇOS as acrobacias violentas.

mortal perigo, particularmente para as jovens gerações. Perguntem, por exemplo, aos médicos, o que entendem êles por "tuberculose de maio"!

Nesse mês, infalìvelmente vêem surgir em seus consultórios muitos rapazes e muitas moças que "tomaram banho de sol" — segundo explicam — todo o verão e que agora têm "cavernas" nos pulmões.

— "Eu — dirá outro — vivi como peixe na água..."

Também não é verdade que estar tomando banho de mar constantemente faz bem a todo mundo. E' excelente para certos temperamentos. A beira de nossas piscinas temos visto gente moça — como pode ser encontrada nos meios de natação — que recorda os verdadeiros tritões. Gente que vive cinqüenta por cento de seu dia dentro d'água!

E, após um longo treinamento (e, provàvelmente, de um dom particular, **na origem**) sentem sòmente bons efeitos. **Não é êsse forçosamente, o caso do leitor.**

Acontece, algumas vêzes, banharmo-nos excessivamente, durante todo um verão... e passar um outono atacados de uma dúzia de males. Isso ocorreu, justamente, com um nosso conhecido. No instante em que renunciou ao mar, uma senhora se lembrou de tomar banho e ser atacada de cãibras, bem diante do citado nosso conhecido. Teve êle, assim, que passar vinte minutos na água, para salvar a banhista. Sabe o leitor que resultou dêsse ato? Uma colossal crise de fígado. Por isso repetimos: o banho frio não é recomendado a todo mundo!

★

Em resumo: deve ser evitado, sempre, o excesso de fadiga.

Se o indivíduo tem de quatro a treze anos, estará o dito por não dito. As crianças parecem feitas de borracha; caem de não importa que altura sôbre o soalho, rolam pela terra, executam saltos perigosos, levam a vida de um "fox-terrier"... e estão sempre lépidas, perfeitas e cheias de vida.

Porém, muitos senhores que já passaram dos quarenta, acreditam ser ainda capazes de jogar o **tennis, o volleyball** e até mesmo o **football.**

Vamos aprovar o **volleyball,** que ao menos, põe marca de atividade sôbre as praias onde não veríamos, sem isso, mais que focas ancoradas por todos os lados.

Porém a idade deve impor sensatez aos que não possuem mais o coração dos vinte anos. Os longos **passeios alpinos** — nem falemos, sequer, do alpinismo pròpriamente dito — o **tennis,** os **raids** ciclísticos só podem ser permitidos **aos indivíduos treinados.**

Também não ecredite que o automóvel em **alta dose** seja coisa recomendada para você!

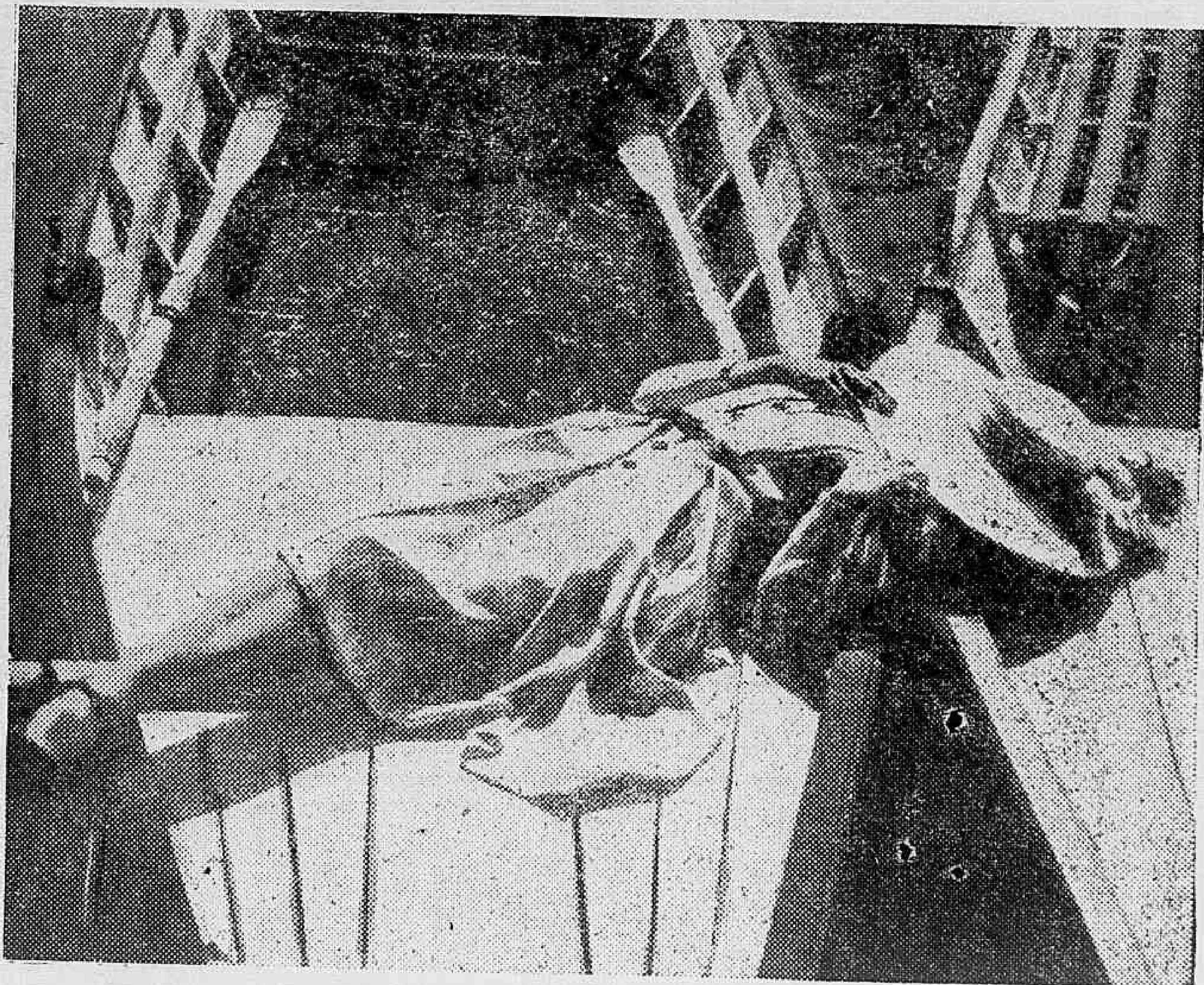
Um de nossos amigos tinha um automòvelzinho e dêle se servia de maneira absurda. Tomava parte em competições de tôda sorte, desenvolvendo um esfôrço físico colossal. Hoje está impossibilitado de dirigir.

O automóvel foi feito para que o indivíduo tenha condução confortável e à mão; foi feito, também, para que o seu proprietário se instale à beira de um rio e ali se entregue à pescaria durante oito dias consecutivos, quase sem **fazer** movimento.

As férias significam, antes de tudo, preguiça. Mas entendamo-nos de uma vez por tôdas: **não se trata de imobilidade total, mas de imobilidade nervosa e intelectual, compensada por uma sábia e moderada cultura física ao ar livre.**

Tudo o que causar fadiga deverá ser eliminado.

A visita às pessoas amigas, os



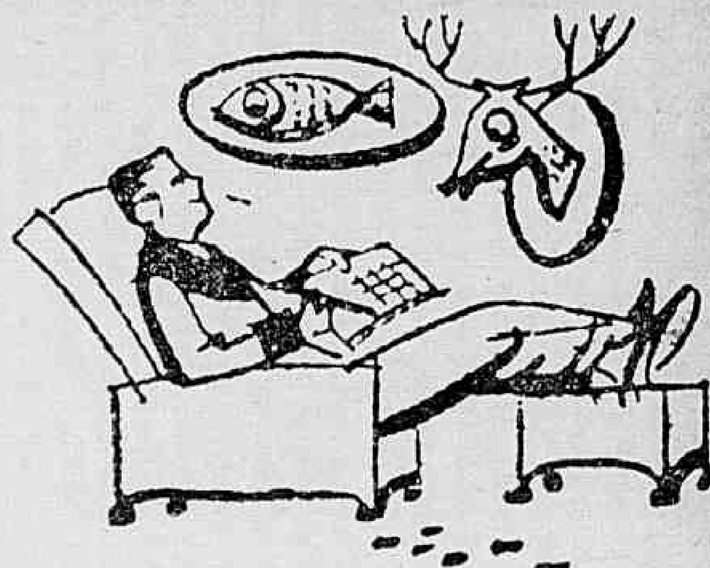
SE VOCÊ CONSIDERA ISTO COMO UM BANHO DE SOL... convém saber que é apenas um «escalda-pés».

passeios até ao palanque de onde se pode apreciar a beleza do vale, a passagem pela confeitaria, para encher de chocolate o fígado deficiente de metropolitano, os longos passeios pelas estradas difíceis e em companhia de pessoas que não divirtam especialmente... Fuja disso! Risque do seu programa!

A Humanidade, há séculos, sonha com uma fonte eterna da juventude. O automóvel ajuda a encontrá-la, deixando-a, quase ao alcance da mão...

Mas resta, ainda, saber encontrá-la.

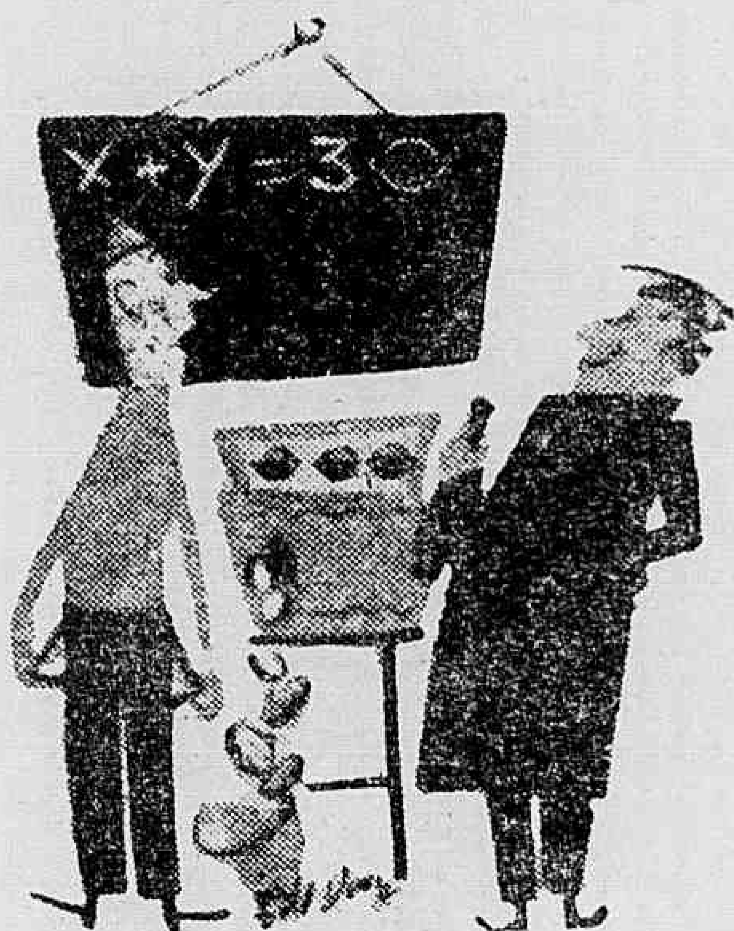
Saibam repousar!



★

S A B E R A P R O V E I T A R...

UM "CAÇA-NÍQUEIS", apreendido pelo "sheriff" de Madison, Estado de Winsconsin, foi solicitado



e obtido pelo diretor da Universidade do mesmo Estado, para ser usado na aula de "probabilidades matemáticas".

★

A POLÍCIA DE CHICAGO resolveu, recentemente, fundir tôdas as armas tomadas aos gangsters e, depois, fabricar, com todo êsse material, medalhas para premiar o esfôrço dos seus homens que arriscam a vida combatendo o crime.

★

UM CAVALHEIRO, em Paris, a quem uma noiva abandonou poucas horas antes do casamento, resolveu aproveitar o lauto almôço, já encomendado e pago a um hotel local, sentando-se à mesa com os seus seiscentos convidados.

★

UM HOMEM, em Wellington, Nova Zelândia, especificou em seu testamento que o seu corpo deveria ser cremado e as cinzas postas numa ampulheta. Queria, assim, continuar "marcando tempo" neste mundo...

★

UM RELIGIOSO de Meaford, Ontário, colocou nas janelas de sua igrejinha, os cacos de vidro que êle próprio recolheu nas ruas de Londres, após os terríveis bombardeios da Luftwaffe.

★

UM FERREIRO de Biddenden, Inglaterra, fêz para seu uso pessoal, uma dentadura completa com diferentes pedaços de ferraduras de alumínio.

★

UM INDIVÍDUO em Petersburg, Virgínia, comprou tôdas as pedras dos túmulos há muito abandonados, do cemitério local... e com elas construiu a própria casa de residência.

★

UM HOMEM, em Chicago, fabricou uma bela estante para livros, utilizando os painéis de madeira que forravam as paredes das velhas casas em demolição.

★

UM MINISTRO PROTESTANTE, de Haydenville, Estado de Massachussetts, celebrando o 50.º aniversário de sua ordenação como pregador, repetiu... o seu primeiro sermão.

★

UM HOMEM, prêso por furto, em Live Oak, Califórnia, declarou à polícia que não estava aborrecido por ter que passar seis meses nas grades, pois sofria de reumatismo e sabia que, na prisão, receberia um tratamento adequado para o seu mal.

★

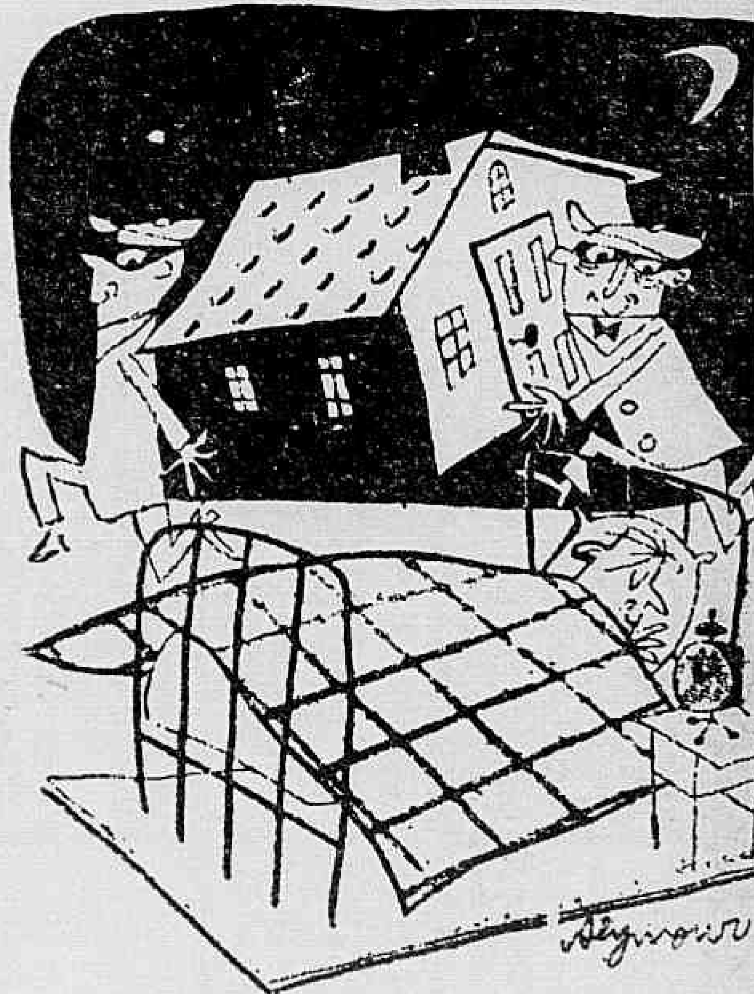
UM INDIVÍDUO em Los Angeles, cujo casamento foi anulado... decidiu casar com a ex-sogra.

★

UM INDIVÍDUO residente em Milwaukee e que perdeu a espôsa após um rápido processo de divórcio, pediu ao juiz que à mulher fôsse também confiada a guarda e manutenção do cão policial. Foi atendido.

★

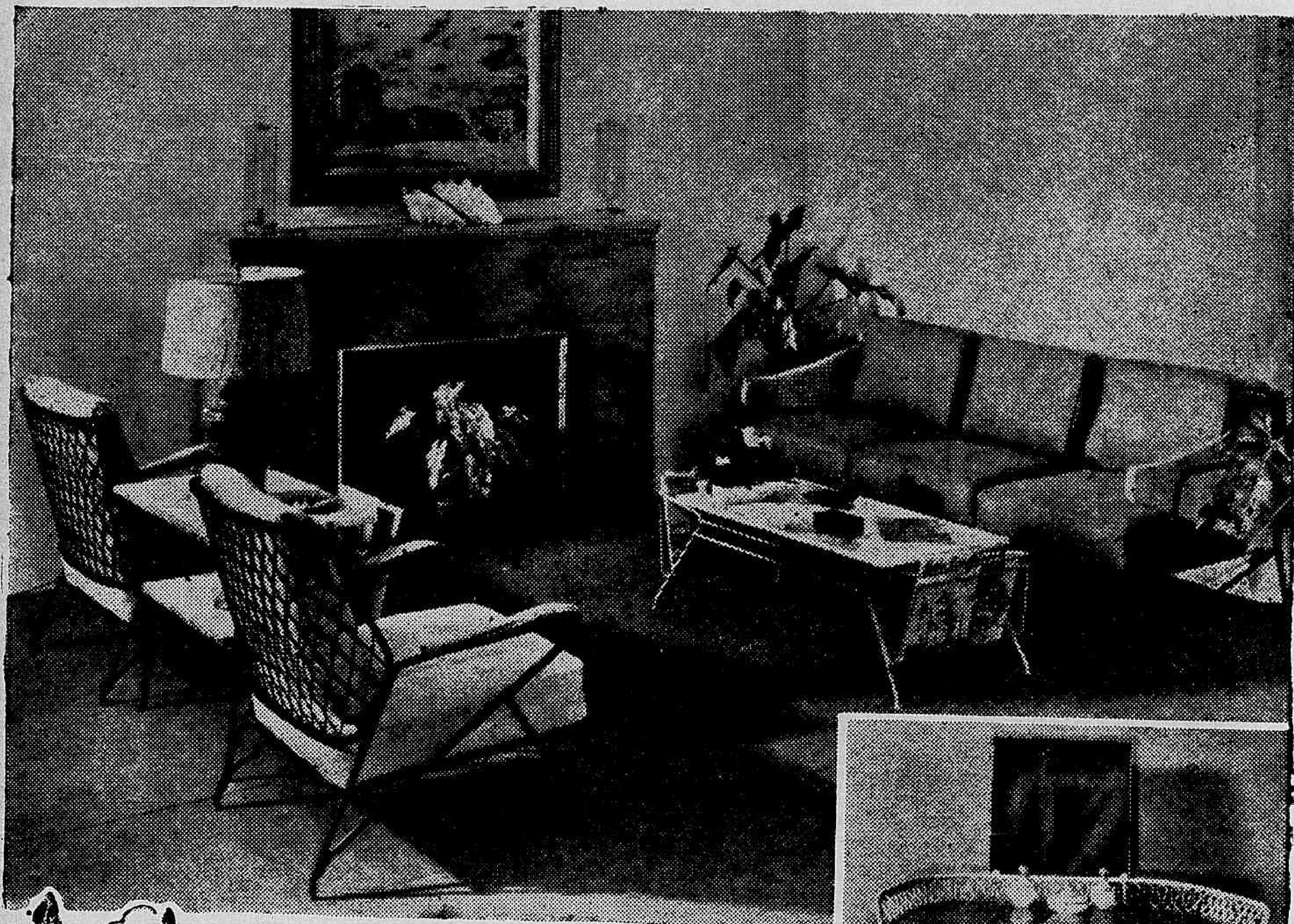
COMO É QUE PODE?...



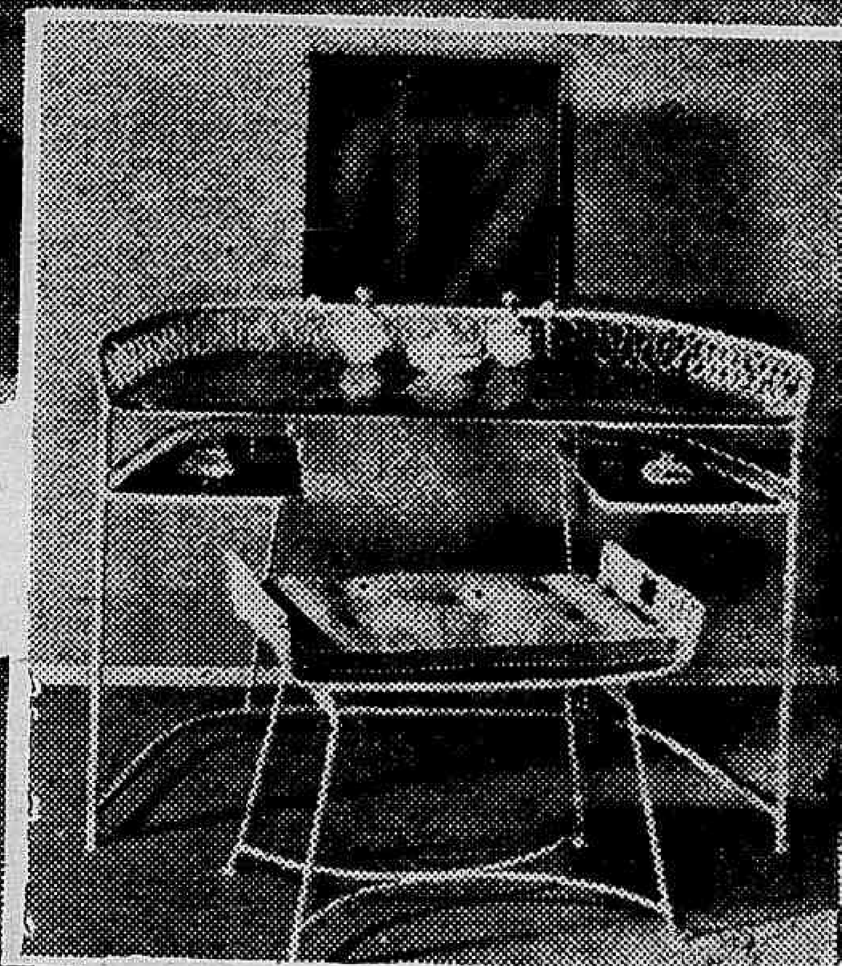
..A polícia de Boston, um funcionário público apresentou uma estranha queixa. Os ladrões haviam roubado quase todos os seus haveres... sem ao menos haver tocado na fechadura de qualquer porta ou janela de sua residência.

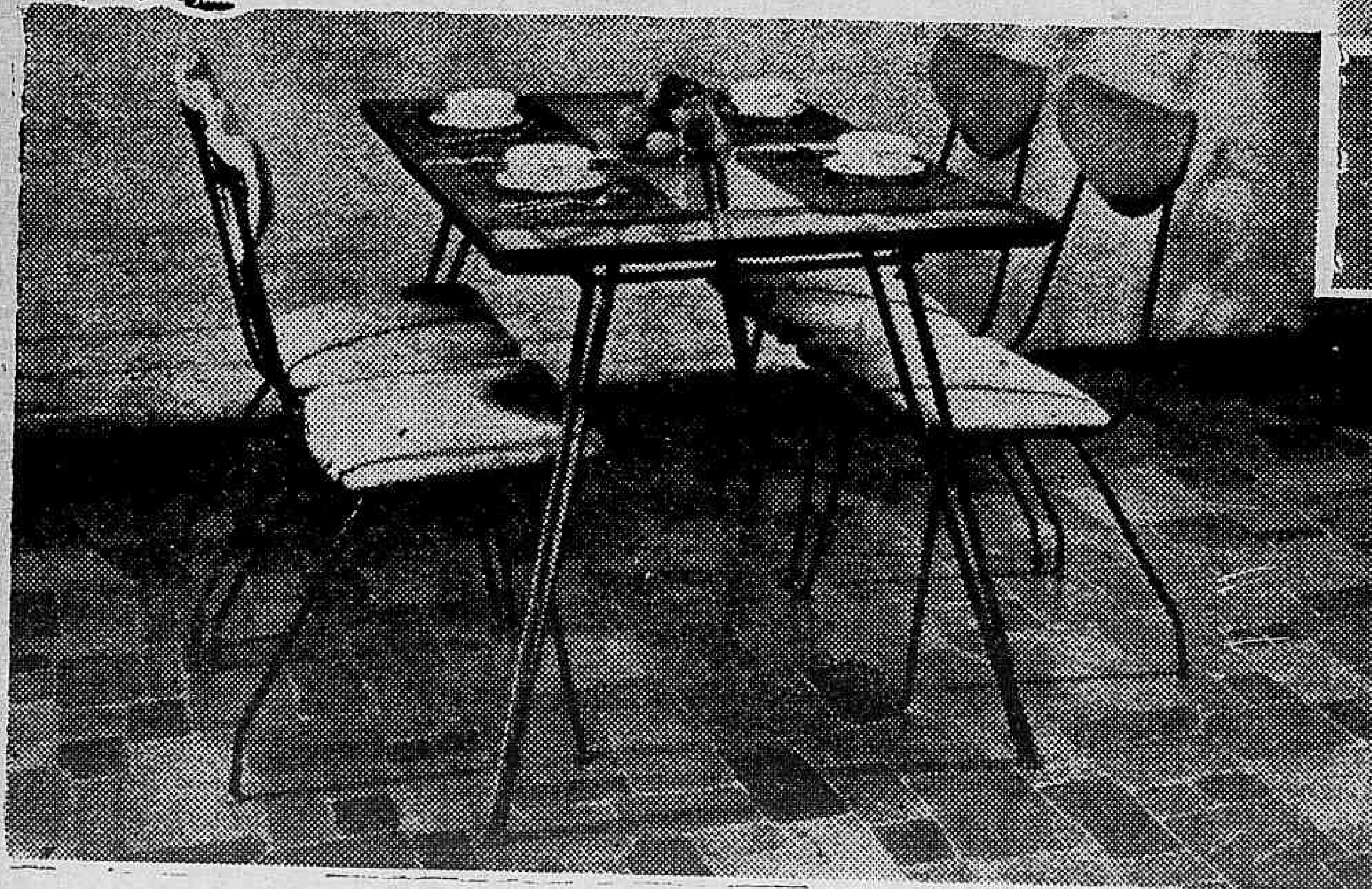
PARA O SEU LAR

A indústria italiana de móveis, uma das mais adiantadas do mundo e a que mais valor empresta ao lado artístico da indústria acaba de criar novos tipos que, sem perder o bom aspecto — que sempre têm as peças originais dêsse país — alia à arte o método industrial americano, de fabricação por série. Combinou, de fato — e fêz de maneira vitoriosa — o vidro, o mármore e o metal. Os modelos apresentados nestas páginas, desenhados pelo famoso arquiteto italiano Maurizio Tempestini, de Florença, são um bom exemplo do que acima afirmamos.



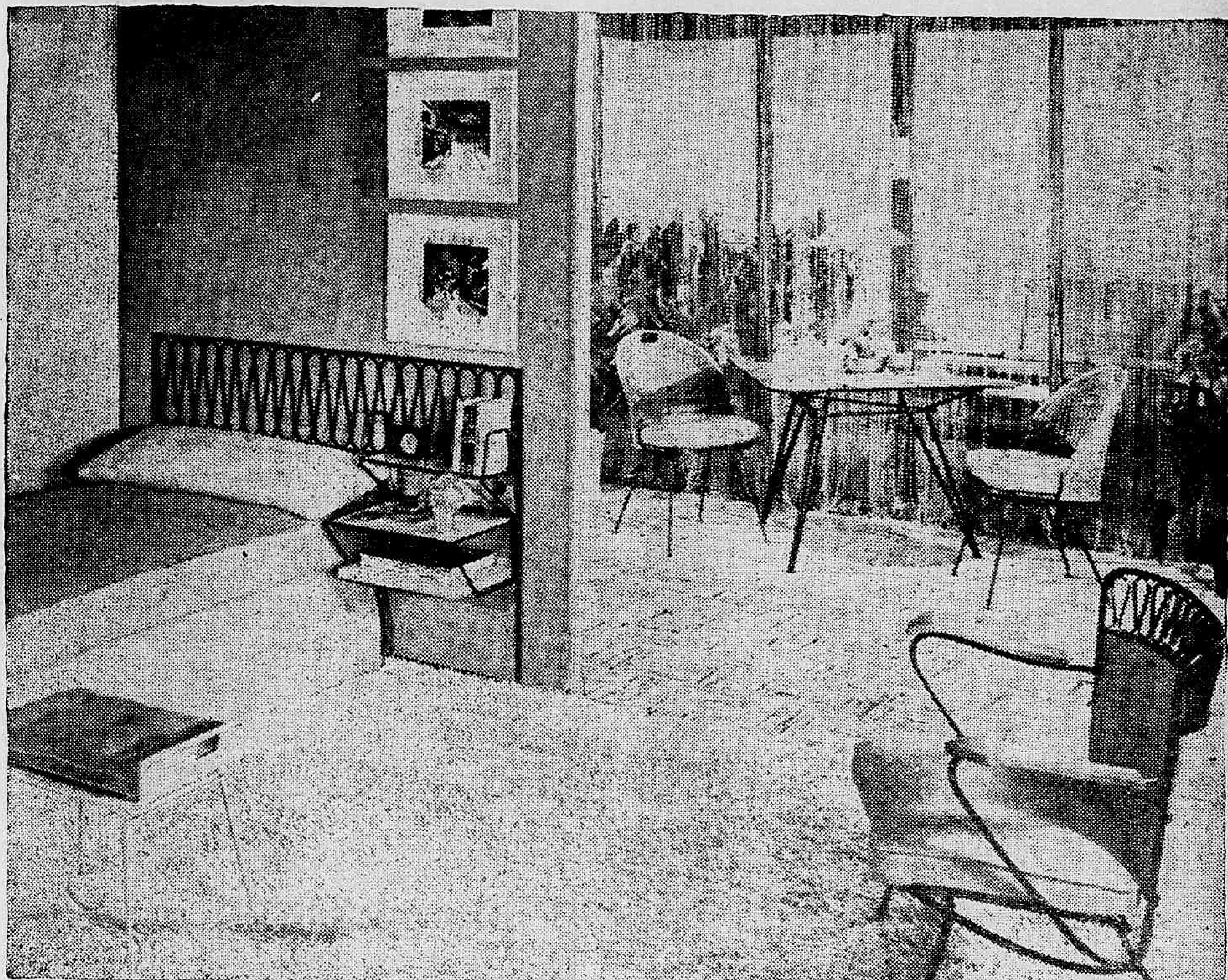






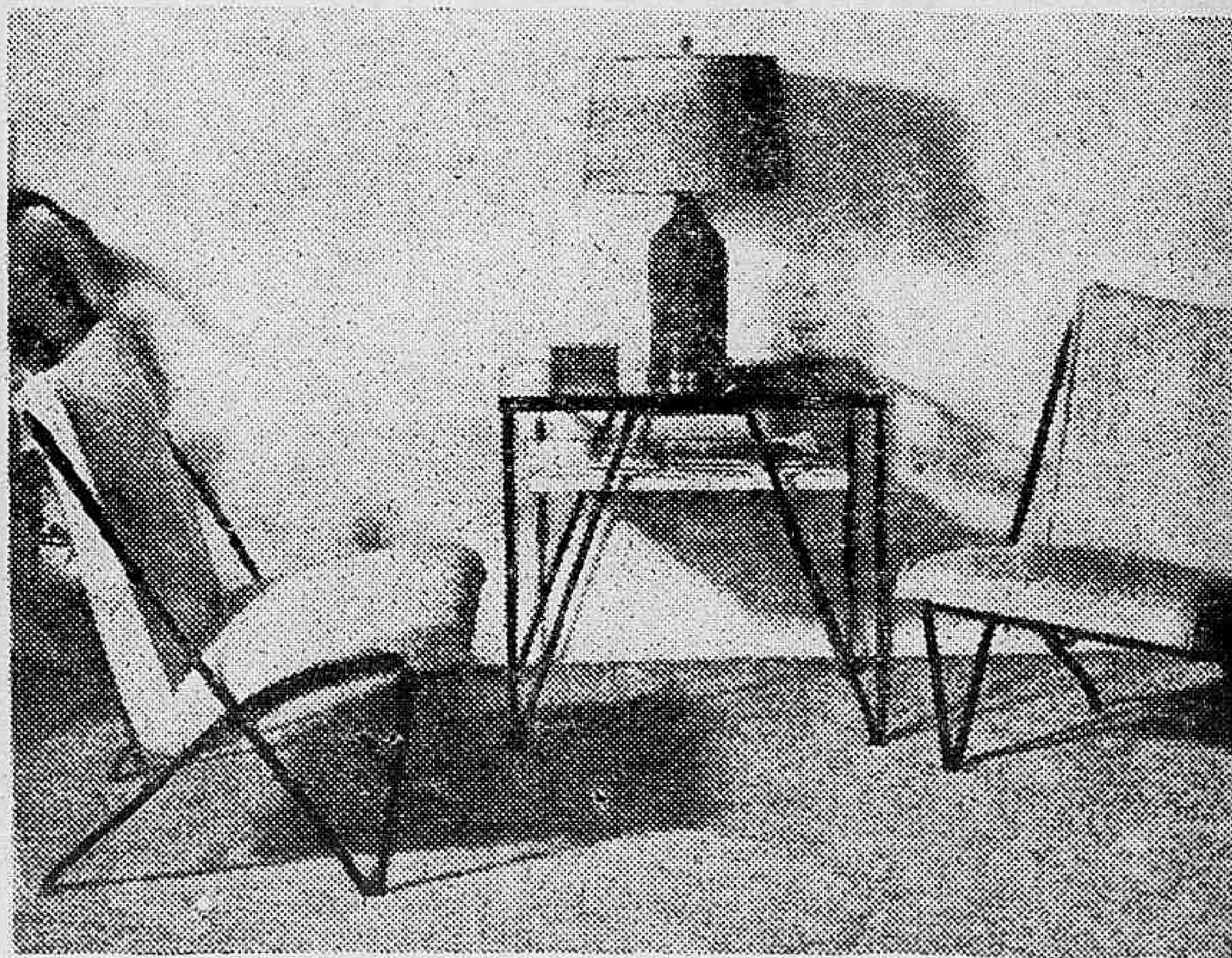
Rara combinação de materiais, caracteriza êsse mobiliário para «living-room», de autoria de Tempestini. Nesse conjunto harmonioso e belo, a proporcionalidade dos móveis, sejam as cadeiras, o sofá, a mesa ou o fogão de inverno, com o espelho e as duas lâmpadas laterais, é a grande fôrça que dá aos olhos uma completa e agradabilíssima impressão de bom gôsto e equilíbrio. (Ao lado) — Os tampos de vidro prêto contrastam deliciosamente com o metal pintado de branco dessa «coiffeuse». O banco, também de metal branco, é forrado de veludo côr de vime. (Em baixo) — Para jantar: mesa pequena, com tampo de cristal. Cadeiras leves, esguias, anatômicas, com o mínimo de espaldar. As peças de metal, protegidas por processo especial, não estão sujeitas aos efeitos da corrosão.

NOVIDADES DA ITÁLIA



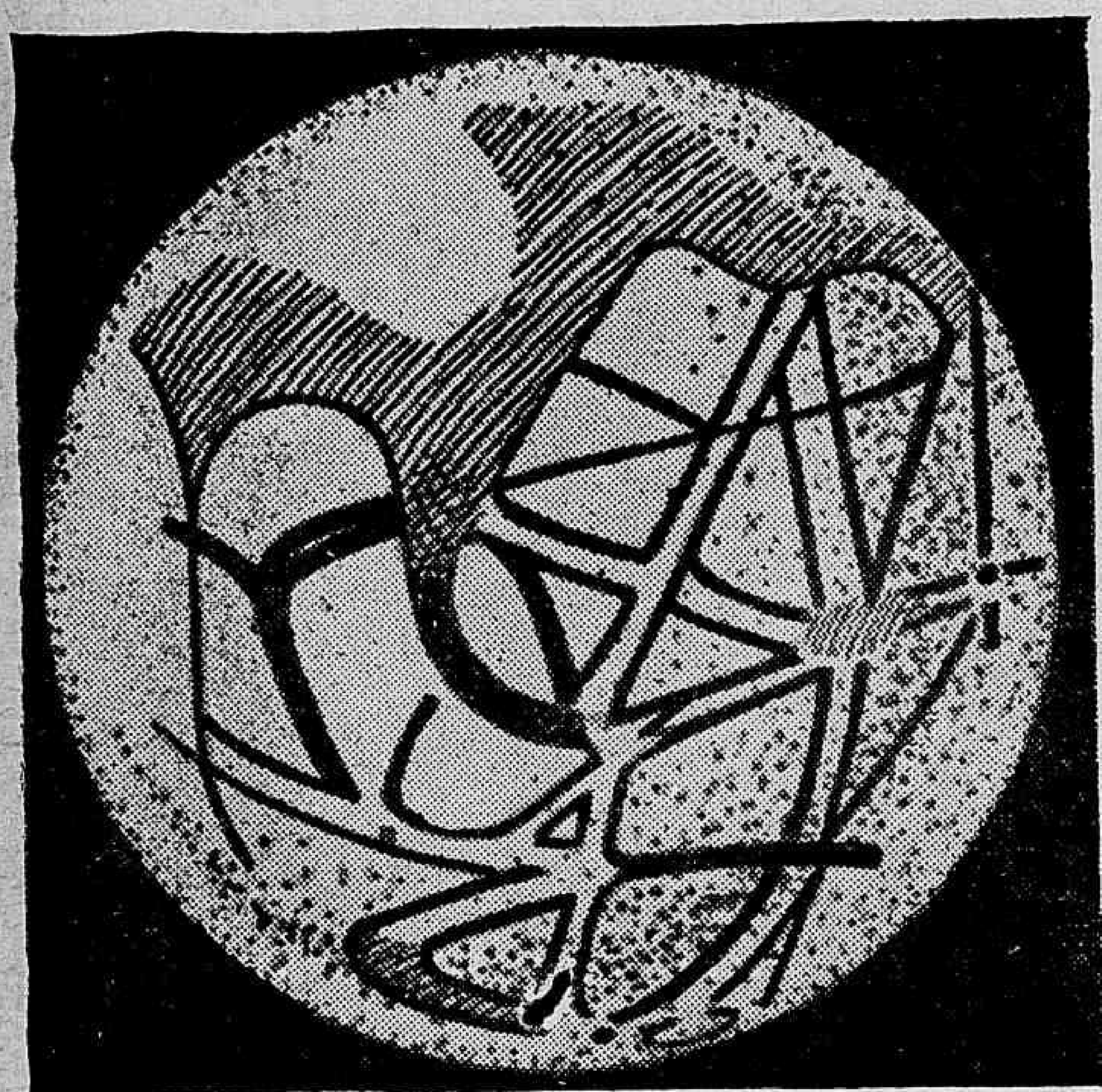
Dormitório e jardim de inverno, desenhados por Maurizio Tempestini, de Florença, que se destaca entre os maiores decoradores da Itália, usando harmoniosamente vidro, mármore, metal e matéria plástica.

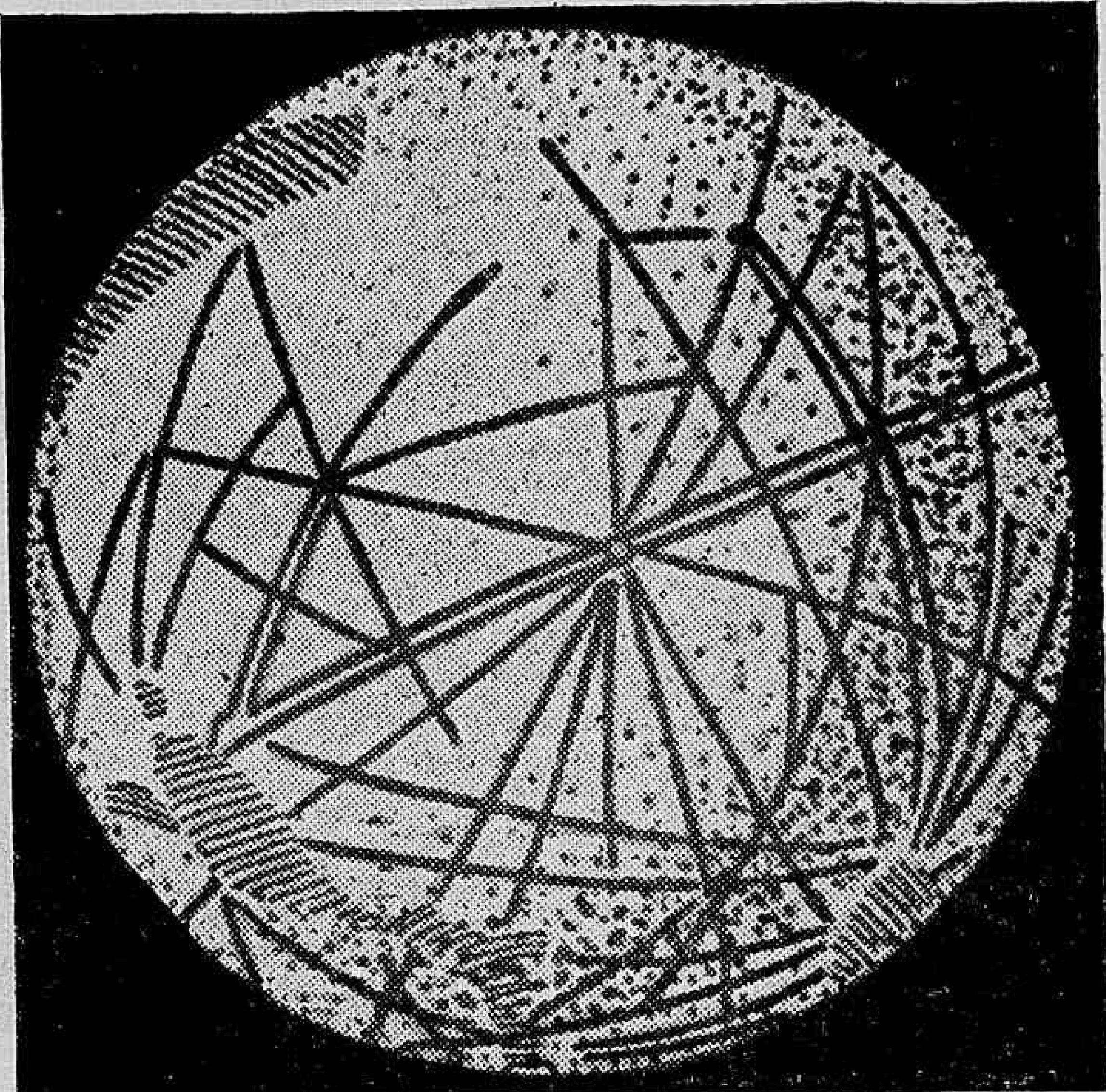




À esquerda: Bar, forrado de mármore, com a prateleira inferior de vidro vermelho. Um rebordo de metal, gradeado, na parte posterior, serve para depósito de garrafas. À direita: Mesinha para lâmpada, forrada de vidro. Cadeiras forradas de matéria plástica.

PROGRESSO COMPARÁVEL AO INVENTO DO TELESCÓPIO





Os «canais» de Marte, vistos por Schiaparelli e Lowell.

UM novo mapa de Marte acaba de ser traçado por E. E. Booth, de acôrdo com os desenhos de E. Hare, presidente da "Associação de Observadores da Lua" e outros planêtas.

Comparado com o mapa feito em 1939, segundo os desenhos do Dr. E. C. Slipher, do "Observatório de Lowell", e as observações de astrônomos como Pickering, Trumpler e Antoniadi, o último mapa mostra que certas mudanças importantes transformaram a superfície do planêta misterioso.

O planêta Marte já intrigou aos homens dezessete séculos antes de nossa era, como o atestam as tábuas encontradas nas ruinas de Ninive.

As primeiras imagens de Marte são devidas às observações de Fontana (1636). No século XVII, Hayghens e Cassini; no século XVIII, William Herschel e, principalmente, em 1840, o alemão Madler, fizeram avançar de maneira importante a "topografia marciana".

A partir dessa época foram publicados muitos desenhos de Marte, segundo os trabalhos de Dawes, do Padre Secchix, de Lockyer e de Proctor. As observações de 1877 e de 1924 foram possíveis pelo fato de Marte estar, então, a apenas cinqüenta e seis milhões de quilômetros de nosso globo. Para poder observar Marte tão de perto será preciso aguardar o dia 10 de setembro de... 1956!

"CANALISTAS" E "ANTICANALISTAS"

Em 1877 e em 1879, Schiaparelli, diretor do observatório de Milão, desenhou o primeiro mapa dos famosos "canais" de Marte. Se dermos crédito a êsse astrônomo italiano, o planêta estava sulcado por canais, alguns dos quais com quatro mil quilômetros de longitude.

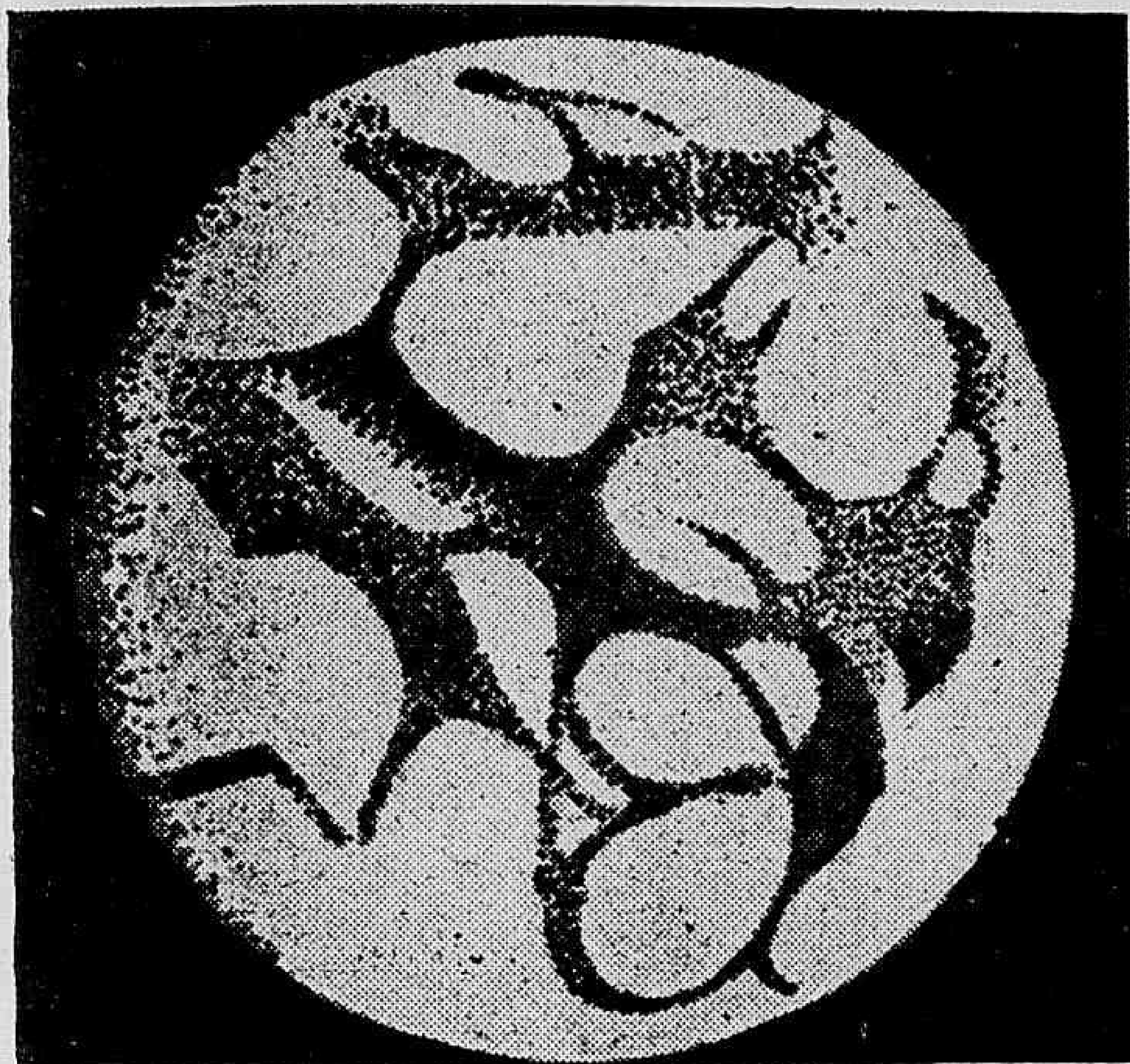
Os planisférios desenhados por Schiaparelli e, em 1898, por Lowell, podiam ser comparados a um mapa ferroviário. Schiaparelli tinha uma lente de vinte e dois centímetros de abertura. A de Percival Lowell era de quarenta e seis centímetros. Em 1909 conseguira êle descobrir mais de mil canais e explicou o fenômeno da seguinte forma:

— **"Êstes "canais" são mais "faixas" de vegetação bastante fertilizadas. O "canal", em si, é invisí-**



A vegetação marciana. Região Pandora Fretum, estudada em 1911, 1926 e 1928, do Observatório de Meudon

MENSAGENS PROCEDENTES DA VIA LACTEA PUDERAM SER CAPTADAS ★ NOVO MAPA DE MARTE ★ PODEMOS FOTOGRAFAR ESTRÊLAS INVISÍVEIS



Outro aspecto de Marte, segundo os observadores do Observatório de Setif (1924).



Fotografia de Marte numa das épocas em que estêve mais próximo da Terra.

vel por sua pouca largura. Os engenheiros marcianos construiram êsses canais para irrigar o seu mundo sedento."

Desde então os observadores de Marte se dividiram em "canalistas" e "anticanalistas". O astrônomo Antoniadi, olhando através da sua lente de oitenta e três centímetros, não encontrou vestígios dos "canais". Em 1930 resumia as suas observações:

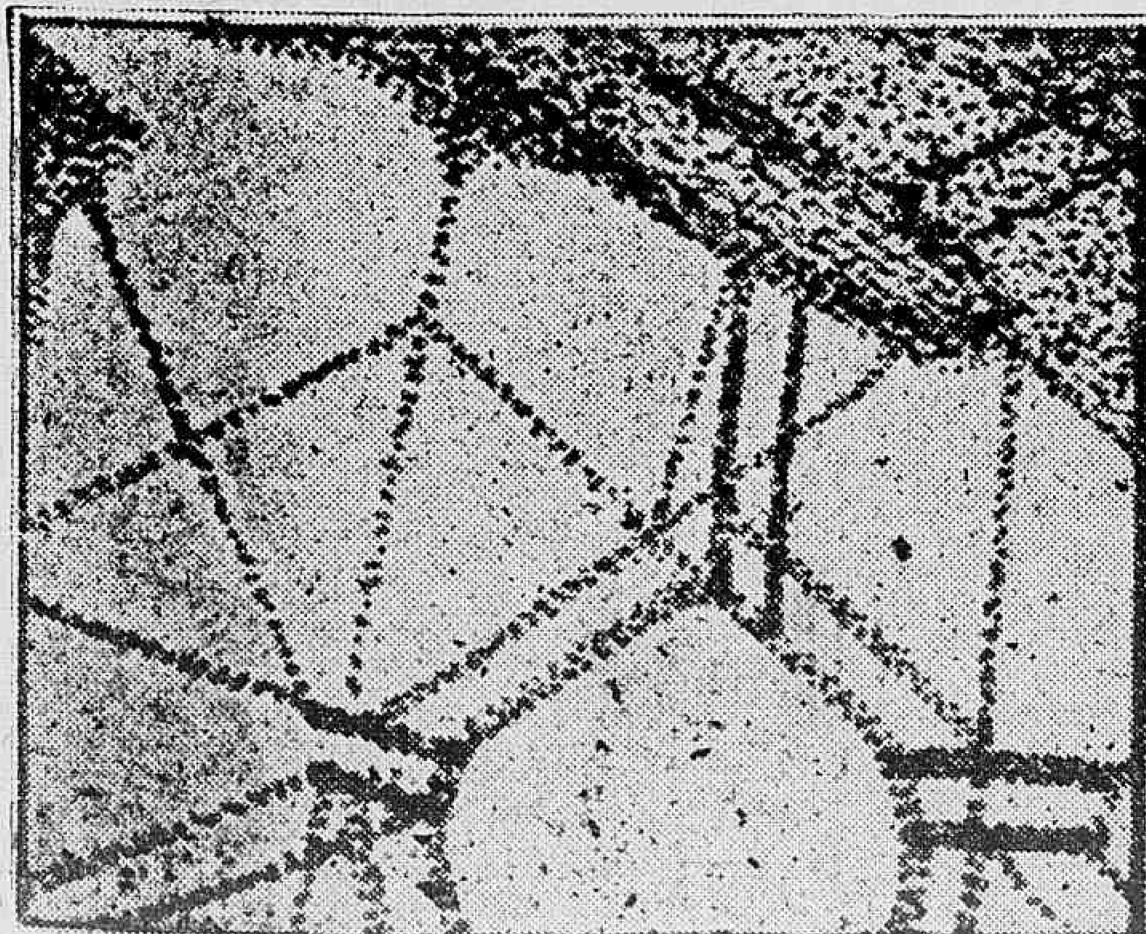
— **"Ninguém viu, jamais, um verdadeiro canal em Marte. Os canais, mais ou menos retilíneos, simples ou duplos, de Schiaparelli ou de Lowell, não existem como canais ou como traçados geométricos; porém têm êles uma base de realidade, pois que na suposta situação de cada um dêles a superfície do planêta apresenta um rastro irregular, mais ou menos contínuo ou "manchado" ou um bordo desigual, como um "lago isolado".**

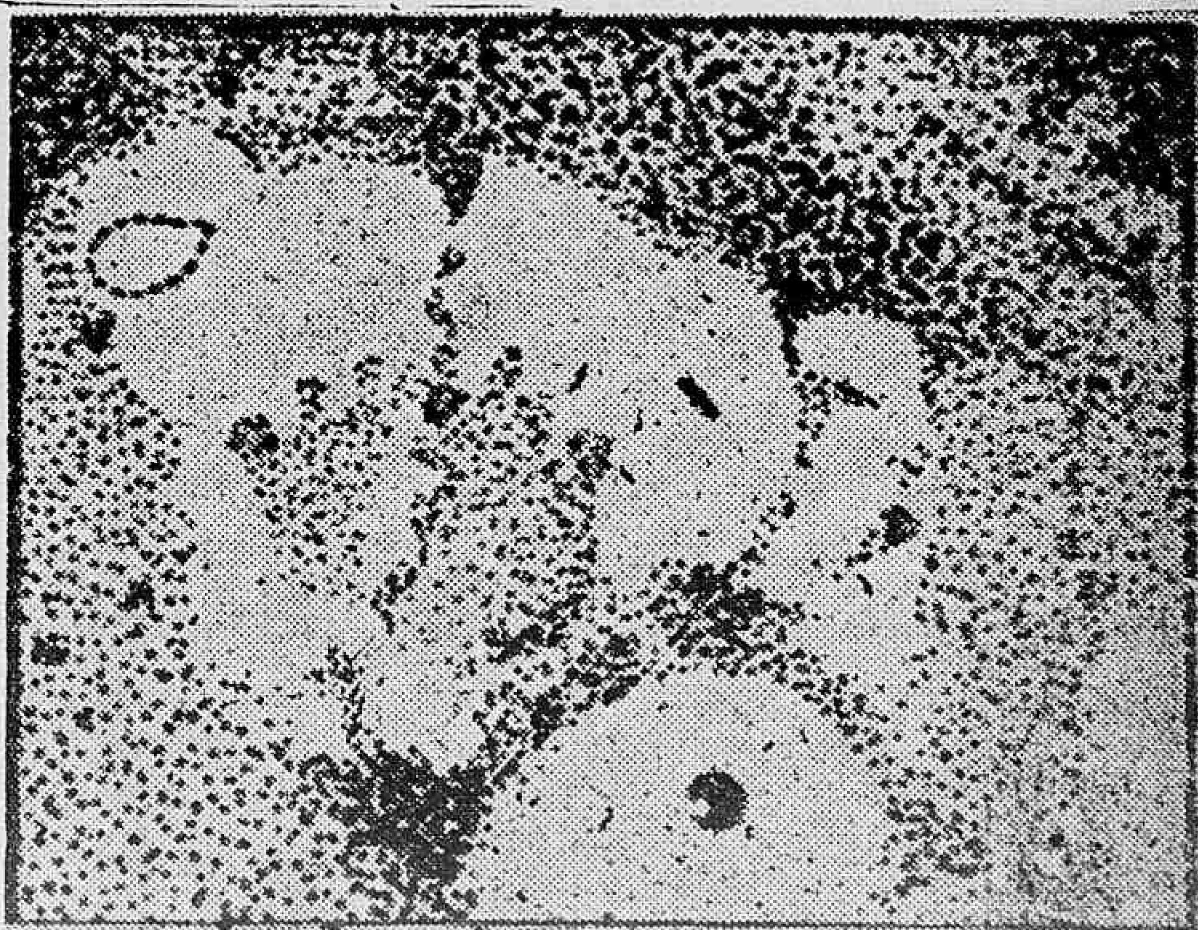
As fotografias mais claras de Marte são as tomadas pelo astrônomo norte-americano Jefferson, em julho e agôsto de 1939, do Observatório de Lick. Nelas podem ser vistos detalhes bastante nítidos; porém, como manifestava, em março de 1940, o Dr. Woterfield, na "Royal Astronomical Society", de Londres, **"não se observa qualquer sinal de marca linear".**

AS MUDANÇAS DE MARTE

..O novo mapa de Marte, que compreende tôdas as últimas observações, realizadas até 1950, mostra, no entanto, êsses "rastros irregulares", segundo uns; "canais", segundo outros. Porém êsse mapa, publicado por Strolling Astronomer", não tem apenas semelhança com o de Lowell.

Depois de cinqüenta anos, só existem os **restos,**





A esquerda, detalhe de canais, vistos por Schiaparelli, na região do Flysium. A direita, vista por Antoniadi

em via de desintegração, de **Syrtis Major**, triângulo negro **a cavalo** sôbre o Equador, entre as longitudes 240 e 300. E agora é menor, mudou de lugar e não mais domina o mapa. Está sendo substituído por uma série de "canais".

O bordo circular sul de **Syrtis Major** sofreu uma transformação de vinte graus, em longitude, enquanto a sua extremidade norte, foi alterada de uns dez graus em latitude, nos últimos dez anos.

Um "oásis" próximo do mesmo movimentou-se na mesma direção, ao passo que uma escura região vizinha, caminha em direção oposta!

Por sua vez, um arco, que se encontrava na latitude 100º, desceu ligeiramente para o sul. Uma barra, situada quase sôbre o Equador (310 a 360 graus) segue o referido arco, embora tenha agora uma paralela, vinte graus ao sul. Outra barra, semelhante à primeira, foi substituída por dois "canais" paralelos. Uma nova **Syrtis Major** nasce, talvez, sôbre o meridiano trinta graus.

Há ainda a notar que as regiões escuras, pouco definidas, parecem tornar-se mais decididamente sombrias e, ao contrário, as regiões negras, muito mais antigas, tornam-se menos definidas.

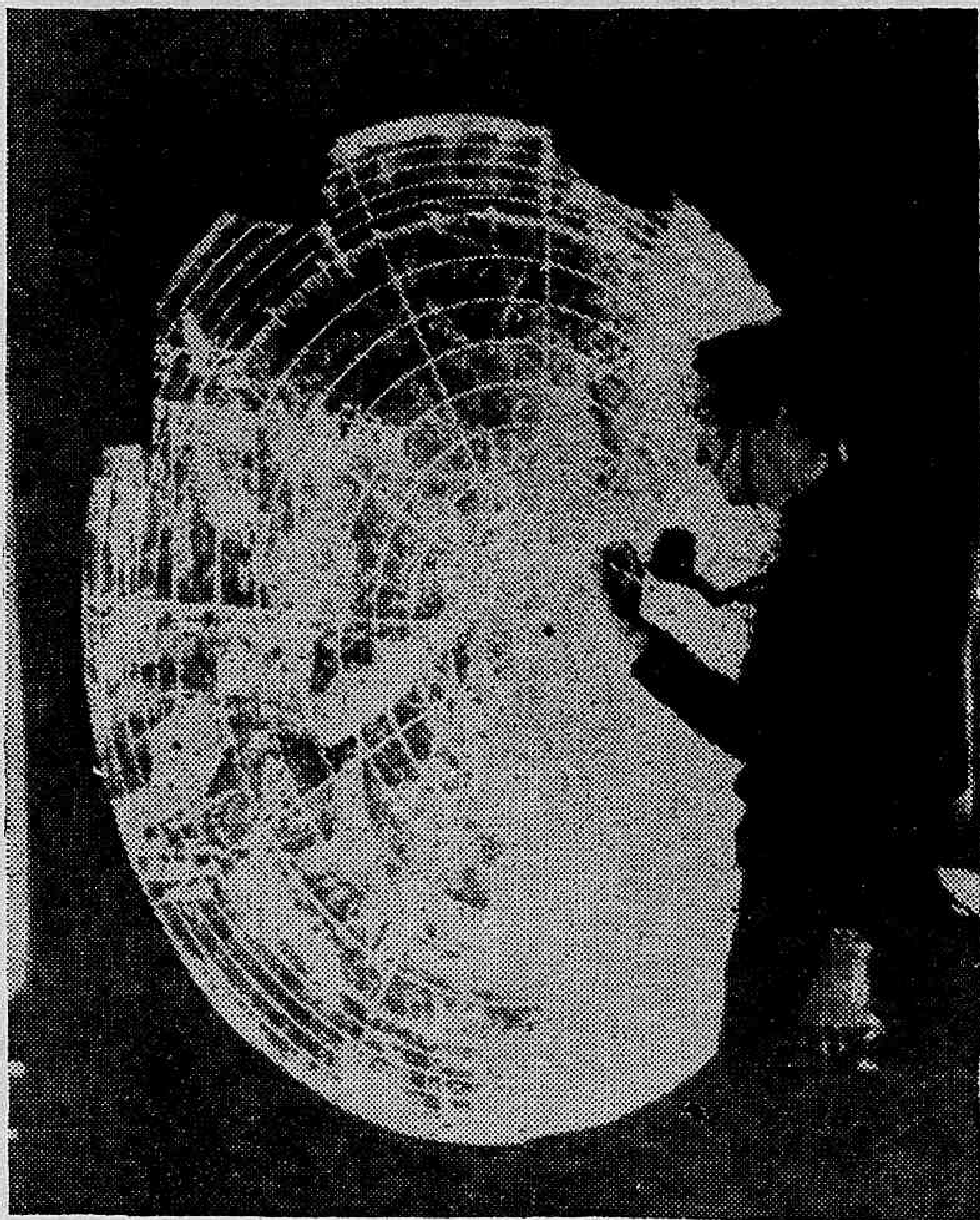
Assim, parece que a superfície de Marte se modifica incessantemente. Se tais modificações são devidas — o que julgamos pouco provável — a sêres viventes, êstes devem ter uma conformação totalmente diferente da nossa.

A temperatura média de Marte é de uns vinte e três graus abaixo de zero. Sua atmosfera, por sua vez, de acôrdo com as experiências realizadas por Adams e Dunham, astrônomos do "Observatório" do Monte Wilson, é sumamente escassa. Em geral acreditam os observadores, dedicados a explicar o mistério de Marte, que êsse corpo celeste pode ter sido, em tempos que já lá vão muito distantes, um mundo pouco mais ou menos semelhante ao nosso, oferecendo, hoje, portanto, a imagem do que há de ser o nosso globo dentro de algumas centenas de milhões de anos.

A VIA LACTEA NUMA LONGITUDE DE ONDA DE 21,1 CENTÍMETROS

Outras duas informações, que não se referem à famosa polêmica marciana, têm igualmente um caráter sensacional. A primeira diz respeito aos sinais interplanetários. Realmente, o astrônomo Holandês C. A. Muller, utilizando um antigo espelho-radar do Exército alemão, captou sinais de rádio, vindos da... Via Lactea, numa longitude de onda de 21,1 cm.

Em 1944, outro holandês, o Dr. H. C. Van den Hulst começou a trabalhar sôbre a hipótese de que a longitude das ondas emitidas pelos átomos de hidrogênio da Via Lactea, devia ser suscetível de medida. O Dr. Van den Hulst trabalhou decididamente e sem desfalecimentos e pôde, afinal, comunicar o resultado de suas observações aos seus colaboradores, os astrônomos da "Universidade de Harward".



Graças ao radar, os sábios holandeses puderam captar as ondas emitidas pela... Viva Lactea!

Segundo aquêle cientista holandês, a vibração de rádio da Via Lactea foi captada por um espelho de 30 pés. Constrói-se, no momento, outro, de 80 pés e, enquanto esperam pelo mesmo, os sábios fabricam um cone inclinado de cem pés de diâmetro no arenoso deserto de Kootwick. Quando tudo estiver pronto, os sábios holandeses se encontrarão mais eficientemente equipados para recolher **os ruídos da Via Lactea!** Entretanto, o que já foi conseguido pelos astrônomos holandeses representa, no domínio da astrologia, um progresso comparável ao invento do telescópio.

FOTOGRAFIA DE ESTRÊLAS INVISÍVEIS

Não podemos silenciar o recente comunicado do astrônomo André Danjon, da "Academia de Ciências de Paris". O Dr. Danjon declarou, de fato, não há muito, que as estrêlas muito distantes de luz tão débil que o ôlho humano é incapaz de perceber, nem mesmo com a ajuda dos mais poderosos telescópios, podem ser fotografadas!

O instrumento empregado — segundo Mr. Danjon — vai "revolucionar" (sic) a técnica da observação astronômica. Trata-se de um telescópio eletronicofotográfico, inventado por dois jovens astrônomos do "Observatório de Paris", que o estão ensaiando atualmente.

A luz invisível das estrêlas excita uma célula fotoelétrica e altamente sensível, cujos raios eletrônicos, acelerados, são registrados numa placa fotográfica ultra-sensível. As estrêlas **invisíveis**, fotografadas dessa maneira não são o mesmo que as estrêlas chamadas "negras", que não emitem nenhuma luz; porém podem ser **detectadas** pelas ondas-rádio que despedem, graças aos radiotelescópios. Por êsse sistema foram descobertas, até agora, mais de cem estrêlas "negras".

A IDÉIA — O MAIOR PODER DO MUNDO

A glória não esquece os seus heróis

Por DE MATTOS PINTO

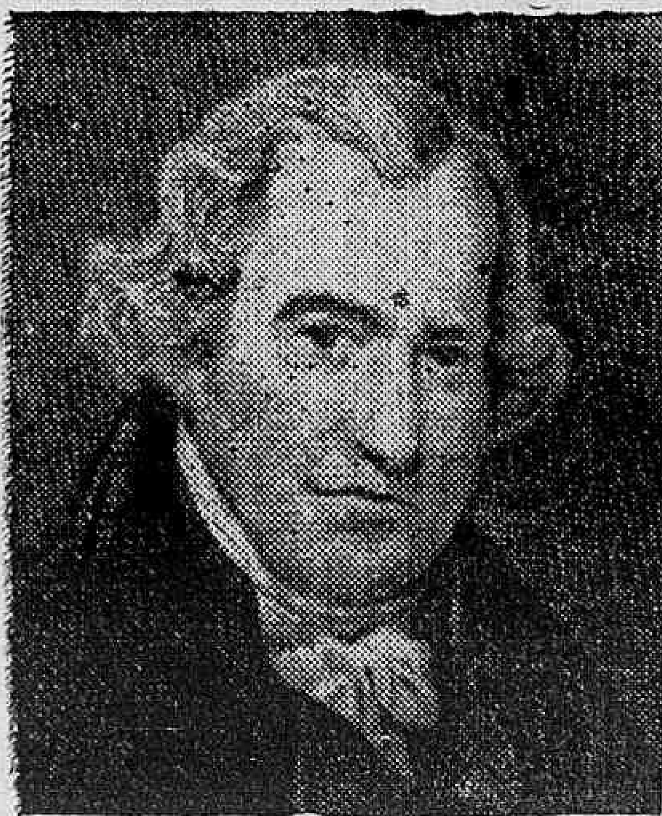
A maneira de interpretar os fatos sociais e humanos, pode conduzir à verdade e pode extraviar o conhecimento das suas rotas para a civilização. Assim, impõe-se uma reforma nos processos de analisar a história, cujas narrativas enaltecem as ousadias sangrentas, para deixar na penumbra e no silêncio os heróis da mentalidade. Enquanto os conquistadores se prevalecem do ódio, para desagregar os povos, outros homens trabalham para consolidar o progresso e descobrem idéias mais fecundas, do que tôdas as vitórias do militarismo. As multidões começam a perceber, que não devem aos cabos de guerra, nenhuma prosperidade, nem a mínima ventura e que não há aperfeiçoamento com as destruições coletivas, com os genocídios da era atômica. A história da inteligência vai substituir, para sempre, o romance das batalhas e nada melhor para revelar o milagre criador do pensamento, do que a epopéia intelectual dos videntes de cujo sonho deflagraram os inventos modernos. Inglêses, franceses e americanos, disputam o laurel da descoberta da fôrça motriz do vapor e da sua aplicação na indústria, bem como na navegação. A Inglaterra apresenta Edward de Worcester, Jonatham Hull e Patrik Miller. Os Estados Unidos revidam com a lembrança de Robert Fulton. Contra todos, opõe a romântica e imaginativa França, a vida precursora de Denis Papin, uma das figuras mais pitorescas entre os idealistas da ciência e das aplicações científicas, sôfrega e erradia criatura, que nos prende mesmo com tôdas as contestações facciosas que lhe fazem os biógrafos estrangeiros. Êsse obscuro apóstolo da civilização industrial, soube viver intensamente e idealmente, sofreu e agiu sôbre a sua incrédula época. Espírito apaixonado, convicto da realidade social das utopias, resistiu a tôdas as injúrias, venceu todos os ceticismos e sobrepujou a ignorância dos seus contemporâneos. Precursor da inspiração mecânica, numa época em que os maquinismos ensaiavam o seu nascimento, preparando o advento das caldeiras e das turbinas, dos cilindros e dos dínamos, Denis Papin sentiu o castigo, que fere os anunciadores de uma nova idade, em batalha contra os homúnculos da rotina intelectual.

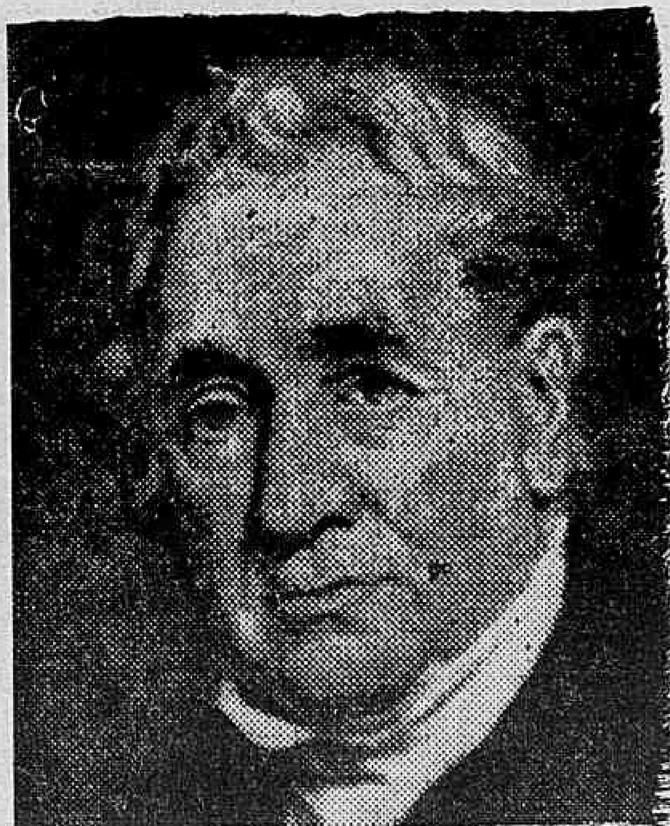


Denis Papin, a quem se deve a descoberta do princípio fundamental das máquinas a vapor, conforme um retrato na Universidade de Marburgo. Há mais de dois mil anos, mecânicos, físicos, astrônomos, engenheiros da antiguidade, vinham tentando industrializar o vapor de água. Coube a Denis Papin a glória de haver inventado o cilindro com o pistão, que transformou a energia térmica em fôrça motriz. Essa idéia fundamental facilitou a James Watt a construção da máquina de vapor condensado.

DA PEDRA FILOSOFAL ÀS PRIMEIRAS INVENÇÕES MODERNAS

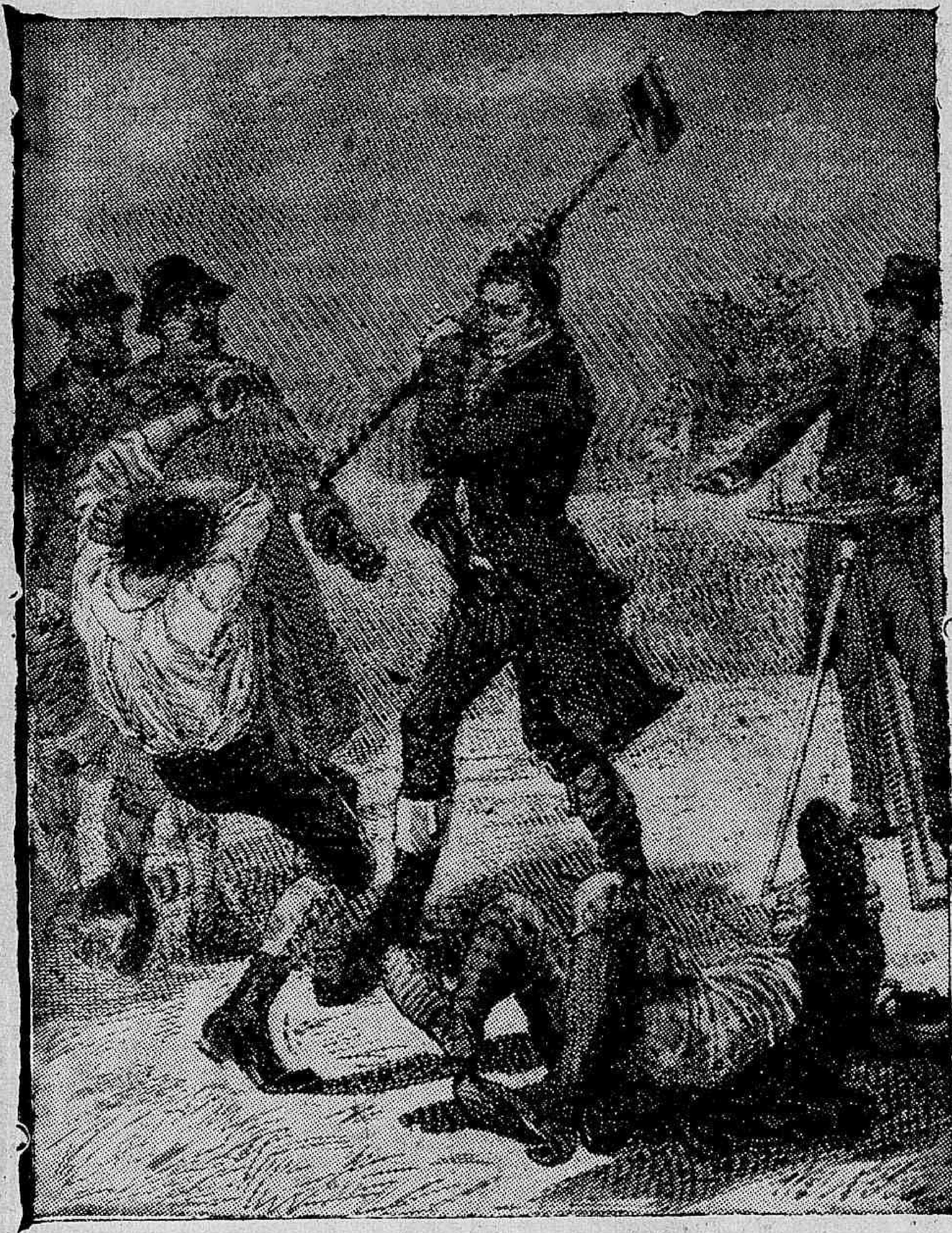
A idéia impõe-se como o poder mais soberano do mundo e triunfa sôbre tôdas as adversidades do obscurantismo. Os verdadeiros inspirados formam o seu destino, à revelia dos preconceitos mentais e das oposições da sociedade. Nascido em Blois, em 22 de agôsto de 1647, filho de médico, criado num ambiente de curativos e de terapêutica, Denis Papin seguiu a carreira da ciência imortalizada por Hipócrates e Galeno. Na família o precedera o seu tio Nicolas Pa-





James Watt e George Stephenson, o primeiro, inventor da máquina a vapor de duplo efeito; o segundo, inventor da locomotiva, — invenções essas nascidas da idéia fundamental formulada por Denis Papin, que sonhou com o progresso da sociedade baseado no trabalho motorizado.

Pin, médico que se distinguira por reflexões doutrinárias e redigira algumas obras técnicas. Os parentes impuseram-lhe a tradição familiar, ignorando a vocação que se manifestaria mais tarde, em domínio todo diverso. Durante a sua juventude, curvou-se sôbre a mesa acadêmica, estudando fisiologia e anatomia, analisando órgãos e artérias. Aos vinte e quatro anos, encontra-se apto para exercer a medicina e viver monòtonamente, com as finanças obtidas no receituário. Reage então, o seu verdadeiro destino, na hora propícia em que se renovavam os métodos de



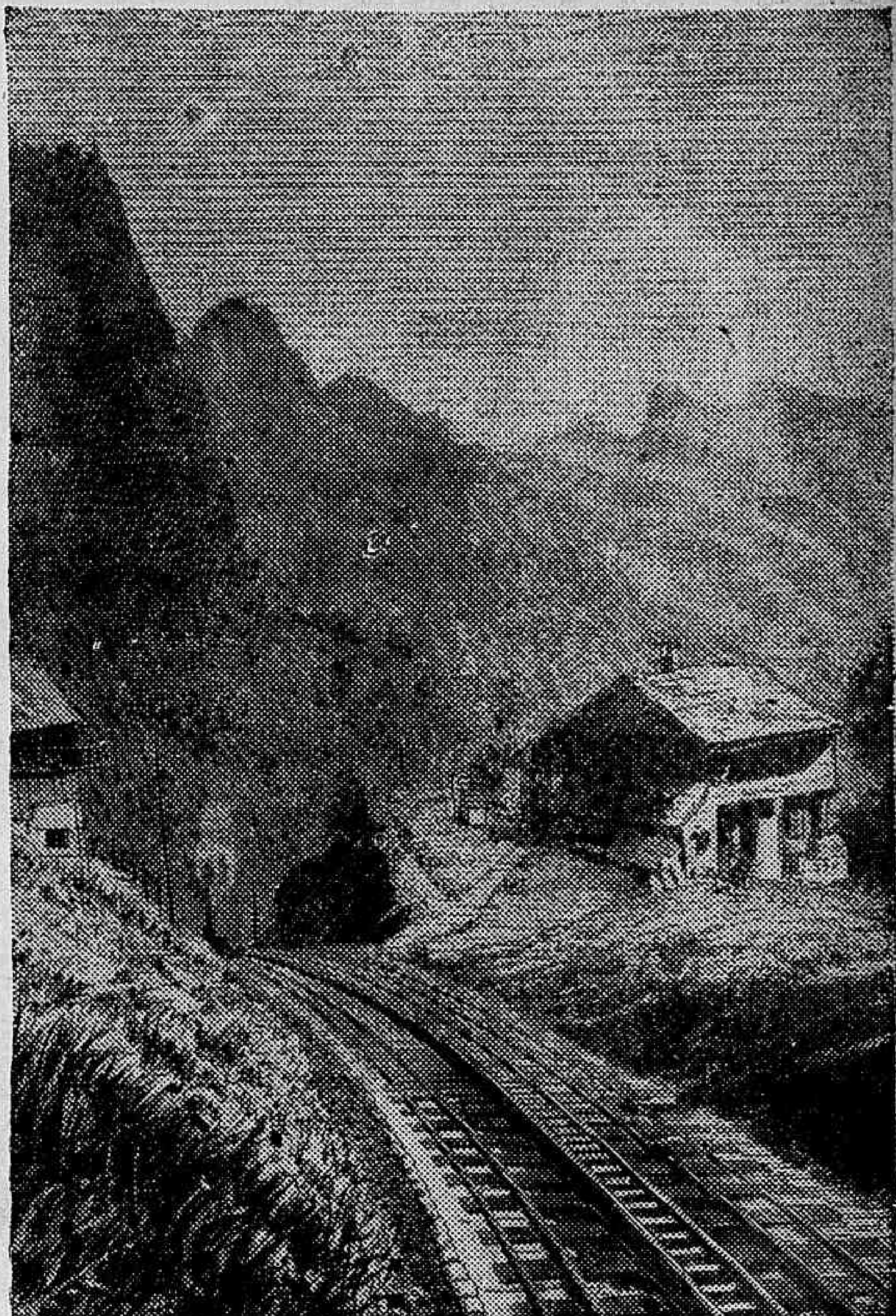
George Stephenson lutando contra o assalto de camponeses, quando traçava a primeira linha-férrea da sua locomotiva, inventada sôbre o princípio fundamental de Denis Papin.

pensar com René Descartes, Francis Bacon e Blaise Pascal. As noções matemáticas que aprendera com os Jesuítas de Blois, apoderam-se repentinamente do seu espírito e pouco a pouco, a física experimental, como a mecânica aplicada, absorvem-lhe tôda a atenção. Nesse momento, Luís XIV funda a Academia de Ciências de Paris, para glorificar o seu reinado em face da Europa. Instituindo o mais alto cêntro científico da França, Jean-Baptiste Colbert convidou para membro, o físico, matemático e astrônomo holandês Christiaan Huygens. O acontecimento desvia da medicina, de uma vez para sempre, o infatigável Denis Papin. Querem uns biógrafos, que por influência do Ministro Colbert, outros supõem haver sido por sugestão de Madame Colbert, o jovem médico ocupa o cargo de ajudante do astrônomo Christiaan Huygens, na Academia de Ciências. Executa ensaios de mecânica e freqüenta a biblioteca do rei, onde renova a sua cultura e aperfeiçoa as faculdades de análise. A vida de que nos ocupamos, vai participar da nova época filosófica, inaugurada por Evangelista Torricelli, na Itália, por Blaise Pascal, na França e por Francis Bacon na Inglaterra, quando vemos a ciência fugir das nebulosas especulações da alquimia e investigar os próprios fenômenos, independentes de doutrinas preestabelecidas, aplicando os seus princípios e criando utilidades públicas. Começam os primeiros dias da civilização industrial, que em boa hora esquecia os delírios da pedra filosofal, para investigar as leis da natureza. Até àquela época, os filósofos manipulavam doutrinas secretas, e depois deformavam os fenômenos para encerrá-los nos quadros das suas hipóteses. Sob o jugo da metafísica grega, dos nominalistas e dos realistas, cujas controvérsias haviam degenarado em ociosas exibições de agilidade verbal, a ciência vinha marchando a passo lento e os espíritos temiam escalar a montanha da tradição. Agora, a física repudiava os rituais secretos dos alquimistas e a filosofia iluminada pelo desafio de René Descartes, renegava a escolástica e os seus postulados silogísticos, que imperaram nas universidades medievais.

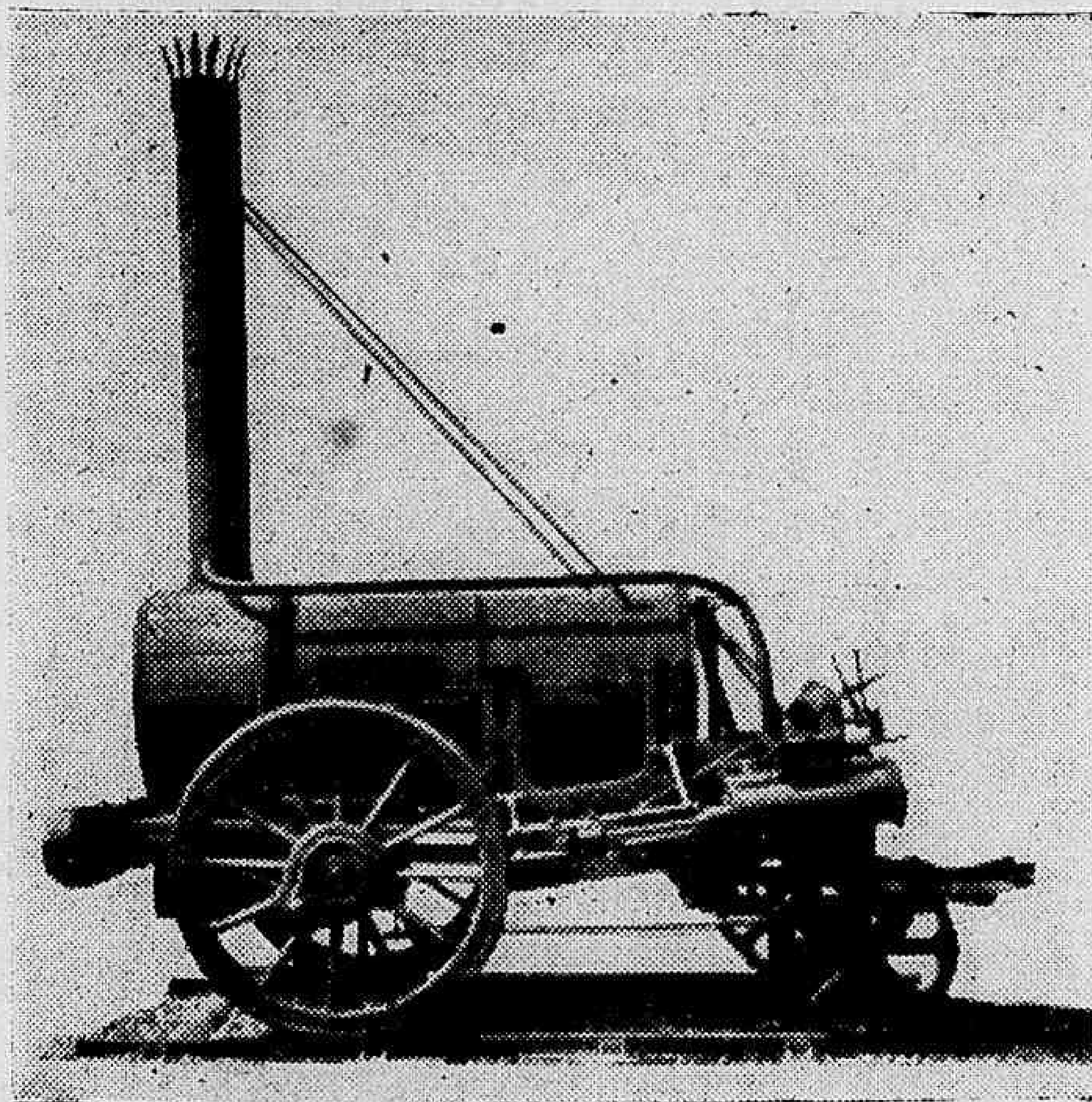
UM VIDENTE DO TRABALHO MOTORIZADO

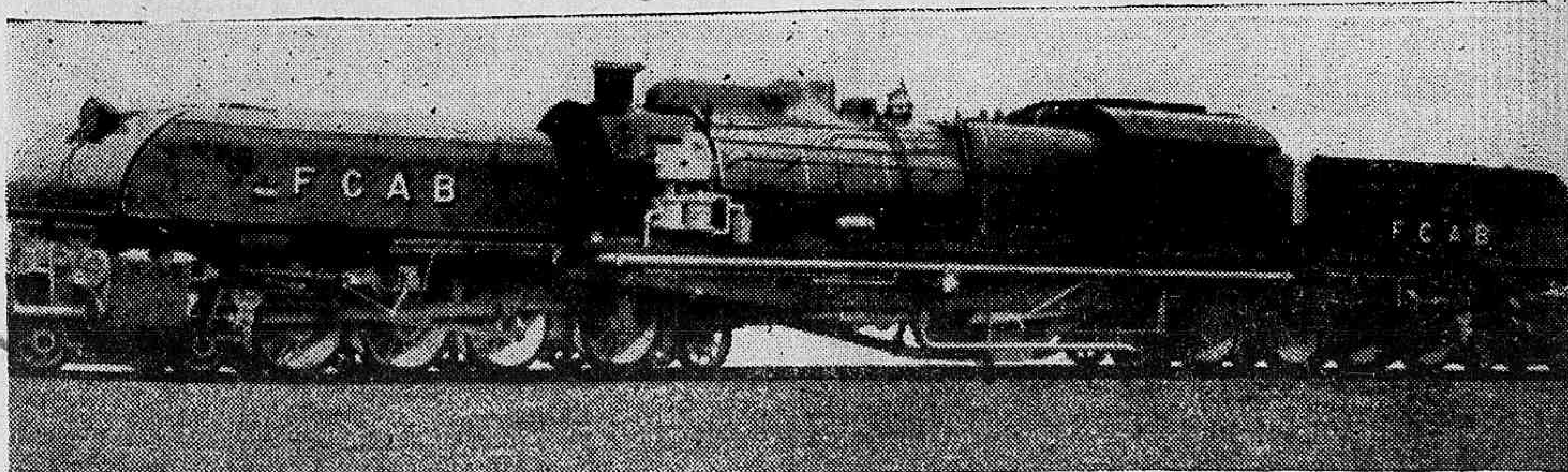
As necessidades públicas exigiam soluções ousadas e os ministros começavam a recorrer aos sábios para satisfazerem o espírito do tempo. Tm 1666, Christian Huygen já se instalara na França, difundindo seus conhecimentos de astronomia, mecânica, química e física, quando apareceu um problema de urbanismo, cuja solução muito preocupava o ministro de Luís XIV. Baptiste Colbert queria trazer água do Sena, para irrigar e ornamentar os jardins de Versailles, mas não sabia como fazer pressão sôbre o líquido, para que êste jorrasse a cento e cinqüenta metros de altitude. Os engenheiros encarregados da emprêsa não souberam como resolvê-la. Colbert entregou a questão hidráulica ao sábio holandês cujo espírito absorvido por outros temas mais científicos, de astronomia e de física, descurou da questão. Entrementes, Denis Papin manipulava experiências e demonstrava, que a ebulição da água varia com a pressão atmosférica, que a água e o álcool fervem mais ràpidamente no vácuo, do que ao ar livre. Indiferente aos projetos do ministro francês, Christiaan Huygens traçou alguns esquemas teóricos, porém nunca che-

gou a realizá-los pràticamente. Em 1671, o físico holandês confia o estudo dos planos a Denis Papin, seu novel ajudante, o discípulo já original, que egressara da medicina para a mecânica, trocando o bisturi pelas leis do movimento e das fôrças, estabelecidas por Galileu. Durante três anos, trabalhou, procurando a solução do problema, que desafiara a argúcia de outros mais experimentados. Conjecturou na possibilidade de utilizar o fenômeno do vapor, como meio de elevar a água aos jardins de Versailles. Denis Papin reuniu em 1674, as suas observações e escreveu as "Novas Experiências sôbre o Vácuo", obra na qual tratava da questão proposta pelo ministro de Luís XIV, mas visava sobretudo o fenômeno do vapor, do ar e das suas propriedades utilizáveis. Papin construiu e aperfeiçoou a bomba a vácuo, revelando as suas aptidões práticas e traçando planos para dissecar terrenos pantanosos. Empregando em 1675, uma bomba pólvora, tentou satisfazer os desejos de Colbert, de conduzir água do Sena até Versailles. A máquina falhou no seu propósito industrial e Denis Papin viu incompreendida, a sua idéia do emprêgo da fôrça motriz do vapor, que faz a maravilha fabril do século XX, conhecendo a hostilidade do tempo. Aproximava-se da idéia genial, que iria dar nascimento à máquina a vapor e às locomotivas, mas deveria arrostar ainda muitas adversidades particulares e públicas. Porque a vida se tornasse intolerável na França, ou porque o agitassem inquietações íntimas e sêde de viagens, a ânsia de ver novas coisas, de conhecer os sábios estrangeiros, refugiou-se em 1681, na cidade de Londres. No ano de 1685, a revogação do Édito de Nantes caçava os protestantes do território francês. Filiado ao calvinismo, embora as religiões nunca o apaixonassem com as controvérsias teológicas, o protegido de Colbert decidiu não abjurar a sua crença. A partida da França, assinala o seu errante destino, ora na Inglaterra, ora na Alemanha, ou na Itália.



O aproveitamento da energia térmica do vapor de água, permitiu ao homem escalar as montanhas, transportando pesadas cargas e levar o progresso às regiões mais distantes do globo.





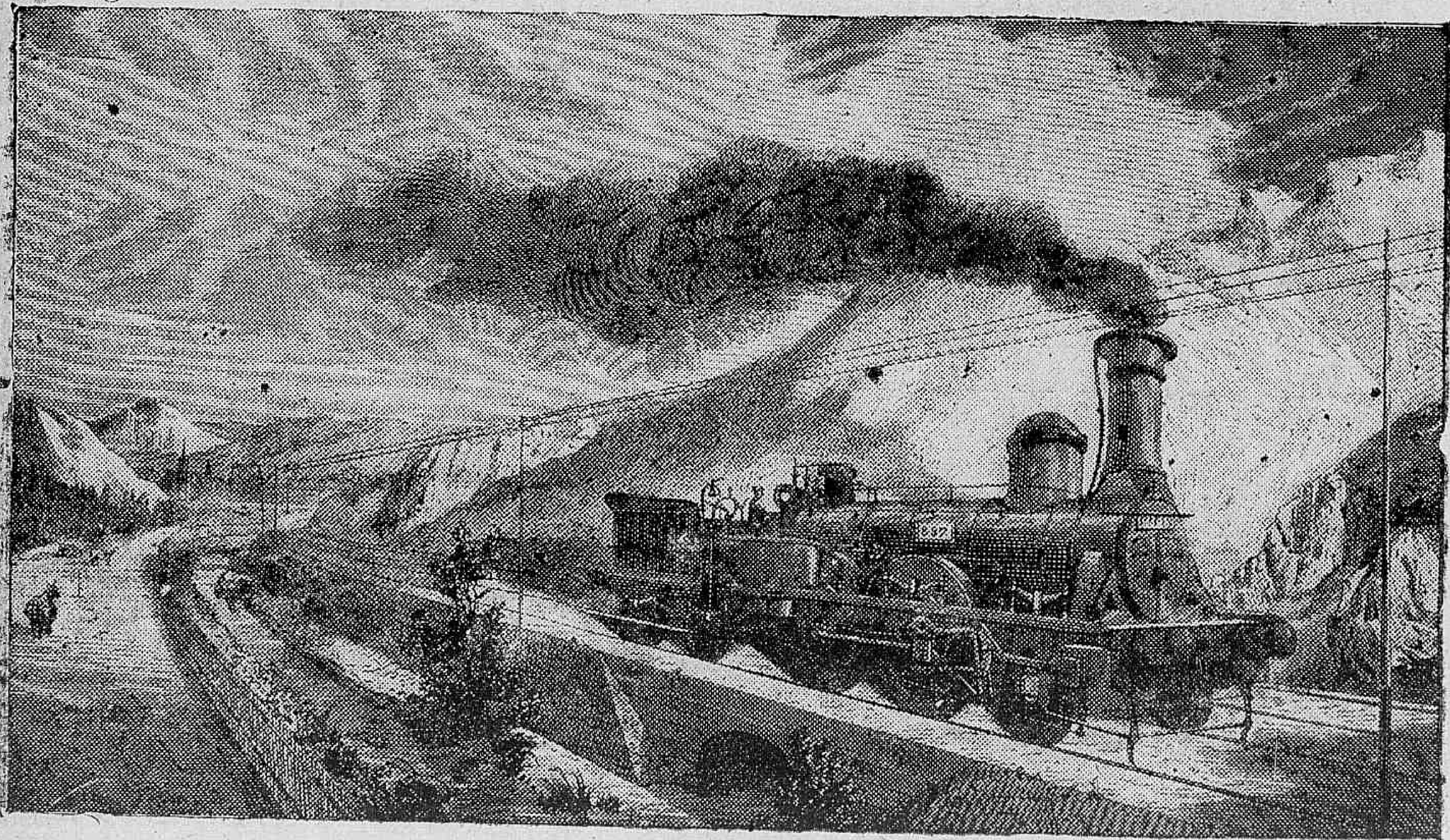
A locomotiva «Rocket» inventada por George Stephenson, uma das primeiras locomotivas do mundo, comparada com uma das modernas locomotivas fabricadas na Inglaterra.



Monumento de James Watt em Westminster, inventor da máquina a vapor moderna, mas precedido por numerosos precursores, que desde Heron de Alexandria, vinham trabalhando para dominar a energia térmica da água. Faltava-lhes o princípio fundamental, do pistão movendo-se num cilindro, idéia formulada por Denis Papin, muito antes de James Watt haver nascido.

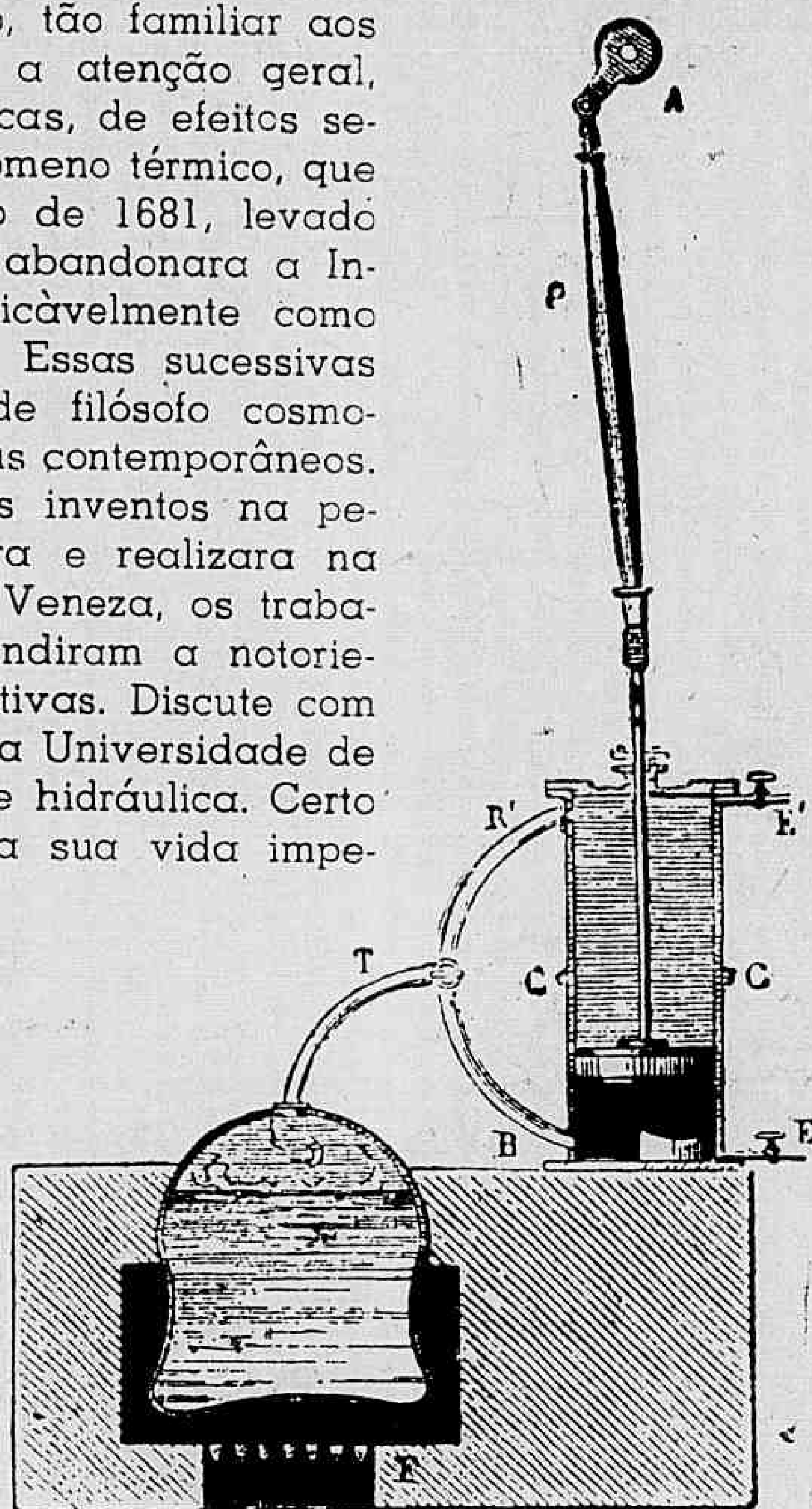
ADVERSIDADES DE UM INVENTOR ERRANTE

Os precursores caracterizam-se por uma infatigável personalidade, cuja psicologia jamais se deixa domesticar pelo desdém dos seus contemporâneos. Admirando a variedade dos cenários e dos costumes em outras terras, o futuro descobridor do princípio fundamental da máquina a vapor não esquece a ciência. Aportando em Londres, no ano de 1687, logo procurou o físico inglês Robert Boyle, cuja especialidade abrangia o estudo dos gases, a questão do vácuo e da pressão atmosférica. Boyle fundara a Real Sociedade e concentrara nesse instituto, as pesquisas científicas da Inglaterra, no domínio da química, da física e da da mecânica. Conhecendo a fama dos seus trabalhos, os aperfeiçoamentos introduzidos na máquina pneumática de Otto von Guerick, os aplausos conquistados na Academia de Ciências de Paris, atraído sobretudo pela sua intuição de preparador, a superioridade na arte de inovar, o físico inglês acolheu-o festivamente. Deu-lhe o cargo de auxiliar de laboratório, no qual Denis Papin se revelou experiente, imaginativo em conjecturas, fértil em idéias. Durante três anos, o londrino e o parisiense colaboraram juntos em ensaios de espécies diferentes. A Real Sociedade passava por ser a primeira academia científica da Europa e recebia memoriais redigidos por sábios de tôdas as partes do mundo. Hábil de mãos e de espírito, Denis Papin sabia realizar e idealizar, tanto concebia planos, como fabricava instrumentos e máquinas, que êsses planos exigiam. As suas qualidades científicas e inventivas provocavam a geral admiração e a prova disso vemos no gesto de Robert Boyle, que o designou para membro da Real Sociedade. Durante êsse áureo período da sua vida, ocorreu a idéia da utilização do vapor como fôrça motriz, sugerida em face de uma experiência, no laboratório de Robert Boyle. Inventara, em 1681, o digestor, aparelho para a maceração rápida de substâncias e para extrair gelatina dos ossos, num tempo em que se empregava o ácido muriático para dissolver a parte calcárea. Agora nos parece trivial, mas mereceu naqueles dias a honra de ser comentado pelo filósofo e matemático Gottfried Wilhelm Leibnitz. O digestor inventado por Denis Papin, deu origem à indústria

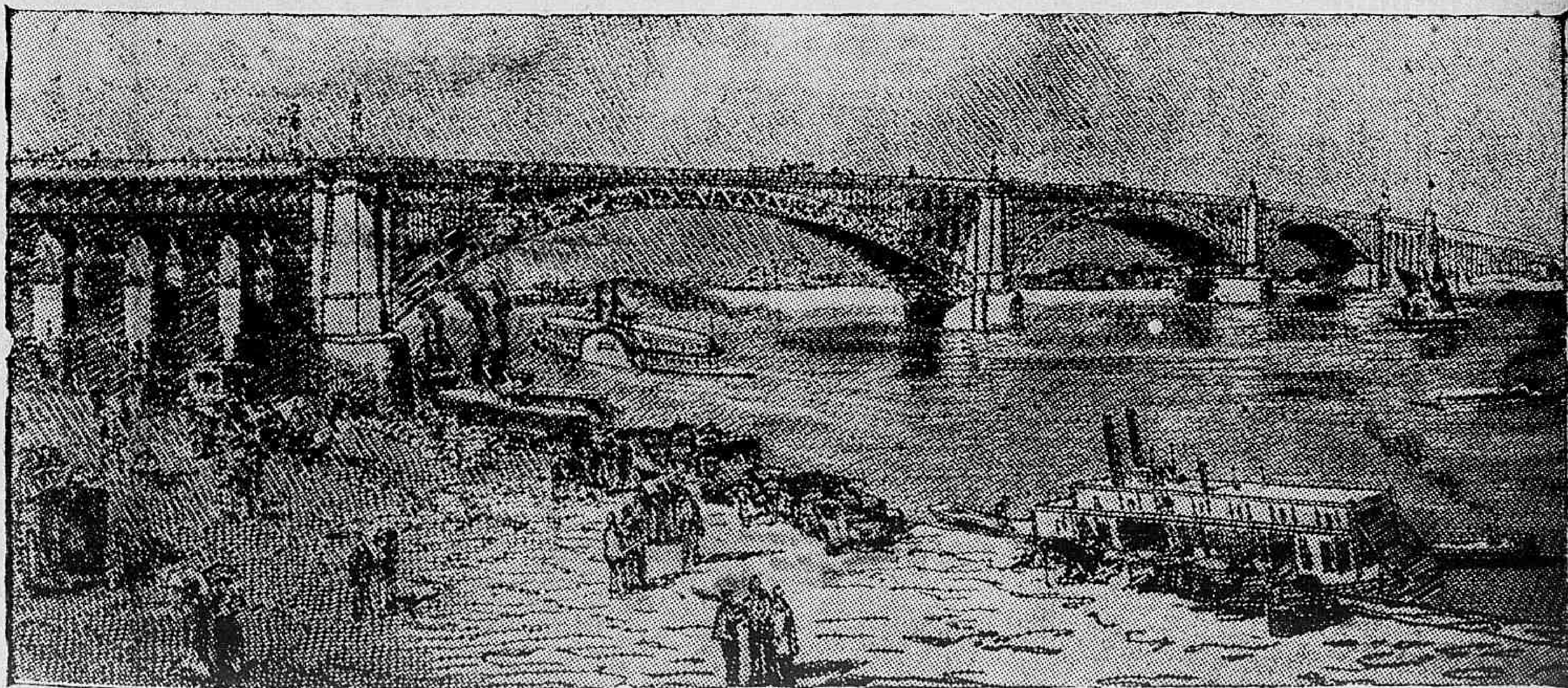


Atravessando os campos de colheita, fazendas, povoações, a máquina acionada pelo vapor de água, encarna o trabalho de centenas de gerações de inventores. Um século antes de Cristo, Heron de Alexandria tentou inventar o motor de energia térmica.

moderna de panelas de pressão, tão familiar aos nossos lares. O aparelho feriu a atenção geral, menos pelas suas virtudes práticas, de efeitos secundários e muito mais pelo fenômeno térmico, que punha em jôgo. No mesmo ano de 1681, levado pelo seu exótico temperamento, abandonara a Inglaterra pela Itália, tão inexplicàvelmente como havia deixado Paris e Londres. Essas sucessivas viagens, motivaram o epíteto de filósofo cosmopolita, que lhe concederam os seus contemporâneos. Viveu, pensou e planejou novos inventos na península italiana, como idealizara e realizara na Inglaterra. Em Sarotti, perto de Veneza, os trabalhos de física e mecânica, difundiram a notoriedade das suas faculdades inventivas. Discute com Domenico Guglielmini, profesor da Universidade de Pádua e de Bolonha, questões de hidráulica. Certo dia, as condições financeiras da sua vida impelem-no novamente para outra terra. Denis Papin regressa a Londres, uma vez que o Édito de Nantes lhe vedava o exercício da medicina na França. Pouco tempo se demora e outra vez saiu de Londres, a chamado do príncipe Karl de Hesse, agora com destino à Alemanha, indo ensinar matemática na Universidade de Marburgo, onde, como sempre ocorrera em outros lugares, os maquinismos excitam sua imaginação. Da Alemanha volta para a Inglaterra, reunindo-se outra vez a Robert Boyle. Denis Papin escreve em 1690, o "Novo método para obter a baixo preço, fôrças motrizes consideráveis". Entre outras coisas, discorria o precursor do aproveitamento industrial da energia térmica, numa época dominada pelo trabalho manual: "Como por uma propriedade, que é natural à água, uma pequena quantidade dêsse líquido, reduzida a vapor pela ação do calor, adquire uma fôrça elástica, semelhante àquela do ar e volta em seguida ao estado líquido pelo resfriamento, conservando a mesma aparência da sua fôrça elástica, creio que será fácil construir máquinas, onde, por meio do calor moderado e sem dispêndios consideráveis, produzirá o vácuo perfeito, que não se poderá obter com o emprêgo da pólvora". Trabalhava na sua mente a idéia de industrializar o vapor de água, idéia que vinha perambulando de cérebro em cérebro, desde os tempos de Heron de Alexandria, há mais de dois séculos antes de Cristo. Data de 1690, outra memória sôbre o "Emprêgo do Vapor como Motor Universal", publicada em Leipzig, onde descreve a maneira de transformar o movimento retilíneo do pistão em movimento de rotação. Considera-se essa memória de Denis Papin, como a primeira concepção prática da máquina, que utilizaria mecânicamente o vapor para fins industriais. Por essa simples, mas fecunda e imortal concepção, entrou Denis Papin, o sábio matemático, como o chamava Gottfried Wilhelm Leibnitz, na história da inteligência criadora, como precursor da civilização industrial. Em 1707, publicou em Cassel, outro estudo sôbre a "Maneira de elevar água pela fôrça de fogo". Morreu humildemente, em Londres, aí pelo ano de 1712, quando a sua utopia se transfigurava em realidade, justamente quando as suas idéias iriam tomar corpo, quando o ferro inanimado iria começar a se agitar, para a conquista da fôrça e da velocidade.



Princípio fundamental da máquina a vapor: saindo da caldeira, o vapor move o pistão dentro do cilindro, sendo o movimento retilíneo transformado em movimento de rotação. Para descobrir êsse processo, aparentemente trivial e elementar, os maiores cérebros da humanidade fatigaram-se durante vinte e um séculos, até que Denis Papin o descobriu em fins do século XVII.



A Ponte de São Luís, sôbre o rio Mississipi, nos Es tados Unidos, quando os primeiros barcos a vapor começavam a navegar, nos começos do século XIX, transformando a paisagem.

O SONHO QUE DESCOBRIU A CIVILIZAÇÃO INDUSTRIAL

Iriam transcorrer ainda vinte e quatro anos até ao nascimento de James Watt que os leigos consideram como o inventor da máquina a vapor. Morto Denis Papin na Inglaterra, já se começava a discutir qual a sua glória, a espécie de originalidade na conquista da energia térmica. Insinuaram durante a sua vida, que a sugestão lhe veio de uma tentativa de Jean de Hautefemille. Sabe-se positivamente, que a sua idéia consistia não sòmente em obter o vácuo com o vapor de água, como fabricar uma máquina capaz de utilidade. Não obstante, inglêses e franceses disputam a prioridade dessa invenção, cujo esbôço original se perde na antiguidade. John Robison e Thomas Young asseveram, dando a prioridade à Inglaterra, que Edward Somerset, sexto conde e segundo marquês de Worcester, inventou a primeira máquina a vapor. Emile Witk considera com mais justiça, que o projeto de aplicar o vapor de água vem de muito longe, que a idéia atravessou séculos, ora considerada como fantasia e impraticável, ora como utilizável e feliz. Ninguém a criou de um golpe, definitivamente, feita e acabada, como a imprensa e a fotográfia, o telégrafo e o telefone. François Arago também argumenta, que se pode ir buscar a idéia da utilização do fenômeno do vapor como fôrça motriz, na alta antiguidade, mais de um século antes de Cristo, referindo-se assim ao geômetra grego Heron de Alexandria. R. H. Thurston divide a história da invenção em duas fases: o período de especulação e o período de aplicação. O primeiro vai de duzentos anos antes de Cristo, até 1650, entre Heron e Worcester. O segundo abrange o mesmo Worcester, Denis Papin e Thomas Savery, todos os três precursores e batalhando pela concretização de um ideal remoto, cuja solução vinha desafiando engenheiros, físicos e geômetras. Denis Papin passa a ser considerado como o inventor da primeira máquina a vapor, utilizando o pistão no interior de um cilindro. Embora o aparelho visasse fins hidráulicos, entreviu a possibilidade de transformá-lo num motor geral. Outra questão da primazia aparece, quando se trata do emprêgo da máquina a vapor à navegação. Os norte-americanos querem que seja Robert Fulton, a figura digna de ser assinalada pela glória. Os inglêses preferem Jonathan Hull e Patrick Miller. Em nome da França, apõe-se François Arago especificando, que quarenta e dois anos antes, desde 1695, Denis Papin havia proposto fazer navegar os barcos com maquinismos a vapor. O químico Charles Kuhlmann descobriu em 1852, na Biblioteca de Hanovre, documentos históricos irrefutáveis, provando que Denis Papin construiu sôbre o Fulda, rio da Prússia, um barco a vapor, no distante ano de 1707. Sôbre essa embarcação, o precursor francês se dirigia à Inglaterra e pretendia fazer a rota através do Weser, até ao Mar do Norte. Perto de Munden, os barqueiros do Weser quebraram o seu primeiro barco a vapor. O filósofo Gottfried Wilhelm Leibnitz, que discutia matemática com o inventor cosmopolita e correspondia-se com êle sôbre diversos assuntos, proclamou o seu mérito invulgar. A glória não esquece os seus heróis e a civilização industrial reconhece em Denis Papin, o privilégio de haver solucionado o aproveitamento da energia térmica, insolúvel durante dois mil e cem anos para os maiores cérebros do gênero humano. Durante mais de vinte séculos, inventores e físicos, matemáticos e astrônomos, procuraram o meio prático de subjugar o vapor de água e domesticá-lo num maquinismo, suscetível de ser convertido em motor universal, para substituir a fôrça muscular da criatura humana. A idéia do pistão, encerrado num cilindro e movendo-se sob o jato de vapor, resolveu o problema. Aparentemente simples e trivial, essa idéia exigiu mais de dois mil anos para ser concebida e materializada no invento, que revolucionou todos os costumes e subverteu tôda a rotina da sociedade. Sem a idéia básica do pistão se movendo no cilindro, James Watt nunca haveria realizado a máquina a vapor de duplo efeito, extraviando-se nas mil e uma hipóteses da especulação, que tragava todos os inventores e mecânicos, desde Heron de Alexandria. A idéia impõe-se como o maior poder do mundo, como a imensurável energia criadora, de onde nascem tôdas as descobertas e tôdas as invenções.

★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

Verão após verão, o nosso lindo e pequenino lago do Estado de Winsconsin se apresentava mais e mais entulhado de plantas aquáticas, longas, fibrosas e resistentes, cobrindo tôda a sua superfície. De tal modo que não tardou a colocar literalmente fora de uso o nosso «cottage», construído sôbre uma das margens, impedindo os exercícios de natação, a pescaria e também a navegação. Auxiliados pelos vizinhos, tentamos dragar o lago com longas correntes, que arrastávamos sôbre o fundo, para arrancar as teimosas plantas. Experimentamos usar embarcações especiais, de fundo chato. Nada disso adiantou. As plantas logo tornavam a crescer. Com raizes profundas, não podiam sequer ser combatidas eficientemente com drogas químicas ou outro qualquer meio e, naturalmente, não podíamos pensar em queimá-las, como se faz com o mato, nos campos. Depois de assim havermos desperdiçado duas férias, tivemos uma brilhante idéia para acabar com o mal. Tudo o de que necessitamos se resumia em dois materiais de facílima aquisição... e paciência. Pode o leitor imaginar o que fizemos.



(Resposta à página 37).

AS SETE PORTAS DO DIVÓRCIO

A RESPONSABILIDADE DOS HOMENS

EM artigo anterior e psicológico, as mulheres eram alertadas como principais responsáveis pelo êxito ou fracasso do casamento, sendo chamada a sua atenção para os pontos fracos dessa construção precária que deve ser consolidada incessantemente e que se chama "felicidade conjugal" ou "lar tranqüilo". As sete portas do divórcio são, às vêzes, invisíveis, porém pelas mesmas fogem o amor, a confiança, a esperança. Se são notadas muito tarde é impossível trancá-las...

Muitas leitoras não se mostraram de acôrdo. Reclamaram a co-responsabilidade dos homens — no que têm muita razão. A mulher pode ser vigilante; se o homem não o é, o esfôrço é vão. A felicidade conjugal não pode repousar ùnicamente sôbre os ombros da mulher. Entretanto, repetimos o que já dissemos no precedente artigo: — a mulher tem que representar o primeiro papel. Não se trata de um ponto de vista moral; é uma conclusão após profunda observação. Em nossa civilização, tal como é, no centro da célula familiar está a mulher. Ela é o núcleo, enquanto o homem não passa de um satélite.

Um velho provérbio diz que, se uma casa desmorona, em nove casos entre dez foi a mulher quem a derrubou.



A FELICIDADE E' UM DUO

Se é verdade que as mulheres, hoje, também trabalham nas fábricas, nas lojas e nos escritórios, se é verdade que o segundo sexo emancipado entrou em concorrência com o primeiro, em tôda parte, não é menos verdade que, no Brasil pelo menos, é a mulher quem conserva o título de **dona de casa.** Êsse título lhe confere responsabilidades particulares. Mas também direitos. Os direitos da mulher são os deveres do homem.

Nossas leitoras errariam se pensassem que foi nosso desejo esquivar as responsabilidades do marido. Tinham razão ao reclamar um artigo de "desforra", pondo em relêvo as responsabilidades masculinas. Sem dúvida, o homem desempenha papel importante na construção, dia a dia, da felicidade conjugal, tendo parte também saliente em sua ruína. Porém que lhe cabe o segundo papel, estamos absolutamente convencidos. Mas não é menos essencial, pois que, se desempenha **mal** a sua missão, se trai a espôsa, esta sòzinha não terá fôrças para assegurar o êxito do casal. A felicidade não é um monólogo. E' um **duo.** Se se tratasse de um simples romance ao piano, diríamos que nosso primeiro artigo se referia à **mão direita.** E aqui temos, hoje, a **mão esquerda!**

Num inquérito, realizado na América do Norte, em campo muito vasto, por especialistas de **sondagens,** chegou a êste resultado: de 100 espôsas interrogadas:

15 se julgam muito felizes;

20 dizem que são felizes;

35 disseram que **sim: vamos indo;**

10 depois de hesitar, consideraram que **a coisa não ia mal;**

10 confessaram que **a coisa não ia bem;**

10 finalmente afirmaram, francamente, que eram infelizes!

Totalizamos, assim, as 10 **infelizes** e as 10 para as quais **a coisa não vai bem** para concluir que 1 espôsa, em cada 5, é uma "mal casada".

Não estamos longe das proporções do divórcio. Como se sabe, o divórcio desmancha 1 de cada 6 casamentos e o chamamos de "o câncer da felicidade". Nossa proporção de espôsas infelizes é ligeiramente mais pessimista, mas significa sim-

plesmente que existe na desinteligência uma margem de resignação.

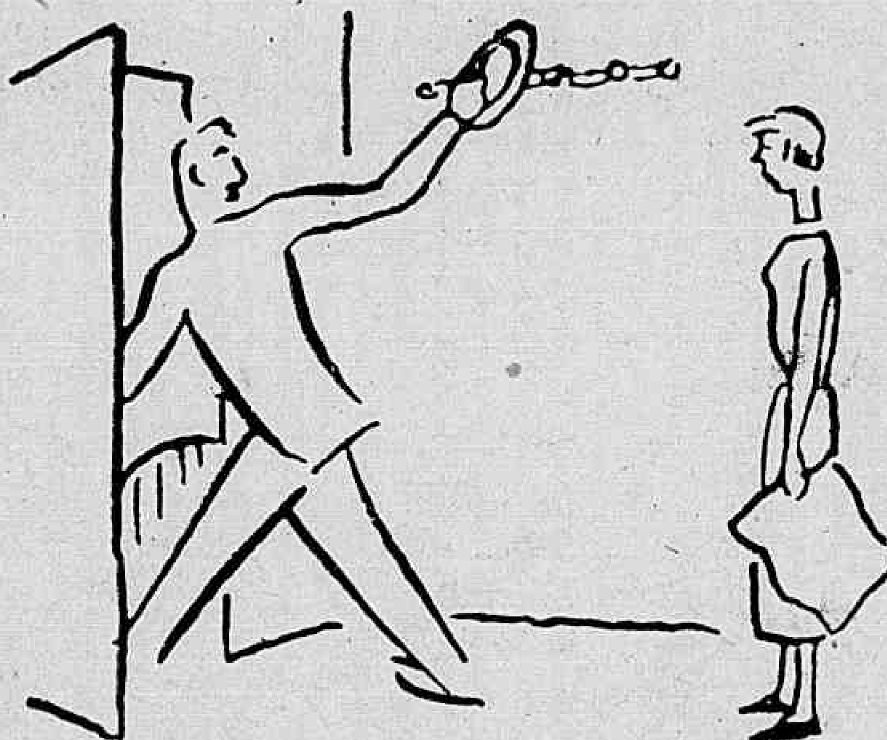
Quais são as causas mais importantes dêsse fracasso? Em que, a maneira de ser do marido, faz a mulher infeliz?

Foram estas as duas perguntas feitas às vinte espôsas que tinham confessado o fracasso do seu matrimônio.

Imaginamos que, por suas respostas, essas candidatas ao divórcio definiriam exatamente as responsabilidades do homem. Surgem de suas respostas 7 queixas essenciais contra os maridos.

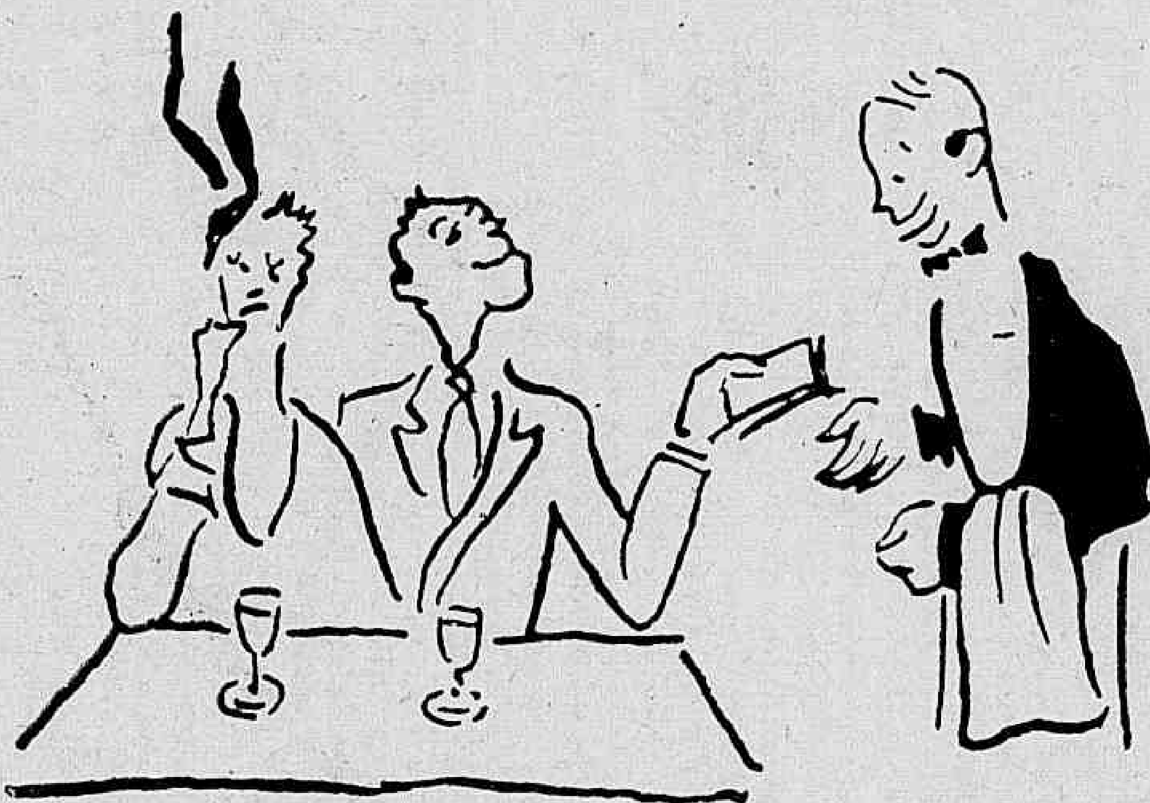
Talvez 8 ou 9... Mas, para servir de **pendant** às 7 portas do divórcio, reagrupamos um tanto arbitràriamente certas respostas e suprimimos a queixa (revelada uma única vez) da "diferença de religião". A ordem que demos às censuras das espôsas infelizes é uma ordem proporcional. Isto é: a primeira é a que foi mais vêzes pronunciada pelas vinte espôsas interrogadas.

1 — ÊLE NÃO É COMPANHEIRO



Não esperávamos, de fato, encontrar à frente da lista essa censura da "falta de **camaradagem** do marido". De fato, quando interrogamos rapazes e moças sôbre as razões que os impelem ao casamento, todos afirmam, antes de tudo, o seu desejo de boa camaradagem, de amizade sincera, sem segredos. As moças jamais... Jamais uma noiva disse **"Caso-me para ter um bom companheiro".** Ora, de 20 mulheres infelizes, 17 reclamam, primeiro contra a falta de camaradagem do marido, alegando que não se mostra **amigo** e **companheiro.** Se, pois, a amizade nada tem a ver com o romance, desempenha papel importantíssimo no casamento. Os espôsos felizes são também excelentes companheiros. Quando a espôsa declara: **"Êle não é companheiro",** quer dizer, segundo explica, a seguir — **"Êle me deixa fora de uma parte importante da sua vida: o seu trabalho, as suas preocupações profissionais, as suas opiniões políticas, as suas distrações, etc... Êle me considera um ser de segunda ordem, que não pode compreender um balanço de fim de mês, uma idéia publicitária, as bases do socialismo, as regras do futebol ou os segredos de uma coleção de selos".** A mulher sofre com isso. Sofre ao se ver posta fora do que é, apesar de tudo, a "vida séria". Gostaria de poder encontrar um terreno de compreensão e entendimento mais vasto que o da cozinha e do quarto nupcial. Repelida quando faz uma pergunta considerada indiscreta, recolhe-se, estiola-se... Passará a sofrer de um terrível complexo de inferioridade cujo único responsável, no caso, é o marido, que não soube ou não quis compreendê-la.

2 — ÊLE GASTA FORA DE CASA



Isto não passa, talvez, de um eufemismo para assinalar essa praga de muitos lares: **a falta de dinheiro.** No entanto, trata-se menos de uma incapacidade de ganhar — segundo a queixa das espôsas — que de uma incapacidade de gastar. Nenhuma discute o salário do marido. Claro! Melhor seria se êle ganhasse mais, pois a vida é, dia a dia, mais cara; mas não é isso que causa a discórdia. Esta surge de uma falta de confiança do marido quanto à capacidade da espôsa para a administração do lar.

— **"Êle ganha tanto, sim; porém não me dá o suficiente para uma semana com as despesas de casa... E' sempre êle quem decide. Nunca eu! E, se os finais de mês são difíceis, êle se volta contra mim. Eu deveria ter economizado... sôbre a minha parte. Não é justo!!"**

Em suma, a espôsa reivindica a pasta das Finanças (ou melhor: **a carteira do marido,** simplesmente!) Não quer mais ser uma simples **executante,** mas a **responsável!** Sua queixa é tanto mais justificada quanto — diz ela — **"êle" é tão mais "pão duro" para as contas do lar, quanto "generoso" com os garçons de cafés! Estabelece o "máximo" para o gás, a eletricidade, a alimentação, as despesas vestimentárias, o cabeleireiro, mas não tem nenhum limite para o fumo, os jornais, os passeios dominicais. Resmunga por um "bouquet", mas sempre é levado fàcilmente por um "camelot" qualquer e compra "sacarrolhas" sensacionais e... imprestáveis! Os maridos são péssimos encarregados do orçamento e devem deixar o papel de tesoureiro, de responsável pela economia doméstica, à mulher."**

3 — EM SEU PRAZER ÊLE É EGOÍSTA

Êste é o capítulo delicado da incompatibilidade física. Os Norte-americanos dizem mais cruamente: "incompatibilidade sexual". As espôsas reconhecem, através de sua censura, que não há apenas a citada culpa do marido. Admitem que também são culpadas e, muitas vêzes, as principais culpadas.

Mas — dizem elas — o verdadeiro amor não existe sem paciência, sem amparo, sem perdão. E' uma lenta aprendizagem. O homem, em vez de fazer um esfôrço para compreender, para despertar a mulher para a vida comum, castiga-a com desprêzos involuntários e se encerra em seu egoísmo. O **duo** não será jamais possível, se não houver cooperação e então não haverá amor. Os Norte-americanos se perdem em minúcias sôbre êsse ponto. **Estão sob a influência de Freud!** A censura, em forma mais larga, é a falta de carinho. O carinho, se é sincero aprofunda a afeição, vence todos os problema, mesmo os mais íntimos. Porém o homem se compraz muito fàcilmente em seu papel de ser amado. Considera que o pacto está selado, vez por tôdas por uma minúscula aliança de ouro e que só lhe resta deixar-se amar. Esquece que o amor deve ser merecido todos os dias e que a felicidade é uma longa paciência. Êsse esquecimento, êsse egoísmo, aparece no terceiro lugar, entre as queixas. E' uma das maiores queixas, portanto, formuladas pelas mulheres.



4 — HÁ PARENTES INTROMETIDOS

E' o eterno problema da sobra, ao qual temos que conceder especial atenção. Não deve ela ser um obstáculo à felicidade do jovem casal. A solução do problema depende dos três personagens interessados: da sogra, que deve permanecer discreta; da nora, que deve pensar em que um dia também será sogra e, também — o que os homens esquecem muito — do marido. Naturalmente, êle fica em situação difícil, dividido entre o amor filial e o amor conjugal. Mas no dia em que decide fundar um lar tem que assumir uma responsabilidade que o prende inteiramente. Teimando em permanecer como um filho querido e mimado, cria um problema insolúvel, justifica as intervenções da sogra na sua vida matrimonial e se faz instrumento da própria desgraça. E, coisa moralmente mais grave: é, então, o responsável pela infelicidade de uma mulher a quem prometeu a fidelidade! Não é possível ser, a um só tempo, bom marido e filho obediente. No dia do seu casamento, o homem decidiu que não era mais uma criança. Tem que provar isso!



5 — ÊLE SE QUEIXA DA VIDA NO LAR

De outro modo, o marido é muito comumente o **inspetor** dos trabalhos femininos. Pretende, no **duo**, que é seu casamento, ser o espectador, ficando a espôsa como a atriz. Deseja conservar sua liberdade de crítica e ralhar tôda vez que tiver vontade. Mostra-se difícil de contentar. Caretas, ares de desagrado... Como se o casamento não fôsse, antes de tudo, uma sociedade.

Assim julga a marcha do "negócio" ignorando voluntàriamente as dificuldades. Age como o espectador num cinema ou o cliente de um restaurante. Não gosta dêsse vestido! (E ela tanto se esforçou para remodelar um velho trapo, com a mania da economia!) Queixa-se do almôço (Ela comprou um **Livro de Cozinha**, a fim de fazer pratos novos e sedutores...) Assim fazendo, o marido não desempenha o seu verdadeiro papel. Não lhe cabe **começar** por julgar. Deve julgar, sim, mas **depois**... Nada é belo nem bom no **absoluto.** O importante e o que êle deve apreciar é tão somente isto: **ela fêz com a melhor das intenções: para agradar!**



6 — ÊLE FICA COM O MELHOR PAPEL JUNTO DOS FILHOS

A felicidade conjugal, que tantas vêzes é difícil de ser estabelecida entre os dois **partners** do casamento, deveria ser favorecida pela presença dos filhos. E, quase sempre, de fato, os filhos são elementos de bom entendimento! Muitas discussões são abafadas para que não lhes chegue o eco. Porém os filhos também podem fornecer ocasião para rusgas sérias.

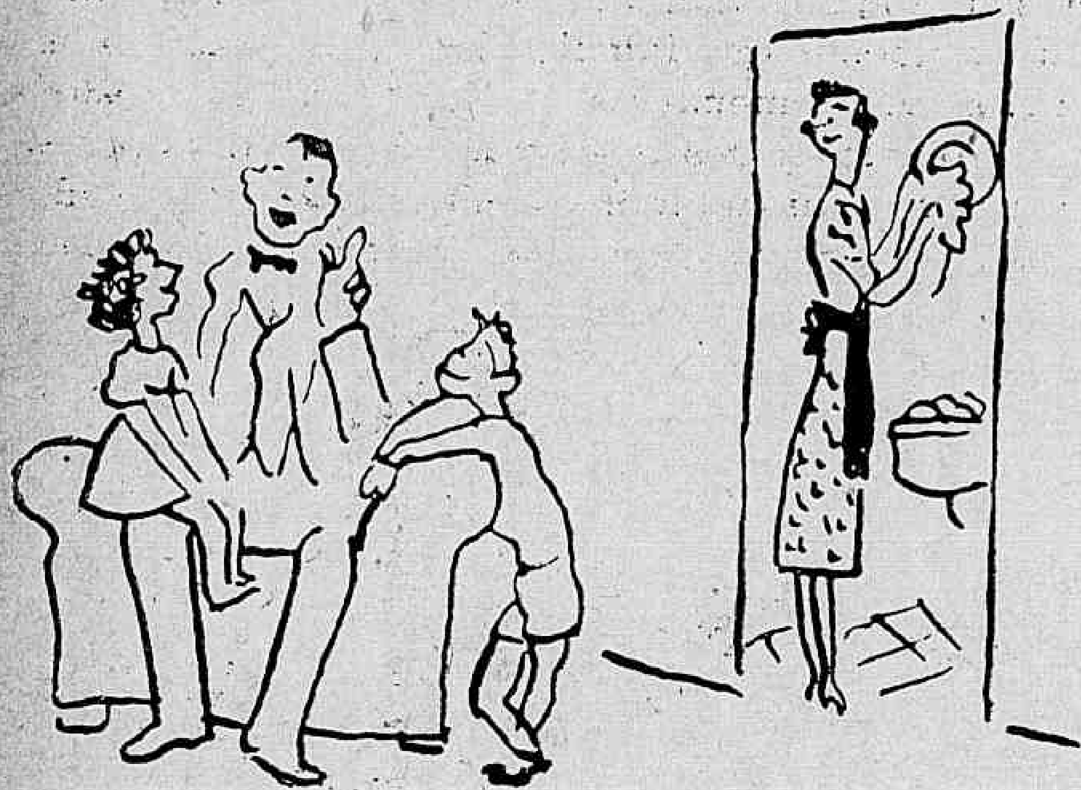
Várias espôsas infelizes acusam o marido de "puchar braza para a sua sardinha", reservando-se o **bom papel.**

Eis uma queixa muito justificada. A educação é uma espécie de justiça constante, que entra em provação dia a dia, hora a hora, com todo um sistema de punições e recompensas. Ora, não é direito que um homem se reserve o privilégio das recompensas, como geralmente ocorre, deixando à espôsa o cuidado de "punir", quando a criança faz diabruras, é teimosa e, enfim, fica insuportável.

Entre outros, há o exemplo dos **presentes.** Eis um grande problema! O homem, em vez de ser

egoísta devia abrir mão de algumas das vantagens que chamou para si mesmo. Em vez de ter grande alegria pelo fato de trazer um presente, um brinquedo, um cartucho de balas, uma "surprêsa", deveria pensar algumas vêzes em entregar o presente, às escondidas, à sua espôsa, para que ela, no seu papel de mãe, fizesse pessoalmente a entrega.

Por que? Porque, assim agindo, faria um duplo presente: à mãe (que muitas vêzes não pode reti-



rar do dinheiro das compras diárias a quantia necessária para êsse gênero de despesas) e ao filho.

E, se pensarmos bem, a mulher tem muito mais direito a êsse papel de presenteadora, porque é ela quem assume o encargo de educar e de punir. E' ela quem suporta tôdas as canseiras com os filhos, no lar, e, com elas, tôdas as preocupações e cuidados.

A arte de ser pai não consiste simplesmente em contar a história de "Branca de Neve" aos filhos maravilhados. Cabe-lhe, também, ajudar a mãe e dar a esta, sempre que fôr possível, o **bom papel**, o mais simpático e sedutor.

7 — ÊLE É A DESORDEM EM PESSOA

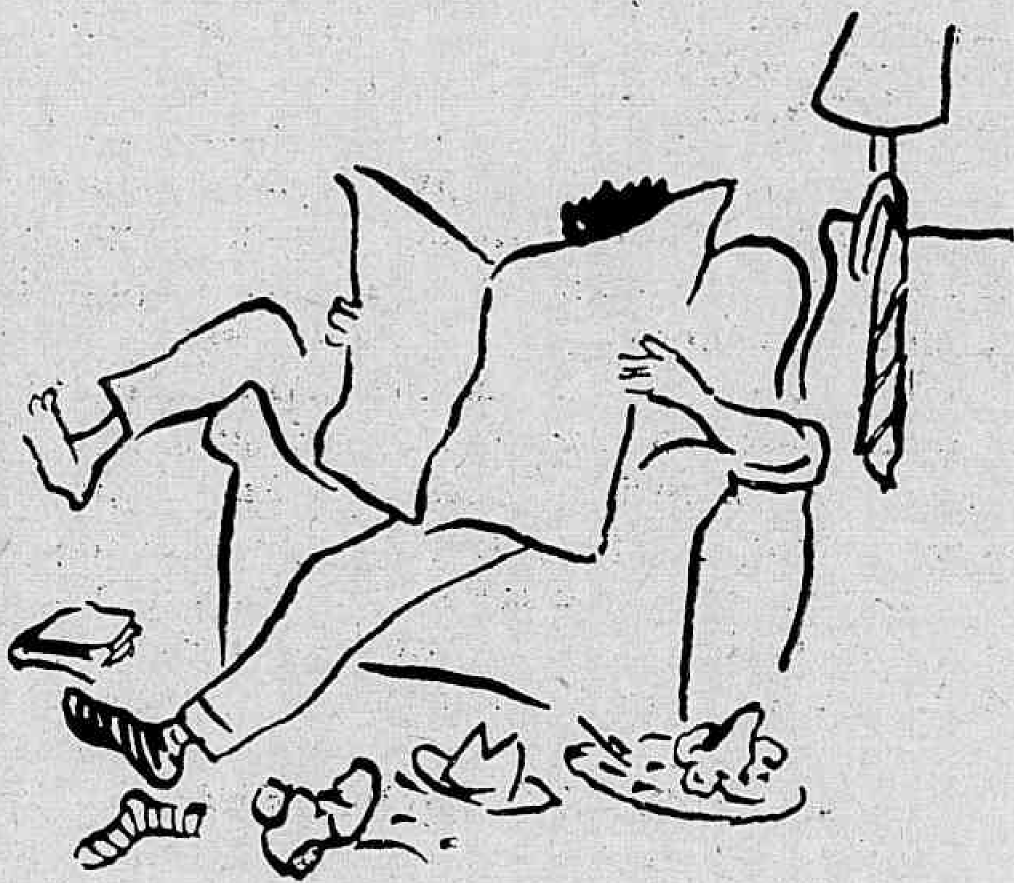
Êsse homem difícil e resmungador, que inspeciona as contas do lar, que observa com ar severo o novo vestido ou o novo chapéu da espôsa, que prova com língua desdenhosa o novo quitute em cujo preparo ela tanto se esmerou, que vive praguejando contra a falta de confôrto do próprio lar, êsse homem escravo da ordem é, êle próprio, um extraordinário agente de desarrumação!

Numa só queixa, a espôsa infeliz resume tôdas as pequeninas queixas da vida quotidiana: as cinzas de cigarro, que encontra por tôda parte, até na floreira e na caixa das jóias; os chinelos sôbre a cama; o pijama pendurado no candelabro; os jornais sob os travesseiros; as meias sôbre os tapêtes da sala...

E como a mulher se dedicaria a êsse interior comum e que o marido tanto parece desprezar que nêle vive e age como uma fera no juncal ou um recruta no acampamento?

Ordem e desordem são coisas contagiosas. Se o homem é ordenado, a ordem progredirá de próximo em próximo, como progrediu a desordem. Se êle demonstrar ordem e educação, de início, terá a mesma coisa, em seus mínimos detalhes, e jamais sairá de casa sem um par de calças bem vincadas.

Há alguma coisa de comum em tôdas essas queixas, agrupadas sob as sete rubricas... Há, em comum, o egoísmo dos homens, que se manifesta em sua vida espiritual, em sua vida afetiva e também



em seu simples comportamento de bípedes privilegiados, orgulhosos, gulosos e resmungões. Porém êsse egoísmo não passa, geralmente, de mau hábito (ou má educação), ou de uma tara de menino mimado. O mais extraordinário é como é preciso pouca coisa para fazer inclinar a balança para um lado ou para outro... Entre o casamento malogrado e o casamento exitoso, há apenas poucas gramas de diferença: **algumas gramas de boa vontade masculina!**

As espôsas inquietas devem mostrar aos homens o pouco que têm a fazer para ser perfeitos. Como são, acima de tudo, preguiçosos, pedindo-lhes pouco talvez atendam...

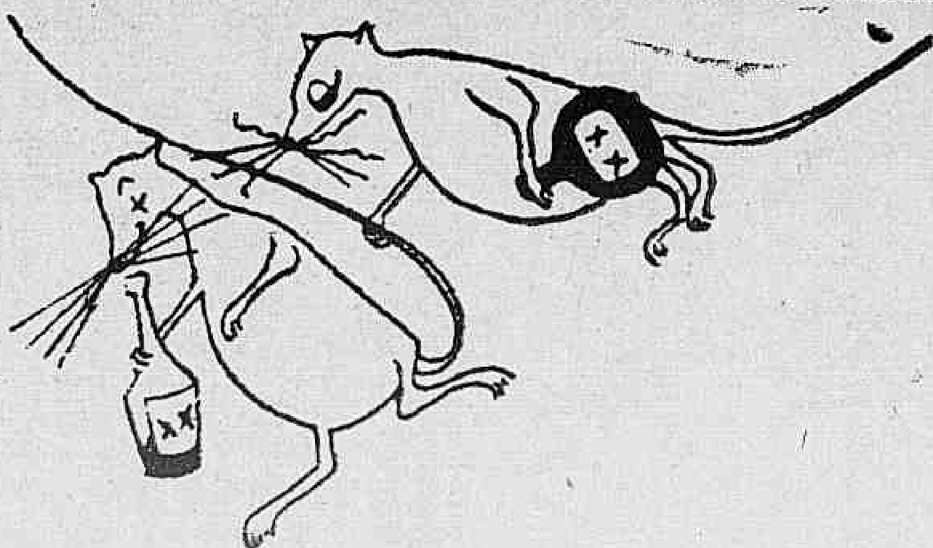
E a proporção dos lares infelizes, que é, entre nós, de 1/6 será, talvez, um dia, como no Canadá, por exemplo, de 1/120.

★

PROSSEGUE O COMBATE AO ALCOOLISMO!

Os cientistas continuam, incansàvelmente, lutando contra o flagelo do alcoolismo e procurando um processo seguro de curar os bêbedos crônicos. O mais recente ataque foi realizado com vitaminas!

De fato, para 88 alcoólatras, os cientistas da Universidade de Harvard receitaram um tratamento que consistia em obrigar os bêbedos considerados incuráveis a ingerir colossais quantidades de vitaminas.



— Quais?

Tôdas elas, indistintamente. E os resultados foram os mais surpreendentes e rápidos.

A paixão pelo álcool, que perseguia e subjugava todos aquêles infelizes, desapareceu ao fim de poucos dias — e completamente!

Similares experiências, realizadas, anteriormente, com ratos, na Universidade do Texas, deram resultados igualmente **satisfatórios.**

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO

Por FRELING FOSTER

RECENTEMENTE, uma estação de ondas-curtas, usando o prefixo DEBUNK, entrou a fazer irradiações diárias, com um programa exclusivamente anti-britânico e anti-semítico. Acreditaram os técnicos Aliados que a mesma estivesse localizada no centro dos Estados Unidos, porém após longo trabalho foi a mesma localizada... na Alemanha!

★

EVIDENTEMENTE, o carvalho, quando apenas além de brôto, é a planta de maior reação fototrópica que se conhece. Encurva-se para a luz de um fósforo cêrca de três pés (noventa centímetros, aproximadamente), em apenas 8 segundos.

★

UM INQUÉRITO realizado entre os amantes da poesia, entre 39 Estados norte-americanos, revelou que os cinco mais amados poemas, em ordem de popularidade, são: "Um Psalmo de Vida", de Longfellow; "A Casa à beira da estrada", de Foss; "Thanatopsis", de Bryant; "Crossing the Bar", de Tennyson e "Árvores", de Kilmer.

★

O ÚNICO ACIDENTE ocorrido na história da estrada de ferro, em todo o mundo, causado por um "passageiro", que, dormindo, mudou de posição, foi o registrado há poucos anos nos Estados Unidos, durante a viagem noturna de um grande circo. Despertado por uma tremenda tempestade, que caiu sôbre o comboio, um colossal elefante marinho, rolou o enorme corpo, para melhor dormir... e provocou o descarrilamento do vagão.

★

OS ÚNICOS ANIMAIS que não trabalharam até hoje nos filmes em Hollywood são os elefantes Africanos, tão necessários, no entanto, para as cenas "passadas" no Continente Negro. Só existem, de fato, seis elefantes africanos, nos Estados Unidos e não podem ser alugados a qualquer estúdio. Pertencem a "zoos" que não os cedem pelo temor de que morram, pois só vivem, na América do Norte, sob especialíssimos cuidados. Por isso os produtores cinematográficos norte-americanos são obrigados a recorrer ao processo de camuflagem dos paquidermes asiáticos, adicionando-lhes enormes orelhas artificiais, para que pareçam africanos.

★

ATRAVÉS OS OLEODUTOS, os refinadores de petróleo podem, hoje, enviar milhares de galões de gasolina para uma cidade, óleo combustível para uma segunda e querosene para uma terceira, simplesmente bombeando todos êsses produtos na mesma linha, sucessivamente. Ligeira mistura dêsses produtos pode ocorrer, coisa que os operadores, em cada cidade, pode evitar, corrigindo o fluxo líquido abrindo e fechando as válvulas no momento exato.

★

A ÚNICA ORQUESTRA das Ilhas de Tonga, ao sul do Pacífico, compõe-se de vinte mulheres nativas que, sem ajuda de qualquer instrumento musical, produzem efeitos sinfônicos, batendo as mãos ou comprimindo-as, palma contra palma. Entre o seu imenso repertório de melodias já incluem algumas peças ocidentais. Recentemente fizeram exitosa excursão "artística" pela Austrália e Nova Zelândia.

UM DOS MAIS FAMOSOS enciclopédicos da língua inglêsa paga aos seus célebres autores o preço incrìvelmente baixo de dois **cents** a palavra. Como exemplo diremos que o próprio Bernard Shaw, por um laborioso artigo de 3.420 palavras, recebeu em pagamento 68 dólares e 40 cents.

★

UMA VERDADEIRA curiosidade geográfica é constituída por dois lagos gêmeos, no alto da principal montanha da Ilha das Flores, no Mar das Flores (Arquipélago dos Açores). Embora absolutamente similares em tamanho e forma, e separados apenas por uma estreita muralha rochosa, suas águas têm uma aparência geral de opacidade de coisa pintada, com uma coloração azul-turquesa, o primeiro e rubi o segundo.

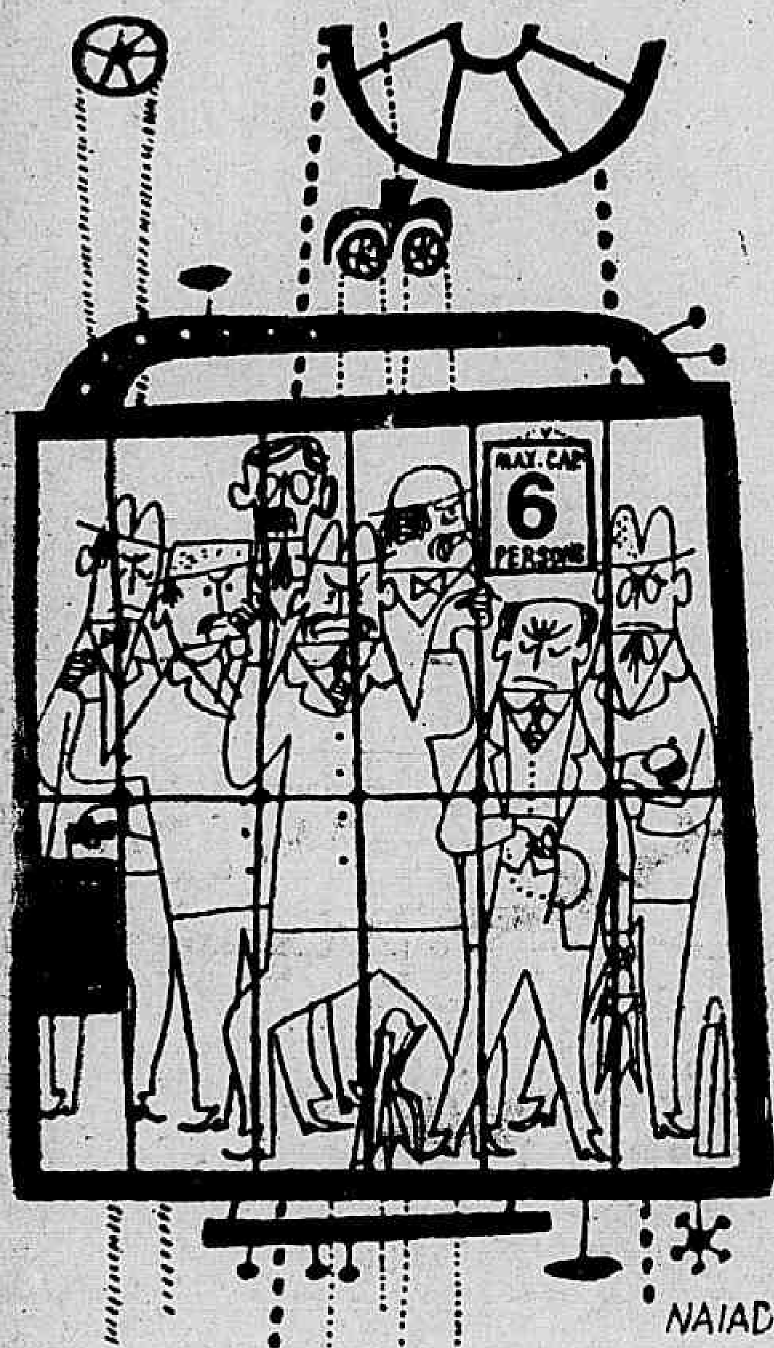
★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página n. 32)

No inverno, as águas do nosso lago gelam completamente. Sôbre uma vasta área, **formando uma baía,** colocamos fôlhas de papel grosso, alcatroado, cobrindo o gêlo, e sôbre o papel espalhamos, **regularmente,** veneno para planta e areia até formar outra capa de 15 centímetros. Nova queda de neve soldou tudo ao gêlo. Com o retôrno da primavera, êsse "banco de areia" naufragou, descendo para o fundo. No verão, *não vieram as plantas!* Estas tinham sido prejudicadas em seu desenvolvimento. E assim tivemos o primeiro verão cem por cento perfeito. Pisávamos um fundo de areia, como o de uma praia natural e limpa.

FICARAM MUITO ENCABULADOS...



MATEMÁTICOS — Em Estocolmo, Suécia, sete engenheiros, estando num elevador, a caminho de uma sala de conferências, onde falariam sôbre **a precisão matemática**, ficaram aprisionados, várias horas, no ascensor, no qual havia um aviso, em letras gordas, prevenindo que **o mesmo suportava o pêso máximo de 6 pessoas!**

★

MODÉSTIA — Em Filadélfia, não muitas horas depois de haver sido calorosamente elogiado pela polícia local por haver ajudado a prender um perigoso bandido, que havia assaltado um pagador de banco, um rapaz de 20 anos foi por sua vez prêso... **por ter roubado 90 centavos do balcão de um restaurante!**

★

QUE CAMINHO É ÊSSE? — O chefe escoteiro, Joseph Pierce, de Lawton, Oklahoma, perdeu-se completamente, com oito meninos, seus comandados, quando se encontrava em plena floresta, para onde se dirigira a fim de dar uma **aula prática** de **"como encontrar o caminho desejado"!**

NÃO FICOU CONVENCIDO — Pouco depois de uma escola por correspondência, de Roanoke, Virgínia, haver enviado a um de seus estudantes, um curso completo de "correção e boas maneiras", teve que levá-lo ao tribunal **por falta de pagamento do mesmo curso.**

★

PARCIAL — Em Honolulu, um indivíduo acusado de cumplicidade no roubo de um depósito de bebidas finas, teve que procurar novo advogado, quando soube que o primeiro, que contratara... **era o próprio dono da mercadoria roubada!**

★

PROVA POSITIVA — Em Salt Lake City, um indivíduo, prêso pela polícia como suspeito de haver participado do assalto e roubo de uma loja de ferragens, passou bruscamente de enérgicos protestos de inocência para os mais humildes pedidos de perdão, quando, pelo interior de suas calças, deslizou e foi caír sôbre o próprio sapato... **um dos objetos roubados!**

★

SIMPLES OPINIÃO — Enquanto a polícia londrina realizava, no seu "cassino" uma demonstração pública de "o crime não compensa", um ladrão forçou uma janela, arrombou várias gavetas e **roubou todo o dinheiro** da Caixa Beneficente dos policiais, equivalente a 64 mil cruzeiros.

★

PROVA DE EFICIÊNCIA — Não muito depois de um cidadão de Munique, Alemanha, haver escrito uma carta a um dos jornais locais, atacando violentamente a falta de eficiência da polícia, foi prêso como comprador de objetos roubados.

★

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS



Pouco antes das recentes Eleições Gerais britânicas, um candidato realizava o último esfôrço da sua longa e árdua campanha com entusiasmado discurso. Falara bem, procurando descrever de maneira impressionante o que desejava o seu partido realizar, caso o povo renovasse nêle a sua confiança, concedendo-lhe a maioria necessária. E, usando os seus mais raros recursos de lógica e de oratória para despertar o entusiasmo dos ouvintes pela sua causa, conseguira, de fato, prender a atenção geral.

Depois decidiu terminar com uma «nota patriótica», exclamando:

— «Senhoras e senhores! Sou Inglês! Quero viver e trabalhar entre os Inglêses como um Inglês! E... quero morrer como um inglês!

Então fêz uma pausa para deixar a frase gravar bem na mente dos ouvintes. Porém nesse instante, uma voz, lá do fundo da sala, perguntou:

— O senhor não tem ambição?

COMO, ONDE E QUANDO NELSON PERDEU O BRAÇO DIREITO?

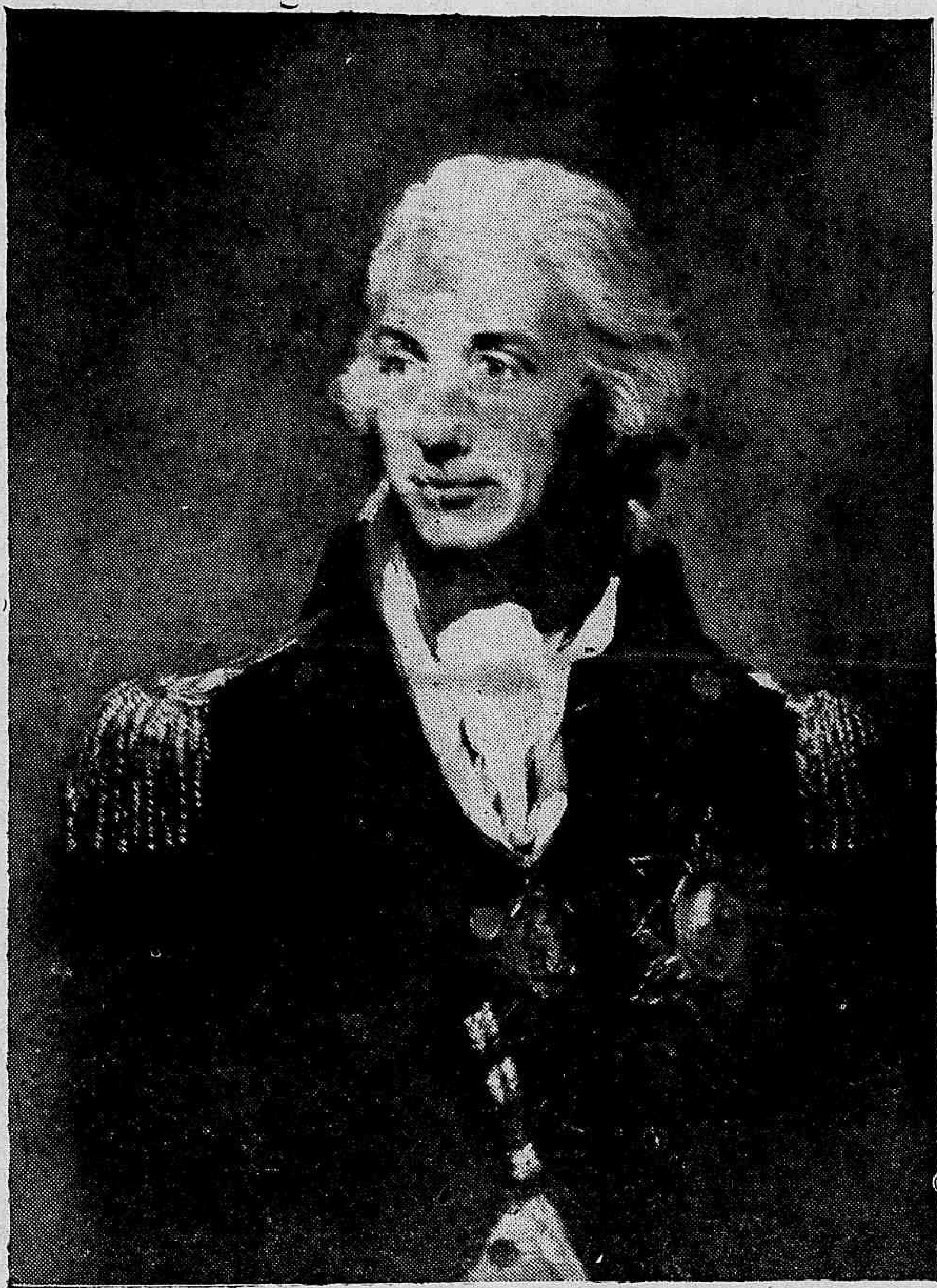
QUANDO os Inglêses colocaram Nelson tão alto em sua coluna de "Trafalgar Square", quiseram que dificilmente se observasse, cá de baixo, que a manga direita da sua casaca está vazia.

Isso, pelo menos, é o que dizem os Espanhóis...

Porque, como todo o mundo sabe, o almirante de Sua Graciosa Majestade britânica, herói de Abukir e Trafalgar, romântico protagonista da história pessoal de **Lady Hamilton**, barão e visconde, Sir Horacio Nelson, era, de fato, mutilado do braço ao tombar sob a metralha das esquadras espanhola e francesa, ao pé do mastro-mor de seu navio "Victory", diante da praça de Trafalgar, em 21 de outubro do ano de 1805, justamente aos quarenta e sete anos de idade e satisfeitos plenamente seu ânimo de comando e sua sêde de glória.

Antes de Trafalgar, cuja vitória custou ao almirante a própria vida; antes das façanhas de Copenhague e Abukir, Horácio Nelson perdera o braço direito. Onde? Em Santa Cruz de Tenerife, num dia de São Tiago, sombrio para o leão britânico e esplêndido para o leão espanhol. Triunfo das armas de Castela marcou êsse 25 de julho de 1797, precursor daquele episódio de outubro de 1805, com o qual culminou uma luta trissecular entre a Espanha e a Inglaterra.

Seus antecedentes podem ser assim resumidos: Carlos IV decidido a aliar-se com a França contra a Inglaterra, assinou, em agôsto de 1796, o Tratado de San Ildefonso, uma espécie de prolongamento do "pacto de família" firmado por seu antecessor. A Inglaterra não podia suportar em silêncio êsse desafio e, assim, em setembro do mesmo ano, os Inglêses declaravam a guerra aos Espanhóis. O ataque à pequenina praça forte espanhola, situada naquela ilha era, como a de Cadiz, conseqüência da derrota da esquadra espanhola, no cabo de San Vicente, em fevereiro de 1797.



Adquirido pelo Fundo Nacional de Coleção Artística e presenteado ao Museu Marítimo Nacional, de Londres, êsse é um dos poucos retratos autênticos de Nelson, bem diferente, de fato, dos inúmeros existentes, póstumos e fantasiosos. Foi pintado por Francis Lemuel Abbott (1760-1803) pouco depois de haver o Almirante perdido o braço direito, diante de Santa Cruz de Tenerife e enquanto convalescia na residência de seu amigo, Capitão Locker, Governador do Royal Hospital, de Greenwich, que também era hóspede de Locker, nessa época.

Aquela vitória anima o almirante Nelson a atacar a praça de Cadiz. Desiste, porém, de efetuar um desembarque, ante a feroz oposição de Mazarredo, Gravina, Escaño, Churruca e outros bravos da **Armada** espanhola. Porém o leão inglês seguiu no rastro de outra prêsa...

A esquadra de Jorge III, esplêndida senhora dos mares, faz o corso e o cruzeiro em águas do Atlântico. De algum modo perturbaria a arribada à Espanha dos produtos e das rendas coloniais.

Santa Cruz de Tenerife é a escala obrigatória para os navios da rota da América e das Filipinas. Ali, sem dúvida, há prêsas numerosas e gordas. E, se, ao mesmo tempo, a Inglaterra conquistar as Ilhas Canárias terá assegurado maior poder no Atlântico, fechando com um círculo de ferro a rota do Novo Mundo às demais nações da Europa.

Horácio Nelson, precoce vocação marinheira e combativa, surge como o gênio da guerra naval diante do cabo de San Vicente; ali, tentaria oferecer a sua vida e, com ela, o cetro dos mares à Britânia!

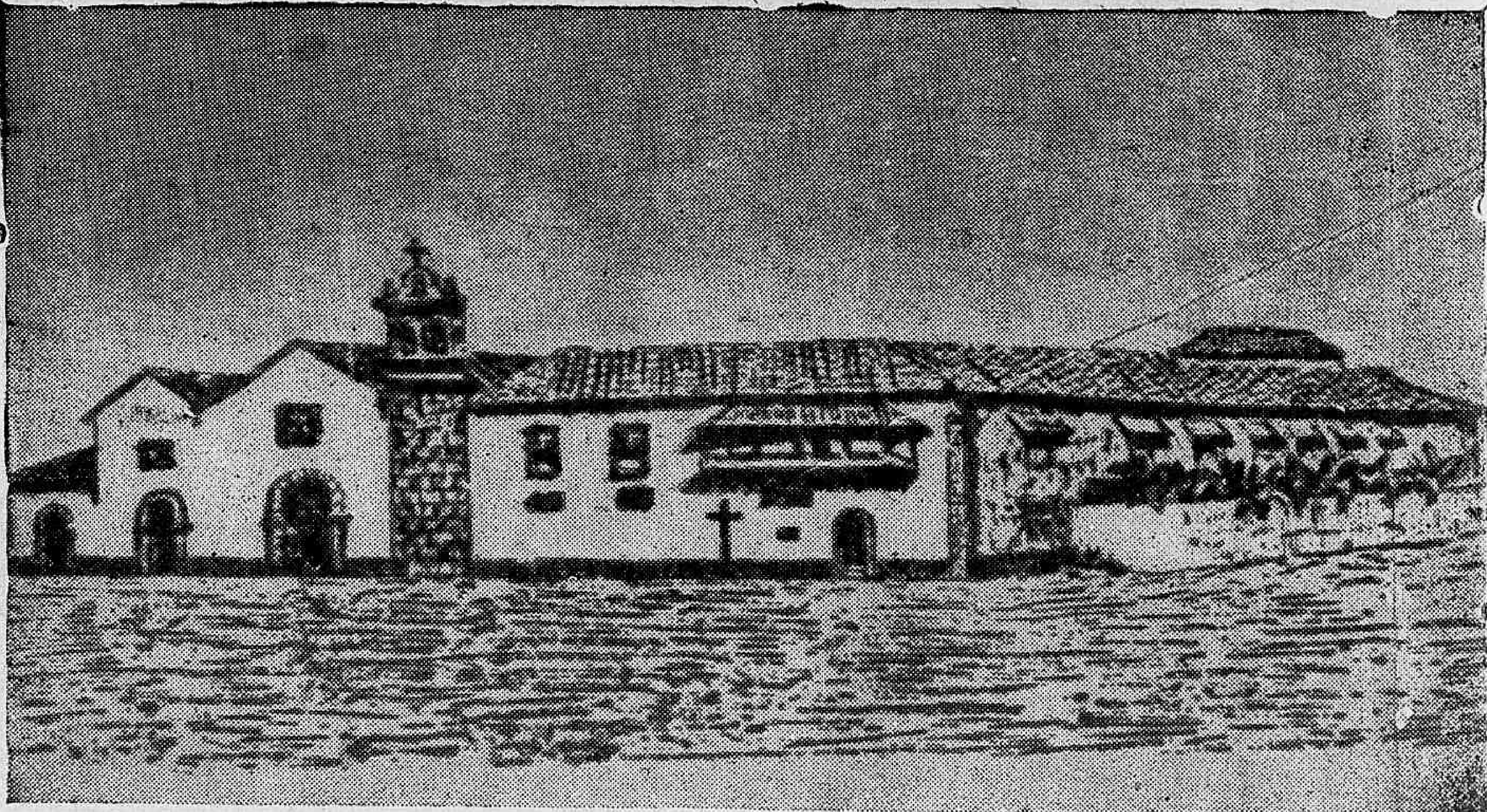
O futuro Lord Nelson, como contra-almirante, comanda a divisão da esquadra, composta de quatro navios, três fragatas, um "cutter", uma bombarda — trezentas e **noventa e três bôcas de** fogo — que surge diante de Santa Cruz no dia 22 de julho de 1797. Na praça, noventa e seis canhões; em estado de ação, só mesmo sessenta e sete, pois faltam artilheiros. E, na baía, nem um só navio da Armada espanhola.

Passaremos por alto sôbre as diversas ações, de ambas as partes, nos infrutuosos ataques à cidade, vindos do mar, durante três dias com suas noites. Finalmente, na madrugada do dia 25, Nelson ordena o desembarque, protegido pela escuridão. O sinal de alarma, os gritos e o repique frenético dos sinos são ouvidos em Santa Cruz, juntamente com os brados de "**Aos Inglêses! Aos Inglêses!**", quando, por uma manobra simulada, se acreditava na praça forte, que a esquadra inimiga se retirava, renunciando à sua conquista. Porém já então tôda a população corre para a rua, aprestando-se para a defesa, auxiliando e animando a guarnição, ao mesmo tempo que chegavam, incessantemente, guarnições do interior, e com elas muitos homens e também mulheres armadas de machados, facas e navalhas...



A ESTÁTUA DE NELSON — Gravura publicada no «The Illustrated London News», em 31 de outubro de 1842, com a seguinte legenda: «A estátua acima dominará a coluna, já em construção, em homenagem a Nelson, em Trafalgar Square».

O "Fox", o **cutter** que se aproximava das baterias espanholas, para hostilizá-las com os seus quatorze canhões e que serviria de "arsenal" e de "armazém" para os soldados que conseguissem desembarcar, é afundado com um só disparo da fortaleza de "Paso Alto". Várias lanchas inglêsas haviam sossobrado. Algumas tropas invasoras disparavam os seus fuzis, brandiam os seus sabres, incentivadas em seu avanço pelos oficiais e os marinheiros veteranos. Entre a confusão, gritos, estampidos e resplandores de disparos, o combate prossegue em todo o seu fragor. O relâmpago de um fortíssimo tiro ilumina uma lancha que atraca ao pequeno cais. A seu bordo, mais sabres, mais alamares, mais insígnias, mais vis-



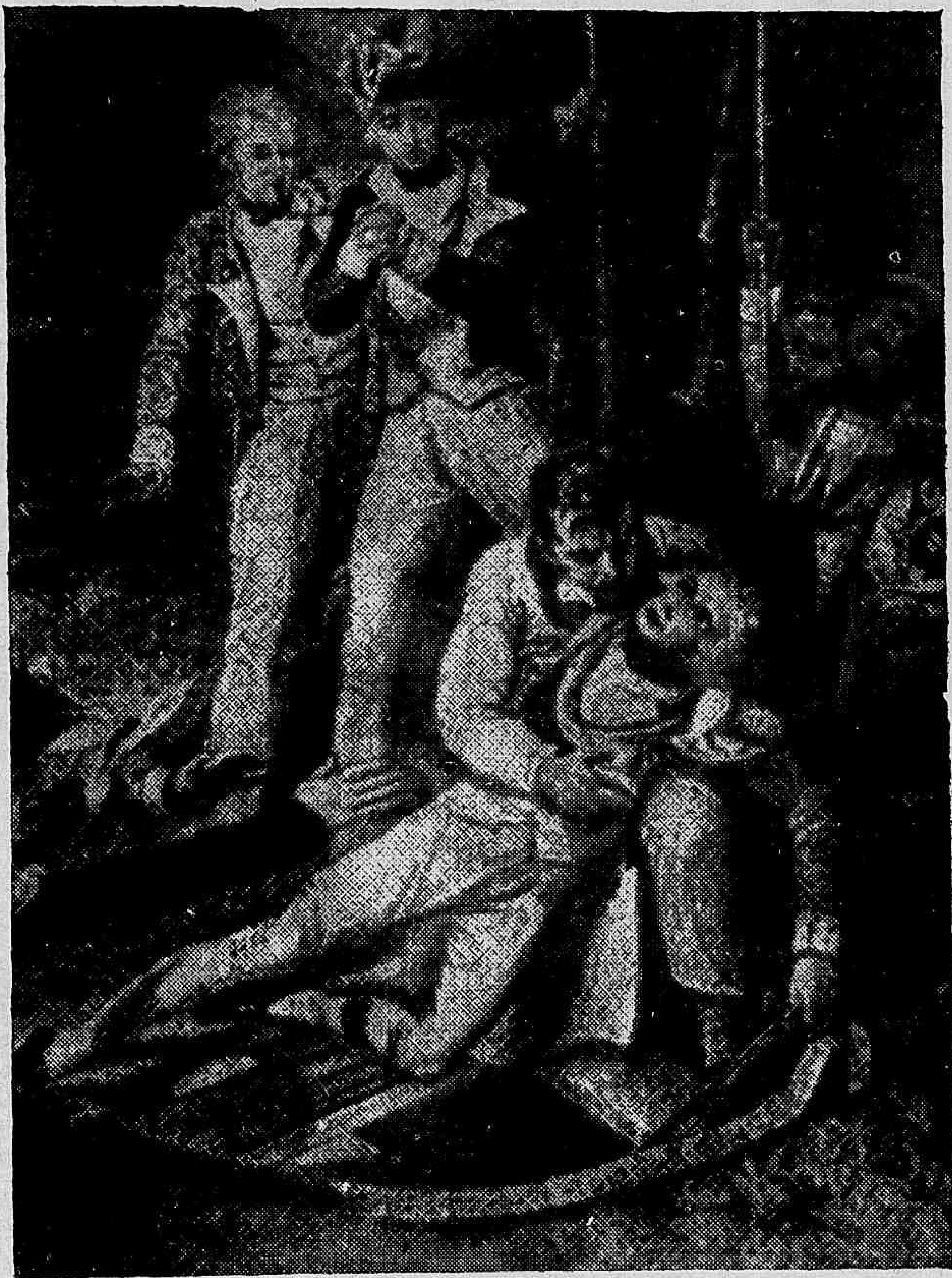
O desaparecido convento de Santo Domingo, na atual praça do Teatro — em cujo mesmo lugar se ergue, hoje, o Teatro Guimerá — onde os invasores inglêses se refugiaram para resistir aos canários, após o malôgro do desembarque do almirante Horacio Nelson.

tosos uniformes que em nenhuma outra. Ali vem o contra-almirante. O mar está picado e Nelson estende a mão a um oficial, que o ajuda a subir para o cais. Sôa, neste instante, outro disparo; ouvem-se gritos. Nelson caiu, ferido, no fundo da embarcação. Perdera um braço e, em redor do valente marinheiro estava caída a mais brilhante oficialidade da sua esquadra. E, entre todos, morto, o comandante da fragata "Terpsícore", o impetuoso Bowen, intrépido marinheiro, formado na mais propícia conjuntura do império para bater-se pelo bastão e o laurel. Ricardo Bowen, inspirador do ataque de Nelson a Tenerife, descansa em paz! O resto das fôrças que haviam logrado desembarcar ocupa alguns pontos da cidade. O grosso dessas tropas se firma por trás das muralhas do convento de Santo Domingo, que se encontrava no lugar hoje ocupado pelo teatro Guimerá".

Os defensores da praça, auxiliados por um pequeno e valente destacamento de soldados franceses e secundados pelos camponeses, faz muitos mortos e prisioneiros entre os invasores e perto da pequena praça de Santo Domingo.

Os oficiais de Nelson enviam, por duas vêzes, um emissário ao capitão - general da praça, D. Antonio Gutierrez; intimam o valoroso comandante a render-se, exigindo - lhe a entrega não apenas da praça como também das rendas do rei e da "Companhia das Filipinas", um de cujos navios havia chegado, dias antes, de Manilo.

Duro e valente, o general Gutierrez responde com duas sêcas negativas. E a luta prossegue em ruas e praças, até reduzir, pouco a pouco, os grupos de resistência inglêsa em terra. Dispostos a desalojá-los de seu já único reduto, os da ilha decidem atear fogo a Santo Domingo. Então, um oficial britânico acena com um lenço branco, por uma das janelas do convento.



Gravura de J. Neale, conservada no Museu Marítimo de Londres, representando o momento em que Nelson cai ferido, ao tentar desembarcar em Santa Cruz de Tenerife.

A Inglaterra se rendeu aos canários. Horas depois, a tambor batente e com bandeira branca, os oficiais com suas espadas e os soldados com seus fusil descarregados, desfilava o inimigo em perfeita formação diante do castelo de San Cristobal. Ante o capitão-general **don** Antonio Gutierrez, o governador da fortaleza, **don** José Monteverde e a oficialidade e tropa, que rende homenagem aos vencidos, a "Union Jack" se abate para passar sob o pavilhão vermelho e ouro.

Tinham assim sido tratadas as condições para uma condição honrosa, porém reconhecida a derrota absoluta; e quando os inglêses se preparavam para reembarcar nas poucas lanchas que lhes restavam e facilitadas pelo comando da praça, foram agradàvelmente surpreendidos com abundantes rações de pão e vinho, obséquio ao vencido da generosidade do general espanhol e todo o povo de Tenerife Desprendimento, segundo a declaração de uma testemunha ocular daquela epopéia, "que desorientou o Inglês, persuadido por seus oficiais de que os canários eram gente feroz, que não dava quartel ao inimigo."

Não menos se surpreenderiam britânicos pela solicitude com que foram atendidos e cuidados os seus feridos. E o contra-almirante recebe a bordo uma barrica de vinho ilhéu presente especial do capitão-general da praça. Nelson, por sua vez, prestes a zarpar, corresponde a essa gentileza, enviando um queijo ao comandante Gutierrez, fazendo-o acompanhar de expressiva carta, que êle próprio escreveu (a primeira que escreveu com a mão esquerda). A última a escrever com a mão direita, foi o relatório que enviou a Jerwis, seis horas antes do assalto, dando conta do fracasso dos primeiros ataques a Tenerife.

Assim terminou a luta iniciada em 25 de julho de 1797. Devemos registrar, ainda, que os Inglêses



Sir Horacio Nelson, depois de sua derrota em Tenerife, segundo uma gravura da época.

levaram seu cavalheirismo ao ponto de constituirem-se em portadores à Espanha, da notícia da sua própria derrota.

A Inglaterra, por sua vez, não considerou desonroso o desastre de Tenerife, como a Espanha não considerou vergonhoso o infortúnio de Trafalgar, oito anos depois.

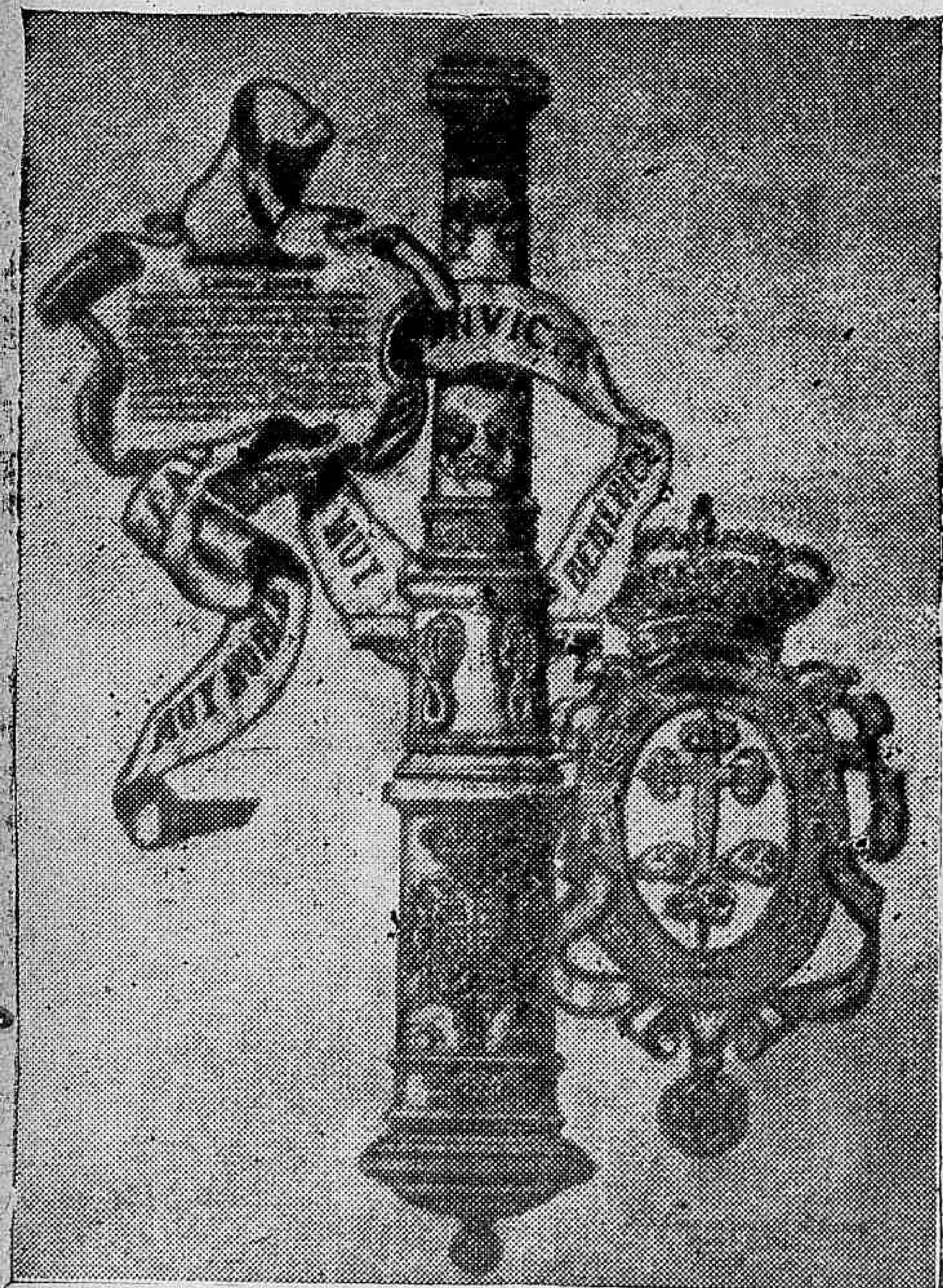
Ao chegar diante de Cadiz os restos da divisão da esquadra inglêsa vencida em Tenerife, a praça estava bloqueada pela frota inimiga. Nelson solicita e obtém a interrupção momentânea do assalto, para entregar pessoalmente às autoridades espanholas o relatório da vitória de Santa Cruz sôbre a fracassada invasão inspirada por Ricardo Bowen e dirigida por Horacio Nelson. O documento é entregue pelo herói de Abukir e San Vicente com a mão esquerda, e os chefes espanhóis ficam assim privados de apertar a mão direita do almirante, pois que esta havia ficado em Santa Cruz de Tenerife, no dia de San Tiago, padroeiro de Espanha.



O general que dirigiu a defesa da praça, marechal de campo don Antonio Gutierrez e Santayana, sucessor do marquês de Branciforte.

O canhão "Tigre", instalado no forte de "Paso Alto", havia arrancado o braço direito do maior almirante inglês, que conheceu sua primeira e única derrota,diante de Tenerife, no dia 25 de julho de 1797.

☆



Reprodução do canhão «Tigre», que feriu Nelson, ao tentar desembarcar em Tenerife, em 5-7-1797. A peça histórica seencontra no Museus de Santa Cruz.



—O Senhor tem certeza de que ninguém faz questão de pagar esta despesa?

O DOTE DE NANETTE

Romance de J. DE LA BRÉTE

Tradução de NICOLE PASCHIER

— Claro... Mas, na verdade, você viajava com mais facilidade, antigamente. Era a primeira a afirmar que o inverno, sempre demasiado longo no campo, precisa de um lenitivo.

— Eu dizia isso, antes, sim... Agora, estou ficando velha — disse ela, piscando um olho. — Em janeiro próximo terei completado vinte e três anos!

Porém Geoffroy tomou o gracejo como uma implicância e logo manifestou a sua impaciência.

— Você está dizendo uma tolice, Nanette... E pode ter a certeza de que não gostei. Ninguém envelhece nessa idade; por isso, a razão da recusa é simplesmente ôca.

— Farei como o senhor quizer — disse ela precipitadamente, pois que o inesperado acesso de cólera do pai a atemorizou. — No entanto, desde que o senhor me consulta, repito que, sinceramente, prefiro ficar aqui mesmo. Não estou mais só, aliás, desde que ganhei a companhia da nossa prima.

Êle não insistiu mais, porém na segunda-feira seguinte as coisas mudaram completamente.

Desde a minha chegada ao Bourdon, nossa maneira de viver era a mesma, fossem quais fossem as dificuldades crescentes da vida material e as inquietações maiores de Geoffroy. Minhas rendas, apesar de sua mediocridade, ajudavam a manter, com um pouco mais de elasticidade, o orçamento geral, pois que eu fizéra imposições formais e reservava para mim mesma apenas o necessário para minhas despêsas pessoais limitadissimas.

Nanette, de posse das primeiras rendas do "rubi", podia agir mais livremente; entretanto, ela dirigia a casa com a mesma economia.

Geoffroy falava em mandar pintar a fachada, as portas de entrada, o gradil do jardim e, sem dúvida, êsses ligeiros reparos não poderiam ser taxados de fantasias dispendiosas; porém, sempre que êle insistia, Nanette respondia:



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Vivendo desde muito tempo só, numa cidade de província, passava eu a minha viuvez entregue a meus poucos afazeres e atenta a esticar os meus pequeninos rendimentos, para que proporcionassem a meus setenta anos o confôrto indispensável. Assim estava eu no meu jardim, quando vi surgir o meu primo Geoffroy Etelle, que eu não via desde muito tempo, dez anos pelo menos. Enviuvara também e vivia agora com a filha única, Nanette, que eu conhecera pequenina. Vinha solicitar que eu fôsse residir em sua casa, a fim de fazer companhia a Nanette e guiá-la em idade tão perigosa. Não dei resposta afirmativa, embora muito desejasse mudar de vida. Minha resolução só foi tomada quando Nanette me endereçou uma carta muito simples, muito franca e muito alegre, animando-me a ir. Sabia que meu primo vivia com grandes economias numa velha mansão que há muitos anos pertencia à sua família. Não esperava, entretanto, que fôsse local tão agradável como me pareceu na manhã em que ali cheguei, com os meus poucos haveres. Meus primeiros dias, em companhia de Nanette, foram cheios de surprêsas agradáveis. Ela era uma criaturinha delicada e muito compreensiva e resignada para a sua idade. Não tardei a lhe dedicar real estima e mesmo a lhe conquistar a confiança. A tal ponto que ela me revelou o seu grande segrêdo. Conhecera um jovem oficial numa festa. Conhecimento ligeiro. Depois, sabendo que o mesmo rapaz fôra para o Marroco, com o seu regimento e que ali vivia isolado e triste, decidiu ser a sua «madrinha», iniciando com êle uma correspondência, sem contudo revelar a sua identidade e fazendo-se passar por uma senhora de idade e casada, chamada Hipólita. Nanette lê algumas cartas para meu govêrno. Dessa leitura fico sabendo que o Sr. Kerdulen é homem de espírito. O pior, segundo noto, é que Nanette se deixa impressionar além do normal por essa correspondência, entusiasmando-se pelo jovem capitão. Nesse mesmo dia, aproveitando estar Nanette entretida em palestra com Cecília de Faliberre, filha de um dos nossos vizinhos, vou visitar umas ruinas históricas não distante de Bourdon e aproveito o ensejo para visitar também o Sr. La Fade que, com surprêsa, pede a minha opinião sôbre a possibilidade de êle vir a ser aceito como espôso por minha jovem prima. Digo-lhe francamente o que penso, isto é, que a diferença de idade tornava a coisa quase impossível. No mesmo dia, um amigo de Etelle, Sr. Varés, diretor de um grande jornal, visita o Bourdon e, queixando-se da falta de bons assuntos, ouve de Geoffroy a informação de que tem em seu poder documentos que, publicados, causariam enorme sensação. Pede ao amigo que lhe venda êsses documentos e Geoffroy recusa, alegando não ser possível. Varés retira-se, prometendo voltar na semana seguinte. No dia imediato, recebemos um convite para tomar chá na residência dos Muscadier e Nanette parece suspeitar do motivo. De fato, o convite, igualmente dirigido a diversas famílias dos arredores, tinha por fim facilitar a Kerdulen o encontro da sua madrinha. Notei desde logo a impressão forte causada por Cecília Faliberre no jovem capitão, que parece desejoso de descobrir nela a sua misteriosa correspondente. Isso me impressionou mal. Uma semana mais tarde, recebemos convidados em Bourdon, aos quais oferecemos um chá, a fim de pagar as inúmeras gentilezas que recebiamos de nossos vizinhos. Estava presente o capitão Kerdulen e Nanette, talvez de propósito, deixou escapar uma frase que revelou ser ela a Hipólita tão procurada. Kerdulen, surpreendido — e ligeiramente desapontado, segundo notei — agradece à minha jovem prima a sua generosidade, porém, sem insistir, enquanto lançava olhares sorrateiros para a bela Cecília. Nessa noite Geoffroy insinua que não lhe seria desagradável caso o evidente interêsse de Nanette pelo capitão fôsse correspondido e, como sempre, lamenta não ter recurso para dar um dote à filha. Digo-lhe então que preferia ver Nanette casada com o Sr. La Fade. Isso irrita sobremodo a Geoffroy, que não admite essa hipótese. O Capitão continua a visitar-nos, embora não fôsse a isso obrigado e era dia a dia mais evidente que se apaixonara por Cecília. Dias depois Geoffroy vai a Paris e retorna anunciando que havia feito um bom

— Não é o momento... Mais tarde; no verão pensaremos nisso.

E eu notava que o sangue lhe subia ao rosto, como se um insulto a tivesse atingido. De tal maneira que os fulgores do infeliz rubi se extinguiam no fundo de uma gaveta.

— Vejamos, Nanette — disse-lhe o pai — você deve ter no fundo da bôlsa uns dois mil francos, que não servem para nada e, dentro de três meses, terá outros dois mil...

— O senhor os quer? — perguntou ela, vivamente.

— Não se trata disso... Não estou pedindo nada, você bem sabe! Mas — não fôsse mais que para ter uma distração — acho que devia empregá-los na pintura da casa. Já esqueceu aquêles projetos químicos que tantas vêzes divulgou, de algum dia mandar restaurar esta casa?

— Nada esqueço — respondeu ela com voz pouco firme.

— Então, que esperas para realizar alguns dêsses projetos?

— Nada... Talvez aguarde que o tempo melhore.

— E quando melhorar achará outro pretexto. Confesso que não compreendo tais caprichos...

Afastava-se, bastante irritado, quando Nanette começou a chorar.

— Ótimo! Ótimo!... — disse meu primo, retrocedendo. — Agora chora! Mas, Nanette, eu nada disse...

— Não... São os meus nervos. E, além disso, o senhor tem mudado um pouco papai...

Deteve-se, sufocada pela emoção e o pobre Geoffroy, desesperado, foi esconder a desolação na sua papelada.

Esperei que a minha prima se acalmasse, antes de tentar conversar com ela. Porem Nanette não me deu tempo.

— A senhora não me compreende, minha prima? Então, esta casa, que é tudo para nós, que representa as nossas mais santas tradições, a poesia de nosso passado e do presente, deve ser restaurada com êsse maldito dinheiro?

— Minha pobre Nanette! Que exagêro! E' absurdo ver as coisas por êsse prisma todo particular...

Detive-me, porém. Deveria eu falar contra as minhas novas opiniões? Se não eram, a rigor, as mesmas opiniões da minha jovem e intransigente prima, existiam porém, e por isso eu admitia a opinião de Nanette e também das pessoas que pensavam de modo totalmente diverso.

— Ignoro se estou errada ou certa — continuou ela. — Mas não sou senhora do meu sentimento e das minhas idéias. Jamais será demasiado repetir que não posso sentir ou sequer pensar de outra maneira! Por que não me dominei, há pouco? No



negócio, conseguindo cem mil francos de dote para sua filha. Esta, radiante com a notícia, diz que o pai devia, antes, aproveitar êsse dinheiro para si mesmo. Na verdade, segundo me confiou, Geoffroy vendera os manuscritos ao diretor do jornal. Quinze dias depois é iniciada a publicação do manuscrito e Nanette comenta comigo essa publicação que os demais jornais atacam, por despeito, certamente, dizendo que era um escândalo relatar assim a vida íntima de pessoas recentemente desaparecidas. Nanette, com mágua de Geoffroy, é das que censuram a divulgação dessas cartas e no auge da discussão afirma que tais coisas não deviam ser feitas e que seu pai, por exemplo, jamais as faria. Geoffroy procura consolar-se comigo e eu o amparo, como é possível. Digo-lhe, para o distrair, ser necessário que Nanette tenha um dote, pois assim facilitaríamos o seu casamento e êle quer saber o que penso da atitude do Sr. Kerdulen. Digo-lhe que o capitão, no meu entender, amava Cecília de Faliberre e êle não esconde seu aborrecimento. No mesmo dia recebemos a visita de Cecília e pouco depois também a do capitão, que entrega a Nanette as cartas que esta lhe escrevera, afirmando que era por empréstimo. Eu sabia que Nanette tinha cópias dessas cartas e, portanto, se as pedira ao capitão fôra para experimentá-lo ou para destruir as cartas. Cecília aproveita um instante a sós, com a sua amiga, querendo saber se ela vai restituir as cartas e Nanette tranqüiliza-a dizendo que não o faria. As visitas de Kerdulen são constantes e seu amor por Cecília é observado por todos. Dias depois, Nanette, pálida mas de olhos enxutos, queima tôdas as cartas. Havia, porém, uma sombra no romance de Kerdulen. O Sr. de Faliberre não se mostrava entusiasmado com a idéia de ter o jovem capitão como genro. Numa das reuniões surge o assunto das cartas publicadas no jornal e alguém critica severamente o fato, fazendo Nanette empalidecer terrìvelmente. La Fade, que tudo percebe, intervém e cuida de desviar a conversação. Kerdulen, aproveitando-se de estar a sós comigo, pede-me uma entrevista para o dia seguinte, em certo trecho da estrada «para pedir-me um conselho». Sabedor do fato, Geoffroy é assaltado por novas esperanças. No entanto, no dia seguinte, conforme esperava, ouvi o capitão confessar o seu amor por Cecília e seu mêdo de se ver recusado por Faliberre, por ser pobre. Aconselho-o a tentar. Regressando encontro Cecília e Nanette em triste conferência. O assunto era o mesmo. Consolo Cecília, no que sou ajudada por Nanette, que se mostra otimista quanto ao êxito da démarche de Kerdulen. Geoffroy fica mais tranqüilizado ao verificar que a filha não aparenta ter sentido muito o final do seu «romance» e que até se alegrava com a felicidade próxima de Cecília. Três dias depois La Fade nos faz uma visita de despedida, pois se ausentará por alguns dias para assistir ao enlace matrimonial de um amigo, homem da sua idade — ou pouco mais — que se casava com uma criatura da idade — ou pouco menos — de Nanette. Cecília se surpreende, porém La Fade, com muito espírito, explica-lhe que pode haver felicidade em qualquer idade. No mesmo dia Cecília vem revelar a catástrofe. O pedido do Sr. Kerdulen fôra recusado! Nanette parece sofrer tanto quanto a sua amiga e se revolta contra o Sr. de Faliberre, procurando animar a sua amiga. Dias depois Nanette apresentou-me o recorte de um jornal da véspera, que atacava violentamente a publicação dos manuscritos da princesinha e, antes de que eu voltasse a mim da surprêsa provocada por seu gesto, ela, desesperada, revelou-me que sabia de tudo e que se surpreendia com o ato do pai. Jamais tocaria naquele dinheiro! E, concluindo, sem querer ouvir as minhas objeções, pediu-me auxílio, a fim de esclarecer a situação com Geoffroy e, assim, sair de uma situação que esmagava a todos, naquela casa. Dias depois surge La Fade e por sua conversa reticente verifico que também êle sabia de tudo. Por sua vez, Geoffroy procura-me, querendo saber a causa do desgôsto que se estampa na fisionomia da filha. Que poderia eu responder? Desejando reanimar Nanette, meu primo anuncia a sua intenção de passar dois meses em Paris e convida-a a acompanhá-lo. Nanette, porém, recusa, como recusa, igualmente, realizar qualquer outro ato que implique despesa, pedindo um prazo maior para resolver.

entanto, a senhora viu a mudança que se operou em meu pai?

— Você também, Nanette... Você tem mudado!

Assim ficamos em nossas posições, momentaneamente. Porém essa pequenina cena, sob outra forma, foi renovada mais de uma vez, até ao dia em que enveredamos pelo profundamente absurdo — se é absurdo libertar-se lançando pela amurada ao mar tôdas as idéias firmadas.

XIV

Em meio a êsses armistícios e reinícios de hostilidades, o sr. La Fade vinha constantemente ao Bourdon e, com o seu sorriso discreto e inteligente, sem nada falar diretamente, deixava-me entrever o seu pensamento.

Um dia em que, detendo-me um pouco, para descansar em sua residência, eu falava, de um modo geral, sôbre as situações, ridículas ou embrulhadas, que se resolveriam fàcilmente se se soubesse falar em tempo, êle respondeu:

— As vêzes isso não é fácil, minha amiga. E' um dos casos em que não chega ter habilidade e tato. Mil pequeninos nadas nos prendem e reduzem à imobilidade; os caracteres entram em jôgo e, receiando ferí-los, envenená-los, fica-se de tal modo tolhido, que a situação chega a êsse ponto difícil em que não podemos avançar nem recuar.

— A meu ver, o melhor meio seria, algumas vêzes, caminhar decididamente contra a dificuldade. Uma boa tesourada nos laços que nos prendem... e pronto!

Humm! Que energia! Tratarei de aplicar imediatamente essa fórmula e fico, desde já, procurando saber por que a senhora mesma não a põe em execução...

— O senhor é impossível com essas aplicações imediatas! Estará pensando em algum caso especial?

— Não, não... A senhora nada disse de especial, mas simplesmente adivinhei, o ano passado, uma das causas que mudam tão singularmente a atmosfera do Bourdon; e suspeito de outras... Procurar um remédio — ou melhor, uma posição falsa, é obra de bom senso.

— Um remédio é suficiente... Que quer dizer com: 'ou melhor...?"

— E' uma simples maneira de falar. Mas, custe o que custar, cortar o mal pela raiz é, ainda, o remédio mais eficaz. Melhor que outros, mais enérgicos.

— Bem... Isso agora já é compreensível, porque é coisa velha...

— Não importa que eu esteja repetindo frases conhecidas. O que vale é o resultado. Permite que a acompanhe? — perguntou, vendo-me de pé e começando a caminhar para a porta.

Voltamos ao Bourdon palestrando sôbre banalidades mas, quando êle me deixou, afinal, à orla da alamêda que conduzia a nossa casa, uma multidão de idéias, tôdas nítidas, brigavam em minha imaginação. Não se tinha visto, alí mesmo, no Bourdon, outras uniões semelhantes e perfeitamente felizes? La Fade era muito simpático, com aquêle seu espírito penetrante, o caminhar de um moço e o coração jovial.

Eu sabia a seu respeito, por uma amiga que residia na cidade em que êle fôra prefeito e a quem eu interrogara, em minhas cartas, inúmeros fatos honrosos ou espirituais e que eu não deixara de relatar aos meus primos. Geoffroy havia respondido, simplesmente: **"Todo o mundo sabe que La Fade é pessoa absolutamente correta e estimável. Aliás, isso é de família; de tradição. O pai dêle, que você conheceu, Paulina, era um sábio tão distinto como honrado; quanto à mãe, era criatura de raras virtudes, educadíssima e citada como exemplo para as demais donas de casa".**

Porém Nanette fêz perguntas e, como era hábito seu, fêz com insistência e no momento, sem bem analisar a minha impressão, fiquei satisfeita por haver despertado a sua atenção para as qualidades que aureolavam o nosso grande amigo.

Foi o acaso que me serviu, no sentido de executar cento por cento a resolução e à qual, ouvindo o Sr. La Fade, eu me deixara prender. Saindo, depois do almôço, encontrei minha prima que, com o seu ar triste e desanimado, passeava sob as árvores, olhando distraídamente os tenros brotos que começavam a ganhar corpo, apesar do frio ainda vivo.

A natureza não tardaria a surgir, exibindo-se com roupas novas e brilhantes, sob um quente sol reconfortante e, junto de mim, dois pobres corações sofriam sem que eu pudesse fazer fôsse o que fôsse para lhe dar alívio. Oh, era preciso falar!

Passei um braço sob o de Nanette e lhe disse, afetuosamente:

— Minha querida, esta situação "dolorosa e absurda" — permita-me dizer — não pode, não deve ser prolongada. Você deve ter notado a tristeza de Geoffroy. E deve ter ficado bem triste ao verificar como o infeliz está mudado. Precisamos procurar, juntas, um remédio para a recuperação da saúde moral, nesta casa.

— Ah! Se eu pudesse me abrir com êle, sem lhe causar desgôsto!...

— Que lhe diria você?

Ela desprendeu o seu braço do meu e tomando-me as duas mãos, disse-me, em tom suplicante:

— A senhora tem que me ajudar! Oh! Por favor! E tem razão, sim! E' preciso acabar! Ajude-me, por favor!

Apertava as minhas mãos com tal violência que logo tratei de retirá-las, recomeçando a caminhar.

— Acalme-se e conversemos tranqüilamente. Volto a repetir a pergunta; que diria você a Geoffroy?

— A senhora falou em remédio... — disse ela em voz baixa. — A meu ver, êsse remédio está ao nosso alcance: desfaçamonos desse rubi, que será para meu pai e para mim, perpètuamente, uma causa de sofrimento.

— Perpètuamente... é exagerar muito, Nanette! Você pode mudar de idéia.

— Não creio, minha prima — disse ela com ar inquieto — porque eu parecia fugir o seu alvo.

— E como poderiamos abrir mão do rubi? — perguntei, repentinamente.

— Dando-o a alguém.

Falou e ficou observando a minha reação, para verificar se eu vislumbrava a sua verdadeira idéia. Mas nada entendi, realmente.

— Dar a alguém? Que loucura, Nanette! Quando você poderia aproveitar sem qualquer indelicadeza... pois você mesma admite uma opinião diferente da sua...

— Minha querida prima — disse ela, tìmidamente. — Não devemos discutir mais sôbre os exageros da minha consciência; êles existem! Vamos, portanto, agir de acôrdo. Se dar o rubi é uma loucura, creio que essa loucura é um ato de grande sansatez. Por que impor a todos nós um sofrimento inútil? O fim que meu pai queria atingir falhou, a senhora bem sabe!

— Mas... dá-lo a quem, Nanette? A uma instituição de caridade?

— Não... dar o rubi ao sr. Kerdulen, que não poderá ser feliz sem êsse dinheiro. As coisas poderão ser arranjadas, como se o devedor de seu pai efetuasse uma restituição. Tudo isso é muito fácil com a cumplicidade de um tabelião. Não, não... Não deve ficar com êsses olhos assustados, minha prima — continuou ela, sem refer um sorriso provocado sem dúvida por minha expressão evidentemente cômica.

Nanette havia falado ràpidamente e quase num só fôlego, como pessoa que tivesse preparado o seu discurso de modo a se desfazer o mais depressa possível da sua idéia.

Quando, quase sufocada, pude falar, exclamei:

— Cecilia teria razão? Seria você... romanesca?

Seu olhar entristecido lançou-me censuras que foram diretamente ao meu coração. Caminhamos algum tempo em profundo silêncio.

Jogar fora o rubí já seria coisa extraordinária, mas dá-lo ao capitão... era chegar a um extremo de loucura que faria Geoffroy saltar como um petardo. Finalmente pude frear um pouco as minhas idéias, que corriam, como enlouquecidas, uma atrás da outra.

— Confie-me inteiramente o que você pensa, Nanette, — disse eu, dominada a primeira surprêsa.

Ela prosseguiu, com um pouco mais de segurança, pois que se sentia encorajada.

— Recorda-se da última discussão, na residência dos Faliberre e relativamente à infeliz publicação?

— Sem dúvida.

— Deve estar lembrada, portando, de que a não ser eu, todos opinavam que o autor da indiscreção tinha inteira liberdade de ação.

— Recordo-me, muito bem... Recordome, principalmente, de que você parecia perseguir uma idéia, ativando a discussão... Você, que sempre evitava o assunto!

— Desejava conhecer a maneira de ver do sr. Kerdulen e de Cecilia; adquirir a certeza de que nem um nem outro achava indelicada a maneira como fôra adquirido o dinheiro...

— Hein? Você... Você já pensava, então, no estranho projeto que hoje submeteu à minha apreciação?

— Sim... Eu sabia que êles se amavam, e conhecia a maneira de pensar do sr. de Faliberre. Mas, antes de me obstinar em minha idéia, eu devia, de alguma maneira discreta, conhecer a opinião do capitão.

— Por que?

— Por que?... — disse ela, hesitante.

— Se êle pensasse como eu, como poderia fazê-lo aproveitar, sem saber, um benefício cuja origem teria reprovado? Há nisso, creio, um caso de consciência extremamente delicado, não acha a senhora?

— De fato! Mas é levar a coisa a um extremo inacreditável! — respondi. — Nem sei se, eu mesma, teria chegado até aí! — acrescentei estupefata, ao verificar o trabalho dessa jovem consciência.

E inteiramente eu admirava a mocidade que, não tendo apanhado nenhuma escoria à beira dos caminhos, julgava tão bem o caso, com o seu claro e sereno olhar.

— Emfim — continuou ela, hesitante e inquieta — essa questão "contingente" — como diria o meu pai — não existe mais. Nêsse caso, seria tão simples, se concordassemos.

— Você diz ser coisa simples... "tudo" isso! — exclamei.

Nanette revolvera muitas vêzes a sua idéia, solitàriamente, habituando a sua imaginação a meditá-la sob as côres e do ângulo que desejava; e sua razão, por isso mesmo, não via mais dificuldades para a sua realização. Quem não conheceu, alguma vez, êsse gênero de especulação?

— Conto com a senhora — disse ela com um sorriso meigo. — A senhora avançará devagar; observará tudo com calma e, tenho a certeza, sondará a maneira de pensar de meu pai sôbre o meu plano.

Deteve-se, acreditando, talvez, pela expressão do meu rosto, que eu estava com a paciência findando; mas enganava-se; eu adotava o plano de falar com Geoffroy, a fim de sair do impasse a que nos conduzira o "rubi" de reflexos tão fortes que cegavam. Mas, falar só não significa vencer! E eu perguntava a mim mesma como poderia penetrar num terreno tão perigoso sem cair,

logo ao primeiro passo, em algum precipício.

Parece que tudo é fácil, quando não estamos diretamente interessados num assunto. Em minha vida, já tão longa, eu muitas vêzes aconselhara a **marcha direta**, a palavra sem rodeios, criticando mesmo os que não seguiam o meu conselho.

— A senhora não quer falar? — perguntou Nanette com uma vozinha agoniada.

— Não é isso... Apenas estou pensando em nossas inconseqüências.

— Minha querida e boa prima! — Obrigada! Mil vêzes obrigada! Como poderia eu falar com meu pai, diretamente? Sempre lhe daria a impressão de estar censurando o seu ato. A senhora, não... A senhora amortecerá o choque! Depois sim... Papai e eu poderemos conversar com sangue frio. Além do mais, eu não o censuro, é preciso lembrar. Apenas vejo a coisa de maneira diferente, sem deixar de compreender as razões dos demais.

— Você censura, sim, Nanette! Nem poderia ser de outro modo!

Seu gesto vago e desolado tentou em vão protestar.

— Volto para casa — disse eu — e falarei imediatamente com Geoffroy.

Seguimos com passos rápidos pela aleia e cruzamos o jardim, onde os loureiros floriam entre as árvores de tons mais sombrios. Como, porém, apreciar as alegrias da primavera nascente, no estado de ânimo em que me encontrava?

Apesar de bastante idosa, eu não recuava indefinidamente diante da perspectiva de um ataque e, deliberadamente, logo que cheguei, fui bater à porta de Geoffroy, enquanto Nanette, antes de bater em retirada para o salão, dirigia-me sinais de encorajamento.

Desde a minha chegada ao Bourdon, eu me permitia pela primeira vez a liberdade de perturbar o trabalho de meu primo. Excepto durante as suas viagens — e, mesmo assim, quase sempre êle levava a chave do próprio escritório — eu entrara em seu gabinete de trabalho quando especialmente convidada a assim fazer.

Sabendo que Geoffroy era intransigente quanto a sua liberdade e, principalmente, quanto a seu gabinete de trabalho, meu ato era de verdadeira ousadia. Por isso, quando me viu penetrar em seu escritório, meu primo não escondeu o seu espanto.

— Você, Paulina? Que deseja?

— Apenas conversar com você, meu amigo.

E, avançando uma cadeira, sentei-me com uma calma aparente, malgrado as grandes pancadas do meu coração. Então, cruzei as mãos enrugadas e fitei-o com um ar quase estúpido.

— E' coisa assim importante? — perguntou êle, com um olhar significativo para a papelada esparramada sôbre a mesa.

— Sim... Muito importante!

Êle girou a cadeira até ficar de face para mim e aguardou os oráculos que meu ar já teria anunciado sem a idiotice que me assaltava.

Não era realmente cruel para um pai, tão feliz por haver assegurado o futuro da filha, saber da intransigência que tudo liquidava, embora, no fundo, êle próprio fôsse tão intransigente como a filha? Não era desolador, para êle, êsse aniquilamento da modesta concretização de um desejo tão ardente e tão racional? Eu me debatia, portanto, no emaranhado dos meus pensamentos, sem conseguir reunir um só raciocínio.

— Então, Paulina? Por favor... Se se trata de uma notícia desagradável, diga-a de uma vez!

— Confesso que não sei como começar... — disse eu, em tom lamuriento, mas sem perder totalmente a coragem.

— Trata-se de... Nanette, hein?

— Sim...

— Neste caso, fale logo, minha amiga.

— Você deve estar lembrado das suas palavras a respeito da atmosfera bizarra em que agora viviamos...

— Devo revelar as causas... francamente, sem reticências?

— Ah! Nanette contou a você, hein? Fale, por favor!

Com a retirada assim cortada, não hesitei mais e, começando por lhe revelar as minhas próprias suspeitas sôbre as idéias de minha jovem prima, pude descrever perfeitamente o estado de espírito de sua filha, os seus escrúpulos e o seu desejo de se livrar de uma vez por tôdas dêsse "rubi".

Até então Geoffroy, quase enterrado em sua poltrona, a cabeça apoiada sôbre as duas mãos, os olhos semi-cerrados, ouvia numa imobilidade absoluta; porém à última palavra levantou-se, num salto.

— Disfazer-se do rubi?... Que quiz dizer com isso? Que espera fazer com êle?

Depois, sem esperar a resposta, acrescentou com voz irritada e não isenta de tristeza:

— Assim, chegamos ao ponto que eu temia! Minha filha me condena!

—Nunca pensou nisso, Geoffroy! Não suportaria sequer uma alusão ligeira a isso! Nunca! Pensa, apenas, que você errou de boa fé, como também eu errei, pois que aprovava o que você fêz. Admite muito bem que o caso seja discutível; compreende que nem você nem eu nem uma verdadeira legião de pessoas não adote a sua opinião, mas acrescenta que, jamais, quanto ao que lhe diz respeito, mudará de opinião.

— Você está procurando **enfeitar** a coisa

— Não; exprimo, exatamente, a opinião dessa menina.

Disse e calei-me, deixando Geoffroy passar silenciosamente pelas fases de uma irritação e de um desgôsto, que se combatiam mùtuamente, mas dominando sempre o desgôsto.

— Paulina... Você disse, há pouco: "Que

também eu aprovava..." Isto significa que... não aprova mais?

— Na verdade, Geoffroy, nada mais sei, meu caro amigo. Creio que as duas maneiras de julgar podem ser lealmente sustentadas e que cada lado tem a sua razão, pois que vemos, diàriamente, gente muito decente divergir de opinião... Nanette, repito, é a primeira a reconhecer isso.

Nada, creio, era mais verdadeiro, e Geoffroy aceitou êsse raciocínio, que lhe parecia de bom senso.

Porém, a ferida aberta pela violenta censura de certos jornalistas — não tanto pela censura implicita da filha — continuava bem viva, justamente porque a sua natureza se inclinava para as mesmas delicadezas e escrupulos exagerados de Nanette, valorizando as razões que haviam motivado as críticas.

— Se o fato, em si mesmo, é discutível e admissível — disse êle — eu talvez erre admitindo-o, dado que nem eu nem Nanette não suportamos qualquer equívoco, segundo hoje verifico muito claramente...

— Neste caso — repliquei encantada — o desfêcho desse equívoco é muito fácil... Nanette tinha bem razão.

— Oh, perdão, Paulina! Quando as opiniões são uma questão de julgamento pessoal e não de honra, seria absurdo perder o dinheiro, que assegura o futuro de Nanette.

Oh, Senhor Deus! Como êle estava longe de entender o pensamento da filha!

— Então? Você não pensa assim, Paulina? Fale com franqueza!

— Eu estive pensando... O ano passado você desejava falar com Nanette sôbre um negócio que já então o preocupava, Geoffroy. Agora chegou o momento de falar tranqüilamente e estudar as melhores medidas a tomar, a fim de voltarmos a um estado moral... normal.

— Medidas a tomar?... Que quer dizer? Será que também adotou as idéias de Nanette?

— Não adotei nada... Mas não devemos ter ilusões; Nanette está acabrunhada. Ela dissimulará — e talvez consiga dominar, aparentemente, a sua tristeza. Mas sempre continuará a sofrer.

A fronte de Geoffroy enrugou ameaçadoramente e êle começou a discutir.

— Vejamos... Você falou em medidas a tomar... Que medidas são essas? Como havemos de fazer?

Eu, exasperada, atirei-me, de cabeça, no perigo.

— Nanette desejaria dar o rubi! — disse, bruscamente.

— Dá-lo...? Dar o rubi? A quem? A uma instituição de caridade?

— A Kerdulen, para que possa desposar Cecilia!

— A Kerdulen? Mas, está louca! Chame-a! Chame Nanette! Quero falar com ela agora mesmo. Onde está ela?

— No salão.

— Vamos lá!

Antes de que eu pudesse esboçar um movimento para o reter, êle já havia saído, com passo acelerado; não tive outro remédio senão seguí-lo.

Nanette não esperou uma palavra ou sequer um gesto para correr ao encontro de seu pai e cercá-lo em seus braços, exclamando:

— Meu pai querido! O senhor já conhece a minha maneira de pensar... Perdôe-me se não penso exatamente como o senhor... Mas a verdade é que sou, por isso, muito infeliz.

E desatou a chorar sôbre um ombro de Geoffroy, cuja irritação vôou como pena batida pelo vento. Vi que também êle estava prestes a soluçar. Beijou apaixonadamente o rostinho banhado de lágrimas, fêz a filha sentar ao seu lado e, quando a viu, finalmente, absolutamente calma, começou a falar com um sangue frio que admirei:

— Minha filhinha... Pobre filhinha! Eu queria — quero ainda — salvar o futuro...

— Eu sei, meu pai ! Oh! Sempre notei... E sou, por isso, muito agradecida por haver, por mim, pôsto de lado as suas tradicionais repugnâncias...

A resposta não fôra calculada, mas Nanette não poderia ter dito nada mais delicado e mais correto. Dava ao pai o papel de herói e subentendia que, pensando exatamente como a filha, ela havia sacrificado as suas ideias à sua ternura paternal.

Entretanto Geoffroy recebeu mal a resposta da filha.

— Por que se refere às minhas repugnâncias? — perguntou êle um tanto severamente.

— Conheço o senhor muito bem... Sei que tem exagerados escrúpulos e estou certa de que sem mim, sem a preocupação do meu futuro, o senhor não teria, jamais, pensado em vender êsse manuscrito. Isso o senhor não poderá negar!

— Deus sabe que não... Jamais teria sequer pensado em vender! Quando vivemos sózinhos sempre nos salvamos de certas situações... E sempre gostei da vida simples!

— Eu sei, meu pai... — disse ela, beijando-o ternamente. E nós dois nos entendemos muito bem, principalmente sôbre êsse ponto!

— Entretanto, quero que você saiba. Eu tinha o direito de vender êsses manuscritos!

— Sim, sim... — continuou ela com ar tímido, pois sentia que pisava um terreno escorregadio. — Mas não seria possível arranjar as coisas mais de acôrdo com as nossas ideias? No fundo, seja qual for o **seu direito em teoria,** somos da mesma opinião.

— Arranjar... que? Já está feito! Lamento que você não tenha sabido, em tempo, do meu projeto. Sabendo que êle con-

trariava você a êsse ponto, eu jamais teria vendido... Mas, infelizmente, agora é muito tarde!

Nanette chamou-me em seu socorro, com um olhar de agonia, porém eu me abstive de correr em seu auxílio. Pai e filha sustentavam uma tese diferente e ambos com excelentes razões; pronunciando o têrmo teoria, Nanette dava ao caso a sua verdadeira fisionomia, dado que os sentimentos de Geoffroy contradiziam essa mesma teoria.

Nanette o sentia e, vendo que eu não me animava a entrar na discussão, com a coragem dos moços, coragem própria dos que de nada duvidam, exprimiu nìtidamente o pensamento que a perseguia nos últimos oito meses:

— Em resumo, meu pai, as nossas repugnâncias são idênticas e, portanto, jamais usufriremos qualquer benefício desse rubi. Afirmo que seria três vêzes feliz se não o possuisse mais, pois que a sua proveniência, com ou sem razão, me inspira uma antipatia que jamais conseguiria vencer!

Eu aguardava uma **explosão,** mas Geoffroy queria obrigar a filha a falar.

— Que deseja você fazer, Nanette? Fale sem hesitação. Não me zangarei, pode ter a certeza! Estou ouvindo tudo com absoluta tranqüilidade.

— O senhor há de ser sempre assim, meu pai. Bom e generoso! Quando uma coisa aborrece, devemos afastá-la de vez e imediatamente! Vamos dar êsse dinheiro, que seria para nós uma causa de eterno desgôsto.

— Você sabe caminhar em linha reta! — disse êle com um sorriso. — Como pretende fazer?

Novamente ela se voltou para mim:

— A senhora não falou da minha idéia?

— Sim...

Ela pousou afetuosamente a mão sôbre a de Geoffroy que não respondeu à muda interrogação da filha, cujo ar ansioso e acariciante era realmente sedutor, embora meu primo nada deixasse transparecer.

— Dissemos hoje muita coisa tola! — declarou êle.

E nos deixou, depois disso, alí plantadas e mergulhadas em sentimentos diversos. Nanette, que acreditara tudo poder conquistar ao primeiro assalto, parecia ser a estátua da **Decepção**.

— Tudo está perdido... — murmurou ela.

— Tudo está ganho! — Geoffroy não pronunciou nenhum "não" formal; a esta hora está discutindo sòzinho com as suas idéias... E você sabe como êle a ama. Mas, é claro... Não pode aceitar com facilidade uma decisão extranha!

Na manhã seguinte, estando o frio de abril bastante intenso, deixei-me ficar algum tempo junto da lareira, compondo um importante discurso, que dirigiria a Geoffroy. O contagio do absurdo se apoderava de mim, pois que, longe de refutar as idéias de Nanette, amparava-as com judiciosos raciocínios.

Uma pancada discreta, à minha porta, interrompeu êsse trabalho intelectual; era Geoffroy que vinha, gravemente, sentar ao meu lado.

— Paulina... Desde ôntem não preguei ôlho.

— Pobre amigo! Mas, em compensação, deve ter refletido muito, pois do contrário não teria vindo procurar-me tão cedo.

— Não podia ficar mais tempo só... Sinto-me desamparado!

— Compreendo... E irritado! Veiu para receber uma boa **ducha!**

— Não devemos gracejar, Paulina!

Cruzou as longas pernas, apoiou os dois cotovelos sôbre os braços da poltrona e, entrelaçando os dedos das mãos, como se tomasse uma grave decisão, falou:

— Não é fácil conversar com a própria consciência! — disse com ar pensativo. — Aceitando a proposta de Varès, eu atendia a um dever paternal. Pelo menos assim entendia ao examinar o assunto com êle; hoje, porém, devo recuar e trocar de idéia radicalmente, só porque a minha filha se apresentou como censor!

— Ora! Êsse jovem censor apenas nos colocou diante do fosso em que haviamos caído, você e eu!

Geoffroy tentou protestar, porém não lhe dei tempo, prosseguindo com certa vivacidade.

— Nossas hesitações, a sua mania exagerada de guardar segrêdo, as belas teorias sôbre as obrigações criadas pela vida cara, a irritação que nos assalta a proposito de tudo e de nada, são provas de uma dúvida ou de um julgamento secreto, que sempre recusamos confessar a nós mesmos. Acho mesmo que as hesitações atuais são ainda um restinho de amor próprio expirante.

— Vejo que você é como Nanette. Gosta de caminhar dirètamente! — replicou êle, evidentemente achando graça. — Mas deseja realmente que eu ceda às imposições de Nanette? Então... você a apoia inteiramente?

— Não... Mas tenho a convicção de que ela não mudará de idéia. Não se força um espírito a seguir numa direção que êle não pode aceitar; que não quer seguir... E notese que ela tudo faria para pensar como você!

— Eu sei... Não se trata de pura teimosia da parte dela. Minha filha é perfeita e adorável.

Êsse estribilho, inesperado na circunstância, pareceu-me de magnífico augúrio.

— Dar a Kerdulen... chega a ser idiotice!

— Nem tanto, se colocarmos a coisa no terreno convencional. Mas o rubi nos jogou fora da estrada larga, seguimos por trilhas tortuosas que nos magoam. Nêste caso, que o dinheiro seja lançado ao rio, ou seja dado

ao diabo ou a Kerdulen, pouco importa! Ninguém saberá de nada e, se formos ridículos, ao menos devoraremos a nossa mortificação em família. A verdade, entretanto, é que quanto mais cêdo começarmos, melhor!

— Oh, isso...

— Tenho a certeza disso, Geoffroy! Mas, suponhamos o contrário; suponhamos que Nanette se resigne e aceite o fato cosumado, apesar das reservas da sua consciência. Então reinará entre nós, — entre vocês dois, principalmente, — um mal estar, envenenando tôdas as relações entre pai e filha... Não joguemos fóra êsse rubi!... E que êle sirva, ao menos, para fazer a felicidade de alguém! Você e Nanette jamais conseguiriam enterrar êsse ideal de delicadeza que vive teimosamente na natureza de ambos. Êle sempre estaria presente e vivo, para que ambos sofressem...



Êste pequenino discurso fôra realmente perfeito; Geoffroy assumira o ar atento de um advogado que recolhe argumentos para a sua causa. Antes de responder, ficou bastante tempo refletindo, com o olhar perdido nos tições fumegantes.

— Por que fala com tamanha confiança, Paulina? — exclamou êle com brusca irritação e muito satisfeito de poder desabafar contra alguém. — Aí está minha filha novamente sem dote e forçada a perder a mocidade, numa existência sem alegrias ou a desposar **um La Fade qualquer!**

— Não! Não deve dizer... "um La Fade qualquer..."

Deti-me prudetemente; já havia pensado muito sôbre o assunto e não era o momento de submeter a Geoffroy observações que, no estado de espírito em que se encontrava, talvez o enraivecessem de uma vez. Apenas respondi: "Talvez... pois quem pode conhecer o trabalho secreto de um espírito?"

— Tem razão...

— Devo chamar Nanette, Geoffroy?

— Se quiser...

Minha prima, que despertara com a aurora, sabia que o pai estava "em conferência" comigo e essa visita a uma tal hora reanimava a sua esperança.

— Venha, garôta! A sua causa está ganha. Resta apenas uma resistência pro-forma. Todavia Kerdulen continua "atravessado" na garganta de Geoffroy.

Ela riu e, passando àgilmente à minha frente, foi atirar-se aos braços do pai.

— Eu sabia que nossos pensamentos combinariam! Sabia que o senhor me faria feliz! Assim não haverá mais nuvens entre nós, meu pai! Nascemos para viver uma claridade sem sombras...

— Isso sei eu! — disse êle, beijando-a.

Mas ponderou interminavelmente sôbre a idéia absurda de dar o "rubi" a Kerdulen, salientando o reverso da medalha. Mostrava-se principalmente surpreendido com o romanesco da idéia.

— Uma instituição de caridade, ainda passa! Mas a um capitãozinho! Um homem que mal conhecemos... Honrado, sim, reconheço...

— Um homem que o senhor conhece pouco, tem razão... Mas a quem o senhor teria dado a mão da própria filha, caso êle a houvesse solicitado! — respondeu Nanette sem malícia.

Geoffroy ficou estupefato e, ao mesmo tempo, achou graça na presteza e na ousadia da resposta. Aproveitando essa vantagem, Nanette não lhe deixou tempo para recuperar o equilíbrio e entrou a desenvolver a sua idéia favorita.

— Que importa que seja tolice ou apenas romanesco? Atingimos o nosso fim! O senhor fala em caridade... Existe outra melhor que ajudar um homem dígno e honrado a inaugurar um lar?

— E que temos que ver com o lar do Sr. Kerdulen? — declarou êle erguendo os ombros com desdem.

— Não... Não falemos dêle. Trata-se de Cecilia, minha amiga de infância e que é infeliz por não poder desposar o Sr. Kerdulen! E o Sr. de Faliberre cederia, caso o pretendente tivesse um dote razoável, não acha o senhor?

— Sim, sim... — respondeu francamente Geoffroy.

— O senhor, que tanto conversou com êle, há dias, acha que o Sr. de Faliberre cederia mesmo?

— Mas... que inquisição! — exclamou Geoffroy sacudindo ligeiramente a filha por um braço. — Creio que Faliberre deseja, hoje, apenas salvar a sua autoridade. Uma modificação na situação do capitão, é claro, o salvaria inteiramente. Mas é preciso pensar também na dignidade de Kerdulen. Se êle soubesse não aceitaria. E, se descobrir, algum dia, ficará furioso. Qualquer um ficaria!

— Que acha a senhora, minha prima?

A exposição de Geoffroy, em princípio, parecia-me justa. Confirmava, pelo menos, a impressão excelente que eu tivéra sempre do capitão em matéria de dinheiro. Portanto, respondi a Nanette nesse sentido.

Êle nada saberá! — replicou ela, vivamente. — Pensará que se trata de uma restituição de uma parte da divida contraída por seu parente.

— E, se êsse parente morreu há muito tempo e êle souber, um dia, que foi enganado? — insistiu Geoffroy.

— Pensará o que muito bem quiser! Por exemplo, que o parente confiou o dinheiro a um tabelião negligente. Porém o tabelião, com um pouco de habilidade, saberá deter investigações inúteis. Precisamos refletir a fim de encontrar um meio de realizar a operação sem por em perigo o nosso segrêdo.

— O dinheiro pertence a você, a quem dei até o último niquel! Portanto, você mesma resolverá! — disse o pobre Geoffroy com evidente tristeza.

(Cont. no próximo número)

SUSPEITA

Conto de

HANS NATONEK e BUD MURPHY

OLHEI para meu pai, tentando tirar da cabeça a idéia de que êle era um adversário. De algum modo eu me sentia mais homem, com mais idade que os meus dezoito anos. Muito mais. Pensei em minha mãe, outra vez, e no que lhe acontecera, e também como êle havia casado com Carola, seis meses atrás.

Êle parou junto da porta, como se hesitasse, não sabendo se devia entrar ou retroceder. O sorriso nervoso que marcava o seu rosto era quase o mesmo que trouxera nos lábios durante tôda a longa viagem, desde San Francisco.

— Agrada-me vê-lo de novo. — disse eu.

Êle retirou o escuro chapéu de feltro da cabeça e eu verifiquei, com surprêsa, que a sua cabeleira negra e ondulada não estava mais marcada pelos fios brancos que antes. Com o seu nariz fino e bem desenhado e os olhos e os lábios eternamente sorridentes, seu aspecto era dos mais agradáveis. Sua voz era grave, repousada e boa de se ouvir.

— E' um grande prazer ver você novamente, Eric — disse êle — Não é sempre que nos podemos ver, um ao outro. Em todo caso não foi sem alguma surprêsa que recebi o seu recado para vir. Suponho que deseja conversar sôbre o seu futuro. Talvez gostaria de ir para um grande colégio, êste ano...

★

Conversou longamente. Parecia sentir que alguma coisa não ia muito bem e pude notar que tentava descobrir o que seria, forçando-me a falar. Já havia tentado isso, algumas semanas depois da morte de minha mãe. Pobre Kathy. Amava-a muito... Eu não sabia, exatamente, como poderia expor a êle o que tanto me preocupava. Por isso, por alguns instantes olhei através da janela aberta, para o campo extenso, que se elevava timidamente, a princípio, para depois empinar decididamente até as altas montanhas capeadas de neve. Fôra num dêsses picos que o drama havia ocorrido, menos de dois anos antes.

Tinha eu, então, dezesseis anos. Êle e minha mãe tinham saído para um dos seus freqüentes passeios alpinos pelos picos rochosos do Colorado. Eu me preparava para deixar San Francisco e juntar-me a êles, em Colorado Springs, quando recebi inesperado telegrama... suspendendo a minha viagem.

Êle voltou sòzinho para casa, pálido e trêmulo de assustar.

— Que aconteceu? Onde está mamãe? — perguntei, correndo para êle, procurando ler na sua fisionomia, sacudindo-o com violência, como querendo despertá-lo, pois não podia acreditar no que já estava pensando. E a resposta dêle foi esta:

— **Ela caiu...**

★

— Quero que vá a essa montanha... comigo — disse eu, fitando-o bem nos olhos — **À mesma** montanha!

Houve um breve silêncio. Depois êle falou, com a sua voz calma e arrastada.

— Compreendo. Você não pode esquecer, não é assim?

— Não... Não tão fàcilmente como o senhor — retorqui — Então? Vai levar-me lá em cima?

Êle caminhou três passos, sentou-se com vagar e apoiando as mãos sôbre os joelhos, curvou-se ligeiramente para a frente, olhando a ponta dos sapatos.

— Então, é isso o que você quer?

— Carola... veio com o senhor?

— Não. Pensei que era melhor vir sòzinho. Naturalmente, ela ficou desapontada. Ela mal pôde conhecer você quando estêve em nossa casa, há meses...

— Melhor será que nos conheçamos pouco — disse eu.

Êle se ergueu e caminhou para a janela, deixando recortar a linha severa do seu perfil contra o fundo brumoso do dia.

— Eric — disse finalmente — não tenho a intenção de forçar você a... aceitar Carola. Peço, porém, que se mostre com ela tão respeitoso e cavalheiro como deve ser com qualquer outra senhora.

Apanhou o chapéu e caminhou para a porta. Com a mão no trinco, voltou-se e perguntou:

— Quando quer ir?

—O mais breve que seja possível — respondi — Amanhã mesmo, se puder.

— Como quiser. Melhor seria, porém, que treinasse um pouquinho.

A maneira como fechou a porta atrás de si, deu-me a impressão de que se retirava para sempre.

★

Suspeitei de meu pai desde o instante em que o vi chegar sòzinho à casa. A princípio, tentei afastar essa idéia do pensamento. Procurava convencer a mim mesmo da injustiça dessa idéia, tentando explicar a minha suspeita pelo fato de o estimar menos que à minha mãe, que sempre me causara a impressão de ser infeliz com êle. Nunca fôra carinhoso nem atento comigo. Ao contrário, Kathy me idolatrava.

A casa, depois disso, tornou-se inabitável para mim e tratei de deixá-la. Li o resultado do inquérito quando me achava no colégio, em Carmel. Só havia uma obscura evidência circunstancial: **por que Kathy, sendo uma experimentada alpinista, se aventurara por uma passagem ariscada?** A resposta de meu pai foi apenas esta: aquêle tinha sido um dia quente. Ela estava fatigada e mesmo não se sentia bem. Aquela passagem oferecia boa sombra, dominada por uma geleira. E a vista, dali, era realmente maravilhosa.

O inquérito, em sua totalidade, foi coisa de rotina. Nenhuma dúvida, nenhum motivo, nenhuma prova. Resultado: **morte por acidente!**

Ela foi enterrada no pequenino cemitério da igrejinha de Juan Peak. Fôra mesmo para estar mais junto dela que eu resolvera ir para o "Moun-

tain College". Muitas e muitas vêzes tinha ido visitar o modesto túmulo, deixando-me ficar sentado diante da pedra simples, na qual tinham sido cinzeladas as palavras: "Kathleen Zollkofer — 1904-1945". Dominando, muito acima, entre nùvenzinhas ralas, estava o Juan Peak, e eu não podia olhar para êle sem perguntar para mim mesmo, incansàvelmente: **"Como isso aconteceu? Como isso pôde acontecer?"**



Por isso, aproveitando as férias da Páscoa, decidi fazer uma visita a meu pai, desejoso de saber mais um pouco.

Não dei qualquer aviso da minha visita e, ao chegar pude tirar partido da surprêsa causada.

— Senhor! Como você cresceu nestes dois anos! — exclamou êle — Foi, realmente, um tempo bem longo, Eric!

O aspecto da casa estava muito mudado. Era como uma outra casa. Havia retratos que eu nunca vira, bonitas cortinas, enquanto as flores eram alegres e enchiam tôdas as salas. Pensei que êle tivesse conseguido uma empregada de primeira ordem. E essa impressão mais se acentuou quando ouvi uma voz de mulher, cantando na cozinha. Êle notou a minha surprêsa, porque foi logo dizendo:

— Vem comigo. Quero que você conheça Carola.

— Carola?

— Sim. Você não sabia que eu tinha casado outra vez, hein? Pois é. Há muito tempo que queria dizer a você, mas sempre adiava, receando não ficar bem contar a coisa por meio de uma carta. Não estava certo sôbre como você receberia a notícia...

Falava sem olhar para mim e como alguém que estivesse mentindo. Êle estivera casado com minha

mãe cêrca de vinte anos e o pensamento de que pudesse vir a se casar outra vez; de que outra mulher pudesse tomar o lugar de Kathy, era coisa que se apresentava remota para mim. Não pude ficar mudo mais tempo. Abri a bôca para traduzir tôda a minha surprêsa, porém já êle chamava:

— Carola! — E sua voz cantava alegremente. — Venha cá. Temos um raro visitante.

Uma voz de mulher respondeu. Uma voz clara e agradável. Quando ela entrou no salão, vi-me diante de uma moça de uns vinte anos, pequena, esbelta, graciosa, com cabelos de um belo castanho escuro, nariz curto e direito e faces pálidas. Parecia ser uma das minhas colegas de Mountain College.

— Êste é meu filho, Eric — disse meu pai apresentando-me.

Os olhos escuros bateram várias vêzes e notei que ela havia ficado surpreendida e um tanto receosa.

— **Erice?** — perguntou, sem entender. Depois, inclinando ligeiramente a cabeça, para medir a minha boa altura, disse: — **Sério? Mas... sempre pensei que êle fôsse muito menor; um menino...**

— Tem dezessete — disse meu pai.

— Fiz dezoito no mês passado — corrigi.

Ela lançou um olhar ao marido e sorriu amàvelmente.

— Pois bem, Eric. Seja bem-vindo.

Ficou ligeiramente na ponta da sandália vermelha e beijou-me numa das faces; a seguir, com um lencinho limpou o traço de **baton**, que manchara meu rosto.

— "Ganhei então um filho e tanto!

— E eu uma mamãe quase criança — retorqui.

Qualquer ruga em minha fronte deve ter significado a ela que entre nós havia um abismo.

Carola acendeu um cigarro e lançou a fumaça num longo sôpro.

— Sempre estive imaginando como você devia ser, desde que me casei com Frank. Naturalmente, êle me contava uma porção de coisas a seu respeito, mas na verdade eu ansiava por conhecer você pessoalmente.

Falava e estudava-me com ar crítico, comparando-me com meu pai.

— Êle é muito simpático, Frank — disse ela, carinhosamente — Qualquer pessoa diria logo que é seu filho!

Tudo o que dizia recordava um pouco minha mãe.

— Devia ter conhecido Kathy. — disse eu.

Houve um pesado silêncio e meu pai pigarreou, enquanto a côr fugia do seu rosto.

— Eu conheci sua mãe — disse Carola, falando de vagar. Era bonita e sedutora.

— Onde a viu? Quando?

— Bem... Foi casualmente... — disse ela, depois de hesitar — Quando ela e seu pai estiveram passando uns dias em Colorado Springs.

— Nossas casas eram vizinhas — explicou meu pai — Foi um dêsses encontros de férias, você deve saber... Fica-se apenas duas semanas num lugar e trava-se conhecimento com todo o mundo...

Ambos olhavam para mim, ansiosamente, como se a qualquer momento fôssem ouvir uma terrível acusação. Porém eu preferi deixá-los, por enquanto, para refletir.

— Gostaria de repousar um pouco — disse eu.

Meu pai caminhou em redor das poltronas, enquanto dizia:

— Seu quarto continua como antes. Deixamos tudo em ordem, para atender a qualquer hóspede...

Depois dêsse primeiro encontro com minha jovem madrasta, os acontecimentos se precipitaram. Uma tarde Carola e eu ficamos sós, no **living-room**, en-

quanto meu pai havia saído, a negócio. Estávamos sentados, quase lado a lado, sem muito conversar, porque não tínhamos vontade de trocar idéias.

— Suponho que você nos deixará brevemente — começou ela.

— Por que diz isso?

— Noto que você não é feliz, aqui, Eric. Não se sente "em casa". E sei que não gosta de mim!

Nada pude responder.

— "Lamento muito — continuou ela ao fim de algum tempo — E sempre ouvi contar coisas sôbre a natural reação contra as madrastas. Reconheço que não posso substituir sua mãe, Eric. Também perdi alguma coisa nesta casa. Frank faz tudo para me agradar, porém não me sinto feliz.

— Você é muito moça — disse eu — Por que foi se apaixonar por meu pai?

— Êle é muito simpático e distinto, creio...

Nova pausa. Sua voz soava amargurada e em seus olhos notava-se uma grande desilusão.

— "Sempre gostei dos homens maduros. Muitas moças também preferem êsse tipo de marido. Eu tinha dezenove anos.

— Então, meu pai **já amava você... antes da morte de minha mãe?**

Ela olhou para mim, num movimento rápido, compreendendo, só então, o que dissera. Estremeceu violentamente.

— Não sabia... Ignorava totalmente a existência de sua mãe — confessou — Êle se apresentara a mim como solteiro. Eric! Você tem que acreditar em mim!

Chegou-se para meu lado, segurando-me nervosamente por um braço, onde enterrou as unhas.

— Não sei o que devo pensar — disse eu — ...a não ser que minha mãe está morta!

— Sei o que você está pensando. Mas não deve! **Êle seria incapaz de um ato tão bárbaro!**

— Não? Acredita que tenha sido um acidente?

Ela moveu a cabeça, com um gesto de desespêro:

— Não sei o que pensar... Sinto-me atordoada. Êste casamento foi um êrro, Eric, um grande êrro!

Começou a chorar mansamente, depois, soluçando, falou:

— Preciso de alguém, aqui, como você...

A partir de então eu sabia como devia agir.

Voltei para Mountain College com um pensamento: já agora havia mais um detalhe importante para a morte de Kathy: **um motivo!** Porém como seria possível provar? Só havia eu para entender as coisas; eu que vira como a pobre Kathy fôra infeliz na companhia de meu pai.

Agora, era preciso acabar com a dúvida que me torturava. Comecei a ensaiar umas subidas às rochas vizinhas. Depois escrevi a meu pai, pedindo-lhe que aparecesse para me visitar.

Na manhã seguinte à da sua chegada, encontrei-o no portão do hotel. Levara bom tempo barbeando-se, pois tinha o rosto lizo como o de uma criança. Mas usara talco exageradamente e, por isso, tinha o rosto quase tão branco como os cabelos das têmporas. Notei que êle havia dormido pouco, certamente preocupado com a subida que juntos encetaríamos. Sempre havia pensado que, à última hora, êle desistisse de subir — o que constituiria prova suficiente para mim. Porém êle estava calçado com as botas de alpinista.

Ao fim da aldeia caminhamos por uma estrada em zigue-zague, que subia entre velhos cedros. A primeira milha pareceu-me a mais penosa. Paramos um instante, para repousar, mas não trocamos palavra. Uma só vez êle olhou para trás, para contemplar as casas muito lá em baixo.

Não tardou a surgir a primeira barreira rochosa e, ao meio-dia, havíamos atingido o ponto mais distante alcançado pelos excursionistas visitantes da região, e que eu próprio atingira em minhas viagens de ensaio.

O sol ia alto e quente sôbre nossas cabeças. O caminho, por sua vez, mostrava-se escorregadio e difícil. Neste instante comecei a pensar como êle se comportaria quando me levasse ao ponto em que ocorrera o drama. O que faria ou diria? Sabia que êle era perito na arte da decepção. Poderia enfrentar tudo sem fraquejar? Por certo recordaria os movimento daquele dia distante. Eu contava com isso!

Mais uma hora e minha camisa ficou colada ao corpo suado, assim como os cabelos, empapados. Eu apanhara uma terrível dor de cabeça e da água da minha cantina pouco restava.

—Vamos repousar — pedi, finalmente.

Sua calma era surpreendente.

— Se assim quer... — disse, limpando com o lenço o suor do rosto.

— Por que não vamos àquele trecho? — perguntei com maus modos — **Lá "onde há sombra e onde a vista é maravilhosa?"**

Um brilho estranho passou pelos olhos dêle. Pálido, porém mudo, ergueu-se e reencetou a marcha por outro quarto de milha, até uma longa trilha, que terminava quando menos se esperava, sôbre o abismo. Era uma traiçoeira passagem a vencer, embora possível, devido à curta distância que separava os dois bordos. A mil pés abaixo de nós era o vazio medonho e o mais terrível silêncio. Colei-me à rocha que se levantava às minhas costas, sentindo a terrível sucção do vácuo.

Poucos segundos depois, com movimento decidido, êle se voltou, encetando a marcha de retôrno.

— Vamos! — disse êle.

— Por que? A sua consciência o magoa?

— Eric! Você estava errado! Kathy caiu!

— Devo acreditar que ela... **saltou?**

Êle hesitou um instante, depois respondeu:

— Não sei.

— Sim. Ela era tão leve. Um esbarro, um pequenino empurrão seria o suficiente...

— Não, não, Eric! Não toquei nela! — exclamou estendendo os dois braços para a frente, em atitude defensiva.

— Ela o amava, porém o senhor não a queria mais! Queria que saísse do seu caminho, a fim de que pudesse casar com Carola. A sua consciência, as suas palavras, tudo indica que o senhor empurrou mamãe!

Nesse instante pude ver minha adorada mãe de pé, à beira do abismo, e meu pai um pouco atrás, falando-lhe. Só Deus sabe que terríveis pensamentos foram os meus.

— E' verdade? — gritei, desesperado — Responde: **E' verdade que o senhor a empurrou?**

Êle olhou para baixo, para o abismo e, sùbitamente, sem uma palavra, saltou.

Eu fiquei só, na orla da passagem, como petrificado. Meu corpo todo tremia violentamente e tive que me ajoelhar, assim ficando muito tempo, antes de me poder de novo sustentar sôbre as pernas.

Não sei como consegui descer até ao vale. Caminhei màquinalmente, como um sonâmbulo. De-

sejava encontrar alguém, a fim de relatar o que acontecera. Com certeza não acreditariam em mim. Talvez me crivassem de perguntas, como haviam feito com êle... Como eu próprio o atormentara com as minhas perguntas. Talvez êle fôsse inocente... Talvez eu o tivesse levado ao desespêro, fazendo-o sofrer com a minha suspeita e, então, num minuto de indizível dor, êle decidisse dar-me um sabor do que eu próprio lhe havia proporcionado. Cruel, sim; porém talvez eu o merecesse.

Quando voltei ao meu quarto, encontrei uma carta que tinha sido passada sob a porta. Era de meu pai.

"Meu querido filho.

"Escrevo antes de iniciarmos a subida dessa fatal montanha. Escrevo porque sei muito bem onde você quer ir. Não pretendo voltar dessa excursão porque sou culpado.

"Assinei uma confissão, que enderecei ao attorney. Isso poupará a você as agonias de um inquérito e de qualquer suspeita. Adeus, meu filho. — Seu pai, Frank."

★

LIBRETO DA ÓPERA

"Nas óperas há sempre canto em excesso." **—Debussy.**

"O povo começou vaiando Wagner. Entretanto êle acabou sendo o mais popular compositor em todo o mundo. Um horrível destino para um grande homem." **—James Huneker**

"Qualquer um pode julgar o Lohengrin com uma única audição. E não tenho a intenção de ouvi-lo uma segunda vez." **—Rossini.**

"Ópera — uma peça representando a vida num outro mundo, cujos habitantes não podem falar, mas apenas cantar, não fazem movimentos, mas gestos e não assumem posições mas atitudes." **—Ambrosio Bierce**

"Depois de se estar sentado numa poltrona de Ópera é que se indaga, desolado, por que demônios se fêz isso?" **Stephen Williams.**

"O de que a ópera clássica está necessitando é de um herói que saiba dizer à heróina "amo-a"... em menos de vinte e cinco minutos!" **—Alexander Smallens**

"Os requisitos de um cantor? Grande peito, grande bôca, 90% de memória, 10% de inteligência, muito, muitíssimo trabalho ...e alguma coisa no coracão." **—Enrico Caruso**

"Drama musical que constitui o mais popular e sedutor trabalho de arte que já existiu. Tôdas as artes cooperaram para lhe dar vida. Só poderia morrer se alguma vez faltasse, totalmente, a imaginação no mundo!

—Gatti-Sasazza.

"Quando você estiver numa platéia de ópera procure ler (ou fingir que lê) o libreto ou outra qualquer literatura que possa conseguir, pois assim dará a impressão de que está realmente interessado em seguir a história ou a música." **—Anon.**

"Um brilhante sorriso muitas vêzes compensa uma falha vocal." **—Gladys Swarthout.**

"O que os Inglêses mais apreciam (na ópera) é alguma coisa



que êles possam acompanhar mentalmente; alguma coisa que chegue fàcilmente ao fundo dos seus ouvidos." **—Handel.**

"Cromáticas torturas surgem depressa, quebrando os nervos e alterando todos os sentidos"... **—Pope.**

"A música associada às palavras, numa ópera, pode parecer absurda; mas, se uma canção qualquer não causa essa impressão, muito menos deveria causar uma ópera." **—B. H. Haggin.**

"A poesia é coisa primária e a música pode ilustrá-la e dar-lhe colorido e ênfase, sem interromper ou prejudicar a ação. Não pode ser considerada, portanto, um um ornamento supérfluo." **—Gluck.**

"Linda e fanada como uma velha ópera, tocada numa harpa." **—Amy Lowell.**

"Só posso dizer que os aplausos do público em qualquer estréia de revista, na Broadway, nada representam, se os compararmos com os gritos de entusiasmo que nós, cantores, ouvimos, tôdas as noites, no Teatro Metropolitano da Ópera em Nova York. **—Ezio Pinza.**

"Êsse negócio de ópera é o mais enfadonho do mundo." **—Beethoven.**

"Apressemo-nos para chegar ao mágico palácio, onde abundam as alegrias sublimes do verso, da dança e dos sons." **—Voltaire.**

"As primeiras notas de uma "ouverture", na ópera, revelam que estamos penetrando num mundo irreal." **—E. J. Dent.**

"O grande êrro na arte-gênero da ópera consiste no fato do Meio de Expressão (Música) ser considerado Objeto, enquanto que o Objeto da Expressão (o Drama) é considerado um meio. **—Wagner.**

A REVOLTA DO

Por

ROBERT ORMOND CASE

A secretária de Mr. Crowley parou junto da mesa de Joe Northrups e falou com o canto da bôca:

— **"O homem que paga os ordenados"** quer falar com você "já e já". Foi a expressão que êle usou!

Joe ficou sentado ainda alguns segundos, olhando para a própria mesa e a ruina, mais que provável, da sua carreira com "Crowley & Tile". Depois, corrigindo com gesto nervoso o nó da gravata, que afrouxara um pouco, em razão do calor, endireitou os ombros e, levantando-se, caminhou para a frente.

O "patrão" disse apenas:

— Pode sentar, Northrups.

Depois ficou, algum tempo, mastigando a ponta do charuto.

Finalmente, levantou-se, caminhou em redor da própria mesa, olhando para Joe sob o espesso emaranhado das sobrancelhas. Tinha a fisionomia contraída de quem não está satisfeito.

— O que quero dizer a você, Northrups é... é muito pessoal. Trata-se de um assunto que tem de ser resolvido agora mesmo...

Parou para fuzilar seu empregado com um olhar mais direto e, a seguir, perguntou:

— Há quanto tempo você... anda "arrastando a asa" para minha filha Mary?

Joe esperava ouvir tudo, menos isso Comprimiu violentamente os lábios, sentindo os ouvidos cheios de estrondos. Mas conseguiu dominar-se depressa e decidiu ganhar tempo.



— Vejamos se me recordo, senhor. Saímos do colégio juntos há umas seis semanas... Digamos, uns três meses aproximadamente...

— Era o que esperava! — rosnou "o homem que pagava os ordenados" — **Isso** já está durando mais do que o normal nesses namoricos. Muito mais! Antes, êles apareciam e logo eram despachados... Mas o que me interessa saber é o que aconteceu, afinal, ontem, à noite? Mary contou à mãe e esta acaba de me confiar o segrêdo... Segundo diz minha filha, você, digamos... sim... você **feriu a sua sensibilidade!**

— Talvez tenha sido assim, senhor — confessou Joe. De qualquer maneira estaria despedido. Melhor seria **naufragar** de uma vez. — Mais tarde ou mais cedo teria que acontecer, Sr. Crowley. Sei que foi ela quem conseguiu para mim êste emprêgo. O senhor só me aceitou, mesmo, porque nada recusa a Mary. O senhor me considerava simplesmente um "coleguinha de colégio" de sua filha, conforme explicou certa vez.

— Sim, sim — confessou Mr. Crowley — Nunca tive dessas coisas. Comecei como "office boy". Nunca estive numa escola! Mas nem por isto esta companhia deixou de ser a terceira em importância em todo o país. Ouviu bem?

— Mas não quero ficar com o emprêgo só porque Mary é sua filha — disse Joe, que começava a "esquentar". Sempre procurei ser bom empregado...

Mr. Crowley assentiu com um movimento que espalhou cinza de charuto pelo peito de sua camisa — Sim. Tenho estado "de ôlho" em você. E sabe o que mais? King está precisando de um assistente com urgência... Agora mesmo!

Joe não podia acreditar no que ouvia. Assistente do Gerente Geral! Um grande salto, que o colocava em situação do maior relêvo na emprêsa.

Porém Mr. Crowley voltava a falar:

— Mas, agora quero saber: como começou essa briga tola, de ontem?

— Isso já vem de muito mais tempo — confessou Joe miseràvelmente — Não sou gastador e não suporto a vida de festas e excursões, com dezenas de amigos, como Mary aprecia. A verdade é que ela sempre está implicando comigo, por eu ser **assim**. No entanto, se chamo a sua atenção, criticando os saltos exagerados dos seus sapatos, ela se exalta até ao último limite. Assim temos vivido ùltimamente. Ela é voluntariosa e mandona.

— Sim, sim — disse Mr. Crowley, impaciente — Ela é minha filha e conheço-a bem. Além do mais, há trinta anos que estou casado com a mãe dela! Mas vamos ao que serve... Que briga séria foi essa, de ontem?

— Ontem — disse Joe — foi **a última gota do cálice!** Mary tinha entradas para o Baile dos Modelos, que está marcado para hoje. Não pude comprar as entradas. Porém ela pôde. Eu não queria ir... principalmente por causa da... das fantasias que ela comprou para nós dois! O senhor deve saber... Trata-se de um baile à fantasia...

— Sim — disse Mr. Crowley — Minha espôsa controla tudo em casa... e informou-me de que também eu teria que ir — veja você, Northrups! —

como o "Rei Netuno"! Pernas à mostra e coberto de tiras de lã, imitando algas! Ah! E também um tridente de cabo comprido!

— Pois o senhor ainda não sabe nada! — rosnou Joe — Ela decidiu que Mary iria fantasiada de pastora... e teria um "carneirinho"! Já tinha reservado um belo e peludo costume... **para mim!**

"CARNEIRO"

Para ser lido em

4 minutos e 45 segundos

A cauda estava sempre me obrigando a tropeçar, sempre que pretendia caminhar. Mary pretendia levar-me amarrado à extremidade de uma longa corda vermelha! E cada vez que ela desse uma sacudidela na corda eu teria que berrar como uma ovelha. E todos sabendo o que há entre Mary e eu — a respeito dêste emprêgo...

— Chega! — declarou Mr. Crowley — Compreendo o seu ponto de vista, Northrups — Ninguém pode simpatizar mais com você do que eu. Mas, que quer que eu faça? Tenho que viver com Mary e sua mãe. Não há outro remédio! Em compensação, bons empregados podem ser conseguidos em troca de um simples anúncio. Mesmo **um assistente para o Gerente Geral.** Por isso, a minha resposta, meu rapaz, é esta: você terá que fazer o que eu mesmo faço. Você fará como Mary quer e minha espôsa decidiu; e fará de cara risonha... ou...



— Não senhor! — disse Joe com voz firme.

Trocaram um demorado olhar, enquanto as pesadas sobrancelhas de Mr. Crowley desciam mais ainda.

— Procure compreender a situação, Northrups — disse êle com voz lenta — Eu próprio estou metido nisso. Submeto-me à vontade delas. Volte para a sua mesa. Dentro de quinze minutos — nem um segundo mais! — você telefonará para Mary e, depois de lhe pedir desculpas, dirá que pensou melhor e que aceita a fantasia...

— Ouça-me, por favor, Mr. Crowley — disse Joe — Então o senhor acha que eu deva passar a noite berrando como uma ovelha?

— Claro que sim! — disse Mr. Crowley — E saiba que ontem à noite estive me exercitando com o tridente e soltando gritos, como um possesso, para ir treinando...

Disse e parou por alguns segundos, pensativo e enterrando os dentes, furiosamente, no charuto.

— Muito bem, Northrups. Volte para a sua mesa e resolva em quinze minutos. Se, ao fim dêsse tempo, não tiver telefonado para minha filha, pode ir apanhar o chapéu. A mesa de McPherson fica no **hall,** como você sabe. E' êle o encarregado de fazer as contas e efetuar os pagamentos. E a mesa dêle fica bem juntinho do elevador, **no caminho da porta da rua**... Era só o que tinha a dizer, Northrups.

★

Joe voltou para a sua mesa. Caminhava de cabeça erguida. Depois de sentar diante da papelada, enxugou o suor da fronte. Duas vêzes, no correr dos seguintes quinze minutos, estendeu o braço na direção do telefone. Porém outras duas vêzes recolheu a mão vazia. Na terceira vez que moveu o braço foi para apanhar o chapéu! No instante em que o fazia, Mr. Crowley olhou primeiro para a mão que empunhava o chapéu e, a seguir, para o rosto de Joe, retirando dos dentes o charuto.

— Ao sair entregue isto a McPherson — e entregou a Joe um papel dobrado, estendendo o braço sôbre a mesa — Desejo-lhe boa s o r t e, rapaz.

— Adeus, Sr. Crowley — murmurou Joe Northrups com a garganta sêca.

★

McPherson trabalhava para Mr. Crowley desde a fundação da emprêsa, trinta anos antes. Destacou a parte superior da papeleta que prendeu num grampo próprio, sôbre sua mesa e começou a escrever qualquer coisa, numa das margens, com a sua letra vagarosa e caprichada.

— Não estou querendo apressá-lo, Sr. McPherson — disse Joe — Mas se pudesse despachar de uma vez o meu cheque...

— Cheque? — McPherson tornou a examinar a papeleta — Aqui não está mencionado nenhum cheque... Se quer verificar...

Joe apanhou o papel e leu:

"McPherson. Despeça Northrups. A seguir contrate-o novamente para o Departamento de King, no cargo de Assistente do Gerente Geral. Antes de se apresentar a King, êle terá, primeiro, que vir ao meu escritório. Ficará comigo ainda uns dois dias, antes de assumir o seu novo pôsto. E, por favor, McPherson, cancele a ordem de compra para a fantasia de Netuno e também o tridente dourado. — **Crowley.**

FOI há muito tempo. Em 1890, um índio semi-civilizado, chamado John Slumach surgiu na cidadezinha de New Westminster, na Colúmbia Britânica, com a sacola de couro transbordante depepitas de ouro, grandes como bolas de golf. **Esbarrado** constantemente no balcão de algum bar e bebendo como um sedento insaciável, relatava para uma multidão deslumbrada, e que aumentava a todo instante, como o ouro se oferecia à flor da terra, pelas serras e barrancos das montanhas negras.

A notícia e a evidência de todo aquêle ouro, impressionou profundamente todos os homens e depressa tudo foi conhecido em muitas léguas em redor. E, quanto mais o ouro miraculoso **escorria** por entre os seus dedos calosos, mais **whisky** descia por sua garganta, tanto mais a sua língua se soltava.

Houve quem insinuasse que Slumach era um mentiroso e que aquêle ouro era apenas o produto de

(Episódio real)

OURO AZARENTO



algum assalto, roubo e até mesmo assassinato. Porém, o índio, eternamente bêbedo, desanimava a todos os inquisidores.

Já havia falado bastante, porém; o necessário para exaltar a imaginação ambiciosa **daqueles homens** que agora sabiam: **o Eldorado estava ali, bem próximo!**

Slumach porém reservava outra surprêsa, talvez mais emocionante que a da sua chegada. De fato, poucos dias mais tarde, o índio desapareceu **tão sùbitamente como havia aparecido.**

Mas não pesaparecera definitivamente do cenário que havia incendiado com as suas palavras. Surgiu mais uma vez e já agora trazendo na bôlsa **a maior** quantidade de ouro que um só homem podia carregar. Como já fizera uma primeira vez, bebeu e gastou sem contar. Porém, desta vez, falou **um** pouco mais. Mencionou uma certa rocha em forma de ferradura, no ponto mais alto das Pitt Lake Mountains, «onde era possível encon**trar pepitas** do tamanho de um ôvo de galinha».

★

Os homens, ávidos de informação, cercavam **o** índio e procuravam embriagá-lo mais e mais. Porém o máximo que conseguiram ouvir dêle foram duas palavras: «Lost Creek». Isso pouco significava pois que, por assim dizer, sempre havia um «lost creek» em cada montanha cercando a região.

Mais uma vez o índio desapareceu misteriosamente e misteriosamente retornou, com uma terceira bôlsa cheia de pepitas. Mas vinha mudado, moroso, pensativo e mostrando-se zangado quando alguém se aproximava para fazer perguntas sôbre o seu ouro.

Estava o índio na cidade havia uma semana com nova sacola de ouro quando um barco pesqueiro, na bôca do Fraser River, pescou o cadáver de uma jovem índia. Em seus bolsos foram encontradas muitas pepitas!

A polícia, ligando os dois fatos, prendeu Slumach. O índio admitiu que a mulher tinha sido sua «companheira» — o têrmo foi êsse — na última viagem até à rica jazida. Pagara a infeliz com ouro, mas, no último dia da jornada, ela caíra do «canoe» e desaparecera nas águas. Por mais que o crivassem de perguntas não puderam forçá-lo a alterar essa história, e, finalmente, desanimando, a polícia foi compelida a soltá-lo.

Algumas semanas mais tarde, o corpo de outra jovem índia foi encontrado nas águas do rio Fraser — esta com profunda facada nas costas, ferimento que bem podia ter sido praticado com a faca que Slumach habitualmente carregava no cinturão.

Por coincidência, o índio voltara a Westminster, para novo esbanjamento de ouro. A polícia logo o prendeu, sob acusação de assassinato, sendo levado perante o tribunal de emergência, tão comum nesses tempos rudes. O júri, encabeçado por W. E. Fales decidiu o caso em 15 minutos, reconhecendo a culpa do acusado. O promotor, Louis Eckstein pediu a pena de morte e Blake sentenciou Slumach a morrer na fôrca. Sem dúvida, os homens de Westminster, sedentos de ouro, esperavam que o índio, agora com o laço no pescoço, revelaria o seu segrêdo.

Porém tal não aconteceu. Silencioso até ao fim, o homem morreu pendurado, em 16 de janeiro de 1891, confessando apenas a sua culpa. Não matara duas, mas oito «companheiras», que tinha levado em suas viagens ao campo aurífero. Praticara todos êsses crimes para que elas não revelassem o local do ouro.

A morte de Slumach não encerrou a história de Lost Creek. Simplesmente desencadeou uma longa série de violências, que provocou, no mínimo, 20 mortes nos cinqüenta anos seguintes. A polícia teve que atender a dezenas de queixas sôbre rapto de jovens índias até que surgiu em Westminster um homem, John Jackson, veterano explorador de ouro, afirmando ter descoberto o segrêdo de Slumach.

Meses depois retirou-se para San Francisco da Califórnia, onde morreu sùbitamente, deixando um relatório e um mapa, afirmando ter encontrado o misterioso Lost Creek e dêle retirado outro no valor de 10.000 dólares.

Nos anos seguintes expedições foram organizadas, uma após outra, no intuito de encontrar o ouro do índio. Os sobreviventes juraram «ter visto os fantasmas de oito mulheres ensanguentadas guardando zelosamente a região».

Muita gente, é claro, não acreditou nessas histórias de fantasmas, da mesma forma que houve quem dissesse que a mina de ouro nunca existiu, não passando tudo de uma desiavada entre estradas de Slumach, na certa um salteador de estradas. Porém a verdade é que muitos continuaram procurando êsse Eldorado.

No verão de 1947 outra expedição foi organizada, porém desistiu, a meio caminho, pois os seus homens foram prêsas do mêdo supersticioso, quando um membro da mesma perdeu uma perna, outro morreu, picado por aranha venenosa e um terceiro foi morto pela própria arma, ao cair do cavalo.

Os **veteranos** riscaram definitivamente o **Eldorado** do pensamento. Para êles o ouro de Lost Creek era **azarento** — e nada queriam com êle.

HITLER E O MISTÉRIO DE SUA MORTE

(Continuação)

Nascido de uma iniciativa do Exército norte-americano, conservado vários anos nos arquivos do Departamento de Estado e nos *dossiers* pessoais do Presidente Truman, o documento que estamos publicando — e que foi até recentemente confidencial — pertence, de fato, à história. Descreve o homem que foi um dos enigmas do nosso século, ao mesmo tempo que era um dos flagelos do mundo: Adolf Hitler.

★

(Opina um técnico francês, comentando declarações do comandante Hein Schaeffer, do submarino alemão «U-977», que se entregou às autoridades argentinas de Mar del Plata em agôsto de 1945, depois de passar 3 meses misteriosos em pleno mar.)

AO contrário, a zona Este da Antártica está constituída quase inteiramente de um elevado platô, com cêrca de 3.000 metros acima do nível do mar.

4.º — Segundo os cálculos dos geógrafos, a extensão do continente antártico ultrapassa de muito 14 milhões de quilômetros quadrados. Êsse continente é, pois, mais vasto que tôda a Europa, inclusive a Rússia e as Ilhas Britânicas.

5.º — Fora os pinguins, certas espécies de insetos e líquens que abundam especialmente nos flancos do vulcão Erebus, flora e fauna do Sexto Continente são nulas.

6.º — A temperatura reinante no interior do continente é de aproximadamente 0º durante os meses do verão; desce geralmente até 20º abaixo de zero nos meses do inverno, mas dificilmente chega a 30º. Os diagramas, traçados pelos meteorologistas das expedições Bruce, Borchgrevink, Scott e Shakleton, atestam que o frio atinge seu máximo de intensidade em julho, no coração da Antártica, quando oscila entre 16º e 20º Fahrenheit.

7.º — Pior que a temperatura, que é superior à dos invernos em certas regiões do Nordeste europeu, são os ventos fortes, soprando em turbilhão tempestuoso e que atormentam os homens nas terras antárticas, especialmente no inverno. Em geral o ar é sêco, absolutamente puro e são sôbre todo o continente, segundo o testemunho dos membros das expedições que pisaram suas margens.

8.º — Sabe-se que o solo da antártica é riquíssimo. Charcot e Shakleton puderam descobrir, à flor da terra, numerosas jazidas de ferro, de cobre, de feldispato, de carvão, além de outros minerais, embora não levassem a missão especial de proceder a investigações geológicas. A expedição Byrd aumentou o campo dessas pesquisas e além de vastas jazidas de carvão, descobriu ainda a presença de mais de uma centena de minerais diferentes, todos à flor da terra. Afirma-se que ali estão fantásticas quantidades de urânio, êsse metal cuja importância salta aos olhos logo que se pensa na energia atômica.

Na verdade, com seus 14 milhões de km.2, o Continente Antártico é, de fato, um mundo ainda desconhecido. Uma região imensa, dificilmente acessível e muito afastada de todo meio habitado, tinha que ser o local ideal para esconder Hitler e seus íntimos. Uma vez ali chegados seria quase impossível encontrá-los. Todavia, chegados a êsse ponto do nosso exame, cabe fazer estas perguntas:

a) O grupo de Hitler pôde chegar até ao continente Antártico?



... histórica cervejaria de

b) Existe alguma prova ou indício atestando que êle se dirigia para o Antártico?

c) O Fuehrer e acompanhantes poderiam viver durante anos inteiros nessas paragens inóspitas?

d) Houve preparativos dos nazistas visando a construção de um refúgio no Sexto Continente?

Respondendo a essas quatro perguntas de maneira càtegórica, não sòmente se resolveria o mistério do desaparecimento de Hitler, mas ainda se descobriria o local em que se encontra o refúgio do homem que espera a ocasião de fazer sua reaparição dramática no cenário do mundo!

UMA CURIOSA EXPEDIÇÃO

Quanto à primeira pergunta, é possível responder, sem qualquer dúvida, que Hitler e o seu grupo puderam chegar ao Continente Antártico sem a menor dificuldade. **Viajando submerso, na maior parte do trajeto, o comboio fantasma pode ter iludido a vigilância de um forte bloqueio** (que, de resto, não existia). Existia apenas uma base americana e uma missão britânica sôbre certos pontos do continente. Porém os nazistas conheciam sua posição e não se aproximaram das mesmas. O fato do "U-530" e do "U-977" terem efetuado sua rendição em Mar del Plata é prova irrefutável de que o comboio se dirigia para o Sexto Continente. Examinando-se o itinerário seguido pelos dois submarinos, desde a Noruega, através do Atlântico Norte e, a seguir, do Atlântico Sul, até à altura de Mar del Plata, chega-se à conclusão de que a linha traçada apresenta uma ruptura e que o seu prolongamento conduz, inevitàvelmente, à Antártica!



AS EQUIPAGENS ALEMÃS DESEMBARCADAS NA ARGENTINA continuaram a receber correspondência de casa...

A história das expedições antárticas efetuadas no correr do século XX, dá a prova eloqüente de que um grupo de pessoas, em certas condições, pode viver nessas regiões durante anos a fio. As expedições de Byrd revelaram o milagre dos progressos técnicos nesses lugares distantes do resto do mundo. Seus membros não sofreram qualquer privação e as fotografias nas quais são vistos com o torso nu, apreciando as carícias do sol antártico, atestam que, dispondo de recursos convenientes, o homem pode viver ali durante anos inteiros, sem que sofra a sua saúde ou tenha que viver no mesmo nível dos Esquimaus.

Resta saber, todavia, se, na realidade, os nazistas fizeram preparativos para a construção de um refúgio na Sexta Parte do mundo. Ora, por mais fantástico que pareça, podemos afirmar que, realmente, foram feitos. Mesmo não ligando às declarações do almirante Doenitz e referentes a êsse "paraíso terrestre", essa "fortaleza inexpugnável, especialmente construída para o Fuehrer pela frota submarina", há provas materiais de que foram tomadas precauções. Estas provas são as seguintes:

Quando terminada, com êxito, a segunda expedição de Byrd (e também a de Ellsworth, que explorou uma zona reclamada, depois, pela Austrália), Noruegueses, Inglêses e Japonêses percorreram uma parte do Sexto Continente nos anos que precederam à II Guerra Mundial. Em 2 de janeiro de 1938, em Moscou, foram anunciados os preparativos para uma expedição ao Polo Sul, a qual jamais se realizou. Em compensação, uma missão alemã ali surgiu sem qualquer aviso, em fins de 1938, voltando no ano seguinte. Essa expedição causou surprêsa universal, em razão do absoluto silêncio de que se cercara, do início ao fim.

— **"Efetuando essa expedição, executei ordens do Marechal Goering"** — declarou o capitão Alfred Ritscher, ao retornar a Hamburgo, onde chegou, a bordo do "Schwabenland", em 12 de abril de 1939.

Segundo revelou, o fim da expedição fôra "o de procurar águas livres, para nelas pescar a baleia", pois o Reich necessitava de matérias gordurosas. Era uma declaração pouco convincente, mas não despertou suspeitas. A êsse tempo já o espectro da guerra era visível na Europa e era fácil entender que a expedição Ritscher nada tinha que ver com os cetáceos. O Reich se preparava para a luta e tinha necessidade não só de bases para os seus submarinos no Extremo Sul mas também de um eventual refúgio para Hitler. O navio da expedição possuía catapulta e dois aviões anfíbios de dez toneladas cada um e com equipagem já experiente em vôos polares, o que facilitou o estabelecimento de mapas perfeitos da região percorrida. Em seu orgulho germânico, o capitão Ritscher se contradisse, então, quando, relembrando as proezas a que se entregara, "deixou escapar" imprudentemente isto, que trouxe luz interessante sôbre os verdadeiros objetivos da missão:

— **"Era a primeira vez que aviões alemães voavam sôbre a Antártica. Nessas condições difíceis amerissaram perto da costa gelada do polo, para ali içar o pavilhão que indica a soberania alemã.**



NO REFÚGIO SUBTERRANEO DE HITLER, CORRESPONDENTES DE JORNAIS NORTE-AMERICANOS PROCURAM ALGUMA EVIDÊNCIA DOS SUICIDIOS. MARCAS DE SANGUE NUM DOS BRAÇOS DO SOFA PODEM SER DE EVA BRAUN...

A cada vinte e cinco quilômetros lançávamos lancetas ponteagudas e ornadas com a bandeira alemã, que marcavam assim os pontos extremos de cada vôo. Assim descobrimos uma região de aproximadamente 600.000 quilômetros quadrados, dos quais 350.000 foram fotografados de tal forma que é possível organizar um mapa completo da zona descoberta.

O NOVO BERCHTESGADEN — Essas declarações eram de notável inconseqüência. Começara afirmando que tinha ido "em busca de águas livres para caçar baleias" e terminava confessando que

seus aviões tinham implantado a soberania alemã num território de 600.000 quilômetros quadrados! E não hesitou em afirmar que essa região se localizava entre os meridianos 11º½ Oeste e 20º Este, limitado pela costa, próximo do 70º de latitude Sul e, do lado do Polo, pelo 76º ½. **Dêsse ponto** — acrescentou — **se eleva um vasto platô de cêrca de 4.000 metros de altura, que se estende para o Polo, enquanto que no interior do território antártico delimitado pelos aviões se encontram maciços montanhosos de mais de 3.000 metros de altura."**

Os membros da expedição tinham sido escolhidos com cuidado. A "ilha" da Lufthansa, o "Schwabenland", transportava biologistas, oceanógrafos, geofísicos e geógrafos, sem falar de outros técnicos, tais como fotógrafos especializados e os meteorologistas. Todos puderam acumular numerosos e importantes dados, chegando mesmo a realizar sondagens radiológicas até uma altura de 24.800 metros.

Foi assim realizado um trabalho cuidadoso, nessa região antártica situada diretamente ao sul das Malvinas. Ritscher, que pertencia, na qualidade de conselheiro, ao E. M. da Aviação Naval do Reich, foi condecorado solenemente pelo Fuehrer, que o nomeou ainda Conselheiro Superior do Estado.

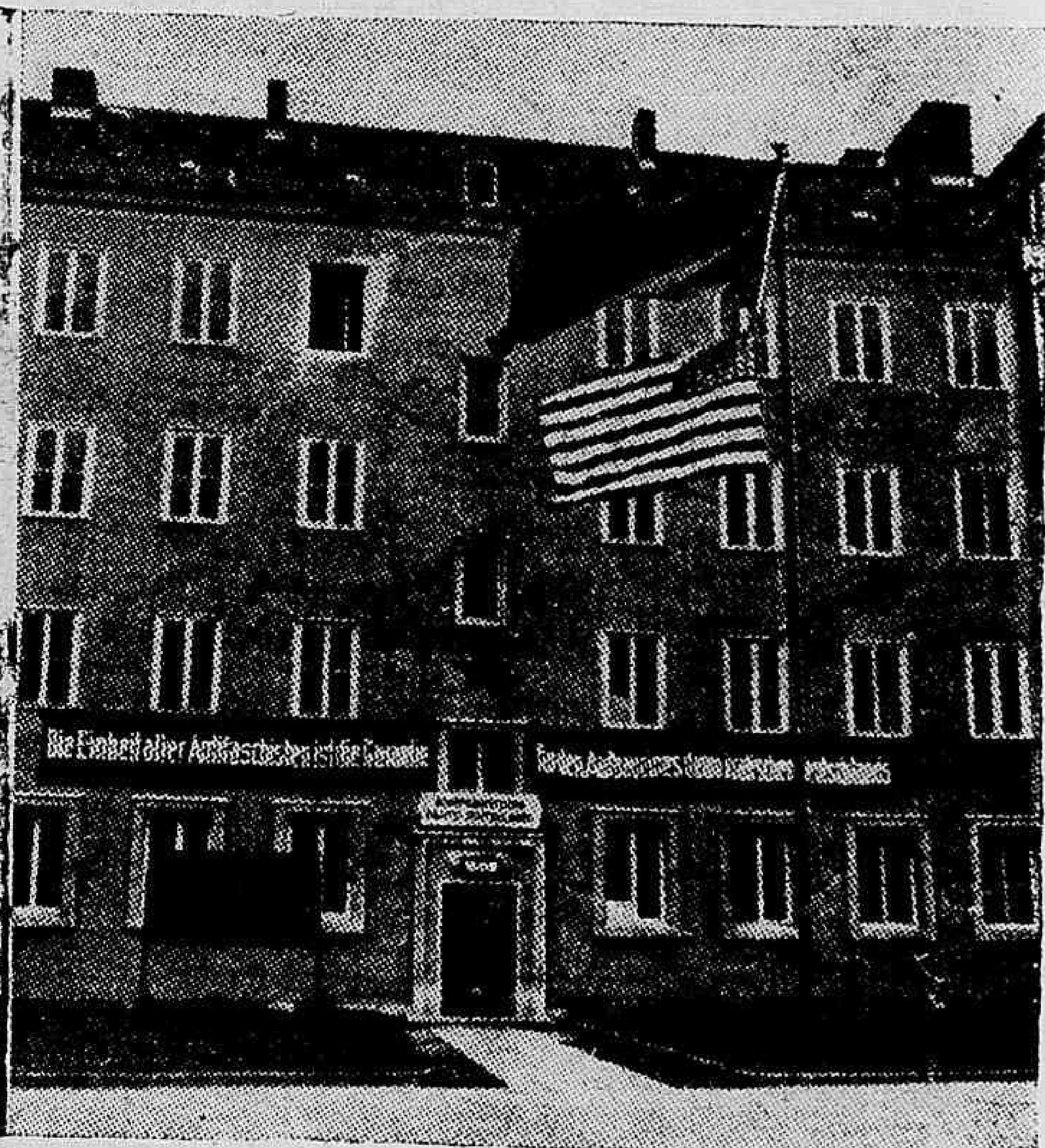
Pouco tempo depois do retôrno de Ritscher, a Alemanha proclamava oficialmente seus direitos a uma vasta região da Antártica, sem ligar às reclamações da Noruega a respeito da mesma região. Depois a cortina se levantou sôbre a tragédia européia e logo foram esquecidos os pavilhões da **swastika** lançados sôbre as terras brumosas do Sexto Continente.

Mas há indícios de que os nazistas não esqueceram essas conquistas. Ao contrário. Durante a primeira fase da guerra, a presença de numerosos corsários alemães no Atlântico Sul tornou-se suspeita. Êsses barcos iam operar no Atlântico Norte, rota habitualmente seguida pelos comboios aliados. Mas abstinham-se de praticar atos de beligerância no extremo sul, onde tinham bases secretas. Ora, nenhum dos inquéritos efetuados permitiu revelar que essas bases estivessem situadas na costa sudeste do continente sulamericano, como foi dito muitas vêzes. Na realidade, essas bases secretas se encontravam muito mais ao sul, talvez no próprio litoral do Continente Antártico e estavam destinadas a desempenhar um duplo papel. Quando a atividade dos "corsários" nazistas cessou bruscamente em meados de 1940, essas bases se converteram em depósitos em que eram acumulados todos os materiais necessários para a construção de um refúgio no interior do continente. Êsse transporte era confiado ùnicamente a submarinos capazes de triunfar de todos os obstáculos causados à navegação na região dos gelos. Foi essa a tarefa a que aludiu o Almirante Doenitz, quando irradiou a famosa declaração elogiando os trabalhos efetuados pela frota submarina. E há mais: no mês de agôsto de 1940, o Dr. Wohl Will, diretor da **Deutsche Reichs Institut Fur Metalle** lançou um apêlo aos técnicos alemães especializados, para o preparo dos projetos de construções à base de metais **não ferrosos e destinados a suportar temperaturas inferiores** a . . . **60º!** (Como se sabe, o ferro, se submetido a uma temperatura como a citada, torna-se extremamente quebrável, pois que sofre, em sua estrutura íntima, mudanças fundamentais.)

Em que lugares do mundo precisaríamos de se-



A MANSÃO DE GOEBBELS no centro de Berlim foi alvo de pesado bombardeio e centro de feroz luta corpo a corpo. Diante da casa está um Volkswagon tombado. Nos derradeiros dias de Berlim, o antigo Ministro da Propaganda decidiu morrer, com tôda a sua família, no próprio subterrâneo de Hitler, espécie de palácio-fortaleza construído sob a própria Chancelaria, protegido por formidável cúpula de concreto e aço.



EIS O Q. G. COMUNISTA, no 12.º distrito de Berlim. No mastro as duas bandeiras, russa e norte-americana (esta em baixo). Os letreiros cobrindo a fachada proclamam em alemão: «A união de tôdas as fôrças anti-fascistas garantem a construção da democracia Germânica». Os partidos políticos foram inicialmente proibidos na zona Aliada, mas na zona russa desde logo entraram a funcionar três partidos anti-fascistas.

melhantes construções boas para suportar temperaturas polares?

Não se tratava das ilhas Spitzberí, como se supôs na época, mas de um local "em alguma parte do Sexto Continente"; um local onde os trabalhos de construção de um refúgio eventual para o Fuehrer, foram iniciados em fins de 1940, na Antártica, época em que a temperatura permitia a realização de empreendimento dêsse gênero.

Tiveram êles, assim, mais de quatro anos para preparar um vasto refúgio, dotado de todo confôrto razoável para um numeroso grupo de ocupantes. Puderam excavar tôda uma montanha e construir uma espécie de "Shangri-La", paraíso terrestre em miniatura, em intenção do Fuehrer e seus acompanhantes. Tudo quase inacessível e hàbilmente dissimulado.

Sem dúvida, para a moderna engenharia, êsse não é um problema sério. Êsse refúgio poderá conter até mesmo terras próprias para a cultura de frutas e legumes, assim como campos de criação de voláteis e de gado. Ali foram acumuladas, talvez, milhões de toneladas de carvão, gasolina, medicamentos, roupas, alimentos condensados, produtos vitaminados, aparelhos de distilação, aviões, tratores, armas, estações de rádio e todo o necessário a um grupo de duzentas pessoas.

Ignorou-se, durante mais de dez anos, de que território exato o Reich de Hitler se apoderara por ocasião da famosa expedição mantida em segrêdo. Há três anos, porém, o professor L. P. Kriwan, da Real Sociedade de Geografia de Londres, descobriu, em Hamburgo, os arquivos completos do raide aéreo dos aviadores nazistas. Pôde mesmo entrar em contato com o pilôto que dirigiu, em 1939, o reconhecimento sôbre a Antártica. Segundo êste último, o território está situado entre as dependências das Ilhas Falkland e o território australiano da Antártica. Pertence, de fato, à Noruega e tem o nome de Terra da Rainha Maud. Ali, pròvàvelmente, está refugiado Adolf Hitler!

Seria muito difícil calcular o número exato das pessoas que acompanham o ditador nazista nesse novo Berchtesgaden, aguardando o momento do retôrno. Mas é justo imaginar que seja um grupo numeroso, formado por várias centenas (ou até milhares) de indivíduos. Mesmo ignorando-se o número total de submarinos do comboio devemos recordar que os três submarinos capturados levavam a bordo o máximo de marinheiros, como o atestam os tripulantes presos. A êsses homens devemos acrescentar tôdas as pessoas que já se encontravam no continente antártico, realizando tarefas diversas. O fato de que a bordo do "U-530" e do "U-977" a equipagem era formada de jovens celibatários — os casados desembarcaram na Noruega — é outra prova de que Hitler sabia que deveria esperar talvez muitos anos, antes de retornar à Alemanha. Não é ainda, um velho (60 anos) e mesmo em duas décadas, os jovens que o acompanham não terão mais de 45 a 50 anos. Devemos ainda recordar que Hitler tem filhos e que, no caso dêle morrer, seus filhos, que devem estar em sua companhia, poderiam substituí-lo.

Não devemos ter dúvidas de que Hitler e os seus contam com a eventualidade de um conflito entre o bloco escravo e as potências ocidentais, para fazer sua reaparição no cenário mundial. Sabem que o nazismo não está morto na Alemanha e que subsiste também, ainda, em outros países...

(Continua no próximo número)



LIMPAR OS DESTROÇOS é uma das mais penosas tarefas das mulheres de Berlim, em sua maioria viúvas de membros do Partido. Registradas pelo Ministério do Trabalho são requisitadas e distribuídas segundo muito bem entender o comando soviético de cada distrito. Trabalham seis horas por dia e recebem 72 pfennigs (cêrca de 2,40 cruzeiros por hora). Ao fundo, o Mercado de Frutas, ligeiramente danificado.



À ESPERA DO ÔNIBUS na Rheinstrasse, de Berlim, quase intacta. Fica situada na parte sul da cidade. Ali as donas de casa esperam o ônibus, carregando grandes cestos para compras. O intenso bombardeio aliado arruinou completamente qualquer outro sistema de transporte e mesmo as linhas de ônibus algumas vêzes têm que sofrer «baldeações», em vista das dificuldades do piso em certas zonas mais castigadas.

"Flecha Brilhante"... 200.

— "Flecha Brilhante", cotado assim, é um "azarão" e tanto!" — murmurou Frank para si mesmo, sentando na primeira cadeira da pequena barbearia de South Brooklyn.

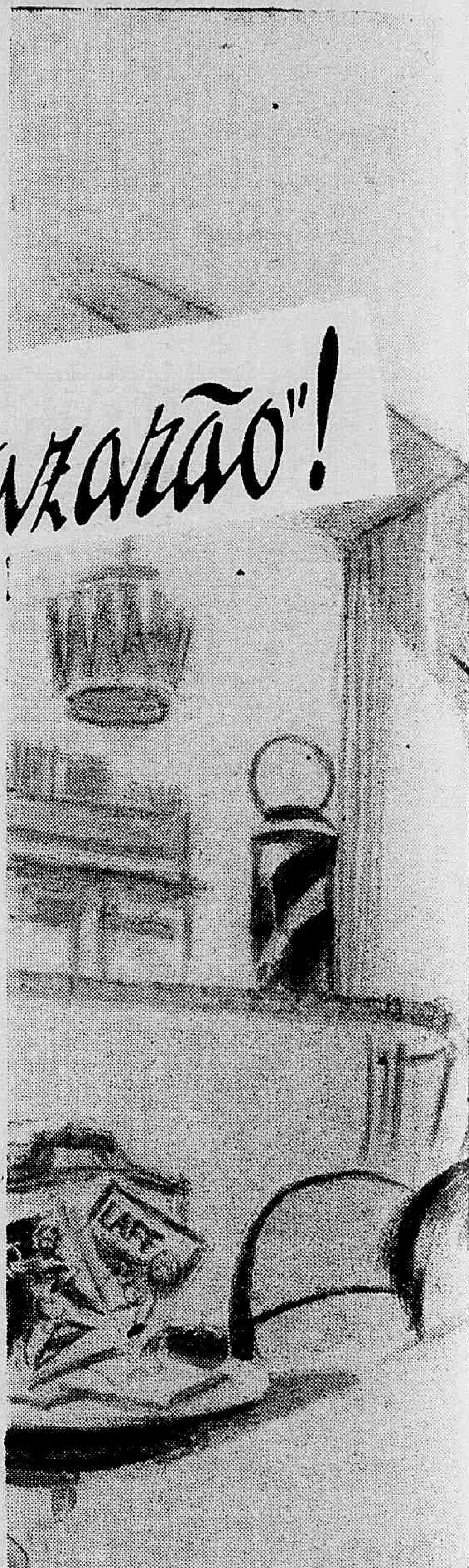
Aquêle fôra um dia de grande calor e a porta de entrada estava totalmente aberta. Olhando através dela e da rua, Frank podia ver a loja de "balas" que era uma "cortina de fumaça" para o balcão do **bookmaker** local.

Traçou as suas iniciais na papeleta em que havia escrito o seu palpite de **poule** — vencedor: "Flecha Brilhante" — e a quantia jogada: um dólar. Música de "cowboy" podia ser ouvida, pois o rádio ficara ligado no fundo da loja.

UM "azarão"!

Conto de

FRED FRITCH



Ter a sua loja de barbeiro ali, bem em frente ao balcão de apostas para as corridas de cavalos, era considerado por Frank uma vantagem. De fato, era-lhe muito fácil, quando cismava, atravessar a rua e fazer uma "fèzinha", embora também fôsse muito fácil perder o seu dinheiro.

Palpites? Oh! Isso era coisa também muito fácil! Nem precisava de andar estudando o programa, lendo os comentários técnicos, comparando as possibilidades de cada animal, segundo a distância, o estado da raia, os últimos "trabalhos", os jóqueis que montariam, etc... Nada disso. Nem gostava de ler aquilo, que apenas servia para o deixar cheio de dúvidas, perdido entre a cavalhada, tímido, com mêdo de se arrepender à última hora, de largar um cavalo vencedor, trocando-o por um "fecha-raia".

Não gostava, nem precisava, pois que, o dia todo, os clientes estavam cochicando **segredos** preciosos, apontando "bombas" e assinalando "barbadas".

Frank, geralmente, comprava **poules** baratas. Hoje não. Estava decidido a aproveitar aquêle "azarão" e acertar a **mão** numa "bolada" que daria gôsto!

Jogaria um dólar! O equivalente a um "cheque"! Precisava de dinheiro assim, conquistado **de golpe**, para comprar roupas e também sapatos para Frank Júnior.

★

A professôra lhe dissera, dias antes, que Frank era o seu aluno mais brilhante e que sempre resolvia tudo com a velocidade de uma flecha. Por isso, quando viu o cavalo "Flecha Brilhante" cotado como **azar**, Frank não tivera dúvidas em apontá-lo como o vencedor do páreo.

O filho também fôra considerado, de início, como um dos alunos mais fracos e, no entanto, ali estava! Acabara sendo o primeiro da classe! Fôra assim como um "azarão" na escola. Ninguém fizera fé com êle e...

Estava decidido! "Flecha Brilhante" seria o **seu** cavalo para o terceiro páreo!

Voltou a olhar para o relógio, do outro lado da rua: duas horas e 45 minutos!

Frank se levantou, apressado. Faltavam só dez minutos para ser corrido o terceiro páreo! Tinha que ir fazer o jôgo, imediatamente.

Nesse justo momento, um homenzarrão, quase quadrado, de ombros poderosos, entrou na loja. Com gesto rápido tirou, ou melhor, arrancou o chapéu da cabeça, foi pendurá-lo ao cabide junto da porta e logo depois se deixou cair, sentado na primeira cadeira, da qual Frank se erguera.

— Uma barba, rápida, barbeiro! — ordenou — Raspe-me o rosto e, a seguir, corte-me os cabelos!

Tinha a aparência e os modos de um detective, segundo Frank pensou.

O primeiro impulso de Frank foi o de pedir desculpas ao freguês desconhecido e, atravessada a rua, ir fazer o seu jôgo, antes de atacar a barba do cliente. Porém aquêle homem devia ser mesmo um detective. E o pior era o rádio, no fundo da loja, ligado para a estação que irradiava as corridas.

Caso Frank se apressasse em atravessar a rua, o homem-autoritário poderia muito bem ligar as duas coisas... o rádio e a sua pressa... e logo descobrir onde êle ia e o que ia fazer!



Uma massada! E um grande risco!

Pensando ràpidamente, Frank julgou mais acertado sofrer as conseqüências da sua má sorte e fazer a barba do cliente, contentando-se com ouvir a irradiação do páreo e saber qual o cavalo, afinal, seria o vencedor. Mas que era uma terrível falta de sorte, não havia dúvida!

Isso, aliás, já acontecera algumas vêzes, antes. Acontecera, em outras ocasiões não poder ir fazer um joguinho, por ter que atender a um freguês. E era sempre a mesma coisa horrorosa... Quando conseguia tempo e palpite para jogar, o cavalo chegava descolocado. Se não arranjava um jeitinho de atravessar a rua, zás!... O cavalo em que pretendia apostar ganhava o páreo. Um azar assim era de causar revolta!

Às três horas, em ponto, o "speaker" do hipódromo voltou ao ar:

— "Resultado do terceiro páreo, que acaba de ser corrido. Em primeiro "Flecha Brilhante", em segundo "Good Boy" e em terceiro "Jezabel". A ponta pagou 57,10 por 1; a dupla "23", com "Good Boy", 44,30. Tempo: 91,4/5. Repetimos..."

Porém Frank já não queria ouvir mais. Suas mãos, que empunhavam agora a tesoura e o pente, tremeram violentamente e teve ganas de atirar tudo ao rosto do cliente autoritário e "empata", que o impedira de ganhar todo aquêle dinheiro!

Outro freguês, êste bastante conhecido, assomou à porta da barbearia. Parou, um instante, para ouvir o que informava o **speaker,** tirou do bôlso um caderninho, que consultou com ar satisfeito, tornando a guardá-lo.

— Irra! — exclamou, então — Cinqüenta e sete e vinte e cinco!

Repentinamente, tendo caminhado uns dois passos, já no interior da barbearia, parou, abriu os braços e desferiu formidável pancada num dos braços do cliente, sentado na cadeira de Frank.

— Buster Mattison! — gritou êle — Ora essa, que anda você fazendo fora da sua zona?

O outro, muito calmo e sorridente, respondeu, mastigando o charuto.

— Nada... Apenas como "visita"... Para ver como andam as coisas por cá...

"Buster Mattison... Buster Mattison — pensou Frank — Isso mesmo! Buster Mattison, **o maior boockmaker de Eastside!"**

Oh, Céus! Mentalmente deu um formidável sôco no próprio queixo.

Estar fazendo, ali, a barda do maior **bookmaker**, de Buster Mattison, em pesoa, e deixar ficar no bôlso do dólman uma **poule** do vencedor!

E agora? Que podia fazer? Só, mesmo, bater com a cabeça contra a parede!

Já acontecera coisa parecida com qualquer outra pessoa, Senhor? Era lá isso possível? Não! Êste azar era dêle, sòmente dêle!

★

Tendo acabado o corte de cabelo, Buster Mttison se levantou, pesadão, ajeitou o colarinho e foi apanhar o chapéu, no cabide, junto da porta. Então, êle retirou a carteira gorda e perguntou, com os olhos semi-cerrados pela fumaça do charuto:

— Quanto lhe devo, rapaz?

— Um e vinte e cinco — respondeu Frank, quase com maus modos.

O outro ficou algum tempo a remexer com a carteira. Depois, com gesto natural, entregou a Frank seis notas de dez dólares.

— Que... Que é isto? — perguntou Frank — São apenas um e vinte e cinco...

— Eu sei — disse Buster Mattison — Mas naturalmente você quer receber agora mesmo o pagamento da **poule**-vencedor, que deixou cair no meu colo, quando começou a cortar os meus cabelos, não quer? Um e vinte e cinco e mais cinqüenta e seis e dez pelo "Flecha Brilhante", fazem cinqüenta e oito e trinta e cinco... Pode ficar com o trôco!

★

CURSOS CURIOSOS

Além dos cursos normais de História, Filosofia, Matemática, etc., muitos colégios dos Estados Unidos procuram desenvolver outras aulas com objetivos sociais variados e interessantes. Aqui estão alguns dêsses novos cursos, recebidos com grande agrado pelos alunos e principalmente por aquêles com os quais êles vivem.

★

SOGRAS — Sim: as sogras também estiveram sob o microscópio, na Universidade de Cornell, que resolveu estudar o assunto relativo à genitora da nossa espôsa, a fim de determinar a «influência da mesma nas relações conjugais». Como primeiro passo, o Colégio de Economia do Lar enviou questionários aos indivíduos com um mínimo de um ano de matrimônio, com a esperança de conquistar dados preciosos para êsse estudo. Pretendem, mais tarde, estar em condições de fornecer «orientações útilíssimas» ...aos noivos.

★

BOM HUMOR — A Universidade da Flórida está desenvolvendo um novo curso: **«Como desenvolver o Bom Humor»**, a fim de que os alunos possam apreciar o hilariante de situações que em geral, só acham engraçadas... **nos outros.** Segundo o professor W. E. Moore, que dirige o curso **«muitas pessoas podem rir de uma situação realmente engraçada quando isso ocorre com outro**



indivíduo. Entretanto não há indivíduo que ache graça num escorregão devido a uma casca de banana... quando a vítima é êle próprio.

★

DONAS DE CASA COMPLETAS — Em Nova York, um colégio acaba de inaugurar um curso dêsse gênero em que as alunas, além de um curso de culinária e costura, aprendem a pregar quadros, reformar sofás, reparar panelas de alumínio, encanamentos, rádios, pintar paredes, fabricar pernas novas para as cadeiras, etc., etc.

★

CORTESIA — Alarmados com a falta de cortesia a que hoje se assiste em todos os setores da vida, os responsáveis pela Universidade de Kentucky organizaram um programa para tornar seus alunos conscientes da necessidade de se mostrar mais corteses. Êsse curso aceita como alunos ascensoristas, **boys** de escritório, estafetas, **chauffeurs** de **taxis**, trocadores de ônibus, porteiros de hotéis, etc.

★

FELICIDADE — Há anos que o Vassar College realiza um louvável esfôrço no sentido de **melhorar o ambiente caseiro.** Só aceitam mulheres como alunas e a elas ensinam como viver bem no lar, fornecendo-lhes um programa para melhorar o gênio, do marido e dos filhos, com atitudes, respostas diplomáticas, reticências salvadoras, pratos gostosos, distrações, etc., etc.

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

(Continuação do número anterior)

Curling, de posse da carabina, tomou posição num local conveniente, enquanto eu e Pedro fomos, a cavalo, tocar o gado e fazê-lo passar pelo lugar em que êle se achava.

Aos gritos e bramidos pusemos tôda a manada em movimento: touros, vacas, bois e vitelas, juntos, em disparada, faziam tremer a terra com o seu pêso enorme.

De repente, vimos sair uma pequena nuvem de fumaça do lugar onde Curling se achava, ao mesmo tempo em que uma vitela afastava-se, quase em ângulo reto, da manada que ia em disparada louca e, depois de dar alguns passos, cambalear para cair morta. Paramos imediatamente, deixando que a manada continuasse desenfreada, pois o nosso jantar já estava garantido, tendo a carabina mostrado, mais uma vez, a sua eficiência.

Não se deve supor, pelo que acabo de dizer, que todos os viajantes, naquelas regiões, têm direito de obter um jantar de maneira tão pouco cerimoniosa. Todo o gado que se encontra pelo caminho, quando se viaja, é de propriedade particular, muito embora seja êle semibravio.

No nosso caso, contudo, o proprietário era amigo de nosso empregado Pedro, que nos garantiu que o dono não se incomodaria de dispormos assim de seu rebanho, e que ficaria satisfeito se lhe enviássemos uma nota de vinte mil réis, na primeira oportunidade.

Quando a tropa chegou, uma hora pouco mais ou menos depois, já tínhamos tirado o couro da vitela e a retalhado, estando tudo pronto para a panela. No Brasil, assim como em outros países, a melhor maneira de conservar os empregados com boa disposição para o trabalho é cuidar do seu estômago. Nossos empregados europeus, nas melhores ocasiões, deram para ficar tristes e se queixar desde que começamos a marcha para o interior. Uma alimentação liberal era, portanto, condição essencial para conservar, ao menos, um contentamento tolerável nas fileiras.

Ao reiniciar a marcha, na manhã seguinte, foi a minha vez de ficar com a tropa. Os homens que tinham, cada um por sua vez, durante os últimos dias, viajado em meu cavalo, machucaram-lhe o lombo e, por isso, nesse dia eu tive de viajar na bêsta de reserva, que ainda não havia sido montada durante a marcha. Êsse animal não gostava de ir na frente da tropa. Marchava muito bem apenas quando acompanhava os burros de carga. Durante algumas milhas viajei num agradável e sacudido trote, ora por um trecho de estrada *corduroy*, ora numa planície onde a estrada era melhor. Depois de sair do último acampamento, que havia sido instalado nas margens de um pequeno rio chamado Capivari, o qual era tributário do Tibagi, o caminho começou a elevar-se e, pelo aneróide que eu levava, verifiquei que estávamos a quase 500 pés acima do nível daquele rio, quando a estrada entrou num denso trecho de floresta, como até então não havíamos encontrado.

A estrada era muito estreita e, como de costume, estava cheia de árvores caídas e de varas de bambu que estorvavam a passagem.

A estrada, serpeando sob uma copa tecida de folhagens cerradas, que impedia a entrada direta da luz do dia, era envolvida por uma escuridão que se assemelhava à da noite. O solo era, mais uma vez, constituído de duro barro vermelho e os pobres burros foram, novamente, forçados a patinhar laboriosamente, num terrível lamaçal que, no entanto, comparado ao de Curitiba, poder-se-ia chamar de uma ótima estrada.

Durante os primeiros momentos procurei cuidar apenas da minha montada, ficando atento para não ser arrancado da sela por alguma vara de bambu atravessada no caminho, ou até mesmo espetado pela ponta de algum dos que os tropeiros iam contando, na passagem, e que apontavam em tôdas as direções. Meu animal caminhava sem atender ao freio, recusando parar, mesmo por um instante, quando eu corria o risco de ser tirado da sela pela vara de um bambu, o que aconteceu repetidas vêzes. Nem uma só vez procurou êle caminhar sôbre os altos escorregadios da estrada, que ficavam entre uma passada e outra, mas, ao contrário, andava sempre nos baixos esburacados pelos cascos dos outros animais. Cada pisada espirrava um chuveiro de lama escura, sujando a mim e a êle. Depois de algum tempo, até mesmo a sua paciência de bêsta esgotou-se. Apesar da fôrça que eu fazia, puxando o freio para que êle não subisse para a margem escorregadia do caminho, pois se assim o fizesse eu teria a perna e um lado do corpo rasgados pelo mato, às vêzes lograva subir para a beirada alta, agarrando-se como um gato com as patas. Por fim, eu, com um puxão mais violento do freio, conseguia fazer com que êle descesse ao paul pois, se assim não fizesse, correria o risco de ficar com a perna imprensada num tôco, ou de ser decapitado pela lâmina afiada de um bambu cortado. Depois de assim viajar durante uma hora, já quase não podendo enxergar por causa da lama que me enchia os olhos, com as mãos e o rosto sangrando, apeei e pus-me a caminhar, deixando que o animal continuasse sòzinho.

Pude, neste momento, observar o efeito que uma estrada assim tem sôbre os burros de carga, muitos dos quais levavam cargas que pesavam quase 250 libras. Era cruel vê-los caminhando penosamente sob tanto pêso, freqüentemente perdendo o equilíbrio, quando uma das caixas batia em alguma árvore ou ramo, quase atirando-as ao chão. Vi um animal parar exausto no meio da tropa; o suor caía em cachoeira. As pernas

tremiam, mergulhadas na lama em que êle há tanto tempo vinha caminhando. Suas orelhas haviam perdido a rigidez, seus olhos grandes e tristes pareciam querer saltar das órbitas, as ventas abertas e dilatadas — tudo isto mostrava como havia sido árdua a luta.

Quando isso acontece, não se consegue fazer com que o animal continue a trabalhar naquele dia. A única coisa a fazer é tirar-lhe a carga imediatamente e passá-la para um burro de reserva, ou, se não houver um de reserva, usar-se um de montaria.

Os tropeiros compreenderam a situação imediatamente e, com uma simples observação de "o burro cansou", começaram a descarregá-lo. A palavra "cansou" tem uma acepção mais extensa. Embora não signifique nada mais do que fatigado, nestas ocasiões esta palavra quer dizer exausto. Só se considera um burro cansado quando êle chega a um estado de exaustão completa, em que não pode mais andar, mesmo sendo chicoteado ou esporeado.

Antes de sairmos dêste terrível atoleiro, outro burro cansou, mas desta vez um tropeiro teve de dar o seu burro para levar a carga.

Saímos, por fim, dêste caminho infernal e entramos numa região aberta, conhecida como "Campinas Belas".

O nome da montanha ou cordilheira, cujo caminho acabo de descrever, era "Serra do Macaco". No lugar em que a trilhada de burros passa, ela sobe acêrca de 4.000 pés acima do nível do mar ou sejam cêrca de 1.600 pés acima do rio Tibagi, no ponto em que o atravessamos. A Serra dos Macacos é, de fato, uma parte da cordilheira que separa os dois rios, o Ivaí e o Tibagi. Era completamente desnecessário que a trilha de burros atravessasse esta cordilheira em ponto tão elevado. Fazendo-se um curto desvio, podia-se diminuir a altura em diversas centenas de pés e aliviar os burros de um trabalho supérfluo e cruel, que tanto os faz sofrer.

Às 4 horas da tarde acampamos ao lado da fazenda do Sr. Andrade, proprietário de uma grande parte de Campinas Belas e, também, se não estou enganado, de pelo menos uma parte da Serra do Macaco.

A casa, pela aparência exterior, parecia ser bem melhor do que uma igual, de madeira, que havíamos visto antes, usada como celeiro de milho. No capítulo seguinte, conheceremos o seu interior e também os seus moradores, que servirão para determinar, em muitos pontos, o tipo de classe dos fazendeiros nesta província. Ambos apresentarão assuntos interessantes para estudo, especialmente aquêles que apreciam a simplicidade da vida no interior.

CAPÍTULO XI

Uma casa de fazendeiro. ★ E educação das mulheres. ★ Como matam o boi. ★ Espetáculo cruel. ★ "Perigo" e o porco. ★ Fazenda de criação de gado. ★ Um desjejum brasileiro. ★ A hospitalidade.

A hospitalidade, a todos os viajantes, dos homens como o colono brasileiro destas paragens distantes da civilização, é um hábito profundamente arraigado, dependendo, entretanto, da mesma virtude nos outros, tôdas as vêzes que têm de fazer uma viagem de uma localidade para outra. Logo que o sr. Andrade soube que éramos uma turma de estrangeiros, veio insistir para que os chefes dormissem em sua casa. Como da vez anterior, declinamos do convite, mas aceitamos tomar um pouco de refrêsco, tão necessário após aquela longa e árdua marcha. Pedro, que era, evidentemente, velho amigo do fazendeiro, entrou conosco, servindo de intérprete. Não que êle entendesse inglês, mas porque já estava habituado com o nosso mau português, o qual entendia perfeitamente e o transmitia a pessoa com quem queríamos falar.

Acompanhamos o sr. Andrade para o interior da casa, e entramos numa pequena sala de madeira, de 14 por 12 pés, com uma porta em cada parede dando para outro compartimento, e cujos mistérios serão desvendados dentro em pouco. Havia bancos encostados às paredes, ao redor de tôda a sala, exceto nos lugares onde estavam as portas. O soalho era de chão batido e no meio da sala via-se uma mesa isolada. Não havia janelas e quando a porta estava fechada a claridade penetrava sòmente através das frestas das paredes ou pelo telhado que, contudo, parecia bastante grande para dar luz e ar necessários. Em volta destas paredes, que eram tôdas feitas de madeira com um formato igual a um dormente de leito de estrada de ferro, ficavam pendurados todos os objetos necessários ao serviço diário dos moradores. Laços, chicotes, esporas, selas, cabeçadas de cavalos com os respectivos freios, espingardas e garruchas espalhafatosas tomavam a maior parte do espaço disponível, indicando a espécie de vida que o nosso hospedeiro e os outros homens da família levavam.

A porta, que ficava do lado oposto a que entramos, estava aberta e por ela vimos uma negra muito feia, pilando café, com uma mão de pilão de madeira, em um pilão. A porta da direita também se comunicava com um segundo telheiro, no qual, através dos interstícios da parede, via-se um fogo aceso no chão, com vários potes e panelas em volta, onde uma jovem de boa aparência trabalhava. Otivemos êste detalhe inadvertidamente e, também, evidentemente, sem o consentimento do sr. Andrade, pois entramos mais do que devíamos, tendo, desta forma, uma vista completa do interior desta puxada da casa e da pessoa que ali se achava, pela porta que estava aberta.

A terceira porta era mais bem feita do que as outras já mencionadas e ostentava uma fechadura com chave.

A primeira coisa que o fazendeiro fêz, depois de nos ter convidado para sentar, um de cada lado da entrada, foi oferecer-nos um cigarro feito de fumo enrolado em palha de milho; para acendê-lo apareceu um escravozinho, seminu, com um tição aceso que tirara do fogo. A dona da casa, que era uma senhora alegre, de aparência maternal, entrou neste momento na sala, juntando os seus cumprimentos aos do marido. Pedro, que parecia ser uma pessoa que gozava de uma

certa intimidade na casa, conversou com ela por um curto espaço de tempo, tendo ela se retirado para voltar momentos depois, acompanhada por uma negra que trazia uma grande cuia cheia de um delicioso leite fresco. E' possível que Pedro, durante a curta conversa que teve com ela, tivesse dito que o aceitaríamos. Depois do leite, foi-nos oferecido café em xícaras pequeninas e distribuídos pela própria senhora. Depois de têrmos descansado um pouco, iniciamos a palestra, tendo Pedro como intérprete. A primeira notícia que tivemos foi a de que o Capitão Palm havia passado por ali há alguns dias, já estando, àquela hora, em Colônia Teresa. Por intermédio dêle, os donos da casa souberam muita coisa sôbre o propósito da expedição e o bastante para se tornarem ansiosos por saber mais alguma coisa.

Êles falavam entusiàsticamente a respeito do Capitão Palm, da maneira como êle havia dormido, comido e bebido, como se fôra uma pessoa da família. Era certo que o nosso chefe havia conquistado os corações daquela boa gente nas poucas horas que ali passara. Deduzi daí que a recepção cordial que tivéramos fôra, em grande parte, devida a êle.

Andrade era um homem de cêrca de sessenta anos e deixava que sua espôsa falasse por êle todo o tempo em que estivesse na sala. Uma de suas primeiras perguntas foi para saber se éramos casados; e ao declararmos que, graças a Deus, ainda estávamos em gôzo completo de nossa liberdade, começou a falar sôbre os encantos da vida conjugal, informando-nos, ao mesmo tempo, que tinha cinco filhas solteiras. Depois desta indireta com que, certamente, esperava uma reação de nossa parte, manifestamos desejo imediato de conhecer êstes distintos membros da família.

Seu semblante tornou-se repentinamente grave, quando êste pedido foi traduzido por Pedro. Por um momento, notamos que sua facilidade de falar foi alterada e eu temi ter dado um passo em falso, inadvertidamente. Olhou, indecisa para o marido, que até então se mantivera calado, limitando-se tão sòmente às baforadas de fumaça do seu cigarro durante esta palestra, disse alguma coisa que não compreendemos, mas que dava a entender que o momento era de gravidade. O velho levantou-se, foi até a porta que estava trancada, deu a volta a chave, abriu-a e desapareceu na escuridão que reinava no interior do quarto. Quase imediatamente, no entanto, êle voltou, dizendo: — "Elas não querem" — depois, voltando-se para nós, desculpou-se. — "As meninas não estão acostumadas a ver estranhos e têm mêdo". Neste momento, já a dona da casa estava resolvida a obrigar as meninas a aparecerem e, por sua vez, também entrou no quarto; ouvimos os seus ocupantes falando em voz baixa, e pouco depois alguns risos contidos. Momentos após reapareceu a senhora acompanhada de uma donzela de cêrca de dezoito ou dezenove anos, seguida de três outras, aparentemente um pouco mais moças. Tôdas pareciam muito acanhadas e com um desejo quase histérico de rir. Depois de uma apresentação formal a cada uma, em separado, — note-se que aqui a moça foi apresentada ao cavalheiro — tôdas voltaram ao quarto secreto e o pai mais uma vez as trancou. Até esta ocasião ainda ignorávamos que êste costume de conservar as mulheres ou melhor, as filhas, trancadas num quarto, como feras, era geral. Por isso não pudemos deixar de manifestar o nosso espanto, perguntando a razão disto. Sr. Andrade respondeu-nos dizendo que era o costume do país e que não pensou em criar suas filhas de outra maneira. — "Elas nunca saíram?" — perguntei. — "Não, nunca" — respondeu. Tôdas elas eprenderam a andar a cavalo quando eram crianças e desde então, de acôrdo com o costume, ficaram fechadas em casa, até que sejam escolhidos os seus futuros maridos. Não quisemos continuar a conversa sôbre um costume que era, claramente, uma questão de religião da parte do fazendeiro e, por isto, a palestra tomou outro rumo. Mais tarde, tive muitas oportunidades de comparar êste sistema cioso de criar as "mães do país" com a política mais liberal, adotada agora pelos fazendeiros mais esclarecidos.

Logo depois desta curta palestra chegou da caçada um dos filhos dos Andrades. Êle disse que havia estado procurando uma onça, que sabia andar nas vizinhanças pelo rastro que vinha vendo, constantemente, quando saía a cavalo. Além disso, um dos seus cachorros havia desaparecido misteriosamente, um dia antes. A senhora apresentou-nos o recém-chegado, com evidente orgulho, como seu filho Juca. Mais tarde êle se tornou um de meus mais fiéis camaradas, servindo-me ora como canoeiro, ora como tropeiro, sempre com muito boa-vontade e fidelidade.

Acompanhavam-no três cães onceiros, que entraram e foram deitar-se a um canto da sala



Pronto para lançar uma flecha.

em que estávamos sentados. "Perigo", que até então estivera quieto, deitado debaixo do banco em que seu dono estava sentado, quis preparar-se para entrar em ação mas, para evitar briga, chamamos um empregado, que o levou prendendo-o na tenda. O senhor Andrade, não compreendendo o movimento, disse: — "Deixa o cachorrinho ficar, os outros não o machucarão". — Quando Pedro lhe disse que nos preocupávamos pelo cachorro dêle e não pelo nosso, ficou muito espantado, com certeza por não conhecer as qualidades combativas de um "bull" inglês.

Juca informou-nos que ia matar um boi e convidou-nos para assistir.

O animal já estava amarrado a uma estaca por meio de uma corda, cujo laço o prendia pelos chifres. A estaca ficava bem no meio do curral. O animal, pelas investidas e pelos berros, dava impressão de ser mais do que semibravio. Juca apareceu de mangas de camisa arregaçadas, com uma longa faca ponteaguda na mão, e foi aproximando-se, gradativamente, do animal, que parecia vaticinar o seu intuito, pois lutava com fúria crescente para libertar-se e atacar. Numa posição em que o pé e a mão deviam agir em conjunto, Juca aproximava-se cada vez mais. As ventas abertas e o olhar baixo do animal bravio e furioso, que agora parara de lutar, por um momento, não passavam de uma advertência a seu inimigo para que ficasse em guarda. Quando Juca chegou a uma posição de onde quase podia atacar, o animal atirou-se a êle furiosamente e ouvimos a corda resistente, feita de couro cru entrelaçado, ranger ameaçadoramente. Todavia, conseguiu resistir a tão tremendo esfôrço e o animal ficou, novamente, sossegado, depois de alguns segundos de luta infrutífera para se soltar. Aproveitando a oportunidade, Juca deu um salto para a frente e, em seguida, com a velocidade do pensamento, deu outro para trás; mas quando deu êste segundo salto, a longa faca já havia penetrado até ao cabo no peito do animal. Com um mugido louco de raiva, terror e dor, a pobre vítima recomeçou a sua tremenda luta com o sangue jorrando do peito. Os saltos que dava apressavam ainda mais o seu fim. Aos poucos foi parando de pular e daí a alguns minutos só cambaleava, esvaindo-se em sangue. Foi um espetáculo horrível e repugnante! Neste ínterim, Juca havia acendido um cigarro calmamente e esperava tranqüilo o seu desfecho. Por fim, a vítima caiu com um baque surdo e durante mais alguns segundos ainda o vimos ofegando espasmòdicamente, até daí o último suspiro.

Foi esta a primeira vez que vi matar um boi neste país. Êste processo parece ser muito cruel, mas necessário, a fim de livrar a carne do sangue, o que, nos climas quentes, é mais ou menos indispensável para a saúde.

Com a promessa de que alguns do nosso grupo iriam tomar café com os Andrades, na manhã seguinte, retiramo-nos para as nossas tendas para dormir, pensando em como é que um homem, que se orgulhava de possuir uma propriedade de mais de trinta milhas quadradas de extensão e que também possuía algumas centenas de cabeça de gado, burros e cavalos, se contentava em passar a vida numa habitação miserável como aquela, vivendo de uma maneira que não era melhor, em nada, do que a do mais pobre caboclo.

Muito cedo fomos despertados pelo cucuricar dos galos, o mugido das vacas, o grunhir dos porcos, e durante um instante fiquei perplexo, sem saber onde estava, pois não tinha o hábito de ouvir semelhantes ruídos. De repente ouvimos um barulho tremendo quase dentro da tenda. Perigo havia localizado o focinho de um porco por baixo da lona da tenda, e imediatamente o agarrou: — o porco só escapou porque deixou um pedaço do focinho na bôca de "Perigo".

Quando saímos da barraca, Andrade já nos estava esperando à porta de sua casa, para tomarmos café e fumar um cigarro, a primeira coisa que um brasileiro faz. O almôço é às dez horas da manhã.

Ficou combinado que Curling e S—, com Pedro servindo de guia, sairiam cedo para Colônia Teresa, de modo a poder fazer a viagem (cinco léguas) em um dia; eu ficaria com a tropa que devido à carga volumosa e pesada que levava, não podia cobrir aquela distância em menos de dois dias.

Às sete horas partiram, de acôrdo com o combinado. Andrade os abraçou e até mesmo as donzelas tiveram permissão — como sinal de grande consideração — de sair por um momento para lhes desejar boa viagem, com a frase acanhadamente proferida: — "Que Deus l'acompanhe".

Como eu não tinha nada a fazer, aceitei, para passar o tempo, o convite do sr. Andrade, para dar uma volta a cavalo numa parte de sua propriedade.

Campinas Belas bem merece êste nome. Está situada no alto de uma linha divisória de águas, entre os rios Tibagi e Ivaí, tendo um solo adubado pelos produtos vulcânicos de uma época anterior, sendo assim a mais encantadora e fértil fazenda de criação da redondeza.

Há uma infinidade de pastos, que variam de um acre à meia milha quadrada, separados uns dos outros por cêrcas formadas de magníficos pinheiros e pelos bambuais. Os riachos cortam as pastagens em tôdas as direções; nada menos de quatro tributários dos dois rios, Ivaí e Tibagi, têm suas nascentes agrupadas nesta propriedade. A área de terras de pastagens aumentava, em virtude das freqüentes queimadas anuais nos pinheirais dos arredores: desta forma, o valor monetário das campinas também aumentava de ano para ano.

O pêlo liso e lustroso do gado e dos burros, que encontramos durante o nosso passeio, chamou-me a atenção. Andrade disse-me que a única coisa que êles comiam era o capim das pastagens, ao qual era acrescentado, mensalmente, uma dose de sal. O capim dos diferentes cercados era queimado alternadamente, de modo que sempre havia capim novo. Em virtude das campinas estarem situadas quase no cume de uma grande linha divisória de águas, que tem elevados picos montanhosos em volta, ela recebe mais chuva na estação do estio do que a grande maioria das fazendas de criação de gado na província: daí o motivo do seu gado conservar-se em ótimas condições durante o ano todo.

Nos três anos que se sucederam, fiz seis visitas

a esta propriedade chegando, por isso, a conhecer de cor diversas regiões.

Quanto mais eu ia lá, mas triste ficava por ver tanta coisa não aproveitada. Esta extensa propriedade produzia uma renda liquida de pouco mais de dois contos por ano, quando, por meio de pequenas despesas racionais, até o maior leigo sôbre assuntos agrícolas podia ter aumentado esta renda cinco vêzes mais.

Por exemplo, os cavalos e os burros, que passam onze meses no ano pastando e esperando que apareça algum comprador casual, não podiam, por todo êste tempo, ser empregados no transporte de produtos agrícolas para o mercado? Soubemos também que êste produto nunca é plantado, por causa de gasto insignificante que seria necessário para sua plantação e colheita.

O gado é, anualmente, levado ao mercado pelos mesmos caminhos horríveis, como os da Serra do Macaco, enquanto o fazendeiro e sua família ficam sentados, na ociosidade, durante seis meses, esperando que o gado engorde, gordura esta que é perdida durante a marcha pelas péssimas estradas. Tudo isto acontece por não querer êle pegar num machado e, com algumas semanas de trabalho intenso, limpar as matas por onde tem de passar com o gado. Até mesmo na especialidade de seu negócio, que é a criação de gado, a apatia é notável. Nesta propriedade, êles fazem a criação de cavalos e bois em promiscuidade. Não cuidam de melhorar a raça de nenhum, pela seleção prudente dos machos ou das éguas. Nunca se introduz sangue novo na tropa. A degeneração, por conseguinte, é certa, especialmente nos cavalos, porque as tropas dêstes são, habitualmente, pequenas e, assim, mais sujeitas a sofrerem os efeitos da reprodução constante.

Pela maneira como os Andrades tratam as filhas e dirigem a extensa fazenda — e como êles muitos outros fazendeiros dos sertões do Parana — vê-se que levam a vida de uma geração atrás, comparando-os com a vida que levam os habitantes das partes mais civilizadas de sua própria província.

Sem o desejo de menosprezar a hospitalidade de nosso bem intencionado hospedeiro, não posso deixar de registrar aqui a minha opinião, de que êles ainda têm muito que aprender, no tocante a fornecer um repasto que agrade ao paladar e à disposição digestiva de um ser civilizado comum, que não seja dotado de estômago de avestruz. Ao voltarmos de nosso passeio, às dez horas mais ou menos, entrei para almoçar com os Andrades, conforme havia prometido. O primeiro prato que veio à mesa consistia em pedaços de carne dura, que tinham a forma de cubos, à qual havia sido extraido todo o sabor por um processo de cozimento que me era desconhecido: os dentes não a penetravam. Boiavam êstes ditos pedaços de carne num líquido fino, gorduroso, que o nosso hospedeiro chamava caldo, mas que parecia não ser outra coisa senão água quente gordurosa. Um segundo prato consistia em feijão prêto, cujos caroços nadavam, da mesma forma, num caldo também gorduroso. Couve cortada em tiras finas constituia um terceiro prato. Cada um de nós serviu-se de farinha, que absorveu o liquido, facilitando-nos, assim, levá-lo à bôca.

Apesar do apetite devorador, motivado pelo passeio de três horas no ar puro e fresco da montanha, meu estômago revoltou-se com aquela misturada repugnante no meu prato, sendo vãs tôdas as minhas tentativas para engoli-la.

Veio depois uma tijela de leite coalhado, que é aceitável com açúcar e farinha. Ofereceram-me, por fim, água e cachaça, terminando assim a refeição. Antes de nos levantarmos da mesa, Andrade e Joca encheram a bôca de água e, após fazerem vários movimentos sugestivos das bochechas e dos lábios, durante cêrca de trinta segundos, expeliram-na sôbre o chão de terra batida. Logo depois a senhora nos trouxe cigarros e café. Durante tôda a refeição ela ficou de pé nos servindo.

A refeição acima mencionada pode, em grande parte, ser considerada como a tipicamente oferecida ao viajante naqueles confins da provincia. Oferecem o que estão habituados a comer — nada mais e nada menos. Êles podiam viver como príncipes, com tôda a riqueza que a natureza lhes oferece mas, na grande maioria dos casos, parece efetivamente que êles preferem viver como — porcos. Sua hospitalidade, entretanto, cobre esta porção de faltas. Uma vez que o viajante se acostume com a comida do país, não há particularidade que êle mais aprecie, no caráter do povo, do que seja a sua hospitalidade franca e sincera para todos os visitantes.

CAPÍTULO XII

A viagem de Campinas Belas para Colônia Teresa. ★ Vista majestosa do Vale do Ivai. ★ A descida. ★ A chegada.

A elevação geral de Campinas Belas é de cêrca de 3.300 pés acima do nível do mar, ao passo que a de Colônia Teresa é de pouco mais de 1.600 pés. O caminho de burros ainda subiu um pouco, depois de sairmos da casa de Andrade, até galgarmos o cume de uma montanha da cordilheira que sai da linha divisória de águas, perto de Campinas Belas, e vai até ao Vale do Ivaí.

Quando o caminho de burros atinge o zênite desta montanha, a diferença de nível em relação à Colônia, no Ivai, é de cêrca de 2.000 pés, e a distância cêrca de quatorze milhas.

Durante todo o percurso, desde o cume até a Colônia Teresa, a região é coberta de densas florestas, tornando-se cada vez mais de caráter tropical, à proporção que vai descendo. Os mapas que levávamos registravam os pontos mais altos e mais baixos desta estrada, mas davam por alto as dificuldades a serem vencidas para se ir de uns a outros.

Depois de uma marcha de cinco horas, de onze da manhã às quatro da tarde, nossa tropa acampou, exausta pelo tremendo esfôrço dispendido no horrível caminho montanhoso, de corduroy, tendo percorrido uma distância de apenas nove milhas.

Havíamos deixado, para sempre, a "zona neutra", intercalada de floresta e campinas, com

suas ricas pastagens e com seu povo ignorante, embora hospitaleiro, e entrado nos domínios das florestas virgens primevas, das quais eu não saí durante o longo período de um ano ou mais.

Pouco antes de acamparmos, passamos por um caminho que dava a impressão de ter sido uma estrada, noutros tempos, pois as margens e os cortes eram perfeitamente visíveis. Dizem que ela é um monumento do passado, do tempo da civilização pré-histórica, que existiu antes da descoberta européia da América do Sul, em 1500. Contam que derrubaram árvores que tinham mais de 400 anos sôbre a dita estrada, provando, assim, não só que ela existiu, mas também que havia sido abandonada há, pelo menos, um quarto de século antes de nossa chegada ao continente.

Sabe-se que existem muitas cidades e povoações ocultas nos matagais dos vales do Ivaí e Paranapanema; mas as duas que eu vi são de data comparativamente recente, pois foram construídas pelos espanhóis e Jesuítas, no comêço mais ou menos do século dezessete, não havendo, portanto, nenhuma ligação entre êles e a estrada em questão.

Logo depois de entrarmos na floresta passamos por duas ocas, feitas, ùnicamente, com duas ou três varas dobradas em arco, enterradas no solo, com uma travessa servindo de cumieira e da qual pendiam longas fôlhas de palmeira, agora murchas e sêcas.

Perto dêstes dois ranchinhos vimos uma porção de fragmentos de troncos de palmeira carcomidos.

Quando chegamos ao acampamento, pedi aos tropeiros uma explicação sôbre êstes ranchos e soube, então, que eram feitos pelos índios semi-selvagens, conhecidos pelo nome de Coroados os quais viviam em partes diferentes do Vale do Ivaí — êles têm uma pequena taba, situada perto de Colônia Teresa, em estado comparativamente civilizado.

Chegamos, por fim, aos domínios dos índios, dos quais há muito ouvimos falar. Nesta noite, confesso, antes de me recolher à tenda cônica para dormir, fiz um exame minucioso no meu revólver. O silêncio da noite, entretanto, não foi quebrado por nenhum som, com exceção do retinir do guizo que estava no pescoço da égua — a guia paciente de nossa muito sofredora tropa.

Chegara o último dia de nossa longa marcha — já havíamos saído de Curitiba há quase um mês — e dentro de mais algumas horas chegaríamos ao esperado destino — o rio Ivaí.

Partimos mais cedo que de costume — às nove horas da manhã — e os tropeiros não pareciam estar menos emocionados do que nós, pela perspectiva de chegar ao fim da jornada.

Não obstante têrmos já feito quase a metade da distância entre Campinas Belas e Colônia Teresa, tínhamos, por enquanto, apenas começado a descer, pois ainda viajávamos numa altura de 1.500 pés ou mais, acima do nível do Ivaí.

Até ao presente, também devido à natureza densa da floresta que atravessávamos, não podíamos ver coisa alguma da região. Contudo, eu ia ter uma grande surprêsa, daí a pouco. Caminhava despreocupadamente, minha espingarda ao ombro, numa distância de um quarto de milha adiante da tropa, na vã esperança de encontrar algum animal naquelas florestas silenciosas, quando um dos tropeiros veio correndo e convidou-me para entrar numa verêda — que saía do caminho principal — e que havia sido feita de propósito; chegando a um certo ponto, contemplei uma magnífica paisagem de floresta virgem, cobrindo uma extensão de nada menos de 1.500 milhas quadradas. De fato, todo o vale do Ivaí, desde Colônia Teresa até ao grande anfiteatro, é rodeado de montanhas cobertas de vegetação que confinam com as nascentes daquele rio. Neste momento, parece que a trilha de burros serpeava ao longo da beirada de um profundo precipício, que caía verticalmente por uns duzentos pés, continuando, depois, em declive, por outros mil pés mais ou menos, até chegar à planície de floresta do vale do Ivaí.

Era uma vista magnífica, principalmente por ter surgido de um modo tão inesperado.

Fiquei por algum tempo entregue a um agradável arrebatamento. A cena era inteiramente diferente de tôdas que havia visto ou que esperava admirar.

Era esta a região em que, provàvelmente, nos dois próximos anos, exerceríamos as nossas atividades.

Em tôda a vasta extensão de floresta que se estende lá no fundo, diante de nós, havia apenas um arraialzinho com uns 400 habitantes, ao todo. O restante encontrava-se ainda em estado silvestre, habitado apenas por feras e índios selvagens.

O curso do rio Ivaí não estava à vista, com exceção de certos locais onde, aqui e ali, alguns traços de alva névoa pareciam anunciar a presença de água por debaixo. Nuvens brancas, esgarçadas pairavam sôbre a grande planície, flutuando onìricamente num ar ignoto.

Um certo tremor na atmosfera, acima da planície, parecia denotar a existência de uma temperatura muito diferente daquela a que estávamos tão acostumados.

A tropa passou por nós enquanto ainda apreciávamos o adorável panorama e, neste momento, fui forçado a deixar tão suntuosa vista! Voltei muitas vêzes a êste lugar e daí contemplei esta mesma vista, mas sempre com o mesmo entusiasmo. Alguns minutos depois, a senda por onde caminhávamos começou a descer. Os tipos de árvores já não eram os mesmos — as com que estávamos familiarizados desapareciam, para dar lugar a outras mais frondosas. O ar começou a ficar mais denso, mais quente, perdendo aquêle poder fortificante que, no planalto superior, nos havia auxiliado a resistir, sem fadiga, às longas marchas sob um sol abrasador. Os homens e os animais começaram a suar em bicas, e êstes molhavam o chão por onde passavam. Nem um sôpro de ar agitava a densa folhagem subtropical, que nos cercava por todos os lados. De quinze em quinze minutos a tropa parava para repousar um pouco e depois recomeçava a sua enfadonha caminhada pelo horrível caminho de "corduroy". Algumas vêzes a estrada estava tão atravancada de árvores caídas que tínhamos necessidade de abrir picadas por fora para que os burros pudessem passar.

Chegamos, afinal, a uma clareira, feita na flo-

resta, ao lado de uma trilha de burros, fato que indicava estarmos, mais uma vez, nos aproximando de regiões habitadas pelo homem civilizado. Daí em diante passamos por muitas clareiras ou roças, de onde lobrigávamos, de vez em quando, uma vista do vale, ainda a algumas centenas de pés, mais abaixo.

"Ali é Colônia!" — disse, sùbitamente, o tropeiro-chefe, na frente de cujo burro eu caminhava.

Olhando para a direção que êle apontava, vi, a uns 200 pés abaixo, três ou quatro casinhas com telhados vermelhos, ocultas entre a abundante folhagem verde-escura das laranjeiras, bananeiras e do mato. Era aí Colônia Teresa, local que, nos dois anos seguintes, seria o quartel-general de nossa expedição.

Daí a poucos minutos atravessamos um pequeno rio — o Ivaìzinho — o qual havíamos visto, pela primeira vez, acima de Campinas, onde êle tem sua nascente.

Dois dos pobres burros cansados, assim que sentiram as pernas molhadas, deitaram-se logo na água com carga e tudo, recusando levantarem-se, até que os tropeiros os obrigaram a fazê-lo por meio do chicote.

Empoeirados e exaustos da viagem, subimos, em coluna indiana, a margem oposta, estando já quase no coração da pequena colônia, com o nobre rio, o Ivaí, correndo a nossos pés.

Curling e S— vieram imediatamente quando nos viram chegar. Uma hora mais tarde, estávamos instalados com tôda a bagagem na maior casa de Colônia e os burros pastavam, tranqüilamente, na clareira dominada pela serra sombria e carrancuda, que êles tão laboriosamente haviam descido.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

O início da segunda fase. ★ Colônia Teresa atual e sua história antiga. ★ A casa grande. ★ A aldeia dos índios. ★ Descrição dos habitantes. ★ Uma armadilha para apanhar peixes. ★ O "Diretor" e sua residência. ★ Uma exploração e seus resultados. O homem põe e Deus dispõe.

Chegamos ao nosso destino e as longas viagens diárias, nos grandes pampas ou através das majestosas florestas silenciosas, já eram fatos que pertenciam ao passado e agora, dentro em pouco, entraríamos numa nova fase de vida.

No entanto, pudemos descansar e gozar um pouco, depois de passarmos pelas rápidas e variadas mudanças sucessivas, que nas últimas semanas nos tinham atingido num grau tal, que o cidadão não habituado sentia-se desnorteado, mas, ao mesmo tempo, tudo aquilo encantara os sentidos, ultrapassando qualquer descrição.

Passávamos, numa série de saltos gigantescos, de uma cena para outra, sem dar tempo ao espírito para meditar entre elas. Conservávamos, no entanto, visões de cidades, navios, mares, planícies, florestas, pampas, rios, montanhas, geadas e do calor tropical, amontoadas em mistifório. Eu, por mim, digo: fiquei contente quando me encontrei repousando, mais uma vez procurando arrancar as teias de aranhas do meu já quase estéril cérebro, e tentando transformar a desordem das impressões ali reunidas em alguma coisa que se pudesse aproveitar.

Colônia Teresa parecia, à primeira vista, o lugar ideal para quem quer ficar isolado, entregue à meditações. Na manhã seguinte à nossa chegada, ela me pareceu ter o silêncio de um túmulo, mas isto verificava-se apenas nas primeiras horas do dia.

Tendo sido expulso do lugar onde dormia, antes do sol nascer, pelas pulgas que me atacaram traiçoeiramente, fui dar uma vista d'olhos na colônia. Avistei uma capela, quase em ruínas, situada no alto de um morro de cêrca de 100 pés de altura, perto do centro da aldeia. Dirigi-me para lá, passando por uma ou duas casas de barro, cujos moradores, creio, ainda estavam nos braços de Morfeu, pois não havia sinal de vida de nenhum dêles. Chegando ao alto dêste pequeno outeiro, justamente quando o sol começava a despontar, de lá olhei para trás, na direção de onde eu havia vindo. Lá em baixo vi a colônia, confinada do lado oposto pelos barrancos altos de terra vermelha do Ivaí, além do qual, envolvida numa névoa dourada e purpúrea, aparecia, muito distante, a Serra da Esperança, a grande montanha arborizada que separa a parte mais alta do rio Ivaí do vale do Iguaçu. À esquerda deslizavam as águas do rio Ivaìzinho, desembocando no rio principal um pouco acima da aldeia. O que nos disseram, em diferentes ocasiões, a respeito da pobreza e da miséria de Colônia Teresa não fôra exagêro, aparentemente. Eu podia, de onde estava, ver umas doze casas de madeira e de barro, esparsas pela clareira irregularmente feita, a qual ocupava o ângulo incluído entre os dois rios — o Ivaí e o Ivaìzinho. Entre o rio e a aldeia havia um brejo que dava muito má impressão. Vi, também, alguns porcos magros e descarnados andando de um lado para outro, dois dos quais me haviam acompanhado até ao alto do morro, apesar de eu os ter enxotado, atirando-lhes pedras e torrões de terra.

Daí a pouco um bando de patos saiu, meneando, de detrás de uma das casas, e, parando em frente à soleira da porta da mesma, começou a grasnar vigorosamente. Um quarto de hora depois os moradores começaram a sair um a um, não para o trabalho, mas para palestrarem recostados à porta, imitando, assim, os patos. Eu estava interessado em ver o levantar gradativo dos habitantes desta aldeia, apesar disto se processar tão lentamente. Quando voltei à nossa habitação, depois de uma observação silenciosa e meditativa, sob a ala da capela em ruínas, os habitantes ainda continuavam de pé nas soleiras das portas, onde, de fato, êles se haviam postado para passar o dia.

A história de Colônia Teresa era triste e semelhante à de muitas outras povoações situadas nos sertões desta parte do Brasil. Foi fundada no ano de 1847 por um entusiasta francês, chamado Dr. Jean Maurice Faivre, sob os auspícios reais,

e recebeu o nome de Teresa em homenagem à Imperatriz do Brasil. A idéia inicial do fundador era de que esta colônia fôsse habitada apenas pelos seus compatriotas. Depois de mandar buscar muitas famílias francesas, e de gastar vultuosas somas de dinheiro público e particular neste empreendimento, o Dr. Faivre, segundo dizem, morreu de desgôsto ao ver fracassarem os seus esforços, sendo enterrado no palco de suas desilusões. Terminou assim a curta carreira desta colônia como povoação francesa. O êxodo de seus primeiros habitantes, que já se havia iniciado quando o seu fundador ainda era vivo, culminou na deserção do restante, com exceção de dois ou três indivíduos, que se casaram com mulheres brasileiras e haviam aderido ao sistema de vida brasileiro.

A colônia deserta foi, desde então, dirigida por brasileiros, que vêm fazendo tudo para mantê-la com auxílios ocasionais do Govêrno.

Pequena, contudo, como parecia ser, fiquei surprêso ao saber que contava 400 habitantes, afora quarenta índios mansos que viviam em sua própria aldeia, na outra margem do rio. A falta aparente de acomodação para tantas pessoas, na aldeia, era explicada pelo fato de que muitas famílias vivem, o ano todo, em sítios que ficam a alguma distância da colônia, à margem do rio. Lá elas levam a vida quase semelhante à dos índios selvagens, em suas casas de palha, plantando, apenas, feijão e milho suficientes para suprir as suas necessidades durante o ano.

Passamos o primeiro dia arrumando nosso equipamento e bagagem, abrindo as caixas para examinar os instrumentos de precisão, que entrariam agora em uso diário.

O diretor da colônia, Sr. Jocelyn M. Borba veio visitar-nos e convidar para jantarmos com êle naquela noite, convite que aceitamos com satisfação, pois esta era uma ótima oportunidade para conseguirmos saber de muitas coisas de importância capital para nós.

Além da visita do diretor, tivemos, também, a dos índios que, ao saberem da nossa chegada, atravessaram o rio e vieram, em comissão, nos ver. Foram entrando para o interior da casa e sentando-se, sem nada dizerem, nas caixas e fardos que estavam espalhados pelas salas, sem nem mesmo nos dirigirem um cumprimento de qualquer espécie. A princípio achamos graça, pois nunca havíamos visto esta espécie de homens, mas daí a pouco começamos a achar a sua intromissão um pouco importuna; por isso mandamo-los embora, prometendo ir visitá-los, na aldeia dêles, à tarde.

Nossa habitação, a "Casa Grande", assim chamada num sentido comparativo, havia sido construída pelo Dr. Faivre e habitada por êle e pelos outros diretores sucessivamente.

Comparada com as outras casas da colônia, era uma perfeita mansão, com um andar superior e janelas com vidraças. Apesar da recente data em que foi construída, já estava em ruínas, estando as partes de madeira podres em muitos lugares, e a claridade do exterior entrava através das inúmeras aberturas que havia no telhado.

Num dos quartos superiores havia uma grande variedade de objetos espalhados, principalmente de natureza científica, os quais não esperávamos encontrar nestes confins. Mostravam quais tinham sido as ocupações e as aspirações dos primeiros habitantes daquele lugar. O que de mais importante havia era um retrato do fundador, com um mapa aberto à sua frente, apontando com o dedo, desde o vale do Ivaí até ao Paraná, caracterizando perfeitamente as suas esperanças e expectativas. Alguns impressos e gravuras, contendo instruções de engenharia francesa, harmonizavam bem com uma coleção de modelos de máquinas a vapor e peças de maquinismos.

Além de um microscópio grande, havia um aparelho de distilar, várias retortas, lunetas, vidros contendo ingredientes químicos de muitas espécies, uma grande bússola magnética, peças de instrumento de nivelar, um teodolito pequeno e aparentemente perfeito, todos cobertos com a poeira acumulada de muitos anos. Esta sala, com tudo o que se achava abandonado no seu interior, era uma cópia fiel da situação da própria colônia, em que as casas estavam caindo aos pedaços, muitas das quais não tiveram terminada a sua construção e os velhos edifícios desertos. Saímos desta sala sem tocar em coisa alguma, ficando ela assim até doze meses depois, quando, com a chegada de uma outra expedição, a casa foi arrumada de cima a baixo.

Às três horas da tarde mais ou menos eu e S. atravessamos o rio numa canoinha, para fazer uma visita aos índios. Ao chegarmos à sua aldeia, ficamos, imediatamente, cercados pelos indígenas, homens, mulheres e crianças, que se amontoavam para nos olhar e apalpar, repetindo a palavra "inglês" diversas vêzes. Embora muitos daqueles tivessem tomado parte do grupo que, de manhã, tinha ido à Casa Grande e que tão sem-cerimoniosamente havia sido convidado a retirar-se, não os reconhecemos, a princípio, porque naquela hora êles usavam uma roupa estampada e uma capa de baeta vermelha, ao passo que, agora, em sua aldeia, haviam tirado tôda a roupa, ficando apenas com uma tanga curta, usada por homens e mulheres. As crianças estavam completamente nuas.

Observei-os atentamente. Os homens eram de altura mediana e achaparrados; as mulheres eram baixas e gordas. Ambos usavam o cabelo cortado curto em volta de tôda a cabeça, sendo que os homens eram tonsurados. Os seus cabelos eram lisos, pretos e quando cortados curto, da maneira já descrita, ficavam caídos como um colmo. A tonsura era notável. Teria êste costume da tribo, de assim coroar a cabeça, vindo de tempos imemoriais ou era um traço do antigo regime dos Jesuítas há 250 anos atrás?

Os traços característicos, à primeira vista, pareciam muito feios. Os olhos assentavam-se um pouco obliquamente, como acontece com o tipo chinês. A testa era baixa e inclinada para trás, com rugas horizontais. O nariz era largo e chato, a bôca grande e desforme. A expressão do rosto, nos adultos, era vazia e parecia indicar muito pouca inteligência. A côr da pele era uma espécie de castanho chocolate. Suas mãos e pés eram muito pequenos, porém bem feitos, especialmente os das mulheres.

(*Continua no próximo número*)

PRISÃO ABERTA

Por DAVID HUME

— Ainda mais nervoso ficaria se soubesse o que eu sei, — murmura Mick, a pensar em Smasher Gates.

— Não compreendi o que quer dizer, — diz a moça.

— Nem eu tão pouco. Isso não tem importância. Vejamos agora o que contém o bilhete.

Mick rompeu o envelope e leu o que se segue:

"Caro Sr. Cardby:

"O bando de Crosby deve estar dispersado, ou, pelo menos, seu patrão os tem mobilizados em alguma parte. Procurei entrar em contacto com diversos; mas todos êles abandonaram seus refúgios desde a véspera. Onde poderão estar agora, é o que não sei. Nem chego mesmo a procurá-los. E' tudo o que pude fazer pelo senhor. Snow".

Mick colocou o papel no bôlso a suspirar. Aquêle recado não lhe trazia nenhuma solução. Estava mesmo a ver o futuro com mais inquietação. Se Crosby, sòzinho, já lhe significava muito perigo, que não dizer-se com todo o seu exército mobilizado contra êle? O risco se tornaria ainda maior. E era no meio dêsses bandidos que sua mãe se encontrava!

Mick não tinha mêdo, por si mesmo. Já havia visto a morte de muito perto, e isto não lhe causara a menor emoção; mas agora as circunstâncias eram bem diferentes. Uma cruel angústia lhe apertava o coração.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O Sr. Milsom Crosby, bastante rico, tinha uma mania: tôda vez que delinqüentes da pior espécie saíam da penitenciária de Ashburton, ia êle até lá e os conduzia a propriedades suas, dizendo que estava fazendo obra de alta humanidade: preparando os ex-sentenciados à vida social. Isso despertou a curiosidade dos detectives Cardby, da firma Cardby & Filho, os quais começaram a investigar. Inesperadamente, um telefonema os pôs em contato com Milsom, que manda falar-lhes pessoalmente por sua filha, consultando-os se querem tomar conta de um caso de desvio de rendas numa de suas emprêsas de Barcelona. Mas os dois detectives não aceitam o encargo e começam a investigar a vida que êsse Crosby estava mesmo levando. A êsse tempo estavam, pai e filho, trabalhando para descobrir grande derrame de cédulas falsas, tão perfeitas que se confundiam com as legais. Milsom Crosby não se conforma com a negativa dos detectives e os convida para conversar em sua própria casa, o que se dá, encarecendo o mesmo Crosby a necessidade que tinha de entregar o caso dos furtos de Barcelona a detectives da fama dos Cardby. Mas os policiais não aceitam e voltam para seu escritório, deixando Crosby indignado. Nesse ínterim, um antigo sentenciado de nome Kent, que estava sob a regeneração de Milsom Crosby, ao voltar para a companhia de seu pai, é alcançado por um auto em disparada e morre. Mick e o velho Cardby suspeitam de um crime: o rapaz fôra morto para não falar. E vão os dois, apressadamente, até à casa do pai de Kent, averiguar se há possibilidade em tais suspeitas. Em casa de Carter, pai do operário assassinado e ex-sentenciado que vivia sob a proteção de Crosby, os dois detectives examinam as circunstâncias e mandam proceder a exames químicos de manchas encontradas numa das mãos do morto. Os analisadores disseram, em seguida, que se tratava de anilina. De suspeita em suspeita, pai e filho decidiram ir dar uma busca nos arredores de Ringwood. O rapaz morto no acidente, e que estava na companhia de Crosby, dava ao velho Carter, seu pai, o enderêço de New-Forest, perto de Ringwood. Para tomar o trem ou telefonar ao velho, Kent se servia da estação de Waterloo. Tomando seu carro Mick foi, em companhia do pai, averiguar os arredores e descobriram o quartel-general de Milsom Crosby. Com as maiores precauções, chegaram a um muro alto e Mick, subindo a uma árvore que servia de escada, olhou para o pátio. Viu, então, uma cena sensacional: um jovem passeava ao ar livre com um ancião de roupas surradas, que tinha as mãos prêsas a correntes. Era um carcereiro com o seu prêso. Depois de localizar o casarão, voltaram ao escritório e decidiram renovar a visita, mas naquela mesma noite. Assim fizeram. Hospedaram-se num hotel dos arredores e, faltando um quarto para as dez, êles seguiram para a casa de Milsom. Depois de várias peripécias, conseguiram escalar o muro. Estavam em investigações quando Milsom chega em companhia de outros comparsas e, desconfiando que os detectives estavam por ali, pelo fato de ter Milsom descoberto o carro de Mick escondido sob umas moitas, manda soltar os cães e dar uma batida por todos os lugares. Um dos homens de Milsom é pôsto fora de ação por Mick, com violento golpe de cassetete. Os cães também não podem fazer nada porque Mick esparge um líquido especial para anular o faro dos cachorros. Milsom se enfurece com o insucesso e sai fora do muro na certeza de que os detectives estão por lá. Suas ordens são para que, logo que avistem os dois ou um dêles, atirem para matar. Pai e filho não se atemorizam e entram no covil. Estavam os dois naquele compartimento quando ouviram ruído e aos poucos a parede começou a fender-se, separando-se em duas. Uma jovem apareceu e êles a surpreenderam. Assustada, confessou que era prisioneira, com o pai, naquele covil. O detectives resolveram obter informes por intermédio dela e começaram a dar buscas pelos corredores e outros salões e quartos do subterrâneo. Graças à moça, puderam descobrir que o velho que Mick vira antes passeando, algemado, no jardim, era o pai da jovem e a quem Milsom Crosby incumbira de preparar as tintas para o dinheiro falso. Depois de várias diligências, dominando os vigias e outros auxiliares do criminoso-mor, pai e filho voltaram para o local da parede que se abria e pediram à moça que a acionasse. Mas, com surprêsa, o motor não funcionou e êles ficaram prisioneiros no subsolo. Um dos capangas de Milsom, que fôra ferido quando procurava reagir, começou a rir da situação dos detectives. O velho pai da moça se lamentava, enquanto outros cativos, que trabalhavam à fôrça para o falsário, se resignavam com a sorte. Iriam todos morrer de fome. Com certeza, Milsom descobrira o que se passava e prendera os detectives como numa ratoeira. Mas Mick não perdia a esperança e, depois de muito calcular e procurar uma saída, remexendo por todos os lados, chamou o químico que trabalhava como um dos escravos. Não havendo outro recurso do que recorrer a um processo violento para escapar à morte lenta pela fome, Mick combina com o físico Talbot a preparação de um explosivo, e, meia hora depois, com as maiores cautelas, vai

— Nossa hóspede deu sinal de vida, miss Rayne?

— Não ouvi nada. Com certeza está dormindo. Parece ser dotada de sangue frio.

— Sim, algumas vêzes. Chegou a comunicar-se com meu pai?

— Sim. Deve estar a caminho de Londres. Disse-me que viria diretamente ao escritório.

— Muito bem. Vou agora falar à nossa encantadora hóspede.

Mick tirou a chave do bôlso e abriu a porta. Iris Crosby estava sentada em uma poltrona e tinha um jornal nas mãos. Nem mesmo volveu a cabeça ao ouvir o ruido da porta ao abrir-se. Mick puxa uma cadeira se senta-se diante dela.

— Continua a ser muda ou já resolveu falar? — Pergunta.

Iris continuava a ler e parecia ignorar a presença do detetive.

— Eu pensava em ir a Hanover Stairs, miss Crosby, continuou êle.

Um sorriso desdenhoso aflorou aos lábios da moça e desapareceu logo em seguida. Mick a olhava com ar de perplexidade; qualquer coisa em sua expressão o inquietava, e, prosseguindo na conversa êle continuava a alimentar a convicção de que êsse encontro das onze horas ocultava grande perigo:

— Mas mudei de idéia, — diz êle com ar de indiferença. Em lugar de ir a Rotherhithe, irei em busca de seu pai. Não nasci ontem, como sabe, e você não pode querer que eu marche nas suas histórias.

Ela se volta lentamente para êle e, baixando o jornal, o fixa com seus olhos verdes:

— O senhor não devia ser sempre insensato, disse a jovem.

— A senhorita imagina que eu vá crer no que me conta?

— E o senhor pensa que é bastante inteligente para encontrar Milsom Crosby?

— Não tenho necessidade de ser bastante inteligente para achá-lo; eu já o descobri. Agora vou prendê-lo.

— Êle estará longe, antes que o senhor se mexa, disse ela entre os dentes.

— Pois êle que se apresse, pois vou bo-

---

colocá-lo à beira da parede que daria passagem para fora da prisão. Todos aguardam, temerosos, o desfecho do plano de Mick. Foi aceso um pavio feito com cordões de sapatos de prisioneiros e, mais ou menos à hora prevista, deu-se o estouro. Parecia que tudo vinha abaixo. O ambiente se cobriu de pó e a parede fatal veio abaixo, arrastando largo trecho de soalho do andar superior. Mick mobilizou os homens e êle mesmo chefiou a remoção do entulho a fim de abrir passagem. Depois de horas de luta, com as vestes enegrecidas e as mãos sangrando, êle conseguiu chegar a um buraco no andar de cima. Mas era tanta quantidade de escombros obstruindo a passagem que êle desanimou. Falou em particular ao seu pai. Esperaram que Gribble, atraído pelo estrondo, os viesse socorrer. Mas em vão. O tempo urgia. Era preciso sair daquela toca em desordem. Mick redobrou de esforços com os homens que podiam ajudá-lo e conseguiu meter-se pela fenda. Mas recuou. Lá em cima lavrava perigoso incêndio e o compartimento por onde poderiam escapar estava cheio de fumo e as chamas crepitavam do lado de fora, não tardando que invadissem aquêle quarto. Mick voltou a falar ao seu pai. Era preciso agir sem demora. Muniu-se de um grande lenço de sêda e com o mesmo protegeu a bôca e as narinas contra a sufocação. Todos ficaram perplexos. O velho Cardby procurou dissuadi-lo da temerária aventura. Que esperasse pelas providências da polícia, pois estava avisada de que, se demorassem até à madrugada, viessem em seu socorro. Mas o rapaz não concordou e se atirou pelo buraco do soalho e enfrentou as chamas. Quase sufocado pelo fumo denso e o calor infernal que fazia, com o seu cassetete arrebentou uma janela, queimou-se nas mãos e conseguiu sair do ambiente. Ao chegar ao pátio, viu que os bombeiros ficaram admirados de sua aparição, pois, das pesquisas feitas por êles ao chegarem, parecia que não havia ninguém no casarão. O detective pediu que salvassem imediatamente as outras pessoas que estavam lá dentro, deixando para dar explicações depois. E, êle mesmo, comandando bombeiros e policiais, fêz introduzir na fenda um cabo de metal e retirou, um a um, os condenados à morte. Os criminosos comparsas de Crosby foram levados para o pôsto policial do distrito, enquanto Mick e seu pai, conduzindo os prisioneiros de Crosby, iam almoçar, limpar-se e descansar um pouco no hotel, onde se haviam hospedado na noite anterior. Mick estava intranqüilo com a sorte dos seus protegidos, temendo alguma cilada de Milsom Crosby. O telefone tocou e êle foi atender. Era sua secretária comunicando que a filha de Milsom desejava falar-lhe. Mick deu instruções a Miss Rayne e contou ao velho Cardby o que se passava. Bastante ansioso para saber o que desejava dêle a moça filha do grande criminoso, marcou com ela um encontro longe da cidade, tomando tôdas as precauções, temendo traição. A jovem lhe expôs então que o pai estava desaparecido e que ela vinha pedir a Mick que a ajudasse a descobrir-lhe o paradeiro; mas, quando ela lhe disse que podia contar muita coisa que o detective ignorava, Mick se dispôs a ouvi-la naquele hotel de Winchester. Depois de ter estado em conferência com a filha de Milsom Crosby, Mick se comprometeu a ir cair em campo para descobrir o paradeiro do chefe do bando. Mas, de volta para o hotel, conta a seu pai e ao detective Gribble tôda a história da filha de Crosby. Naquela mesma noite, passeando com Miss Jeanne pela ponte, quase é vítima de atropelamento por um auto em disparada. Caindo n'água com ela, Mick conclui que fôra vítima de um atentado. Mais tarde o telefone o chama e êle ouve de Milsom Crosby as mais sérias ameaças. Por fim, diz o chefe dos falsificadores que forçará o abandono do seu caso por Mick, porque tem a vida de sua mãe nas mãos. Mick fica num estado nervoso culminante, mas não abandona o programa de agarrá-lo. Mick põe em prática seu plano de mobilizar gente afeita ao crime, a fim de dar caça a Milsom. Fala com Snow Curry, combina com Smasher Gates no Frith Hotel,seguindo depois para falar à filha de Milsom, hotel Warwick. Apesar de encontrar obstáculos, em virtude de ser madrugada, êle consegue que Miss Iris Crosby lhe venha falar e a leva para o seu escritório. A moça se surpreende com as providências de Mick, mas êle guarda silêncio. Sòmente depois que a teve sob seu poder, confessou o que queria dela: mantê-la prisioneira, até que Milsom Crosby devolvesse sua mãe, prisioneira do mesmo. Miss Crosby fica indignada, mas nada pode fazer. Mick pede a Miss Rayne que telefone para Ringwood, chamando o velho Cardby. Logo depois sabe que Smasher Gates aparecera morto no Tâmisa. Restava Snow Curry. Mas êste também desiste. Mick estava desolado quando outro auxiliar lhe telefona. Era Pitch Mobley lhe dando excelente pista. Mick vai ao seu encontro e êste lhe mostra uma casa onde entraram três indivíduos suspeitos. Mick fica de atalaia e, quando êles saem, segue-os discretamente. Êles saltam do carro e continuam a pé. Mick os segue, até que chega num beco sem saída. Mick observa que alguns «espias» fazem sinais para os três suspeitos. Com a mão no revóver, êle descobre carregamentos comprometedores de uma casa impressora, num caminhão. Finge que quer alugar um escritório em frente e, com surprêsa, vê entre os suspeitos o impressor de Milsom, Percy Swale.

tar-lhe a mão imediatamente, respondeu Mick levantando-se.

Capítulo XVIII

ENFIM, UMA INDICAÇÃO

Mick fecha novamente a porta a chave e volta ao escritório. Estava preocupado. Estava certo até então que o encontro em Hanover Stairs era truque e que lh'o haviam indicado expressamente para o reter durante um momento em Rotherhithe. Assim, êle devia amolar Crosby... Mas, onde estaria êsse canalha com tôda a sua equipe de delinqüentes? Que desejaria êle fazer às onze horas para desejar, justamente a sua ausência?

Mick deu passadas nervosas para lá e para cá pensando nessas perguntas que êle fazia a si mesmo sem poder resolvê-las, quando miss Rayne apareceu à porta:

— Alguém o chama ao telefone, diz ela. Quer que lhe passe a ligação?

— De certo.

Mick pegou o fone e atendeu. Uma voz que não era mais que um gaguejar nervoso lhe chegou ao ouvido:

— Aqui fala Pitch Mobley. Há cinco horas que eu ando louco atrás do senhor. Creio que estou, enfim, sôbre uma pista; mas acabo de saber o que ocorreu com o pobre Smasher Gates e do que estou a par.

— Como pode saber disso? — Indaga Mick.

— Como pode o senhor aprender as coisas, senhor? A batalha começou. Eis tudo.

— Está bem, Pitch, não pense mais nisso. Que novidade tem a dizer-me?

— Eu soube que Phil Carey estava com Butch Davies e pude segui-lo em tôdas as suas manobras. Vi-o ajuntar-se a dois tipos conhecidos por seu mau passado, e tomarem um carro dirigindo-se todos para Ormond Street, perto de Russell Square. Segui-os e estou agora numa cabine telefônica diante do edifício onde entraram. Desejo que o senhor venha imediatamente a fim de assumir a direção do assunto. Os dois tipos são de assassinos e eu não tenho dúvida nenhuma de os reconhecer.

— Você é um bom sujeito, Pitche, diz Mick. Espere-me. Estarei aí dentro de uns cinco minutos. Se os indivíduos sairem antes de minha chegada, siga-os e me telefone novamente. Não me deixe na mão, e verá que não esquecerei a sua ajuda. Oculte-se convenientemente e me espere. Estou seguindo para lá.

Mick atravessa, correndo, seu escritório.

— Diga a meu pai que lhe telefonarei, grita êle para miss Rayne, — e previna à polícia de Rotherhite para vigiar Hanover Stairs às onze horas. Êles poderiam muito bem ver Milsom Crosby ou qualquer um de seu bando.

O detetive chispa a tôda fôrça de seu carro para Kingsway. Ao fim de cinco minutos chegava êle a Ormond Street e se pôs a procurar a cabine telefônica. Por fim percebeu Pitch pálido e agitado que o esperava impacientemente na cabine. Mick lhe faz um sinal com o piscar de olhos sem parar o carro de todo, indo parar a alguns metros do sítio em que estava Pitch, veio juntar-se a êle, em seguida.

— Êles ainda não sairam, disse o homem sem olhar Mick. Estão na terceira casa depois da esquina. Seja prudente. Êsses homens têm mais de um crime na consciência...

— Não tenho mêdo. Estou resolvido hoje. E muito obrigado Pitch; você foi muito corajoso. Vá ver-me amanhã.

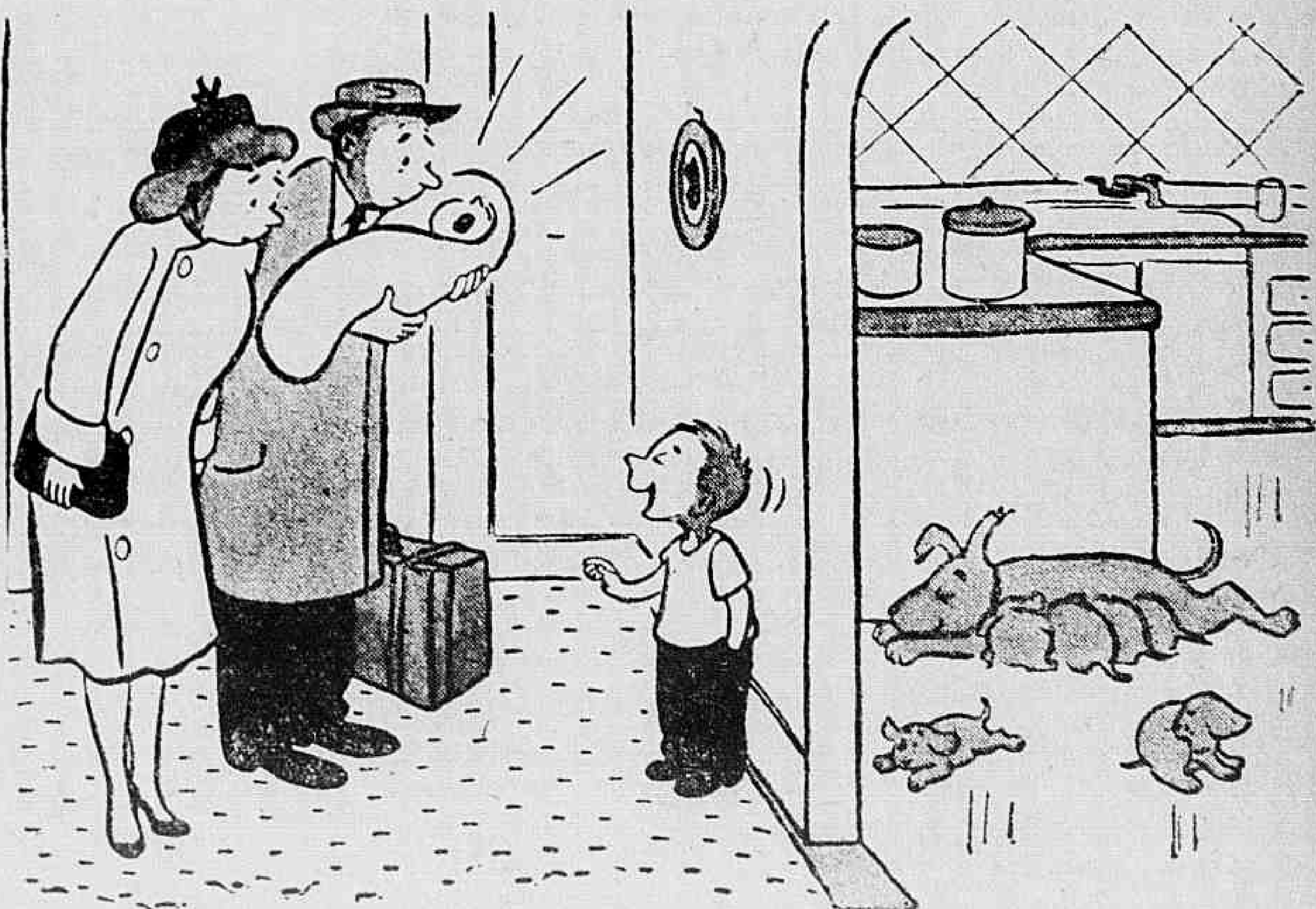
— Se o senhor ainda estiver vivo...

Pitch Mobley se afasta, mãos nos bôlsos, numa atitude despreocupada. Sabia Mick que a despreocupação de Pitch não era mais que dissimulação, pois que, mais de uma vez, êle havia mostrado que não tinha sangue frio.

O detetive acendeu um cigarro, escondeu-se por detrás do seu jornal e começou a vigiar o edifício indicado por Pitch. Lançou uma olhadela para o relógio de pulso e viu que já eram dez horas e um quarto.

Durante minutos Mick não viu ninguém. Temia que algum policial aparecesse por alí a circular e a vigiá-lo no seu andar macio de quem faz ronda. Mick não se preocupava com os homens de quem Pitch falara, pois, felizmente, jamais os vira, e, conseqüentemente, não poderia ser reconhecido por êles.

Finalmente, lá para as dez e meia, Mick



— Ora! Vocês ainda não viram nada!

largava o jornal para um lado e se dispunha a ir-se, quando a porta da casa se abre com precaução. Uma silhueta aparece à entrada.

Era um homem de baixa estatura e corretamente vestido, conduzindo um guarda-chuva sob o braço. Mick não o havia visto antes. Era-lhe completamente desconhecido. Outro homem o seguiu, igualmente bem vestido, mas de muito maior estatura e mais forte. Sua atitude apresentava-se como de pessoa absoluta segura de si mesma e seu rosto não exprimia qualquer hesitação. Uma terceira personagem saíu daquela casa. Mick fêz uma careta. Êste último lhe era conhecido. Butch Davies.

Butch trazia um chapéu de feltro de abas largas que lhe cobriam os olhos e ampla capa lhe envolvia o corpo robusto. Seu queixo grosso, a bôca brutal, mãos espatuladas, não deixavam nenhuma dúvida. Era Butch.

Os três inspecionam a rua por alguns segundos. Depois um dêles fêz sinal a um táxi onde todos entraram.

Sem fazer nenhum movimento, Mick aguardou os acontecimentos, o pé no acelerador. Começava a lamentar ter vindo em seu carro, em lugar de servir-se de um táxi, que passaria despercebido. Mas já era tarde para remediar o mal. O táxi dos três partiu e Mick o segui de perto.

Os três tomaram caminho através de ruas estreitas e Mick, amolado com o roteiro temia que a qualquer momento os perdesse de vista ou que fôsse notado por êles. Por fim, no cruzamento de Florida Street com Robert Street, o táxi pára. Mick conduz seu carro à primeira esquina, salta e voltando a pé, viu os três homens saltarem na calçada e Butch pagar ao chofer.

Ocultando-se por entre os transeuntes, Mick os seguiu, notando que se dirigiam para Pollard Road. A um ponto da rua viu Mick dois homens encostados à parede a fumar seus cigarros. Ambos tinham ar de vagabundos sem importância. Mas o detetive mudou de opinião quando viu um dêles agarrar o cigarro e o lançar violentamente diante dos três homens. A despeito disso, os seguidos por Mick não ligaram importância.

Mick atravessou a rua. Não queria passar pela frente dos suspeitos. Contudo, sentia que seus olhares se fixavam nêle; mas não voltou a cabeça. Súbito o trio começou a atravessar a rua. Mick apalpa o seu revólver esperando um ataque do grupo. Os três passaram a poucos metros dêle e continuaram seu caminho para Saint-Peter Street. Mick começou a perguntar aos seus botões, se aquela excursão pelas ruas da cidade não teria mais fim. No lado oposto da rua, no passeio, um homem que parecia estar engolfado na leitura do seu jornal, o deixa cair ao chão, para, em seguida, apanhá-lo continuando a lêr. No instante em que o jornal caía, Butch Davies tira o lenço e o passa na frente.

Os três homens atravessam bruscamente a rua e desaparecem. Mick perseguiu-os na caminhada. Mas teve que avançar com grande cautela, não lhe sendo possível alcançá-los com facilidade, temendo que êles se emboscassem em alguma viela e o atacassem.

O detetive segura com fôrça o revólver na mão direita. Ao chegar a uma esquina da rua, lança rápido olhar à esquerda e percebe os três individuos caminhando a alguns metros diante dêle em beco estreito, e sem saída.

Mick não ousa seguí-los. Êsse beco sem saída mais parecia uma cilada muito perigosa. Praguejando, êle continua seu caminho até Hackney Road. Nesse lugar êle atravessa a rua e volta pelo mesmo caminho. Tirou um envelope do bôlso e começa a inspecionar a casa, parando de instante a instante para dirigir, alternativamente, seu olhar para os nomes das firmas sôbre o envelope que tinha nas mãos. Quando chegou ao beco sem saída, examinou atentamente as casas que alí funcionavam. De um lado se via o letreiro: "Samuels & Cia. — Importação"; na outra casa, grande tabuleta indicava: "Forest & Fils, Impresores".

Mick observa três sujeito que parecia o estarem seguindo. Era preciso tomar imediatamente uma decisão antes que fôsse tomado por suspeito. O detetive repetiu consigo mesmo o nome da firma "Forest & Fils-Impressores", e perguntou com seus botões se não seria essa a solução para o problema que buscava resolver. Uma grande oficina tipográfica podia muito bem executar muitos negócios de sua especialidade, bem como até mesmo imprimir moeda falsa. Era bem possível que fôsse aquela a oficina onde Milsom Crosby imprimia suas notas. Mas a principal questão não estava resolvida: onde estaria Mrs. Cardby e onde estaria o próprio Milsom Crosby?

Era preciso agir com rapidez. Se êle ficasse a andar assim, sem um objetivo, por aparente que fôsse, os comparsas de Crosby o descobririam, com tôda certeza, e preveniriam os seus cúmplices. Mick teria dado parte de sua vida para encontrar um café ou um restaurante naquelas redondezas, a fim de observar sem nenhum perigo, a casa que tanto lhe interessava; mas naquele quarteirão, nada havia em matéria de restaurante ou de café.

Nesse momento percebeu Mick um caminhão que chegava àquela rua e parava diante da firma impressora. Anota o número e, erguendo a cabeça, vê, ao mesmo tempo, no imóvel diante do qual estava, pequeno aviso público: "Aluga-se". Imediatamente êle entra no edifício e, aproximando-se do porteiro, diz:

— Vejo que há aí uma sala para alugar. Se dá para a rua, eu desejo vê-la.

— São três salas que dão para a rua. Vou mostrar-lhe o caminho, responde o empregado, seguindo à frente de Mick.

Tomaram o elevador e chegaram ao segundo andar. O detetive entra precipitadamente na sala e se aproxima da janela, no

momento justo em que quatro homens saiam da impressora que ficava em frente, conduzindo uma grande caixa, que colocaram no caminhão. Depois disso, retornaram ao estabelecimento.

— O aluguel destas três salas é de cem libras por ano, diz o empregado. Para que as quer o senhor?

— Compreendo sua pergunta, respondeu Mick, continuando a olhar pela janela. Eu estava perguntando a mim mesmo se em verdade, êstes cômodos me serviriam. E' que eu ainda não havia notado que há aí em frente uma oficina de impressão e creio que uma vizinhança dessas me será agradável.

— Assim?

— Sim. Sou representante de grande firma de impressões de Birmingham. Mas, que me sabe dizer a respeito desse estabelecimento aí em frente?

Nesse momento uma segunda caixa saiu da casa e foi, como a primeira, colocada no caminhão.

— Não sei muito. Ignoro quem esteja à testa dêsse estabelecimento. Mas, ao que me parece, não está em boa situação.

Mick ia responder alguma coisa; mas, o que viu na rua lhe cortou a respiração: alguns homens saiam das oficinas com pacotes que iam sendo colocados no caminhão, e, um pouco afastado, vigiando o carregamento, se achava uma personagem que Mick julgava que estivesse lá no hotel de Ringwood: Percy Swale, o impressor...

Mick tirou um lenço do bôlso e enxugou a fronte. Agora êle poderia explicar uma porção de coisas!

Capítulo XIX

UMA OUTRA PISTA

O porteiro continuava a falar sôbre as salas a alugar, mas Mick não podia ouvir nada. Lá de cima podia Mick observar que Percy Swale dava ordens aos trabalhadores. Não ouvia o que estava dizendo; mas percebia muito bem o movimento de seus lábios. Sòmente aí o detetive soube porque Milsom Crosby estava tão bem informado sôbre tudo o que se passava em Ringwood! Mas, se Swale continuava a trabalhar com Crosby, depois de ter sido salvo da morte pelo detetive, era porque desejava manter-se no grupo de bandidos e não se revoltava contra o seu chefe, que tentou matar a todos lá no subterrâneo, inclusive a Swale. Porque êste não confessou tudo quando compreendeu que Milsom ia liquidar com êle também? Mick estava perplexo.

Os carregadores levaram uma outra caixa e entraram no estabelecimento em companhia de Swale. Mick reconheceu que já era hora de retirar-se, a fim de não perder de vista o caminhão, ao qual desejava seguir.

— Devo ver ainda um outro local, disse êle ao porteiro. Darei uma resposta dentro em breve.

Mete na mão do porteiro algumas moedas e desce ràpidamente as escadas. Depois de ter andado alguns metros na rua, chama um táxi e se mete dentro, não sem notar, com satisfação, que havia no carro um tubo acústico pelo qual poderia comunicar-se com o motorista.

— Você pode ir seguindo o seu caminho, disse Mick, e quando êsse caminhão, que vê aí, partir, queira seguí-lo por tôda parte. Eu vou baixar-me e sentar-me no tapête, ocultando-me. Pensarão, portanto, que você estará sem passageiro. Não se preocupe com o marcador. Eu lhe pagarei dobrado, se não perder de vista êsse caminhão.

Depois de alguma hesitação o chofer aceita o oferecimento de Mick e vai postar-se a pouca distância do caminhão, que continuava a receber carga. Mick ocultou-se, pegou o tubo de comunicação e indagou:

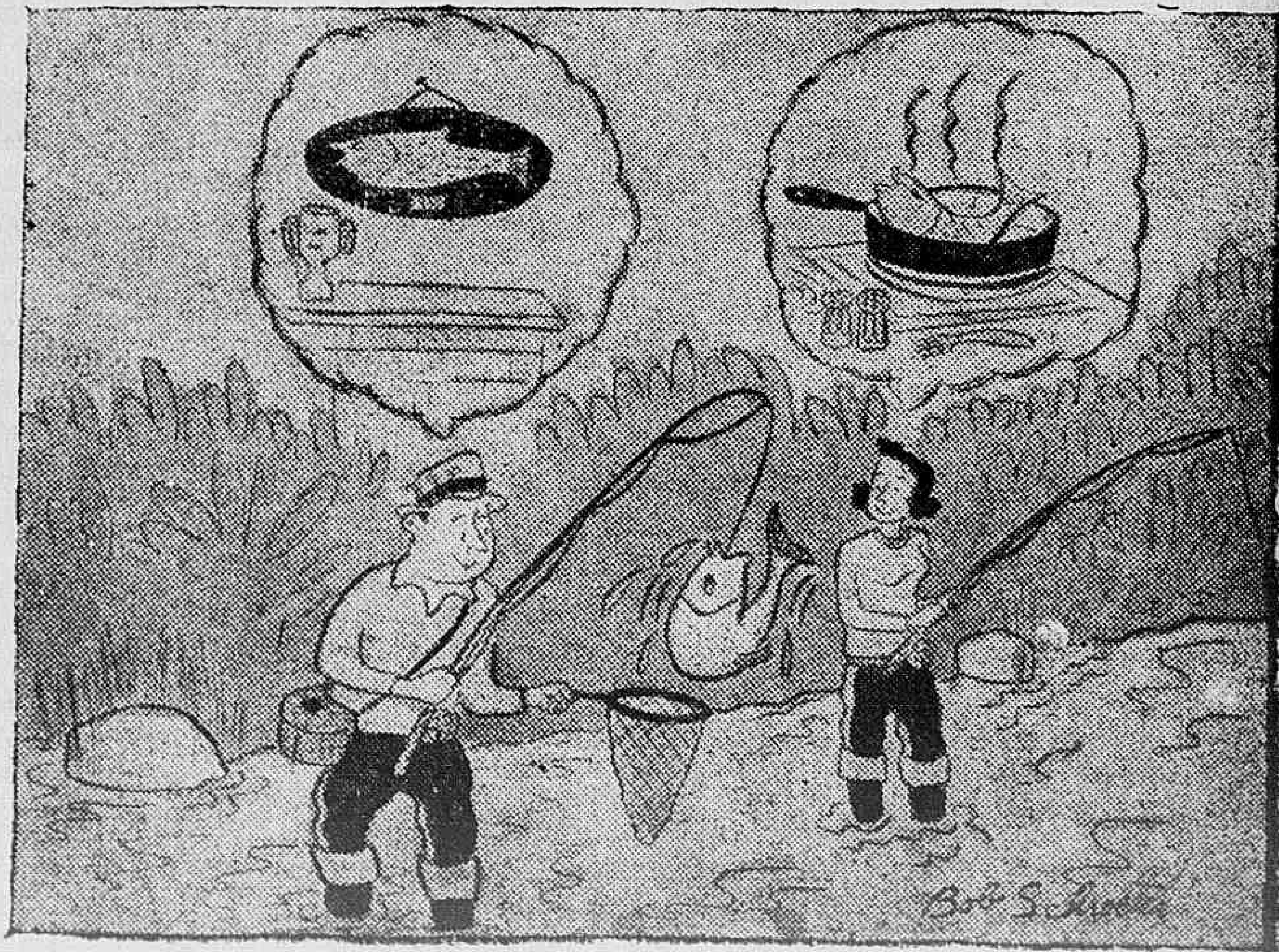
— Que fazem êles agora?

— O carregamento terminou, senhor, respondeu o chofer. Três homens acabam de subir ao caminhão e se preparam para partir.

Mick percebeu que o seu táxi também zarpava e, dentro em breve, perdeu a noção sôbre a direção que estava seguindo.

— Estamos agora na "Caledonian Road", dirigindo-nos para o norte, murmura o chofer. O caminhão está a trinta metros à nossa frente e, até agora, penso que ninguém nos notou.

— Muito bem. Não o perca de vista.



Mick toma de um lápis e começa a garatujar algumas notas. Sua primeira mensagem era para seu pai. Dizia-lhe para pedir à Scotland Yard que fizesse uma investigação na Impressora. Prevenia que Percy Swale estava trabalhando com o bando de Milsom e que deveria ser tratado como tal. A segunda mensagem continha as mesmas informações para a Scotland Yard. Mick terminou suas notas e esperou uma ocasião favorável para passá-las ao motorista.

— Acabamos agora de atravessar Holloway e estamos em Archway Road, diz baixo o chofer. Creio que estamos indo para Highate... Não! Êles diminuiram a marcha e estão tomando à esquerda.

Mick ouviu o ranger dos freios e o carro pára.

— Fique tranqüilo, cochicha o chofer. O caminhão parou diante de uma porta dupla, à esquerda, e um dos homens está batendo à mesma... A porta se abriu... O homem faz sinal para o caminhão entrar no pátio e a porta se fecha... Não há ninguém agora.

— Bem. Avance agora e páre na esquina mais próxima. Tenho algumas palavras a dizer-lhe.

O chofer conduziu o táxi até a uma pequena rua, e Mick, depois de ter-se certificado de que ninguém o seguira, deixou o veículo.

— Nunca ouviu falar da firma Cardby & Fils? — Perguntou ao chofer.

— Refere-se aos detetives?

— Isto mesmo. Ora bem. Eu sou Mick Cardby, o mais jovem da firma. Tenho aqui duas mensagens muito importantes: uma para meu pai, e a outra para a Scotland Yard. Peço-lhe que as leve aos seus destinos. Em primeiro lugar, entregue a de meu pai. Dou-lhe duas libras esterlinas por essa viagem; mas peço que volte o mais ràpidamente possível.

— Mas, não podia telefonar pelo senhor?

— Não. Ninguém acreditaria em você. E' preciso entregar pessoalmente as mensagens. Boa viagem e meus agradecimentos pelo seu concurso.

O chofer recebeu as duas mensagens e partiu em direção ao centro da cidade.

Mick atravessou a rua para afastar-se do edifício que lhe interessava, quando percebeu uma cabine telefônica justamente diante do lugar em que estava. Lançando rápido olhar em volta, para certificar-se de que não estava sendo seguido, entra na cabine. Era excelente pôsto de observação. Liga para Whitehall 1212 e chama um inspetor a quem conhecia pessoalmente.

— Aqui fala Mick Cardby. Trabalho no mesmo caso de Gribble. Pode mandar-me imediatamente um carro de velocidade ao número 437, Archway Road? Segui até aqui o bando de Crosby, mas não tenho meu automóvel. Não me mande mais que um homem, mas escolha um muito bom. Se os bandidos se retirarem antes da chegada do carro que peço, serei forçado a tomar um dos veículos que estão perto de mim. Um dêles tem o número 7.846, e o outro, 9.252. Se eu partir antes de seu carro chegar, previna o agente que êle me deverá procurar nos arredores, e que estarei num dos autos cujos numeros acabo de indicar. E' muito urgente. Compreendeu tudo, não? Obrigado.

O inspetor não perdeu tempo em fazer perguntas inuteis. Êle conhecia muito bem a Mick, para saber que o jovem detetive não costumava pedir ajuda sem estar, verdadeiramente, necessitado dela.

Mick telefona também ao escritório, e sabe que seu pai acabava de chegar de Ringwood. Resumiu pelo telefone o conteudo da mensagem que acabava de enviar-lhe e pediu-lhe que telefonasse à Scotland Yard.

— Tem alguma notícia de sua mãe? — Perguntou o velho detetive.

— Ainda não, papai. Mas tenho esperanças. Crosby telefonou?

— Não; mas falei à sua filha. Teve você uma feliz idéia, Mick. E', não há dúvida, ôlho por ôlho e dente por dente. Como posso ir juntar-me a você?

— Francamente, nem eu sei. O senhor poderá passar por aqui depois das diligencias na casa impressora; mas é muito provável que já eu não esteja mais. Em todo caso, o senhor poderá tentar. Estou quase certo de que aquilo que procuramos se encontra no caminhão que estou seguindo.

— E que deseja fazer de Iris Crosby?

— Nada. Se o pai dela telefonar, diga-lhe que estou ausente e que não se sabe para onde fui e onde estou. Diga-lhe também que sua filha está em nossa casa e que receberá, justamente, o tratamento que receber minha mãe.

— Muito bem. Mas tenha cuidado, menino! Até já!

Mick desliga e espera. Já estava há uns vinte minutos em seu pôsto de observação, quando um carro da polícia apareceu na rua e parou diante do número 437 de Archway Road. Mick deixou que se passassem alguns minutos e depois saiu lentamente, dirigindo-se para o veículo. O motorista viu quando êle se vinha aproximando e, sem mexer-se, fê-lhe um sinal de reconhecimento. Mick lança um olhar em tôrno, chegando mais perto do carro.

— Voltarei já, murmura êle sem mover a cabeça.

Deu mais alguns passos, certificou-se de que ninguém o vigiava e, retornando ao carro, sentou-se ao lado do chofer:

— Alô, Sandy, murmurou êle enterrando o chapéu até aos olhos. Você não perdeu seu tempo!

— Segundo me disseram, devemos agir com tôda a pressa, respondeu o outro detetive, com calma. Onde os tem você, Mick, para estar assim tão tranqüilo?

— Eu contarei a história, enquanto você poderá fumar o seu cigarrinho. Assim o tempo parecerá menos longo.

Mick o pôs ao corrente do que se passa-

ra e ambos esperaram em silêncio. Passa-se um quarto de hora. Entretanto, aquela grande porta dupla continuava fechada.

— Se ela não se abrir dentro de uma hora, irei ver o que se passa lá dentro. Qualquer coisa me diz que aquêle carregamento não chegou ao seu destino definitivo.

— Não gosto muito dessas esperas, Mick.

— Nem eu tão pouco. A alguns metros daqui eu vi placa de um médico, Sandy. Aproxime dela o seu carro. Um carro à porta de um médico não desperta suspeitas. Vou vestir a capa que está por detrás de você, pois meu trajo de esporte poderá atrair a atenção do bando.

Sandy levou o carro até à porta do consultório médico e aí continuaram a esperar.

— Você tem cara de quem está fatigado, Mick. Penso que deveria dormir um pouco. Se acontecer algo eu o acordarei.

— Não, Sandy. Não cerrarei meus olhos enquanto não encontrar minha mãe e levar Crosby às grades da penitenciária. Depois disso, então, dormirei durante um mês... Atenção! Estão abrindo as portas. Prepare-se!

Um pequeno homem de figura mirrada aparece à entrada da porta entre-aberta. Inspeciona ambos os lados da rua e lança um olhar perquiridor para o veículo dos detetives, desaparecendo novamente por detrás da porta. Sandy se apresta para dar o arranco e Mick ergue a gola de sua capa. Novamente aquêle homem baixinho surge à porta, desce até ao passeio e faz um sinal com a mão. A trazeira de uma camioneta emerge da porta.

— Diabo! Não era isso que eu esperava, murmura Mick entre dentes.

O veículo desceu para a rua e Mick leu a inscrição em um dos seus lados: "Companhia Elétrica do Norte". O carro fêz uma manobra e tomou pela estrada de Highgate.

— Que fazemos agora? — Indaga Sandy.

— Espere um pouco e, em seguida, passemos diante daquela porta.

A tal porta estava quase fechada quando êles passaram à sua frente, mas Mick tivera tempo de ver o suficiente.

— Depressa, Sandy, chispe e siga o carrinho que saiu.

Sandy pisou no arranco e partiu na direção da camioneta.

— Que houve, Mick? Por que esta perseguição?

— Vi o caminhão no pátio. Êle já estava descarregado. A carga fôra transbordada para o carro que acaba de sair. Agora êles perderão a parada, Sandy.

O carro suspeito ultrapassa Highgate e toma o caminho de New Cambridge. Não diminuiu a marcha, mas a possante "Squad" dos detetives não se deixou distanciar. Não estavam ainda muito longe de Alconbury Hill, quando o chofer da camioneta estendeu o braço, para fazer sinal que ia diminuir a marcha. Sandy deixa o acelerador e espera. Voltando para a esquerda, o carro perseguido desapareceu por detrás de longo gradil.

— Fique um pouco mais distante do leito da estrada, diz Mick ao colega.

Grande muro precedia a grade e estava todo êle recoberto de pontas de ferro abarbeladas. Um homem fechou a grade depois da passagem do carro, enquanto dois dêles estavam a postos de cada lado do muro, um tanto afastados. O local estava guardado como uma fortaleza.

— Veja isso aí, disse Mick, catucando o braço do amigo.

E mostrou sôbre o gradel, e repetida várias vêzes no muro, esta inscrição: "Colonia de férias de Alconbury. Estritamente privada. Os contraventores serão punidos!

— Que pensa você disso? — Murmura Mick.

— Uma bruta tapeação, responde Sandy.

Capítulo XX

UMA ESTRANHA COLÔNIA

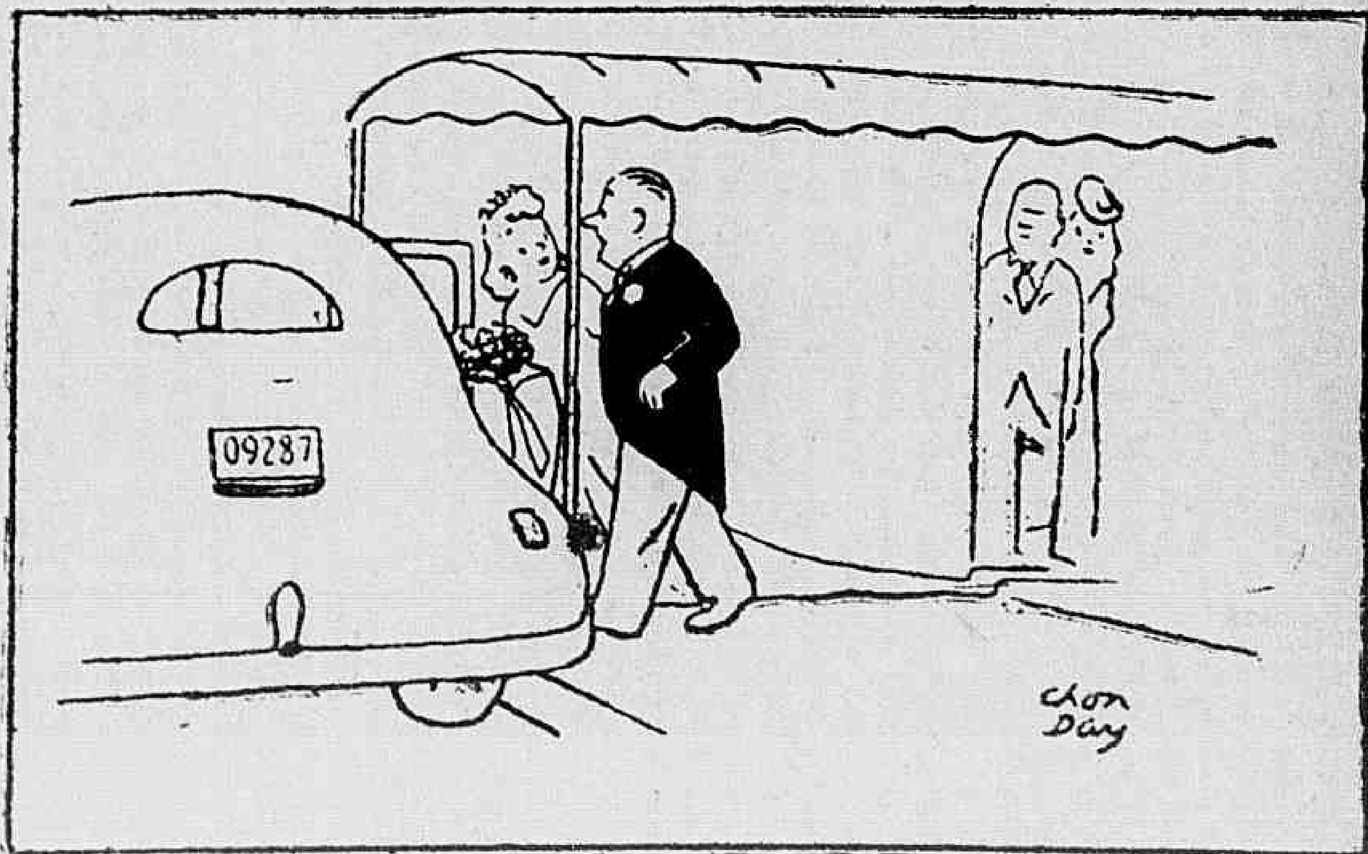
— Vejo uma bifurcação um pouco mais longe daqui, diz Mick. Vamos até lá e poderemos então fazer alguma inspecção.

— "Colônia de férias!" Pilheria Sandy. Que palhaçada! Eu reconheci ao portão uma cara conhecida: Snitch Flowers, a quem, faz tempos, mandei fazer uma estação de cura de cinco anos em Dartmoor, por certo negócio.

— Colônia de palhaçadas, diz você muito bem. Êles estão empregando êsse carro de transporte para enganar os mais desconfiados, fazendo crêr que estão entregando aparêlhos de ráios ultra-violeta e outros com que negocia êsse estabelecimento. Na verdade, êsse Crosby está longe de ser tôlo.

Sandy fêz recuar seu carro e foi estacionar um tanto afastado da estrada. Mick e êle desceram e Mick lhe mostra um campo situado mais à esquerda:

— Vou até lá para ver se posso subir ao muro, disse. Não é possível tentar entrar



— Que temos, hoje, para o jantar?

pela porta principal. Você fique aqui com o carro.

— Ah! Não! Que idéia! Então me toma você por um chofer?

— Você sabe muito bem que eu não tive intenção de dizer tal coisa, Sandy. Acho apenas que essa colônia de férias me parece muito perigosa, e creio que, aquêle que entrar aí jamais sairá e, como o assunto me diz respeito pessoalmente, não quero que você se arrisque tanto.

— Ouça, Mick, respondeu o colega. Você já me conhece há uns quatro ou cinco anos; desde quando me toma você por um poltrão?

— Nunca o tomei por um poltrão, Sandy. E sei que, quando você tem que fazer algum serviço, sempre procura realizá-lo muito bem; mas, precisamente, o assunto atual não lhe pertence. Fique aqui com o carro.

— Nunca o faria! Já entrei também no brinquedo e agora vou até ao fim. Sim: até ao final, pois tenho tanto direito como você, nesta "Colônia de Férias".

— Você é teimoso, Sandy. Só tem uma arma?

— Sim, meus punhos. E você?

— Tenho meu revólver e meu "casse-tete". Mas, francamente, preferia que você não viesse. Faria melhor em ir até Stamford, procurar o chefe de polícia local e pedir-lhe que nos mande refôrços. Durante êsse tempo eu irei explorar o local. Conheço muito bem essa gente e sei que haverá ainda muita coisa que fazer. Faça como digo, Sandy. Peço-lhe.

O outro hesita um instante e diz, enfim:

— Bem. Vejo que você tem razão, se bem que me incomode deixá-lo aqui. Mas voltarei o mais ràpidamente possível. Mas, porque você não espera que cheguem os refôrços?

— Porque muita coisa poderia suceder nesse entre-tempo, e como eu tenho a convicção de que minha mãe está prisioneira nessa casa, você há de compreender que eu não posso esperar mais. Você compreende. E agora, chispe, Sandy!

O outro pula no carro e vôa para Stamford. Mick se dirigiu, através de um terreno baldio, na direção da "Colônia". Estava êle com as mãos nos bôlsos, prestes a pegar o revólver ou o casse-tete, conforme as circunstâncias.

Ao cabo de uns dez minutos chegou ao pé do muro da propriedade. Voltando a cabeça, êle viu que um homem vinha em sua direção. Seu aspecto não era lá muito tranqüilizador, mas Mick se sentiu mais à vontade quando percebeu que se tratava de uma pessoa que jamais o vira antes. O homem trazia um pedaço de pau na mão, e a expressão de sua fisionomia era brutal.

— Dá o fora daqui! Ordenou êle. E' proibida a entrada!

— Eu não quero entrar, responde Mick, e o terreno não lhe pertence.

— E' possível, mas os que se aproximam muito destes muros sempre se arrependem.

O homem se chegou a Mick e ergueu o cacete, os olhos pequenos e injetados de sangue:

— Não me ouviu? — Grunhe êle. Dá o fora, ou eu te quebro a cabeça!

Mick ergue os ombros e recua, como quem se decide a partir. O homem desarma o golpe a resmungar. Mas, com a violência e a rapidez do ráio, o braço de Mick se ergue no ar, empunhando o casse-tete que vem certeiro sôbre a fronte do desconhecido, que cai sôbre os pés soltando rouco gemido. Mick o olha friamente. Êle não sentia nenhuma piedade pela gente dessa espécie. Depois de um minuto de reflexão, troca a capa de Sandy e o chapéu, pelo casquete e o capote usados pelo homem e examina novamente o muro. Era muito alto e todo protegido de pontas de ferro. Escalá-lo era impossível.

Mick se dirigiu prudentemente ao longo do muro e encontrou, mais adiante, uma porta. Depois de ter procurado abrí-la, chegou à conclusão de que os seus esforços seriam em vão. A porta estava fechada a sólido cadeado e, do outro lado, escorada por barras de ferro.

Era preciso prosseguir na tentativa. Estava êle a imaginar um meio de continuar quando lhe pareceu ouvir ruido de passos aproximar-se dêle. Colou-se contra o muro e esperou. Os passos eram cada vez mais próximos, até que um homem apareceu diante de Mick. Ambos se viram ao mesmo tempo. O desconhecido avançou para o detetive, disposto a derrubá-lo com uma cacetada; mas Mick não estava desprevenido e agiu mais ràpidamente que êle. Torceu de corpo, evitando o golpe mortal. Pegou-lhe o braço e vibrou-lhe uma pancada violenta com o casse-tete, derrubando-o. Mick sorriu. O progresso era lento, mas o batalhão de Milsom Crosby começava a reduzir-se.

Um pouco mais longe êle descobriu um bom lugar, coberto de árvores, para ocultar-se e ficar à espreita, sem passar o risco de ser descoberto. Dali êle poderia observar as coisas sem ser visto. Mick recolocou seu casse-tete no bôlso e empunhou o revólver, que já àquela altura dos acontecimentos lhe parecia ser arma de maior segurança.

Estava Mick a perguntar aos seus botões o que iria fazer quando, de súbito, os ladridos furiosos de um cão começaram a inquietá-lo. Esquecendo tôda prudência, êle se precipita para umas moitas de arbustos, a fim de fazer calar o cachorro. Enorme "dog" o descobrira. O animal latia furiosamente e tinha o pêlo eriçado, a baba correndo de sua bôca, e a corrente, à qual estava prêso, parecia a ponto de partir-se. Mick teve um segundo de hesitação. Êle não gostava de matar os animais; mas era o jeito. Soltou um suspiro, apontou o revólver e deu ao gatilho. O tiro foi certeiro e a fera caiu morta.

(Continua no próximo número)

TRANSMUTAÇÃO QUÍMICA DA MADEIRA

J. F. T. BERLINER*

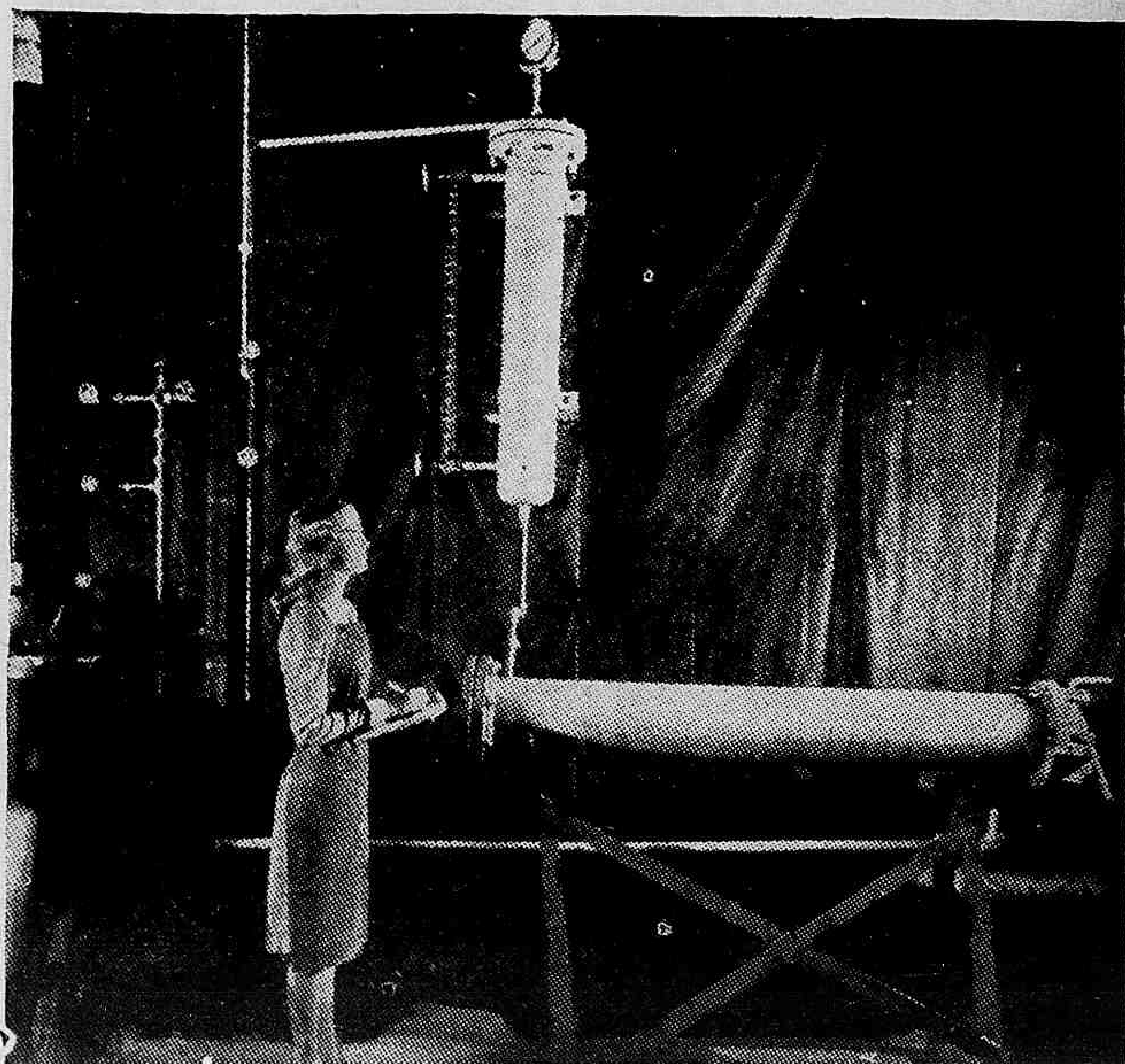
A impregnação da madeira pela metiloluréia, que é substância formadora de resina, e a sua transformação em resina dentro da madeira é coisa relativamente simples e econômica, que não exige novos processos ou aparelhamento especial.

Para isso introduz-se na estrutura da madeira uma solução aquosa de metiloluréia não condensada. Quando na estrutura da madeira, a metiloluréia é convertida em resina pelos ácidos presentes na mesma. O calor, tal como é empregado usualmente nos fornos de secagem, acelera a conversão da metiloluréia que está na madeira em resinas insolúveis em água. Contudo, êste processo é realizado com suficiente rapidez às temperaturas ordinárias e se completa durante o período usual de secamento. Dentro da própria estrutura da madeira se forma uma resina permanente, que não só é dura mas também insolúvel, seja isso efetuado às temperaturas ordinárias ou às do forno citado. Se a secagem ao forno foi efetuada sob temperaturas demasiado elevadas, ou se foi efetuada com suficiente rapidez, a reação causada pela resinificação prosseguirá até o estado insolúvel, mas todavia fusível, e permanecerá assim por algum tempo. Se a madeira assim sêca é aquecida até 115º C ou mais, a resina fundir-se-á e fluirá sob pressão e a resinificação será completada ràpidamente até alcançar um estado infusível. A madeira então reterá permanentemente a dimensão e a superfície produzidas pela compressão.

São vários os modos pelos quais se pode impregnar a madeira com a solução. Talvez o processo de maior eficiência comercial na impregnação uniforme da madeira seja o realizado por pressão e pelo de vácuo. Para isso coloca-se a madeira em uma câmara, da qual se retirou o ar, em quantidade suficiente para cobrir a madeira e considerando o volume da solução que será absorvido. Feito isto, abre-se a câmara e expõe-se à atmosfera, ou também se aplica ar sob pressão. Depois de um período determinado, drena-se a solução e retira-se a madeira para que seque. Quando se trata de peças pequenas, talvez valha a pena recorrer a uma impregnação centrífuga.

A madeira que se vai tratar deveria, para a maioria dos fins, encontrar-se sêca, ou pelo menos ser sêca abaixo do ponto de saturação de suas próprias fibras. A solução de metiloluréia, ao ser forçada na madeira, penetra primeiro nas cavidades celulares. Logo se difunde com rapidez para as paredes destas células onde, sob a influência dos ácidos da própria madeira, começa logo a polimerizar-se e a transformar-se em resina insolúvel. Se a madeira ou lenho está verde, as cavidades celulares se encontram em parte ocupadas por água "livre" e as fibras se acham saturadas. Quando a metiloluréia penetra na célula, a sua razão de difusão nas paredes celulares é diminuída, e ela pode ser transformada em forma insolúvel antes que tenha tido ocasião de infiltrar-se nas paredes celulares.

A concentração da metiloluréia na solução, a índole particular da metiloluréia que se vai usar (isto é, a proporção de uréia em relação à dimetiloluréia), a temperatura, o grau de pressão que, se fôr necessário, dever-se-á aplicar e a duração de cada fase do ciclo de tratamento, são condições que dependem da natureza do artigo que se esteja tratando, assim como das dimensões e da espécie da madeira; depende também de tratar-se de cerne ou alburno, do grau de tratamento que se necessita e finalmente das propriedades que se queiram obter.



Aparelhamento para o tratamento experimental num laboratório. A madeira colocada no cilindro da direita é impregnada em tôda a sua estrutura com uma solução de metiloluréia de um tanque (esquerda), por meio do vácuo com subseqüente aplicação de pressão dentro do cilindro. O cilindro vertical do centro é um depósito da solução química.

(*) Do Departamento do Amônio da E. I. du Pont. Conferência pronunciada pelo autor no Hotel Waldorf Astoria em Nova York, a 27 de abril de 1944.

O TRATAMENTO A VÁCUO E PRESSÃO

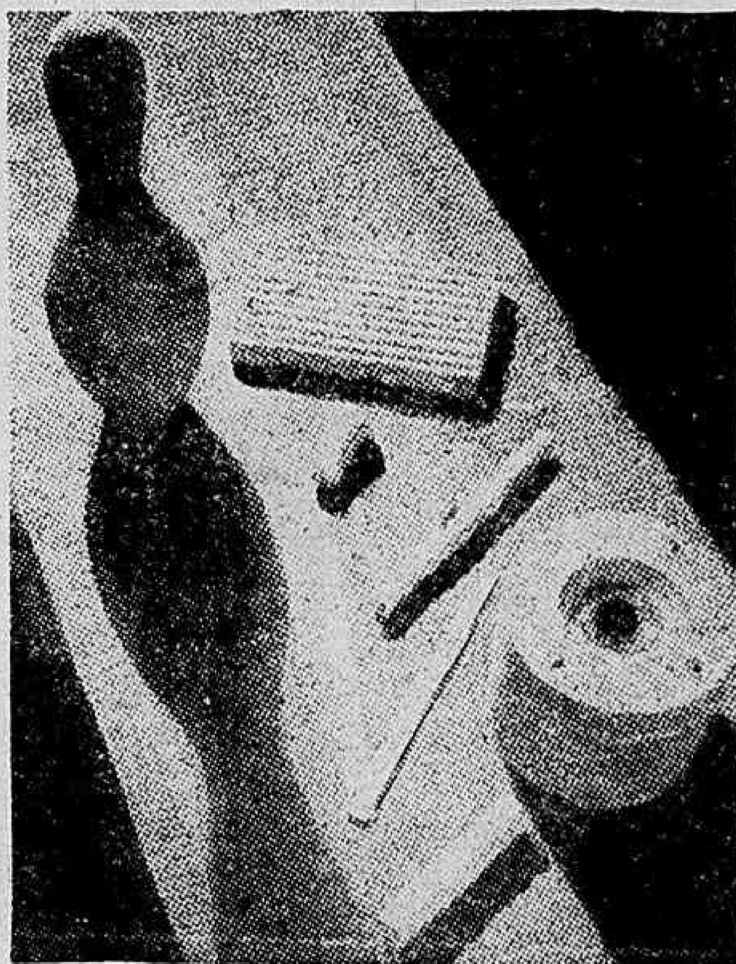
Para o tratamento a vácuo e pressão é necessário passar pelas seguintes fases: 1. Colocar a madeira no cilindro de tratamento; 2. Aplicar o vácuo pelo período de tempo requerido; 3. Introduzir a solução sem terminar o vácuo até que a madeira fique completamente submersa; 4. Aplicar a pressão durante o período requerido; 5. Descarregar a solução para um depósito a fim de se poder usá-la novamente e remover a madeira; 6. Secar a madeira.

Para a maioria das madeiras chapeadas, de não mais de 1,5 mm, em geral não é preciso aplicar uma pressão mais elevada do que a atmosférica para obter a absorção adequada. Para a penetração profunda da madeira comum é necessário empregar pressões de 3,5 a 7 kg por cm2, ou mais. Para o alburno das madeiras moles e de algumas duras, e para o cerne de algumas madeiras duras, é geralmente suficiente um ciclo de impregnação de 20 a 50 minutos (de 66 a 71 cm), seguido de uma pressão de 7 kg por cm2, aplicada por 10 a 50 minutos sob temperatura de ambiente.

Para poupar as substâncias químicas, aumentar a capacidade dos mecanismos de tratamento e reduzir o tempo de impregnação, é preferível que o artigo de madeira seja cortado a quase que a sua forma final prèviamente ao tratamento. Os artigos que se desejam tratar não necessitam ser separados uns dos outros. A câmara de tratamento pode ser cheia a granel com os mesmos ou então êles podem ser colocados em feixes ou em pequenos cestos, caso se trate de objetos muito pequenos. Durante a fase de tratamento, a madeira aumenta em tamanho. E' necessário levar em conta esta expansão no tamanho quando se enche o cilindro.

APARELHOS DE SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS

Os aparelhos ou dispositivos necessários podem ser muito simples. Podem ser da mesma natureza que os que estão sendo atualmente empregados para tratar as madeiras com creosôto e com substâncias químicas que as tornem não inflamáveis, se bem que sendo êste um processo de tratamento mais rápido, possam usar-se aparelhos de menor capacidade. Para fins de ensaio ou para tratamentos em pequena escala, os dispositivos podem ser montados em aparelhos já existentes em quase tôdas as fábricas. A única coisa que se precisa é de uma câmara dentro da qual se há de colocar a madeira e que seja capaz de resistir ao vácuo e à pressão necessários. Um ejector de jacto de vapor constitui um meio eficiente e simples de produzir o vácuo necessário. Entretanto, de-



O tratamento pela metiloluréia é aplicável a uma grande diversidade de artigos. Alguns dêles podem ser vistos na figura acima: um pau de boliche, um pedaço de madeira ondulada, um cabo de ferramenta, uma régua em ziguezague, tubos de madeira para rolos de papel e uma polia.

veria estar provido de uma porta de pressão ou de uma tampa separável e de uma fonte produtora de vácuo e outra de pressão. Necessita-se também de um tanque para preparar a solução, outro tanque auxiliar para o desbordamento, e os meios para secar a madeira. Podem-se empregar aparelhos de aços moles. Os ingredientes químicos que se empregam não são mais corrosivos do que a água e não se inflamam, nem são tóxicos. Para prevenir o enferrujamento e o possível manchamento da madeira, é aconselhável que se aplique uma capa ou banho impermeável à superfície exposta dos aparelhos.

Para o tratamento, emprega-se uma solução aquosa de metiloluréia não condensada. Esta solução pode ser obtida fazendo-se reagir a uréia com o formaldeído nas devidas proporções e sob condições controladas. Entretanto, um método mais simples, econômico e conveniente de preparar a solução é o que consiste em dissolver uréia e dimetiloluréia (abreviado: DMU) em água, nas proporções requeridas. Ambas substâncias são sólidas, brancas e solúveis em água. A uréia resulta da reação entre o amônio e o anidrido carbônico. O formaldeído que se deriva do metanol, condensa-se com a uréia para formar DMU.

As proporções que se requeiram dependerão em parte da natureza do artigo que está sendo tratado e dos resultados que se desejam obter. Para quase todos os fins basta uma solução de 1 a 2 partes de uréia e 6 de DMU, dissolvidas em 20 a 24 partes de água.

Uma solução de uma parte de uréia para 3 partes de DMU é preparada dissolvendo-se 30 kg de uréia e 100 kg de DMU comercial (o que equivale a 90 kg de DMU sêca) em 160 quilos ou litros de água. Obter-se-ão assim 200 livros de solução. A solução deveria ser preparada em um tanque munido de uma serpentina de vapor e de um agitador para se obter uma dissolução ràpida. Adicionam-se os sólidos e aquece-se a solução a 54-65º C durante a preparação desta.

As soluções de metiloluréia reagem com muita facilidade, como se vê pelas reações que se passam ao ser impregnada na madeira. Torna-se, pois, necessário tomar certas precauções a fim de prolongar a sua utilidade e evitar que se deteriorem. Se a solução deve ser guardada por mais de oito horas, é importante mantê-la ligeiramente alcalina, a cêrca de pH 8.0. Quando tenha sido preparada recentemente a partir de uréia e de DMU comercial, a solução estará dotada da alcalinidade aproximadamente desejada. Ao ser esta solução empregada para o tratamento da madeira, extrai os ácidos da mesma, havendo então uma tendência para que a solução se torne ácida. Em operação, pode-se permitir que

a solução se torne ligeiramente ácida (o pH não deve ser de menos de 6,0) se neutralizada prontamente com álcalis para evitar um excesso (o pH não deve passar de 9,0). A acidez da solução pode ser determinada fàcilmente mediante o uso de papéis especiais para ensaios. Caso se pretenda armazenar a solução por mais do que oito horas é importante que seja mantida ligeiramente alcalina, a um pH de mais ou menos 8,0.

Quando se deseja colorir a madeira durante o tratamento, podem-se adicionar tintas solúveis na água da solução. A côr produzida pela tinta não parece ser alterada pela metiloluréia. As tintas a serem usadas devem produzir uma reação neutra ou ligeiramente alcalina em solução.

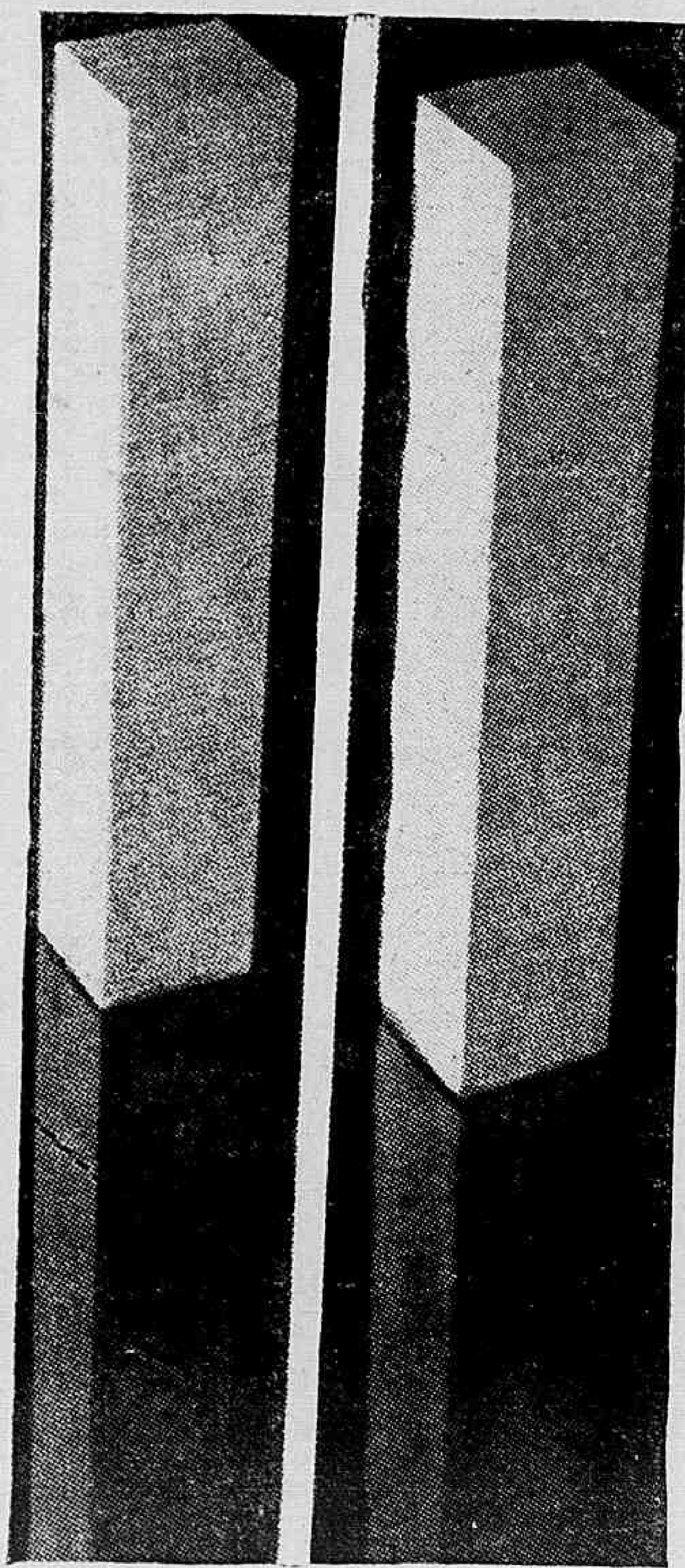
Tanto a uréia como a DMU podem ser conseguidas no comércio a preço módico, pois estas substâncias químicas estão sendo produzidas agora em grande quantidade. Embora seja hoje necessário recorrer ao Conselho da Produção (Production Board), para obtenção de grandes quantidades dêste material, pequenas amostras para investigação e ensaios preliminares podem ser obtidas sem a permissão daquele.

A uréia, também chamada *carbamida*, é um produto cristalino, branco, solúvel em água e inodoro, semelhante em aparência ao açúcar granulado. E' muito empregada em adubos, em substâncias plásticas, em adesivos para madeira compensada, em produtos farmacêuticas, para a alimentação dos animais e em muitos outros fins.

A dimetiloluréia ou DMU, é um sólido de côr branca de giz, ligeiramente solúvel em água fria, mas ràpidamente solúvel em água quente. Torna-se cada vez mais solúvel ao ser armazenada, sobretudo em um clima quente, razão porque só pode ser obtida a quantidade que se necessite.

O CUSTO DO TRATAMENTO

O tratamento da madeira em questão é em si um processo econômico. O custo das substâncias químicas, os gastos de operação e a inversão de capital para a compra dos aparelhos são moderados e em muitos casos o custo do tratamento pode ser mais do que compensado pelas vantagens e economias resultantes, algumas das quais são adiante enumeradas: 1. Quando a madeira chapeada, que se avalia pela sua superfície, é tratada, permanece muito aproximadamente com a mesma dimensão do lenho verde, representando um lucro de 5 a 10% em superfície sôbre a fôlha não tratada; 2. Graças à sua maior consistência e rigidez, certos artigos exigem uma construção mais leve e precisam de menos madeira; 3. Madeiras baratas e fáceis de conseguir podem ser tratadas e então competir com outras madeiras mais caras e escassas, que custariam muito mais porque teriam que ser trazidas de lugares muito afastados; 4. A madeira pode ser empregada em fins para os quais não havia sido antes indicada, assumindo pela primeira vez a posição de rivalizar com as substâncias plásticas e com os metais que são de preço mais elevado; 5. O acabamento e a coloração podem ser produzidos diretamente na própria madeira por compressão, eliminando operações dispendiosas e demoradas, tais como o enchimento, o lixamento, a coloração, a fricção, o envernizamento e o polimento; 6. Os móveis, as gavetas, as portas e demais partes não empenam e não incham qualquer que seja o estado atmosférico. 7. Como o acabamento da madeira não é apenas superficial, mas profundo, as superfícies arranhadas ou lascadas podem ser restabelecidas fàcilmente, bastando aplainar ou lixar. Êste é um ponto importante na conservação do mobiliário; 8. Certos artigos manufaturados podem ser comprimidos até ficarem com a forma definitiva, eliminando-se assim por meio de uma operação os trabalhos mais dispendiosos com máquinas e o acabamento da superfície. Isto pode ser aplicado à madeira de assoalho, à superfície das mesas e das escrivaninhas, aos móveis, às peças de maquinaria e a muitas outras coisas; 9. A maior durabilidade e a resistência à água, às substâncias químicas e aos solventes pode significar maior duração e menor número de substituições de artigos como máquinas de lavar roupa, instrumentos para fábricas de produtos químicos, tanques de madeira, armações de portas e janelas, e muitas partes de máquinas; 10. Na produção de madeira laminada, a madeira tratada une-se por si mesma, não necessitando o uso de outros adesivos.



O bloco de pinho da esquerda, tratado com metiloluréia, segundo o processo aperfeiçoado recentemente, mostra como a sua qualidade foi melhorada depois de trabalhado à máquina.

O que estas vantagens realmente representam em economia é ainda difícil de avaliar, mas pode-se dizer que excederão em valor ao custo do tratamento.

Os gastos diretos dependem de vários fatôres, entre êles do volume em que se opera. O custo das substâncias químicas varia segundo a quantidade que se empregue. Esta, por sua vez, dependerá da natureza da madeira ou do artigo considerado, assim como do fim para o qual o tratamento é feito, pois isto é que determina se a madeira deverá ser impregnada parcial ou completamente.

As madeiras comerciais das matas norte-americanas variam em pêso entre 24 a 47 libras por pé cúbico (ou seja, de 385 a 735 kg por metro cúbico). Excetuando-se as madeiras de serraria, as porções estruturais e outros artigos que teriam que ser impregnados ùnicamente na superfície, a aplicação das substâncias químicas varia de 10 a 30% do pêso sêco da madeira. Desta maneira, tornam-se necessárias de 2,5 a 14 libras por pé cúbico de madeira. Para as necessidades mais comuns, bastariam aplicações de 15 a 20%. Isto representa o emprêgo de umas 5 a 6 libras de metiloluréia para as madeiras de qualidades médias que pesem cêrca de 30 libras por pé cúbico. O custo atual das substâncias químicas é de 8 a 9 centavos (de dólar) a libra, na fábrica, para pequenas quantidades. Desta maneira, o custo das substâncias químicas para a impregnação completa vem a ser de $0.035 a $0.045 por pé de tábua nos depósitos de madeira (1). Para a madeira compensada êste custo é de mais ou menos $0.0015 por pé quadrado.

Quando fôr aconselhável limitar o tratamento à parte exterior da madeira, poder-se-iam considerar as aplicações de meia a três libras de substâncias químicas por pé cúbico. Êste tratamento das camadas externas, por assim dizer, viria representar um custo de $0.003 a $0.02 de substâncias químicas por pé de tábua.

A instalação para o tratamento não exige aparelhos de tipos novos. Tanto o processo como o custo dos aparelhos e a operação dos mesmos são coisas bem conhecidas da indústria madeireira. Conjuntos simples e fáceis de operar podem ser instalados por um custo relativamente módico, tratando-se do tratamento de artigos pequenos. Os métodos de tratamento por etapas rápidas permitem que se aumente a produção com aparelhos de tamanho relativamente pequeno.

Esta descoberta significa que hoje já se tornou prático e exequível o transmutar a madeira, adaptando?a para certas especificações quanto às propriedades e ao aspecto. As cadeias representadas pelas propriedades inalteráveis e pelas limitações inerentes a determinadas espécies podem ser agora postas à margem. Esta nova substância, a madeira transmutada, que se faz da madeira e que a ela se assemelha, pode competir muito bem com os produtos plásticos e com os metais, que há muitos anos vinham relegando o uso da madeira para muitos fins a uma posição secundária. As substâncias plásticas e os metais foram modelados para as condições exigidas dêles, até mesmo para imitar a madeira. Hoje, a madeira pode ser modificada para que tenha uma maior interpermutabilidade e com o fim de ampliar o seu campo de utilidade muito além dos limites que até agora tinha. Na atualidade, a indústria da madeira defronta as maiores oportunidades e também uma concorrência renhida. Dispõe de várias armas novas e poderosas, entre as quais a madeira transmutada, rebento da química.



PARA OS QUE VIVEM NO CAMPO

OS PRESERVADORES DA MADEIRA CONTROLAM O PIOLHO DAS AVES

Uma aplicação anual de creosoto, Carbolineum ou outros agentes que preservam a madeira, matará e afugentará o piolho dos ninhos durante um ano. Êste tratamento também serve para impedir que a umidade penetre na madeira da construção, o que evita o seu apodrecimento. Isto é importante quando a quantidade de umidade que existe, geralmente, dentro dos ninhos no inverno é muito elevada.

Uma forte aplicação dêsses preservadores dará, outrossim, uma côr atraente à madeira, impedindo, ao mesmo tempo, que seja roída pelos ratos e ratazanas. O tratamento, uma vez por ano, do interior dos ninhos com um preservador de madeira é um dos mais importantes trabalhos de atenção e sanidade que a criação de aves requer.



PARA CONSERVAR OS OVOS FRESCOS

Uma das coisas de maior interêsse para todo avicultor que deseje conseguir bons lucros, é o cuidado e o bom acondicionamento que deve proporcionar aos ovos de suas galinhas.

E' muito fácil, se se descuidam alg'ns detalhes de importância, perderem-se alguns centavos no preço que se pudesse obter por dúzia, o que, em muitos casos, poderia significar perder a metade dos lucros.

O ôvo nunca é melhor que quando a galinha acaba de pô-lo, e daí até ser comido, sua qualidade vai desmerecendo. Mas a sua desvalorização rápida ou lenta dependerá do cuidado que lhe seja dispensado.

Duas coisas fazem com que se deteriore mais depressa: a temperatura excessivamente elevada e a falta de umidade. Sôbre a regulagem da temperatura deverão ser observados, antes de tudo, os dois pontos seguintes:

1. Recolher os ovos com freqüência. A maioria dos avicultores, especialmente em tempo de calor, cuidam de recolhê-los pelo menos três vêzes por dia, de preferência quatro.

2. Colocá-los imediatamente num quarto fresco, de preferência onde a temperatura seja de 10 a 15º C.

Os ovos adquirem mais depressa a temperatura do local quando, ao serem recolhidos, são colocados em cestos de arame em vez de em cubas ou vasilhas. Conservando-os frescos até serem vendidos e vendendo-os com freqüência, sua qualidade será conservada.

Para evitar que percam umidade, deverão ser guardados em ambiente úmido e ao mesmo tempo fresco. Geralmente existe mais umidade num quarto subterrâneo, tal como um porão.

E' contraproducente colocar-se os ovos em caixas ou cestos muito secos, pois êstes absorverão sua umidade. Por isso, antes de acondicionados, devem ser armazenados num quarto onde exista umidade.

---

(1) Um pé de tábua equivale, nos EE. UU., a uma tábua de um pé de comprimento, um pé de largura e uma polegada de espessura. Nota da Redação.

NO MUNDO DOS SELOS



Sêlo húngaro, comemorativo do XV aniversário da morte do escritor Máximo Gorki.

ISRAEL — Em comemoração do III aniversário da proclamação do Estado de Israel foi emitida uma série de dois novos selos, com valores diferentes, tendo como motivos, vistas da cidade. Trata-se de um sêlo de 15 pruta, castanho-avermelhado, vista da cidade de Metsudat Yesha e outro de 40 pruta, azul-escuro, com vista da cidade de Kakastel.

ISLÂNDIA — Comemorando o 175.º aniversário do estabelecimento dos Correios nesse país (em 1776) foram emitidos dois novos selos, sendo um com uma vista parcial do país, quase sempre sob pesadas camadas de gêlo e nos valores de 2 Kr, castanho (carteiro em 1776, carregando às costas a mala postal) e outro mais, com o mesmo fundo panorâmico, em 3 kr, verde, mostrando o moderno transporte da correspondência, em avião.



Islândia

SANTA LÚCIA — Pela primeira vez na história filatélica britânica, é feita emissão de um sêlo do valor de 12 cents, tendo como finalidade a obtenção de fundos para ajuda à reconstrução de uma cidade, destruída por um gigantesco incêndio. Trata-se da cidade de «Castries», capital dessa colônia inglêsa. O desenho oferece como motivo a figura de uma águia procurando alçar vôo de uma fogueira.

FRANÇA — Continua a emitir, quase semanalmente, êsse país. Apesar de, na sua maioria, ser um único sêlo, é constante essa emissão e mais fácil para o colecionador acompanhá-la. Um dos últimos é um sêlo de 15 francos, azul-claro, em homenagem



Novo sêlo dinamarquês, com o retrato do rei.

ao meio centenário da criação das Tropas Coloniais; outro, de 25 francos, verde-claro, assinala o centenário do nascimento do compositor Vincent d'Indy.

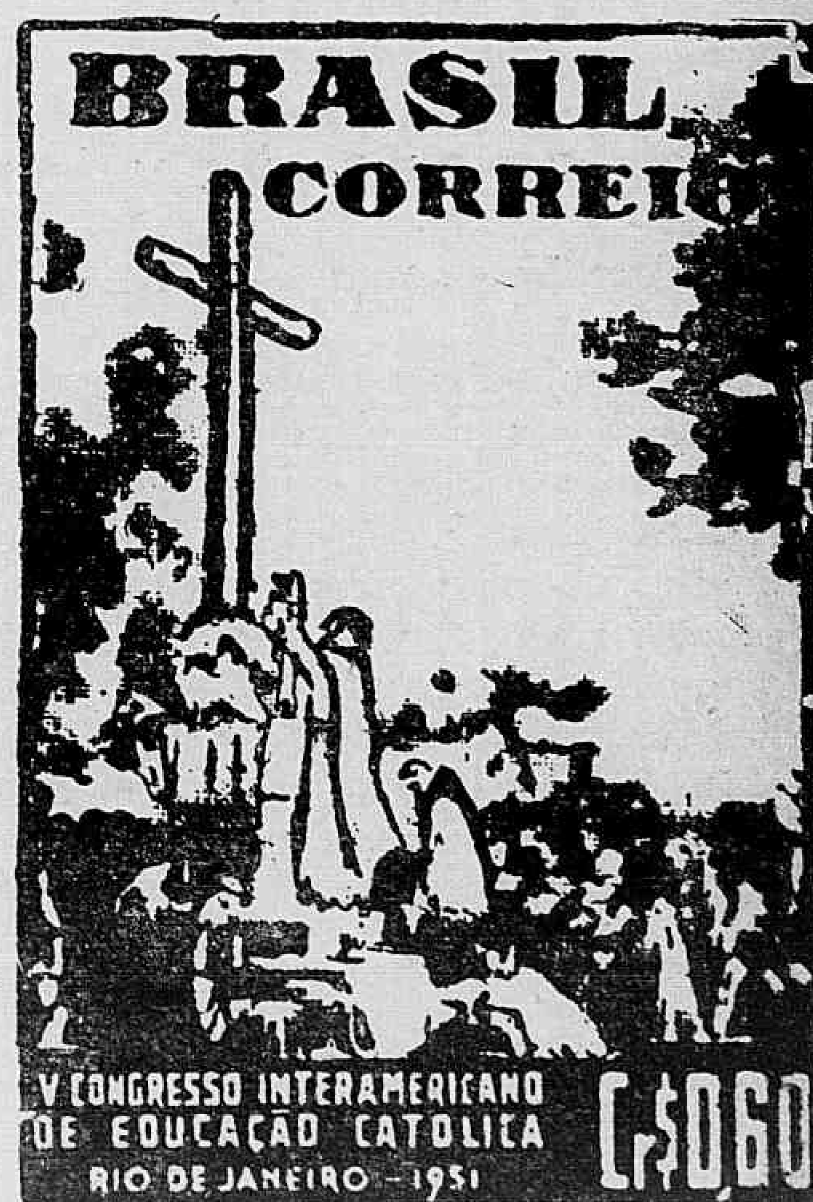
BÉLGICA: — Por motivo da Exposição Filatélica, realizada em Antuérpia, em 22 de setembro último, foi editada uma série beneficente, de cinco valores, para obter fundos em favor das obras de Sua Majestade, a Rainha Mãe, Elizabeth. Os selos, além dos dizeres alusivos ao assunto, ostentam o retrato da referida Rainha. Os valores são 90 mais 10 cts., cinza-esverdeado; 7,15, mais 25, vermelho; 3 mais 1 franco, verde-bronze; 4, mais 2 francos,



França

azul e, finalmente, 8 mais 4 francos, castanho escuro. Foram heliografados em fôlhas de 50 selos, pelos ateliers dos selos, de Malines.

MALTA: — Esta ilha do Mediterrâneo, sob domínio britânico comemorou o VII Centenário do Escapulário, com uma série de três valores, em desenho único, tendo como motivo a Virgem, entregando o Escapulário dos Carmelitas a S. Simon Stock, em 1251, quando da sua aparição milagrosa no Convento de Aydesford, Inglaterra. Os valores são de 1 d., verde; 3 d., violeta; e 1 sh., prêto. Gravura de talhe doce, pela Bradbury Wilkinson, de Londres. Filigrana, letras C. A., em múltiplas, comumente usadas nos Domínios e Colônias inglêses.



BRASIL

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"A língua aprende-se nos grandes escritores, nos mestres insignes, nas obras dos aperfeiçoadores do seu vocabulário e da sua sintaxe".
JOSÉ DE SÁ NUNES

CURIOSIDADES LITERÁRIAS

Os Lusíadas, de Camões, a maior obra literária das línguas novilatinas, contém dez cantos.

Os dez cantos apresentam mil cento e duas estâncias, de oito versos, num total de oito mil oitocentos e dezesseis decassílabos.

Dois versos são repetidos:

"Mas não lhe sucedeu como cuidava" (1-44)
"Mas não lhe sucedeu como cuidava" (2-70)

"Segundo estava mal apercebido" (3-35)
"Segundo estava mal apercebido" (9-7)

Há um verso de Petrarca:

"Tra la spica e la man qual muso è messo"
(Soneto 43)

Arfânio Peixoto e Pedro A. Pinto, os autores meticulosos do **Dicionário d'Os Lusíadas**, registram dados curiosos: o poema contém 5.000 palavras diversas, que foram repetidas num total de 55.000 vêzes. E comentam: "Só agora sabemos que se fêz uma obra prima com tão reduzido número de palavras: mais, 5.642 empregou a Bíblia, no "Antigo Testamento"; Milton, 8.000, no "Paraíso Perdido"; 15.000, Shakespeare, em tôda sua obra: cito Max Müller. Tão pouco... para os tesouros da língua, averbados nos dicionários: 33.000 no da Academia Francesa, 80.000 no alemão de Van Dale, 130.000 no português de Cândido de Figueiredo, 250.000 no "Century" britânico. A prata de casa não sai tôda, ainda nos dias solenes..."



CORRESPONDÊNCIA

Almeida Correia — "Sinceridade" (Versos)

Distinguiu-nos o professor Almeida Correia com a gentil oferta de exemplar do livro "Sinceridade", onde reúne alguns versos de sua autoria.

Conhecíamos Almeida Correia como professor e médico dos mais competentes e dedicados. Foi com prazer, pois, e não sem certa admiração, que tomamos conhecimento de outro aspecto de sua inteligência realmente privilegiada.

Destinada a escolares, como singelamente pretende o autor, na verdade a leitura agrada a quantos ainda possam vibrar diante de manifestações líricas. Vejamos:

A VOZ DOS SINOS

São suspiros de dor dalma exalados,
Quando a saudade faz lembrar as penas
Dos que recebem lírios e açucenas,
No dia inconsolável de finados...

Convites de harmonia endereçados
Às almas generosas e serenas,
Que sempre buscam missas e novenas,
Pelo toque festivo dos dobrados...

Ao coração, porém, o que inebria,
E' dos sinos a voz da nostalgia,
Quando da noite vem descendo o véu...

Pois, nessa hora, tôda a natureza
Vai, em ritmos de plácida beleza,
Subindo numa prece para o céu...

Almeida Correia, que faz poesia épica no soneto **Pracinha**, apresenta poesia social em **Flagelo**, versos em que descreve o êxodo das populações nordestinos. Ei-los:

Na paisagem tristonha e devastada,
A legião caminha lentamente,
Deixando atrás a terra abandonada,
Batida pelo sol sinistramente.

Espavorida, a turma já descrente,
De crianças e velhos, pela estrada,
Sentindo fome e sêde, cruelmente,
Ao suplício da morte é condenada.

Assim, segue a jornada de agonia,
Na fuga do flagelo, que crucia
E mata, tenebroso como a peste...

Que possa cada intrépido escritor
A pena manejar, com justo ardor,
Clamando contra as sêcas do Nordeste!...

E' o poeta regionalista em

LAMENTO DO MATUTO

Naquela noite linda de São João,
Ela tava qui nem posso expricá:
Num vistido vremeio de chitão,
Só fazia o caboco suspirá...

Seus òio tinha tar fascinação,
Qui me prindia, sem podê sortá;
Numa varsa, eu lhe dei meu coração,
E ela jurou comigo se casá...

Mais, dispois, a premessa avacaiou,
E com ôtro a fingida se casou,
Me dexano a vivê assim sem fé...

Se agora alembro tanta marvadeza
Eu prigunto, varado de tristeza:
— Pru quê inventaro as jura de muié?

E' o bastante. **Prece de Natal, Ceci e Peri, Noite Feliz, Pracinha** e tantos outros, são poemas que confirmariam o alto quilate do poeta. Evidencia-se, assim, que as atividades científicas não impedem brilhantes e vitoriosas incursões nos domínios das belas letras.

JOSÉ RICARDO NETO

O DOTE DE NANETTE

(Conclusão da página 50)

— Não fique com êsse ar triste, meu pai. Há de ver que seremos todos felizes apenas devemos agir sem demora.

— Pois bem... Pensarei nisso...

Vários dias passaram, antes de Nanette vencer as últimas resistências de Geoffroy. Mas, uma vez decidido, êle manifestou o ardor tradicional da sua raça.

— Acabemos de uma vez! — disse êle, com irritação.

— Sim, sim. — respondi com presteza.

— Como pretende agir?

— Resolvi restituir o dinheiro a Varès; os valores são ao portador e tudo fica, assim, simplificado. Varès se encarregará de combinar o negócio com um de seus amigos, tabelião em Paris.

— Por que não agir pessoalmente, falando com algum tabelião? Prefiro sempre o caminho direto!

— Não conheço muita gente em Paris e, aqui, por certo, não seria aconselhável. Relativamente a indiscreções, tenho visto muita coisa, Paulina! Além do mais, dirigindo-me a um tabelião qualquer, o homemzinho haveria de pensar mal a meu respeito, julgando-me, talvez, algum desonesto arrependido.

— Seria fácil provar o contrário... Além disso, agindo como você quer, teremos o ar de quem dá uma lição a Varès. Em seguida revelaremos a êle o nome de Kerdulem, o que é desaconselhável. O nome de Nanette não deve aparecer ao lado do nome do capitão!

— Você diz bem, Paulina. Mas prefiro instruir Varès, a fim de que faça tudo em meu lugar. Trata-se de um homem correttíssimo e que não fará qualquer pergunta indiscreta. Nem se impressionará com o que você chama de "uma lição". Simplesmente dirá que sou um louco!

Não insisti em combater a teimosia de meu primo e Nanette, que temia ver o pai mudar de idéia, encorajou-o no seu projeto. Ignoro se ela adivinhava a razão secreta de Geoffroy, que desejava, na minha opinião, confiar suas dúvidas ao único homem de suas relações — e honrado — que conhecia o caso em todos os seus detalhes. Êsses ato seria um alívio para a sua consciência.

Tudo resolvido, Nanette preparou três valises num abrir e fechar de olhos e, os três, partimos para Paris. Lá chegados, Geoffroy pediu que o acompanhasse à residência de Varès e penetrei no gabinete de trabalho do jornalista, semimorta pelo tumulto de Paris, que não visitava há mais de trinta anos! Varès nos acolheu com a amabilidade de sempre e seu espanto, ouvindo Geoffroy, não pode ser descrito.

— Será possível, Etelle! De coração leve, você renuncia a uma relativa abastança... e legìtimamente conquistada?

— De coração leve é exagerar! O meu êrro, caro amigo, foi não ter consultado minha filha, principal interessada num caso que a desagrada e, mais até, que a deixa desolada!

— Mas... Você não lhe expos a situação? Quem diria que aquela criaturinha risonha e de olhos azuis fôsse tão rigida!

— Pelo menos é intransigente.

— E você cedeu?

— Queria ver você no meu lugar! — respondeu Geoffroy, rindo. Se tivesse uma filha, se a amasse acima de tudo e se a visse infeliz por um excesso de delicadeza, todo em seu louvor. — Então? Que faria?

— Ignoro completamente, mas respeito sempre a opinião dos demais. Que deseja agora, de mim, querido amigo? Como já deve imaginar, estou inteiramente às suas órdens.

— Creio que você conhece ìntimamente o tabelião M. de R...?

— De fato. Velho amigo de infância...

— Neste caso tudo será fácil...

Varès, sem pestanejar, ouviu Geoffroy desenvolver seu plano. Mas, quando meu primo terminou, disse:

— Em minha longa vida de jornalista, conheci muitas histórias extraordinárias, nenhuma, porém, como esta; é positivamente única e inacreditável! Emfim, trata-se de uma decisão definitiva? E' inútil tentar discutir?

— Absolutamente inútil!

Apesar disso Varès consultou-me com um olhar perplexo.

— Estamos numa situação sem saída — expliquei. Por isso, temos que apelar para êste recurso extremo, mas que resolve tudo!

— Neste caso, Etelle... Estou às suas órdens. Fico com o dinheiro e agirei conforme pede. Creio, de fato, ser prudente esconder o seu nome...

— Tem razão. Tanto mais que uma distração deve ser temida mesmo das pessoas mais discretas. Só o tabelião, sob segrêdo profissional, conhecerá o nome do interessado e recomendarei a você explicar a êle que o personagem sùbitamente honesto não quer aparecer em receber os agradecimentos do beneficiado...

— Compreendo... Farei como pede. E você quer saber, Etelle? Se eu não conhecesse o tabelião há tantos anos não me encarregaria desta missão, receio de ser tomado pelo ex-ladrão.

— Era o que acho aconteceria comigo também, meu amigo. Por isso agradeço mais uma vez o favor que me faz.

— Você me fará o obséquio de ir jantar comigo, amanhã, no Ledoyen, às oito. A essa hora já terei feito entrega dos valores ao tabelião.

O jantar correu admiràvelmente, pois Varès era pessoa que sabia receber. Saudou Nanette com acentuado respeito e não cessou de observar minha prima durante todo o jantar.

Nanette se manteve em grande reserva, pois não perdoava a Varès o fato de ter animado Geoffroy a se lançar na aventura, que redundara em nossa confusão. Diminuia, certamente, a justeza de suas idéias sôbre o mal geral, causado pelas dificuldades da vida; por mim, sentia uma espécie de tristeza não isenta de orgulho.

Passamos dez dias em Paris e, quando voltamos ao Anjou, o Bourdon surgiu aos meus olhos cheio de delícias.

Caminhando para casa, apoiada ao braço de seu pai, Nanette lhe dizia:

— Então, está feliz, agora? Eu estou tão contente! E como é bom estar de volta à nossa casa! Nosso velho ninho é todo alegria!

— E' apenas um quadro — disse Geoffroy, quando ela se afastou. — Ela o confunde com a sua mocidade. Porém mais tarde...

— Mais tarde, ela estará casada! — respondi com segurança.

XVI

Esperavamos, impacientemente, notícias de Paris, pois que, antes de nosso retôrno, o tabelião não se entrevistara com o Sr. Kerdulen. Nanette receava as habituais dificuldades de última hora. Uma carta, porém, veiu tranqüilizá-la. O Sr. Kerdulen aceitava a restituição, como um fato absolutamente inesperado, mas racional.

"Minha boa amiga — escreveu êle, a mim. — Deve estar lembrada de que nesse belo caminho **des Mousses,** me dizia, há tempos: **"Há um Deus para os apaixonados!"** Pois é de se jurar que entrevia o futuro, pois um acontecimento inesperado modificou sùbitamente a minha situação. Um parente, sôbre o qual creio ter falado com a senhora naquela ocasião, restituiu-me oitenta mil francos, como parte de um empréstimo bem mais importante, **que meu pai lhe fizera.** F... procurou um tabelião de Paris, que me entregou o dinheiro, sob a recomendação expressa de jamais eu tentar procurá-lo para explicações.

"Êsse retôrno à honestidade me causou vivo prazer; não conheço nada mais doloroso que uma total decadência moral; parece que êle trabalhou, venceu e... não esqueceu a divida. Excelente, não acha?

"O tabelião, foi de tal forma discreto que eu mesmo teria dúvidas sôbre a proveniência dessa restituição, caso soubesse da existência de outro devedor de meu pai. De qualquer maneira, estou agora de posse de um dote que me permite afrontar novamente o Sr. de Faliberre. Julgará êle suficiente? Devo esperar que, durante a minha longa ausência, outras boas influências ajam em meu favor?

"Breve estarei de volta ao Anjou e desde já apresento-lhe, minha boa amiga, as minhas mais respeitosas homenagens. — Kerdulen".

Nanette triunfava e me dizia:

— Viu, minha prima? O Sr. Kerdulen não desconfiou de nada.

Depois de uma ligeira pausa, prosseguiu, com vivacidade:

"E convém notar que êle se mostra felicíssimo **com a honestidade, embora relativa, do seu suposto primo.** Êsse é mais um ponto a marcar em favor do seu caráter, minha prima! Resta agora esperar as escaramuças dos lados de **La Moussaye.** Entre nós, considero, a praça bastante desmantelada e fácil de ser tomada".

★

INSPIRAÇÃO PERDIDA E ACHADA

Por SYVERSON







A idéia me pareceu justa, porque o Sr. de Faliberre andava cansado de ver a tristeza de Cecilia. Por sua vez, a espôsa trabalhava ativamente em favor da filha e quando o Sr. Mascudier reapareceu como estafeta foi bem recebido. O Sr. de Faliberre, sem ceder, consentiu em discutir o caso novamente.

Alguns dias depois, muito cedo, Cecilia surgiu no Bourdon. O pai ralhara muito com ela, insistindo sôbre a mediocridade de um tal casamento. Sua filha podia contrair uma união brilhante e se apaixonava por um capitãozinho! um homem de fato muito correto, educado e do qual não se podia dizer qualquer mal, mas, sôbre... Ela afetava uma tristeza ridícula e, sem dúvida, êle jamais teria cedido sem o feliz acontecimento que vinha melhorar a posição de Kerdulen.

Após êsse discurso pronunciado em tom zangado, concedeu sua benção à filha.

— Então, Cecilia? — exclamou minha prima, rindo muito com a narrativa de sua amiga. — As circunstâncias não são mais **romanescas** que o espírito prosaico de Nanette Etelle?

— Uma restituição não é um romance...

— Para você sim é um romance!

— Como adivinhar, Nanette, que um homem desonesto tomaria a resolução de pagar uma dívida?

— Ninguém, é claro...

Evitava o meu olhar, com o receio de desatar a rir, e Cecilia se salvou do perigo, falando da sua felicidade.

Tôda a região ficou surpreendida com a notícia desse casamento que todos acreditavam impossível e já enterrado. Nanette recuperara a sua alegria, a sua paixão pelos passeios e todo o seu entusiasmo.

— Não compreendo — disse La Fade, cujo fino sorriso indicava o contrário. — A tristeza desta casa desapareceu como por encanto.

— Ora... Que quer? Todos nós atravessamos fases... O senhor mesmo, está mudado. Passou as mais desagradável taciturnidade à mais encantadora amabilidade.

— Faliberre, afinal, cedeu... — disse êle com ar falsamente surpreendido. — E' verdade que uma restituição importante foi feita a Kerdulen. Foi uma feliz coincidência! Ainda bem! E a Sta. Etelle, que andava triste, parece estar novamente felicissima...

— Pois claro! Cecilia é a sua melhor amiga...

— Sim. As mulheres são melhores do que nós... Os homens são egoistas...

— Muito!

Eramos da mesma fôrça — posso me gabar! Êle recebeu ironia por ironia. Porém eu bem desejaria ter penetrado mais fundo em seu pensamento.

Nanette entrou nesse instante, fresca e brilhante e La Fade lhe fêz uma côrte dis? creta o que para êle se tornara um hábito. Ela consentia com um abandono não isento de faceirice.

— Sua prima e eu falavamos de sua amiga Cecilia...

— Oh, está felicíssima!

— A felicidade que se considerava perdida é a mais forte...

— A propósito de felicidade — disse ela, interrompendo-o. — O seu amigo, casado há um ano, é feliz?

— Muito! Muito feliz, menina cética!

— Por que? Minha pergunta nada tem de cética?

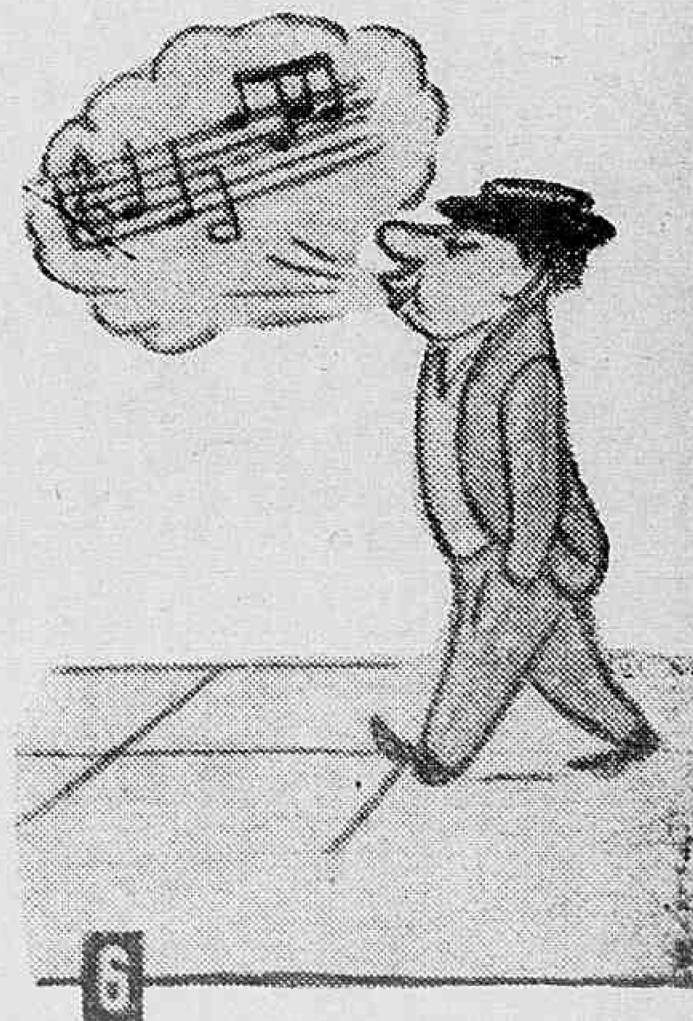
— Não... Mas o tom... São muito felizes! A jovem desposada, a quem meu amigo cerca de ternura constante, adora o marido e, quando os vi, há poucas semanas,

★

INSPIRAÇÃO PERDIDA E ACHADA







partiram alegremente para uma longa viagem.

Mas tratou de abandonar o assunto, perguntando:

— Naturalmente vai ser uma das **demoiselles d'honneur** da Sta. Faliberre, Sta. Nanette?

— Sim. E esta minha adorável prima presenteou-me com um lindo vestido!

La Fade começou a elogiá-la, passando de uma côrte velada para outra, mais ouzada.

Enquanto Nanette preparava o chá, pedi a La Fade que me esperasse não distante do Bourdon. Alcancei-o numa clareira da floresta.

— La Fade, meu amigo — disse eu sem rodeios. — Não renunciou um só instante à esperança de desposar Nanette?

— Nem um só instante.

— Considera isso... razoável?

— Muito razoável, dado que acredito na vitória!

— Por que pretende me fazer de tôla? — disse eu ligeiramente irritada e sentindo-me traída, por não ter sido uma confidente mais assídua. — Acredita mesmo?

— Sim. Creio ter progredido muito no espírito, senão no coração de Nanette.

— No coração! — repeti, com indignação. — Como se atreve a falar com essa certeza?

Atrevo-me, sim — disse êle com calma. — Julga-me audacioso? Não se zangue! Não digo que Nanette me ame com verdadeiro amor; mas gosta de mim, sim, tenho a certeza! Sabe que a amo profundamente e não assume aquêle arsinho de condescendência com o escravo. Já o vê sob outro aspecto. Conhece as imensas preocupações do pai, conhece o seu desejo ardente de ver a filha querida bem protegida e, se essa causa de uma determinação futura não é lá muito lisongeira para mim, não me inquieta, pois confio na lealdade de Nanette. Não se casará comigo se os seus sentimentos não corresponderem aos meus por uma forte e real afeição. Nanette é uma mulher de coração e de espírito sólidos!

— E que espera para se declarar?

— O momento psicológico!

Êle acabara de descrever um estado de espírito e uma situação que conhecia perfeitamente; e sua confiança no belo caráter de Nanette me enchia de satisfação. Não podia discutir com êle. Eu pensava exatamente como La Fade, e êle sabia isso muito bem.

— "E sei que terei o seu apoio, minha amiga! — disse êle com segurança tranqüila.

— Esquece Geoffroy... Falei, há tempos, com êle, sôbre o que pretendia. Ficou furioso!

— Fêz mal em falar... Mas esquece que, depois disso, **muito água passou sob a ponte**.

— Não compreendo...

— Oh, sim! Compreende muito bem.

Êle tinha razão. E depois de rememorar, num relance, tôda a situação, fiquei pensando que o rubi servira singularmente aos interesses de La Fade.



— O seu amigo — disse-me Nanette, na véspera do casamento de Cecilia — está custando a se decidir!

— "Se decidir..." a que?

— A me pedir em casamento, ora essa!

— Hein? Você fala, sem se zangar, de uma eventualidade sôbre a qual um simples gracejo meu a enfurecia como se quisesse me esfolar viva?

— As vêzes um gracejo abre portas mágicas... E tanta água passou, depois disso sob a ponte! — disse ela, sorrindo e sem



INSPIRAÇÃO PERDIDA E ACHADA







duvidar que repetia uma frase de La Fade.

Assumiu o seu arzinho doutoral, para acrescentar:

"**Os homens e as coisas têm contornos que só descobrimos pouco a pouco**...

— O raciocínio não é o bastante...

— Não! — disse ela — noutro tom, mais sério — mas não faz nenhum mal à simpatia que começa a despertar. As inquietações de meu pai me causam um grande desgôsto! Vejo que o casamento de Cecilia renova tôdas as suas angústias! Ontem, ainda, êle me dizia que, caso morresse, eu estaria reduzida a uma posição de dama de companhia. E mal continha as lágrimas. Que não faria eu para livrar meu pai desse pesadela?

— O Sr. La Fade, Nanette — disse eu, — não merece ser tratado como uma **táboa de salvação**.

— Não! Cem, vêzes não! Mas como um amigo sincero e um apoio seguro!

Não respondi, porque fiquei emocionada. Acho emocionante a mocidade que se esquece, para ouvir a voz austera da razão e da dedicação, sacrificando ilusões, desviando o olhar de horizontes que se julgava com o direito de atingir...

— "Que diz, minha prima? — insistiu ela.

— Bem, Nanette... Estou convencida de que, apesar da diferença de idade, você será feliz com um homem bom e sumamente educado.

Minha descrição sôbre a anterior tentativa de La Fade não era mais necessária. Todavia contei a Nanette apenas a cólera terrível de seu pai, quando lhe falara sôbre o que pensava de um casamento de conveniência.

— Acredita — disse ela, pensativa — que êle continue pensando do mesmo modo?

— E você, Nanette, que pensa?

— Sei que êle me ouvirá! Pobre pai ! Não fará qualquer obstáculo, se me julgar satisfeita. Porém suas ambições para mim, sem ser grandes, eram muito diferentes!

Julguei mais hábil deixá-la com os seus pensamentos. La Fade pudera melhorar muito a própria situação e defendendo sua causa eu poderia prejudicá-lo.

Na manhã seguinte êle teve tão ligeira cautela, observando Nanette, na igreja e no **lunch**, que sua atitude foi notada e logo correu a notícia do seu casamento com a Sta. Etelle.

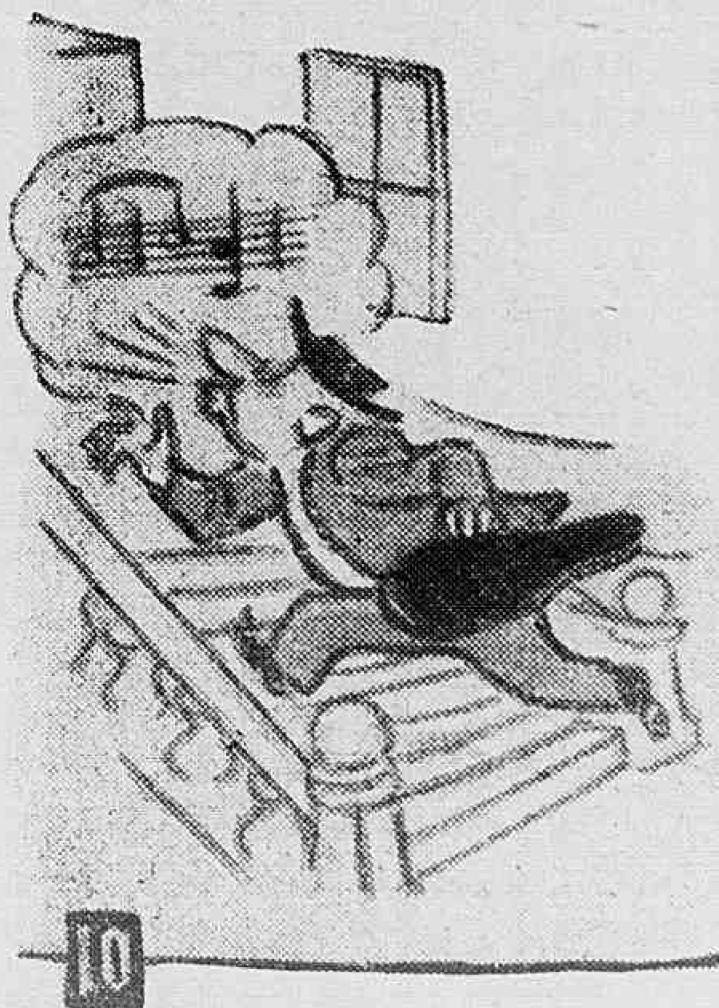
Agira por simples entusiasmo ou, descobrindo-se voluntàriamente, **preparava o público?** Nunca pude saber; porém Geoffroy, que nas últimas semanas, via os fatos avançando lògicamente, disse-me repentinamente, que se o futuro de sua filha se decidisse ao contrário do que imaginara, saberia resignar-se.

Dormi mal na noite que se seguiu ao dia em que Nanette, bela e alegre sem esforço, tinha visto ao mesmo tempo seu desejo concretizado e o reflexo impalpável de um sonho desaparecer para sempre. Tive a fantasia de me levantar para ler as cópias das cartas que, às escondidas de minha prima, eu conservara. Continham a esperança! Esperança fresca e encantadora; olhei com melancolia o caminho que haviamos tomado. De incidentes em incidentes, conduzia diretamente Nanette ao casamento de conveniência.

Eu sabia que, nessas questões delicadas e complexas nada é absoluto; que tudo se discute; que os conflitos de impressão e de sentimentos, que nascem para uma mulher numa situação nova, são o imprevisto; mas sabia, também, que Nanette, com o seu senso do dever, com o seu caráter feliz e direito, não prejudicaria uma felicidade razoável com lamentações inúteis. Satisfaziase extraordinàriamente, sinceramente com os fatos realizados, declarava-os cheios de sabor, ao falar do rubi, que, sendo desastre para ela, fôra felicidade para Kerdulen.

★

INSPIRAÇÃO PERDIDA E ACHADA







— Que engrenagem curiosa! — dizia-me ela. — Que pressagios diferentes minhas cartas lavavam para o Marrocos. E, também, quantos retornos ao que é **possível**!

Entretanto, o silêncio de La Fade começava a me impacientar. Eu atribuia o fato, a despeito da confiança que êle havia demostrado, a um excesso de timidez muito compreensível, a menos que fôsse uma tática hábil.

Nanette evitara alusões e, após as nossas grandes agitações, caimos numa espécie de atonia, da qual La Fade nos arrancou bruscamente. Eu o havia chamado, a pretexto de me trazer mudas de roseiras, porém decidida a forçá-lo em sua última trincheira. Mas conservava a minha reserva ordinária e a conversação se arrastava. Já êle se dispunha a me deixar, quando Nanette entrou.

Tomando uma repentina resolução, êle foi ao seu encontro apoderando-se de uma de suas mãos, que manteve apertada, sem pronunciar uma só palavra.

Essa maneira de falar, bastante eloquente a sua maneira, e que indicava uma grande emoção, enterneceu minha prima; ao mesmo tempo fê-la sorrir:

— Vai manter-me assim, prisioneira, muito tempo? — perguntou ela, rindo.

— Sempre, se você consentir, Nanette! Consinta em ser minha espôsa, ternamente amada! De há muito que me compreende, que conhece os meus sentimentos.

— Essa é uma original maneira de fazer uma declaração; mas é a meu pai que cabe falar. Êle é quem deve opinar...

— Já opinou... Falei com êle, ontem. Não deseja influir de nenhuma maneira. Quer que você mesma decida...

Nanette, embaraçada, calava.

— Não posso responder — disse ela, hesitando — sem fazer uma confissão...

Eu estremeci, temendo mais um excesso de escrupulo de Nanette. Mas esqueci a delicadeza, a clarividência, a educação perfeita de La Fade.

— Uma confissão! — repetiu êle. — Só poderia ser em seu louvor, Nanette! Não há necessidade disso...

— Deixe-me falar, ao menos. Sem isso, eu teria pensamentos penosos.

— Não me oponho, se vê nisso uma satisfação pessoal...

Sentou-se ao lado dela e esperou. Porém a pobre Nanette perdia a coragem e não sabia como começar.

— Se deixassemos isso?... — propos êle, sorrindo.

— Não! Preciso dizer... O senhor está, sem dúvida, a par da minha correspondência de madrinha com o Sr. Kerdulen.

— Sim. Todos sabem...

— Isso deu lugar a interpretações... e, alem disso, creio que...

— E' inútil continuar, Nanette. Nada disso foi incorreto e muito menos me preocupa. Adiante, querida Nanette!

Encorajada, porém corada, ela continuou:

— Recorda-se das cartas da princesa L...?

— Sim... E sei que Etelle negociou êsses documentos... Era um direito que lhe assistia!

Os belos olhos cheios de espantos, voltados para os de La Fade, divertiam e seduziam o excelente homem.

— Meu pai... contou?

— Não. Adivinhei!

— Ah!... E julga que êle tinha o direito de negociar? Porém eu, que penso de maneira diferente, não queria deixar a minha mão na do senhor sem lhe relatar o que, mais tarde, descoberto por acaso, talvez o desagradasse muito...

— Você, Nanette, é a retidão em pessoa!

— Meu pai também! — disse ela vivamente.

— Sim. Também êle! Nem conheço outro homem mais estimável do que êle.

Voltou a tomar a mão de Nanette e levou-a aos lábios.

— E' tudo? — perguntou.

— Não! Recusei aproveitar as vantagens da... do... Emfim: dêsse negócio. Nada tinha antes. Nada tenho hoje.

— Nada? — disse êle, emocionado. — Eu penso de maneira diferente, Nanette! E que fêz você dêsse dinheiro?

Nanette me lançou um olhar, não sabendo o que responder.

— Não lhe pergunte isso — disse eu. — Ela receia, com razão, cometer uma indiscreção.

— Hein? Já? Um segrêdo entre nós? Mas terei ciúmes, Nanette!

Ela tomou a sério a resposta de La Fade e ficou acabrunhada.

— Estava brincando! — disse êle, rindo. — Fique tranqüila, querida. Sei de tudo, sem que você tenha falado. O seu segrêdo, e a dignidade de Kerdulen estão em segurança comigo!

— Mas... O senhor sabe tudo? — exclamou ela, levantando-se. — E' terrível! E quando estiver casada? Que será de mim?

— Não precisará de esconder nada, Nanette. Eu a amo muito para penetrar os seus menores pensamentos e partilhar as suas menores preocupações.

Êle falava excelentemente e devia agir da mesma maneira.

XXX

Já lá vão dois anos que a vejo feliz e jovem mamãe, encantada. Dois anos que Geoffroy respira livremente e trabalha sem a inquietação amarga que envenenava a sua existência.

Para mim, que vivo apenas para as minhas resoluções penso muitas vêzes na assimilação que se faz no espírito entre as belezas exteriores e as delicadezas da alma. Umas se tornam a correlação das outras.

F I M.



ATENÇÃO!

Em diversas localidades do interior do país já se encontra esgotada a grande edição do

ALMANAQUE EU SEI TUDO

o maravilhoso livro dos mil assuntos, para 1952.

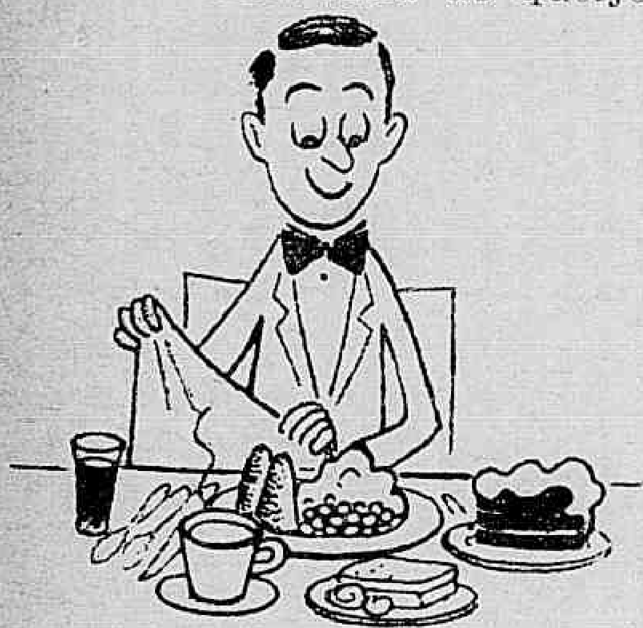
Entretanto, a Cia. Editôra Americana — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio — ainda dispõe de alguns exemplares que podem ser enviados aos interessados pelo reembôlso postal. Preço Cr$ 25,00 — um livro ilustrado com quase quatrocentas páginas, contendo calendários, informações sôbre o ano, um romance completo, contos, histórias, etc.

A BIOGRAFIA PELO "MENU"

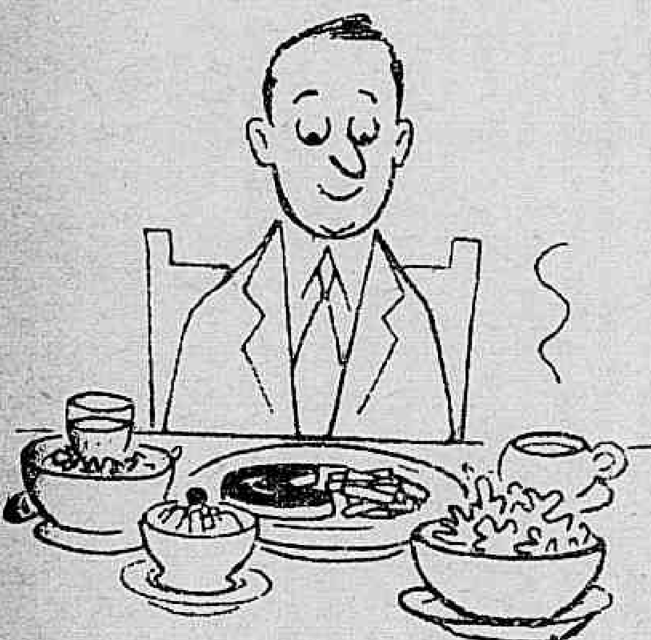
O desenhista Charles E. Martin, do «This Week», traça a vida de um cidadão, de simples «office-boy» até «chefão», através da sua mesa d almôço... e também a sua perda de apetite, da feijoada até o bicabornato...



OFFICE-BOY
Linguiça com feijão — Arroz — Dois pães — Café — Torta com creme — Uma fatia de queijo.



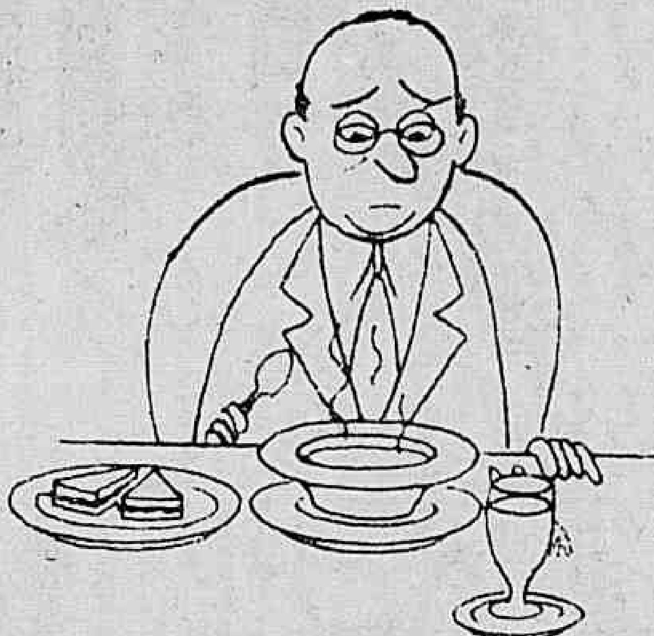
ESCRITURÁRIO
Suco de tomate — Croquetes de camarão com pirão de batata — Leite e torradas com queijo — Torta de nozes.



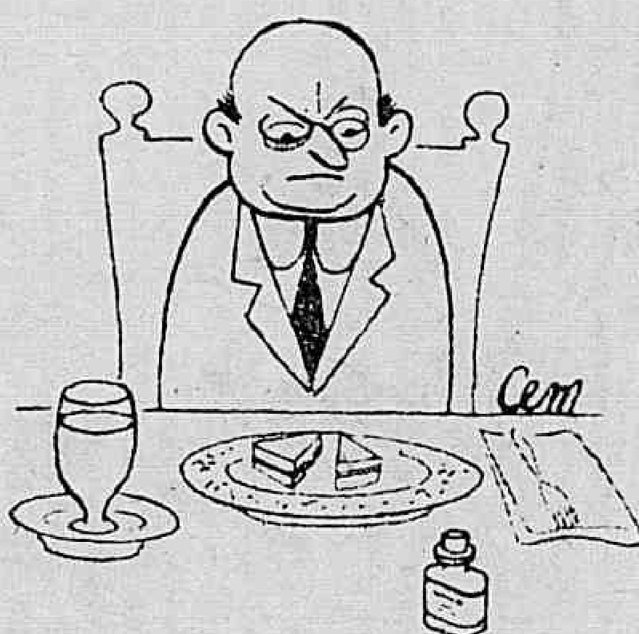
ASSISTENTE DO GERENTE
Suco de laranja — Bife à minuta — Salada de frutas — Café.



GERENTE
Salada de frutas — Vitela ao môlho branco — Salada de espinafre — Sorvete — Chá.



VICE-PRESIDENTE
Consomé de galinha — Sandwich de galihha (peito) — Leite.



PRESIDENTE
Sandwich de creme de queijo. (pão branco) — Copo de leite — Tabletes digestivos.



SE A MODA PEGA...

O grande industrial Citröen dizia que **«Um freguês é sempre um enviado de Deus»**.

Mas a verdade é que muitos parecem enviados do diabo.

Um dêstes, com certeza, foi o sr. Cosimo Rocco, que, recentemente, comprou um automóvel em New Orleans (EE.UU.). Ao fim de quatro dias não suportava mais o veículo. Entrou numa casa vendedora de automóveis e queixou-se amargamente.

O garagista explicou-lhe que nada podia fazer e que, de fato, o veículo tinha seus defeitos.

Rocco sacou do bôlso um revólver e matou o desgraçado mecânico!

O curioso e o engraçado — se assim podemos dizer — é que não fôra a vítima quem vendera o automóvel a Rocco e, o que é ainda mais engraçado, o assassino comprara o veículo em outra cidade muito distante.

ASSUNTO INTEIRAMENTE «NOVO»

Um jornalista parisiense encontra casualmente Hemingway num café.

— Seus projetos?

— Escrevo um livro.

— E' possível conhecer o tema?

— Oh! E' coisa inteiramente nova. Fui inspirado pelo filme extraído de uma de minhas novelas.



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportaveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante.

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM DEZEMBRO DE 1951

1 — SÁBADO: — Realiza-se a primeira reunião das quatro grandes potências para tratar do problema do rearmamento, havendo completo acôrdo quanto ao plano de trabalho das próximas sessões. — A Comissão Política especial aceita a queixa da Iugoslávia contra a Rússia. — Na Coréia, os aliados insistem no estabelecimento dos quatro pontos para garantir o acôrdo de armistício, inclusive a criação de "grupos de observação", com movimento livre no território coreano. — O "Foreign Office" desmente que houvesse qualquer mudança na atitude da Inglaterra em relação ao Egito. — O govêrno do Cairo toma medidas contra os socialistas egípcios, que se têm destacado na campanha contra os inglêses. — O govêrno de Bonn autoriza a compra de 50 mil sacas de café no Brasil, no valor de 3 milhões e 500 mil dólares. — Aumentada a cota de cobre destinada ao Brasil. — Remodelado o gabinete do Irã presidido pelo Sr. Mossadegh. — Anuncia-se que serão realizadas amanhã as eleições para a renovação do parlamento iraniano. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando administrador da E. F. Leopoldina o Tenente-Coronel Gasdypo Chagas Pereira.

2 — DOMINGO: — Prosseguem os representantes das quatro grandes potências no exame do problema do desarmamento. — A Comissão Política trata do plano de medidas coletivas contra a agressão. — O Embaixador João Carlos Muniz apresenta sugestões para a organização da segurança coletiva. — Na Coréia, os comunistas apresentam uma contraproposta para a fiscalização do acôrdo de armistício, por intermédio de observadores de países neutros. — Duas ilhas sul-coreanas são tomadas de assalto pelos comunistas chineses. — Cêrca de 150 caminhões inimigos são destruidos num ataque aéreo aliado, tendo sido alvo, também, de pesado bombardeio, a rêde ferroviária norte-coreana.

3 — SEGUNDA-FEIRA: — Foi dada a publicidade pela UNESCO uma obra a qual revela, detalhadamente, o número de órgãos informativos, jornais, rádios, etc., existentes em todo o mundo. — Um grupo numeroso de combatentes aliados, provenientes da Coréia, é recebido solenemente pela Assembléia Geral da O.N.U. — Assume a chefia do govêrno sírio, em virtude da renúncia do Presidente Atassy, o Coronel Shiskakii, cujo primeiro ato foi dissolver o parlamento. — Na zona do Canal de Suez ocorre um violento choque armado entre inglêses e egípcios, havendo em conseqüência 24 mortos e 62 feridos, de ambos os lados. — O Sr. Comandante do cruzador-escola "Jeanne D'Arc" oferece, a bordo, um almôço aos Srs. Ministro da Marinha e Prefeito do Distrito Federal.

4 — TÊRÇA-FEIRA: — A Comissão Política, após demorada discussão sôbre as possibilidades de realização de eleições livres em tôda a Alemanha, decide ouvir representantes das zonas sob ocupação aliada e soviética e dos diversos setores de Berlim. — Continuaram os debates em tôrno do problema do desarmamento. — Noticia-se que entrou em erupção o vulcão Hibokhibok, nas Filipinas, cujas lavas já arrasaram inteiramente uma aldeia, ocasionando mais de 150 mortes. — Anuncia-se que a Rússia está concentrando poderosa frota de caças e bombardeiros na Alemanha Oriental, Polônia e Tchecoslováquia. — Novo e violento choque registrou-se nos arredores de Suez entre tropas britânicas e policiais egípcios. Noti-



O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use **RACÉ**, o maravilhoso e eficaz depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana, 104-5º - Rio





O perfeito destruidor do pêlo

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R — 2

ciou-se que pereceram no encontro 20 egípcios. — Noticiado que a Inglaterra está preparando um "ultimatum" ao govêrno do Cairo para que seja restabelecida a ordem em Suez. — Os representantes aliados reunem-se novamente com os comunistas chineses e norte-coreanos para definir os têrmos do armistício. — Os comunistas insistem em defender o direito de construir aeródromos durante o armistício. — Tropas aliadas efetuam um desembarque na retaguarda das linhas comunistas.

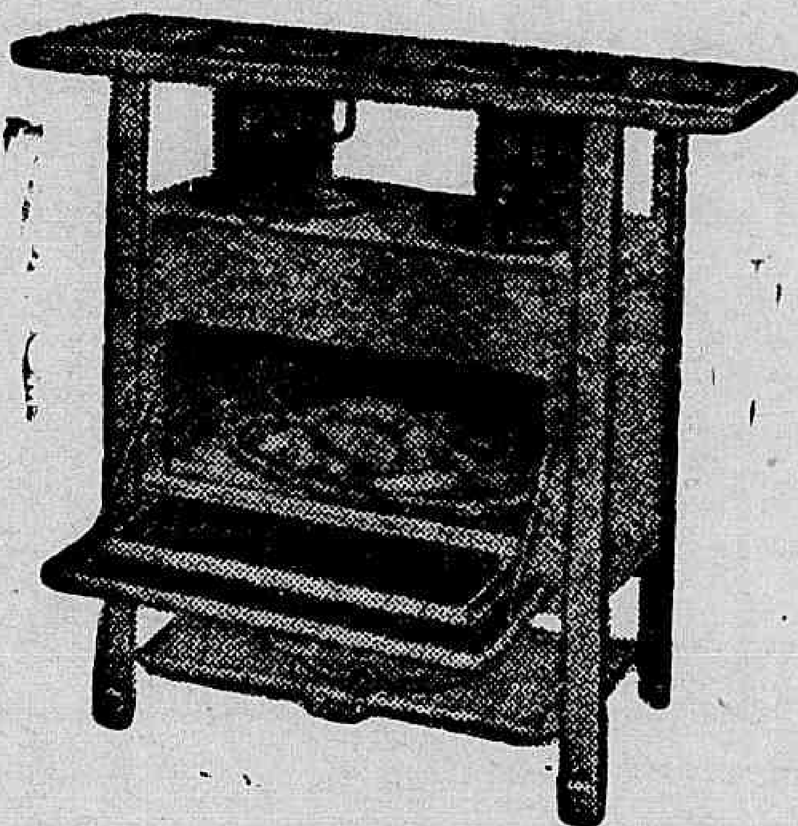
5 — QUARTA-FEIRA: — Os delegados comunistas prosseguem criando embaraços à conclusão das negociações de armistício. — Nenhuma alteração ou combate de importância na frente de batalha. — O Primeiro Ministro Churchill responde a interpelações na Câmara dos Comuns e diz que hoje o perigo de guerra é menor que em 1948. — Noticia-se que Churchill irá a Paris no próximo dia 17, em companhia de Anthony Eden. — Monsenhor Stepinac, ao ser pôsto em liberdade, fala à imprensa dizendo que continuará a sua missão de sacerdote até à morte e, também, que não foi obrigado a executar trabalhos forçados na prisão. — E' também pôsto em liberdade o antigo bispo católico de Dantzig. — O partido peronista procede a um expurgo em suas fileiras, fundado em razões de "deslealdade". — O govêrno da Colômbia anuncia a convocação extraordinária do Parlamento.

6 — QUINTA-FEIRA: — Ocorre violento choque entre fôrças policiais e estudantes diante do Parlamento iraniano. Em conseqüência foram feridas mais de 200 pessoas. — Verifica-se um incêndio numa mina britânica, perecendo diversos mineiros. — Naufraga um barco norueguês, morrendo afogadas dez pessoas. — O govêrno egípcio resolve fechar tôdas as escolas até segunda ordem e criar centros de treinamento militar para os alunos. — Noticia-se que foram chamadas ao Cairo as missões militares egípcias na Inglaterra. — A Assembléia Geral da O.N.U. confirma a escolha do Sr. Levi Carneiro para substituir o Ministro Filadelfo Azevedo, na Côrte Internacional de Justiça. — Parte para o Brasil um grupo de emigrantes italianos. — Anuncia-se que a Itália pedirá oficialmente aos países ocidentais, à Rússia e outras nações, hoje, a revisão imediata de seu tratado de paz, para eliminar a cláusula em que se menciona sua culpabilidade pela guerra e restringe o número de suas fôrças armadas. — A I Conferência Nacional de Polícia prossegue com os seus trabalhos. — Prosseguem os trabalhos da Conferência Latino-Americana de Fertilizantes.

7 — SEXTA-FEIRA: — A Assembléia Geral da O.N.U. rejeita uma resolução soviética pedindo a cessação de "interferência" norte-americana nos assuntos gregos. — A Assembléia recomenda, por esmagadora maioria, a admissão imediata da Itália na organização mundial. — E' também recomendada a constituição de uma comissão especial para tratar dos assuntos balcânicos. — O Embaixador da Grã-Bretanha no Egito entrega uma nota ao Ministro do Estrangeiro dêsse país, protestando contra a divulgação de uma comunicação ao Govêrno de seu país antes de sua entrega oficial. — O comandante militar britânico da zona do canal de Suez nega-se a atender ao pedido do Govêrno egípcio para adiar o início das obras de construção de novas estradas, que farão desaparecer várias aldeias egípcias. — O Sr. John C. Drier, representante dos Estados Unidos no Conselho da Organização dos Estados Americanos, afirma que o terceiro aniversário da aprovação do Tratado do Rio de Janeiro relembra que "enormes modificações se fizeram no caráter e na importância da organização interamericana, desde a Segunda Guerra Mudial". — Um funcionário da Cruz Vermelha Filipina declarou que duas mil pessoas morreram em conseqüência das erupções do vulcão Hibokhibok, ainda que as mortes confirmadas até agora somem um total muito menor". — Uma superfortaleza voadora "B-29", com dezesseis homens a bordo, espatifa-se no solo, na base aérea de Lajes, no arquipélago dos Açores. — O Conselho Interamericano Econômico e Social resolve criar uma Comissão Especial de Materiais Escassos para proteger os países latino-americanos. — O Banco Internacional anuncia ter concedido um empréstimo de cinco milhões de dólares ao Paraguai. — Na Conferência Internacional de Materiais, o representante do Brasil, Sr. Otávio Paranaguá, e M. K. Kirpalani, da India, foram eleitos Vice-Presidente da Comissão Central.

8 — SÁBADO: — Realiza-se a décima reunião dos Quatro Grandes para estudo do desarmamento. — A Alemanha oriental aceita incondicionalmente a visita de inspeção de uma comissão da O.N.U.,

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo crú ou querosene
REI



A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, n.º 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

como passo preliminar para conseguir a uniformização do país. — O Sr. Luis Padilla Nervo, do México, que vem presidindo às reuniões dos Quatro Grandes sôbre o desarmamento, declara que ainda existe "desacôrdo fundamental" entre os pontos de vista oriental e ocidental sôbre a questão. — Os delegados de trégua comunistas repelem cinco propostas específicas aliadas durante as discussões em Pan Mun Jon, entre elas a permuta das ilhas costeiras norte-coreanas em poder da O.N.U. por certas concessões comunistas. — Menos de mil homens combateram em tôda a frente coreana, de 232 quilômetros, através da península. — O embaixador italiano, Alberto Tarchiani, entrega ao Departamento de Estado uma petição formal para a modificação das restrições impostas à Itália no tratado de paz. — No Irã, o Vice-Primeiro Ministro Hossein Fatemi desmente o rumor de que o govêrno tenciona declarar a lei marcial e salienta que "o govêrno iraniano mantém completo domínio da situação". — O Presidente Truman designa o Secretário de Estado Adjunto, George G. McGhee, novo embaixador dos Estados Unidos na Turquia e chefe da missão norte-americana de ajuda a êsse país. — O Departamento de Estado pede o recrutamento de 55 mil homens em Fevereiro próximo. — Vítima de um acidente automobilístico, falece em Montevidéu o Capitão Arturo Rawson, militar argentino que se encontrava exilado no Uruguai. — Regressa ao seu país Sir Nevile Montagu Butler, Embaixador da Grã-Bretanha.

9 — DOMINGO: — O Presidente Truman, que regressou inesperadamente a Washington, tem demorada reunião secreta com os seus auxiliares diretos. A Casa Branca revela que na conferência foram ventilados assuntos atinentes à situação mundial. — Noticia-se que é pensamento do govêrno iraniano entregar a administração da indústria petrolífera ao Banco Mundial. — Anuncia-se que o govêrno dará um prazo de dez dias aos antigos clientes da Anglo-Iranian para preferência de venda dos produtos petrolíferos. — Noticia-se que houve importantes progressos nas conversações de armistício, adiantando-se que, provàvelmente, elas estarão concluídas até ao próximo dia 27.

10 — SEGUNDA-FEIRA: — Sob a presidência do Primeiro Ministro De Gasperi reune-se em Estrasburgo a Assembléia do Conselho da Europa. Usam da palavra os chanceleres da França, Bélgica e Alemanha, que abordam a questão da organização do Exército europeu. — Realiza-se a cerimônia de entrega dos Prêmios Nobel da Paz, Física, Química e Literatura aos Srs. Leon Jouhaux, John Douglas, Edwin Mac Millan e Per Lageskruist, respectivamente. — O Sr. Presidente da República sanciona Lei do Congresso Nacional investindo no pôsto de Marechal do Exército o Marechal João Batista Mascarenhas de Morais.

11 — TÊRÇA-FEIRA: — O "Journal of Commerce" publica comentários em tôrno do desenvolvimento econômico do Brasil, declarando que êle poderá receber "tremendo impulso, graças ao empréstimo do Banco Mundial, de 300 milhões de dólares. — Entregue à Comissão Política o relatório dos trabalhos realizados pela subcomissão de desarmamento. — Noticia-se que Washington enviou instruções ao General Ridgway

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.

Sucessora de L.B. de Almeida & CIA.

DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficina mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca "Progresso" — Prensas para ladrilhos e escritório.

Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.

IMPORTADORES DE

CHAPAS DE FERRO PRETAS, GALVANIZADAS E CORRUGADAS PARA PORTAS — FERRO EM BARRAS — VERGALHÕES — CANTONEIRAS — T — U — e EIXOS PARA TRANSMISSÕES — TUBOS DE FERRO GALVANIZADOS, PRÊTOS, VERMELHOS, E DE AÇO PARA CALDEIRA.

COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES, A SABER:

MESA TRONCO	52-2104	SECÇÃO TÉCNICA	52-2103
SECÇÃO DE VENDAS	52-2102	CONTABILIDADE	22-1342
SECÇÃO DE VENDAS	22-0409	GERÊNCIA	22-2549
EXPEDIÇÃO	22-1584		

Rua dos Arcos, 28-42

RIO DE JANEIRO

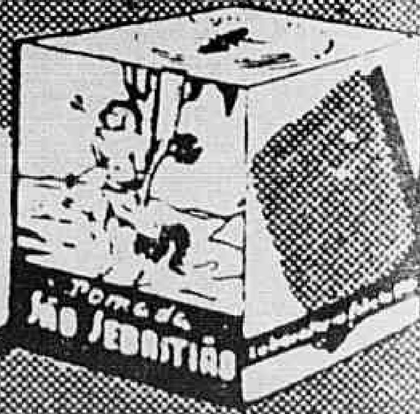
no sentido de serem solucionadas as divergências que estão dificultando a conclusão do armistício na Coréia. — Nas últimas conversações, os comunistas propuseram a imediata e total libertação dos prisioneiros de guerra. — A Alemanha Oriental, por seu delegado, rejeita a proposta para a criação de uma comissão destinada a investigar as possibilidades da realização de eleições livres em tôda a Alemanha. — Noticia-se a chegada do Sr. Foster Dules a Tóquio, o qual, como enviado especial do Presidente Truman, tratará da política norte-americana no Extremo Oriente, inclusive a participação do Japão nos planos defensivos daquela região. — Uma sessão tumultuosa realizou-se no Parlamento iraniano. A assistência vaiou o Primeiro Ministro Mossadegh. — Grande massa popular foi, nessa ocasião, impedida pela polícia de invadir o edifício onde funciona o Parlamento. — Encerram-se os trabalhos da reunião de Estrasburgo. — Fala sôbre a situação européia o Sr. Henri Spack, o qual renunciou à presidência da Assembléia. — O govêrno Pleven conquista novo voto de confiança da Assembléia Nacional, com o pedido de adiamento da discussão do Plano Schuman.

12 — QUARTA-FEIRA: — O Primeiro Ministro Daniel Malan anuncia a retirada provisória da África do Sul da Assembléia Geral, declarando que "as Nações Unidas praticaram agressão contra nós". — Os aliados deram novos passos para apressar as conversações de trégua na Coréia oferecendo uma solução de compromisso pela qual aceitam a inspeção neutra das zonas de retaguarda e oferecem entregar as ilhas costeiras aos comunistas. — Pela quarta vez em um mês a União Soviética faz desvanecer tôda a esperança de uma pronta solução da controvérsia sôbre o desarmamento, que perdura há cinco anos, porém ao mesmo tempo declarou estar disposta a continuar deliberando sôbre êsse problema. — Um porta-voz do Foreign Office declara que a Grã-Bretanha fará todo o possível "para evitar choques com o Egito e não deseja" diminuição alguma nos contatos diplomáticos". — Os Ministros do Exterior das seis nações do oeste da Europa anunciam "um acôrdo em princípio" sôbre vários aspectos do exército unificado mas admitem que existem ainda vários pontos de desacôrdo. — Nos Estados Unidos, a Marinha anuncia que o primeiro submarino de propulsão atômica, que terá um raio de ação pràticamente ilimitado, formará parte da frota norte-americana em 1954. — Despachos da frente central, na Coréia, informam haver entrado em ação, naquela frente, patrulhas especiais que se caracterizam por sua rapidez e agressividade. — Trinta mil sul-coreanos, aos gritos de "Dai-nos a unidade ou a morte", desfilaram pelas ruas de Pusan, capital provisória da Coréia do Sul, protestando contra qualquer armistício que deixasse o país dividido. — A Grã-Bretanha faz conhecida sua disposição de manter fôrças militares no Canal de Suez. — A embaixada do Brasil em Washington está investigando o incidente havido em São Francisco, no qual foi personagem principal o cônsul brasileiro naquela cidade, João Batista Teles Soares de Pina. — E' nomeado embaixador da Índia no Brasil Sua Alteza o Rajá Joginder Sen Bahadur, de Mandi.

13 — QUINTA-FEIRA: — Continuou o impasse para a eleição do país que substituirá a Iugoslávia no Conselho de Segurança. Em novo pleito, a Grécia obteve 28 votos e a Bielo Rússia 27, não alcançando nenhuma das duas nações número de votos necessários. — No Comité Econômico 28 pequenas nações, em oposição às grandes potências, aprovaram a criação de um fundo especial destinado a auxiliar os países insuficientemente desenvolvidos. — Os comunistas continuam a dificultar a marcha das negociações de armistício negando-se a informar o número de prisioneiros em seu poder e a cumprir as disposições da Convenção de Genebra. — Numa batalha aérea a aviação aliada derruba 13 caças comunistas. — Com a ratificação pela Colômbia da Carta da Organização dos Estados Americanos é atingido o número necessário de assinaturas para dar validade legal ao documento. — O Presidente Truman, em entrevista à imprensa, promete tomar medidas drásticas para acabar com a corrupção entre o funcionalismo. — Declara-se na Casa Branca não haver qualquer fundamento na notícia de que o Sr. Acheson seria substituído pelo Sr. Averell Harriman no Departamento de Estado. — O Sr. Foster Dulles, atualmente em Tóquio, declara que o Japão não sòmente tem o direito mas também o dever de se rearmar. — O Primeiro Ministro Mossadegh declara-se receioso de ser vítima de um atentado a qualquer momento, mas adianta que está disposto a permanecer no poder até a realização das eleições.

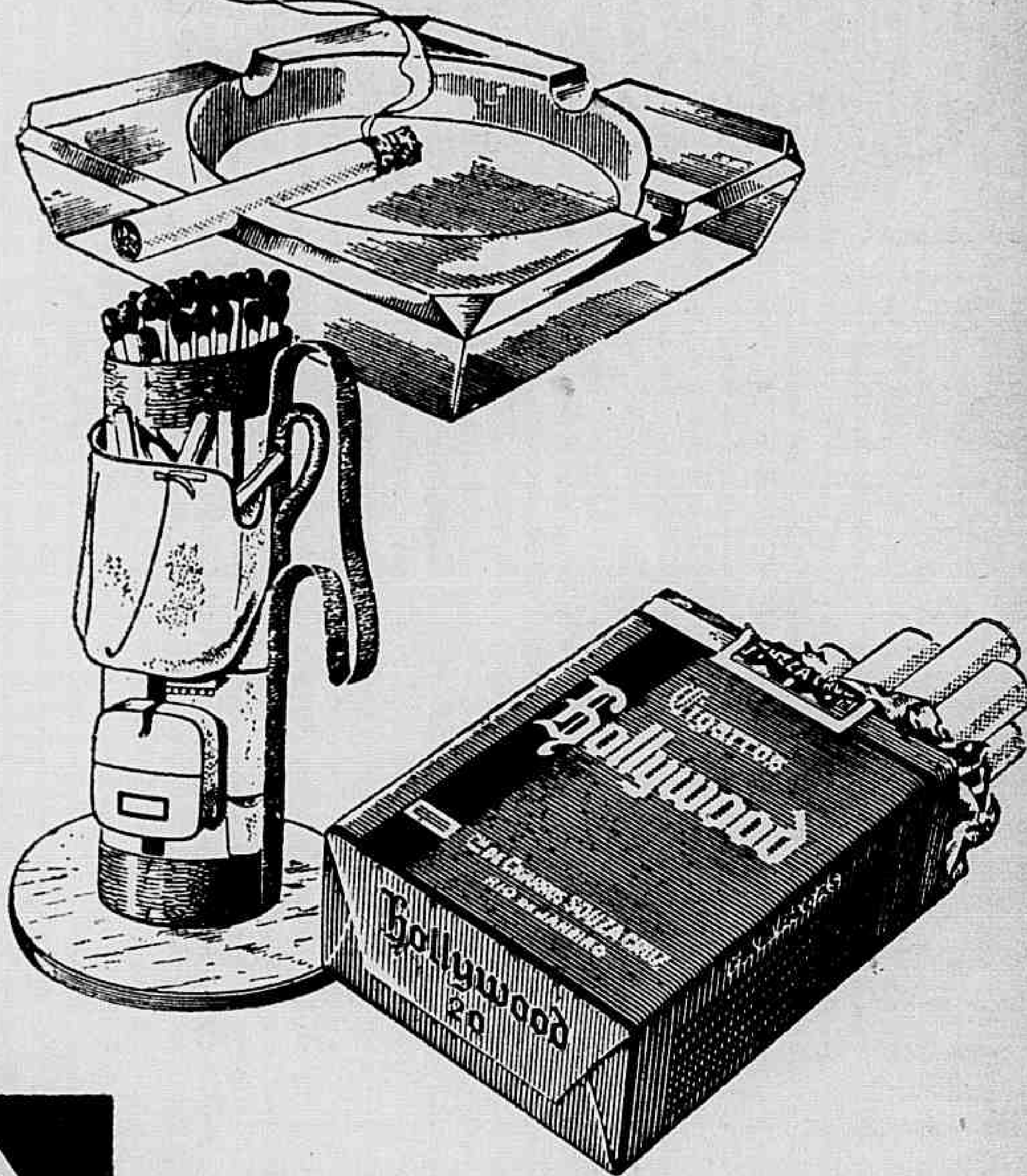
14 — SEXTA-FEIRA: — Os Diretores do Banco da Inglaterra e do Departamento do Tesouro recusam confirmar ou negar os rumores de que a libra esterlina será "liberada" de seu atual tipo fixo de dois dólares e 80 centavos. — Prossegue o movimento grevista dos empregados de bondes em várias cidades da França. — Na Itália, a Câmara dos Deputados concede permissão para a prisão e processamento do deputado comunista Francesco Moranino, acusado de homicídio. — O Ministro da Fazenda da Hungria, ao apresentar

CONSERVE A SUA PELE LIMPA E MACIA...
SARDAS, ESPINHAS E MANCHAS
POMADA SÃO SEBASTIÃO





você o consagrou - e fez muito bem...



É a você, que sabe apreciar o golf e outras coisas boas da vida, que Hollywood deve a preferência unânime de que hoje goza entre as pessoas de bom gosto

H-8

CIGARROS Hollywood

UMA TRADIÇÃO DE BOM GOSTO

UM PRODUTO SOUZA CR

ao parlamento o orçamento do país para 1952, pede 50 por cento de aumento para as fôrças armadas nacionais. — O Presidente Truman, em mensagem de Natal dirigida às fôrças armadas, declara que ora para que "o novo ano nos aproxime do momento em que chegaremos a uma paz durável e honrosa". — A Assembléia das Nações Unidas aprova a recomendação de um de seus comitês, pedindo à Rússia que normalize suas relações diplomáticas com a Iugoslávia. A recomendação é aprovada por 47 votos contra 5 do bloco soviético. — A União Soviética afirma que os fundos do plano norte-americano de auxílio militar incluem 100 milhões de dólares para custear os gastos com grupos clandestinos existentes dentro de países comunistas. — O Brasil, a Bolívia, a Colômbia e o Uruguai propõem que se estabeleça uma comissão de cinco nações para investigar a possibilidade de realização de eleições livres em tôda a Alemanha. — O secretário de Estado, Dean Acheson, declara que a ratificação do Plano Schuman pela Assembléia Francesa constitui "importante passo no sentido da construção de uma Europa Ocidental poderosa e unificada". — A Marinha de Guerra do Brasil rende homenagem à Rainha Isabel, "a católica", depositando uma coroa de flores naturais no pedestal do monumento da rainha em Paseo Castellana, em Madrid. — O Departamento da Defesa dos Estados Unidos informou que as baixas comunistas, desde o comêço da guerra na Coréia até ao dia 5 do corrente, se elevam a 1.526.898. Êsse total significa um aumento de 9.767 sôbre o número de baixas vermelhas anunciado a última vez.

15 — SÁBADO: — Prosseguem os debates em tôrno dos textos ocidental e soviético relativos ao desarmamento. — O delegado do Egito apresenta uma emenda proscrevendo a bomba atômica. — A França rejeita a proposta soviética no sentido de reduzir de um têrço os armamentos e as fôrças armadas das grandes potências. — A fôrça aérea das Nações Unidas volta a obter outra vitória na Coréia, ao destruir um caça comunista Mig-15, danificar seis outros e deixar convertido em um "mar de chamas" um centro de abastecimento norte-coreano. — Sabotadores egípcios, na zona do Canal de Suez, fazem descarrilar um comboio ferroviário. — O Embaixador Caffery anuncia que os Estados Unidos estão tentando resolver o litígio anglo-egípcio. — O General Eisenhower comunica aos signatários europeus do pacto do Atlântico que se armassem com mais rapidez, sa-



lientando que a Alemanha e mais os aliados do ocidente devem estar sempre prontos para qualquer ataque vindo do leste. Disse, ainda: "Devemos atingir um ponto no qual signifique tolice qualquer ataque contra o ocidente". — O govêrno britânico decide pagar integralmente a primeira parte dos reembolsos dos empréstimos americanos (de cêrca de um bilhão de dólares) e canadenses (312,5 milhões de dólares) de 1946. — O Ministro do Interior Humberto Linares, declara que a Bolívia enfrenta no momento uma "iminente crise econômica, política e social", em conseqüência da fixação do preço do estanho por parte dos Estados Unidos, pedindo a atenção para o caso a "todos os países latino-americanos produtores de matérias-primas". — Sete pessoas morrem e dez ficam feridas quando uma igreja de Santa Maria de Pire, a 400 milhas a sudeste de Caracas, desmorona. — O Comandante do navio-escola "Almirante Saldanha" oferece, a bordo dessa belonave, um banquete às autoridades de Barcelona. — O Banco Central da República Argentina resolve conceder cambiais para importação de erva-mate do Brasil.

16 — DOMINGO: — Na Comissão Política travam-se debates acêrca do plano de rearmamento ocidental, já alterado pelos aliados. — E' organizada, com a inclusão do Brasil, uma Comissão de Inqüérito para estudar as possibilidades de realização de eleições livres na Alemanha. — O Primeiro Ministro britânico chega a Paris em companhia do Chanceler Eden para conferenciar com o chefe do govêrno e o chanceler francês. Churchill se nega a falar perante a Assembléia Geral da O.N.U. — A Comissão do Tratado do Atlântico elabora um relatório de seus trabalhos, no qual recomenda o aumento dos orçamentos destinados ao armamento de diversas nações européias. — Está sendo elaborada, com a participação da França, Inglaterra, Estados Unidos e Turquia, uma resposta ao protesto da Rússia contra o Pacto de Defesa do Oriente Médio.

17 — SEGUNDA-FEIRA: — O govêrno egípcio coloca sob seu contrôle os chamados "batalhões de libertação", alegando que elementos agitadores infiltraram-se em suas linhas, incentivando os incidentes com os britânicos. — Noticia-se que será realizada hoje uma conferência entre os chanceleres do Egito e da Inglaterra. — O povo uruguaio manifesta-se favorável à mudança do regime governamental. — O Presidente Truman decreta a intervenção governamental no movimento grevista dos aeroviários. — São divulgadas declarações pronunciadas à imprensa estrangeira pelo chefe da nossa delegação à Comissão Especial da O.N.U. para os Balcãs. — Noticia-se que será realizado em S. Paulo, em 1953, o próximo Congresso Internacional do Câncer. — Chega a esta Capital o Sr. Manuel Diaz Granados, Ministro da Defesa do Equador.

18 — TÊRÇA-FEIRA: — O Ministro do Exterior soviético, Andrei Vishinsky, faz um apêlo final contra as propostas de desarmamento das potências ocidentais, que rejeitaram seu pedido de imediata e incondicional abolição da bomba atômica. — O Primeiro Ministro Winston Churchill compromete o pleno apoio da Inglaterra ao plano de exército europeu, ao encerrar seus dois dias de visita à capital francesa, como preparativo para sua momentosa conferência de janeiro com o Presidente Truman. — Os comunistas fornecem aos aliados uma lista de 11.559 prisioneiros de guerra que têm em seu poder e na qual figura o general considerado desaparecido há longo tempo, William Dean. — Extremistas egípcios matam um tenente e ferem três soldados britânicos, na zona do Canal de Suez, e depois lançam uma bomba contra o hospital militar britânico, segundo anunciam as autoridades britânicas. — Nesta Capital falece o Professor Jaime Pombo Brício Filho.

19 — QUARTA-FEIRA: — Votadas, na Comissão Política, as diversas resoluções sôbre o problema do desarmamento. Merece aprovação a apresentada pelas três grandes potências ocidentais. — Sob protestos dos soviéticos, é aprovada a criação de uma Comissão de cinco países, inclusive o Brasil, para investigar as possibilidades de realização de eleições livres na Alemanha. — O Sr. Vishinsky faz acusações aos Estados Unidos a propósito da concessão de auxílio aos países não comunistas. — A limitação do potencial militar ao nível do existente no momento da assinatura do armistício continuava a constituir um obstáculo à marcha das negociações. — Causa enorme decepção nos Estados Unidos a divulgação dos números de prisioneiros em poder dos comunistas.

CONSERVE A SUA PELE
LIMPA E MACIA...
SARDAS, ESPINHAS E MANCHAS
POMADA
SÃO SEBASTIÃO



— O govêrno de Moscou comunica a execução de dois cidadãos russos, alegando que os mesmos foram lançados de pára-quedas a serviço da espionagem norte-americana. — Acheson, referindo-se à notícia, declarou que se tratava de invencionice soviética. — Noticia-se que em janeiro próximo serão iniciadas conversações para a elaboração de novo acôrdo comercial entre o Brasil e a Argentina. — São divulgados dados acêrca das inversões norte-americanas na América Latina. — E' desmentida a notícia de que se cogitava de modificar os preços-tetos do café. — A Academia Brasileira de Letras realiza uma sessão extraordinária para receber a Medalha de Ouro do Pontificado de Pio XII, tendo falado os Srs. Aloysio de Castro e João Neves da Fontoura.

20 — QUINTA-FEIRA: — Após 19 escrutínios, é finalmente preenchida, com a eleição da Grécia, que derrotou a Bielo Rússia, a vaga da Iugoslávia no Conselho de Segurança. — A Assembléia aprova a resolução que cria a Comissão para investigar as possibilidades da realização de eleições livres na Alemanha. — O jornal peronista "Democracia", em artigo assinado, declara que agora é o momento para que o Brasil e o Chile se concentrem numa união econômica com a Argentina. — O Gabinete francês fixa o total definitivo dos créditos militares em 130 bilhões de francos. — Entregues os primeiros oito volumes elaborados pela Comissão Parlamentar que investiga os acontecimentos verificados na França de 1933 a 1945. — Concedida ao chanceler da Holanda, Sr. Dir Stiker, a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. — Demite-se o Diretor da Repartição Sanitária Pan-Americana, Sr. Paulo C. A. Antunes. — A Inglaterra e a França dão os passos necessários para transferir à Líbia os poderes de administração da Tripolitânia Cirenaica e Fezão, de acôrdo com a resolução da Assembléia Geral da O.N.U., em 1949. — Inaugurado o Serviço Ambulante Postal Telegráfico.

21 — SEXTA-FEIRA: — As Nações Unidas repelem a acusação russa de que os Estados Unidos cometeram um ato de agressão ao criar um fundo de 100 milhões de dólares para auxiliar residentes e refugiados anticomunistas nos países da cortina de ferro. — Com aquiescência dos Estados Unidos, do Brasil e outros nove países ocidentais, a Itália elimina as limitações impostas às suas fôrças armadas pelo tratado de paz de 1947. — O comandante do exército britânico no Egito ordena o toque de recolher, do pôr do sol ao amanhecer, na zona de Ismailia, onde reina agitação. — A Hungria anuncia que quatro tripulantes do avião norte-americano "C-47", obrigado a descer na Hungria por caças soviéticos, no mês passado, serão julgados por um tribunal húngaro.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

22 — SÁBADO: — Anuncia-se que os comunistas sino-norte-coreanos prometeram estudar as propostas da O.N.U. sôbre o imediato intercâmbio de prisioneiros de guerra enfermos ou feridos. — Sem que houvesse alcançado qualquer progresso na remoção da guerra fria entre a Rússia e o Ocidente, a Assembléia Geral das Nações Unidas entra em férias de Natal. — Soube-se que o Primeiro Ministro Churchill partirá para Washington, na sua visita ao Presidente Truman, no dia 30, em vez de a 29, como estava marcado. — Os Estados Unidos dizem que estão acompanhando com o máximo interêsse os passos do govêrno húngaro para julgar os quatro aviadores americanos que foram forçados a descer na Hungria por caças soviéticos, no mês passado. — Em nota dirigida ao Irã, a Inglaterra reitera que não pode concordar com a compra de petróleo ira-

CONSERVE A SUA PELE LIMPA E MACIA...

SARDAS, ESPINHAS E MANCHAS

POMADA SÃO SEBASTIÃO





niano por cidadãos britânicos, nem reconhecer direitos legais ao Irã para a disposição das instalações construídas pela Anglo-Iranian Oil Co. — Chega a esta Capital o Sr. Bernard Ocampos, Ministro do Exterior do Paraguai. — O Sr. Manoel Diaz Granados, Ministro da Defesa do Equador, visita a Vila Militar.

23 — DOMINGO: — Prosseguem as conversações entre aliados e comunistas para o estabelecimento de um armistício na Coréia. — Ambas as partes concordam na troca de correspondência entre os prisioneiros de guerra e respectivas famílias. — Em mensagem de Natal, transmitida pelo rádio, o Papa Pio XII pede ao mundo que faça novos esforços em favor da paz. Sua Santidade declara num discurso de 35 minutos transmitido do Hall do Consistório, ante o Colégio dos Cardeais, que o desarmamento constitui apenas garantia de paz, a não ser que seja seguido da abolição do ódio, da cobiça e da ânsia excessiva de prestígio. — O Papa diz que os acontecimentos de hoje mostram que chegamos a uma fase crítica em que todos são forçados a reconhecer que o mundo está dividido em dois campos opostos e aconselha uma cooperação harmônica como condição de paz. — Falece e é sepultado no Cemitério de S. João Batista o Sr. Dr. João Martins de Carvalho Mourão, Ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal.

24 — SEGUNDA-FEIRA: — Morrem 109 mineiros na explosão verificada numa mina de grisu, no Estado de Illinois. — Vinte e cinco pessoas, entre as quais o Sr. Henry Bennett, administrador do Ponto Quatro do Programa de Truman, perecem na queda de um avião egípcio da linha Cairo-Teerã. — Num pavoroso incêndio ocorrido no México, no auditório municipal de Tijuana, perecem cêrca de 40 pessoas. — Falece o escritor argentino Benito Lynch. — O govêrno dominicano resolve pôr em liberdade o marinheiro do navio cubano "Quetzal". — O Tribunal húngaro condena os quatro aviadores norte-americanos forçados a descer com o seu avião em território da Hungria, a pagar a multa de 30 mil dólares cada um. — Noticia-se que os Estados Unidos estão dispostos a pagar a referida multa. — "La Prensa", de Buenos Aires, tece comentários elogiosos ao ato do Presidente Getúlio Vargas que dispõe sôbre a exploração dos recursos petrolíferos do Brasil.

25 — TÊRÇA-FEIRA: — O General Matthew Ridgway, comandante-supremo das fôrças das Nações Unidas na Coréia, é autorizado a prolongar por 30 dias o acôrdo que estabelece a linha de demarcação suscetível de se tornar a linha definitiva do armistício, o qual não se concretizou antes do Natal, conforme se esperava. — As nomeações dos elementos anglófilos Afifi e Imr para altos postos junto ao Rei Farouk foram interpretadas pelos observadores diplomáticos como possível indicação de que o rei está atuando para quebrar o sério impasse entre a Inglaterra e o Egito. — O Sr. Presidente da República sanciona Lei instituindo o Júri Popular para julgamento dos crimes contra a economia popular.

26 — QUARTA-FEIRA: — Um comunicado do Departamento de Estado anuncia que os Estados Unidos informaram a Hungria que estão prontos a pagar a soma de 120 mil dólares pedida pelos tribunais húngaros para a libertação dos quatro aviadores detidos naquele país, com a condição de que êstes sejam ràpidamente postos em liberdade. — A agência oficial de notícias búlgara anuncia que quatro supostos espiões foram condenados à morte por um Tribunal de Sofia. Outros acusados foram condenados a penas de prisão que variam de seis a vinte anos. — O secretário geral da O.N.U., Trygve Lie, adverte de que qualquer passo em falso nas negociações de trégua na Coréia pode ter "seríssimas conseqüências". Diz que não houve "afrouxamento da tensão internacional" durante a presente sessão da Assembléia Geral da O.N.U., em Paris, mas que, por outro lado, a crise mundial não havia piorado.

27 — QUINTA-FEIRA: — Apesar de esgotada a trégua de 30 dias, prosseguem as conversações de armistício na Coréia. — E' ainda objeto de discussão a questão de manterem, ambas as partes, o potencial aéreo durante o armistício. — Tumultuosos choques entre a polícia e estudantes no Cairo. Em conseqüência são fechados diversos estabelecimentos escolares. — Fuzilados quatro

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

rumenos acusados de terem descido de pára-quedas sôbre o território da Rumania. — Anuncia-se que o consumo de café verificado em 1951 ultrapassou os prognósticos mais otimistas. — E' divulgado que o Brasil e o Chile, seguidos do México, são os principais produtores de carvão da América Latina. — O Presidente Truman nomeia o Sr. George F. Kennan para embaixador em Moscou. — O Sr. Presidente da República preside a solenidade do encerramento dos cursos na Escola de Guerra Naval.

28 — SEXTA-FEIRA: — Os comunistas rejeitam a exigência de que garantissem por escrito que não aumentariam o seu poderio aéreo na Coréia durante o armistício, tendo mesmo ameaçado romper definitivamente as negociações. — Os Estados Unidos fecham todos os consulados húngaros e proibem as viagens de nacionais norte-americanos para a Hungria, numa represália pelo processo e encarceramento ali dos quatro aviadores americanos já postos em liberdade depois do pagamento de um "resgate" de 120 mil dólares. — O Primeiro Ministro Winston Churchill convoca para hoje de manhã uma sessão extraordinária do Gabinete, a fim de definir a posição oficial britânica em matéria de economia, defesa e problemas internacionais que o dirigente conservador terá que apresentar ao Presidente Truman durante sua próxima visita a Washington. — O Sr. Presidente da República assina decreto tornando obrigatória a mistura nas farinhas panificáveis.

29 — SÁBADO: — As Nações Unidas fizeram uma nova concessão aos comunistas e dizem depois que nada mais tinham a propor. — Os delegados da O.N.U. retiram a proposta para uma inspeção aérea da Coréia do Norte, durante o armistício, mas querem que os comunistas também retirem sua insistência pela remodelação dos aeródromos durante aquêle período. — O Comando das Nações Unidas advertiu os comunistas de que a sua paciência tem limite e que "se aproxima ràpidamente o dia em que os vermelhos terão de tomar uma decisão de ter paz ou mais guerra". — As relações americanas com a Hungria comunista aproximam-se do ponto de ruptura. As possibilidades de uma ruptura final dependem aparentemente dos maus tratos que os vermelhos tenham porventura infligido aos aviadores americanos ali detidos e depois postos em liberdade mediante resgate. — A Comissão de Atividades Anti-subversivas da Câmara dos Deputados recomenda que se autorize a aplicação da pena capital pelo delito de espionagem,



tanto em tempo de paz como em tempo de guerra. — Na Conferência de seis países sôbre a organização do Exército Europeu, os delegados esperavam que a Alemanha Ocidental e seus vizinhos da Europa concordassem com um tratado para organizar uma fôrça ofensiva única de 43 divisões contra a agressão russa. — A bordo do "Queen Mary", Churchill segue para os Estados Unidos, onde se avistará com Truman.

30 — DOMINGO: — Devido a violentas tempestades, um navio petroleiro norueguês parte-se ao meio em águas espanholas, enquanto um outro navio-petroleiro holandês é atirado de encontro aos rochedos nas imediações de Bayonne. — A bordo do "Queen Mary", que deixa o pôrto de Southampton, embarca para os Estados Unidos o Primeiro Ministro britânico, Sr. Churchill, que viaja em companhia do chanceler Anthony Eden. — A revista norte-americana "Business Week" tece comentários em tôrno do progresso industrial do Brasil, referindo-se aos capitais invertidos no campo da indústria brasileira.

31 — SEGUNDA-FEIRA: — E' anunciado o naufrágio do navio alemão "Irene Ollendorff", com 70 homens a bordo. — E' distribuído um comunicado sôbre as decisões tomadas na Conferência entre os chanceleres da Itália, França, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Alemanha Ocidental, acêrca da organização do exército europeu. Eisenhower faz sentir a êsses países a necessidade de ser urgentemente resolvido o assunto. — Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto designando os membros da Comissão Nacional de Política Agrária. — São eleitos Presidente e Vice-Presidente do Tribunal de Contas os Srs. Ministros Mário Bittencourt Sampaio e José Pereira Lira.

CONSERVE A SUA PELE
LIMPA E MACIA...
SARDAS, ESPINHAS E MANCHAS
POMADA
SÃO SEBASTIÃO


APRENDA PRATICAMENTE

RÁDIO TELEVISÃO E CINEMA SONORO



Sem sair de sua casa e aproveitando uns poucos minutos das suas horas de folga: dentro de pouco tempo V. S. estará perfeitamente capacitado para

MONTAR E CONSERTAR APARELHOS DE RÁDIO, DE TELEVISÃO, AMPLIFICADORES, EQUIPOS DE CINEMA SONÓRO, DE RADAR, etc.

V. S. poderá montar êste magnífico receptor de 7 válvulas para ondas curtas e longas.

O nosso moderníssimo e exclusivo sistema de ensino por correspondência, baseado no método prático "Aprenda Fazendo", proporcionará a V. S. um estudo ameno, agradável e fàcilmente compreensível. Para o seu treinamento prático lhe forneceremos, inteiramente grátis, um jôgo completo de ferramentas, aparêlho de laboratório e peças para experiências.

DURAÇÃO MÍNIMA DO CURSO: CINCO MESES

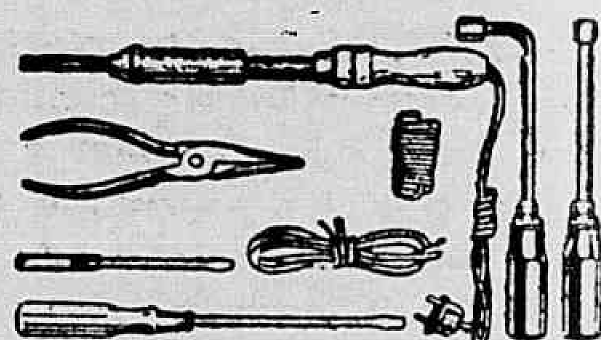
MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS



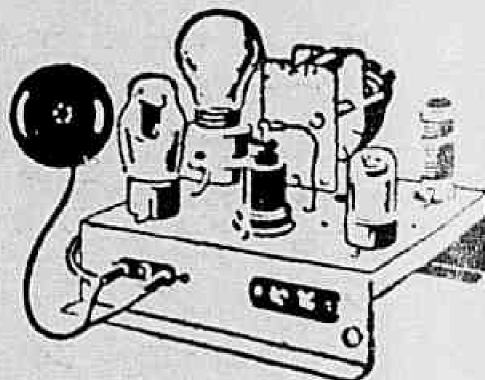
EDIFÍCIO MONITOR
Sede própria da maior escola latino-americana de ensino técnico por correspondência.
FUNDADA EM 1939

Êste é o curso mais eficiente, rápido e prático, pois V. S. mesmo sem nenhum conhecimento prévio, ficará habilitado em poucas semanas, a ganhar com biscates, muito mais que o custo dos seus estudos.

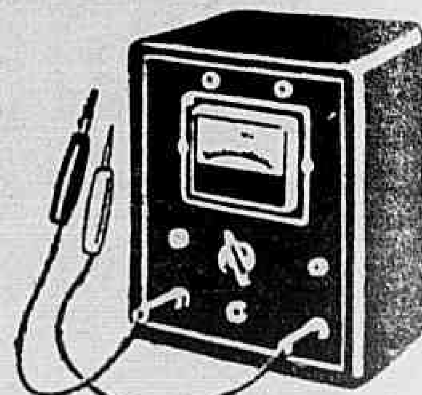
Decida seu futuro, enviando hoje mesmo o coupon abaixo devidamente preenchido.



Ser lhe-á enviado gratuitamente um jogo completo de ferramentas.



Receberá de graça os acessórios para construir muitos aparelhos de experiência.



...e receberá um magnífico volt-ómetro para facilitar os consertos, revisões, etc.

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR

RUA TIMBIRAS, 263 - CAIXA POSTAL 1795 - S. PAULO

Sr. Diretor: Solicito enviar-me grátis o seu folheto, como ganhar dinheiro no RÁDIO e na TELEVISÃO!

R-126

NOME ....

RUA .... *N.* ....

CIDADE ....

ESTADO .... *E. F.* ....

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXIV — N. 9 — Fevefeiro — 1952
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 5ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

1.º TORNEIO — JANEIRO A MARÇO

CHARADAS ANTIGAS

52 — Êsse demônio singular que mora
Mesmo ao lado de minha residência,
Com olhar de veludo e voz sonora,
Perturba, por demais, minha existência. — 2

Quero fugir do amor que me devora,
Do olhar que me persegue sem clamência
Viajar para bem longe, sem demora,
Com receio de *ingrata* conseqüência. — 2

Porém, por mais que eu lute com vigor,
Por mais que eu lute cheio de ansiedade,
Não consigo olvidar tão grande amor.

Dessa forma, a lutar, eis a razão,
Da minha falta de tranqüilidade,
Da minha vida sempre em *confusão*. —

Gil Virio (Andradina)

Ao Sertanejo II:

53 — A tua "parlapassada"
Não obteve *apelação* — 2
Ficou logo cancelada
Pelos chefes da seção,
Eu chamo a isso incoerência,
E, "*sustento*", camarada, — 1
Disseram ter aparência
De *armadilha disfarçada*.

Heron Silpes (Canavieiras)

Ao Debrito:

54 — *Bebe muito* o velho Sena,
— 3
Até chumbo derretido,
Causa tristeza, faz *pena*
— 1
Ver um sujeito torena
Pela cachaça *perdido*.

Bisilva (Manaus)

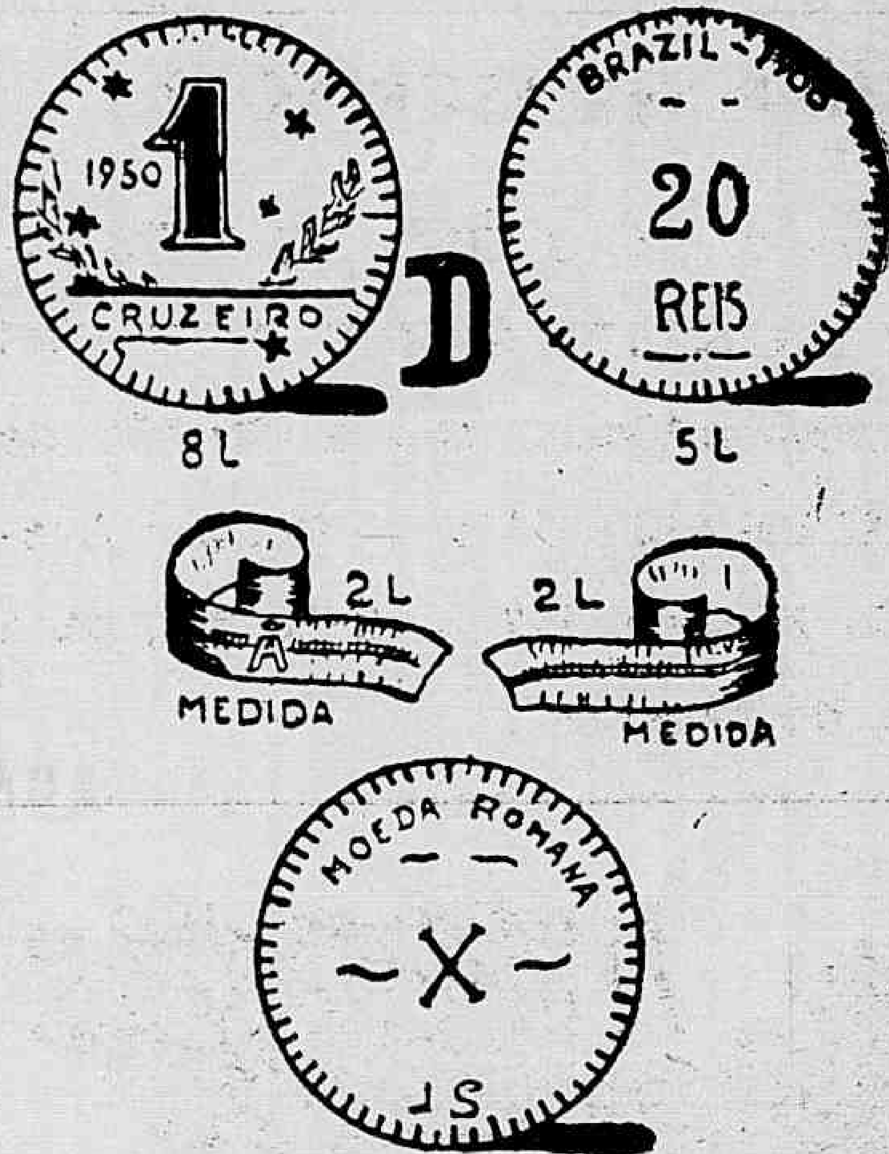
★

CHARADAS SINCOPADAS

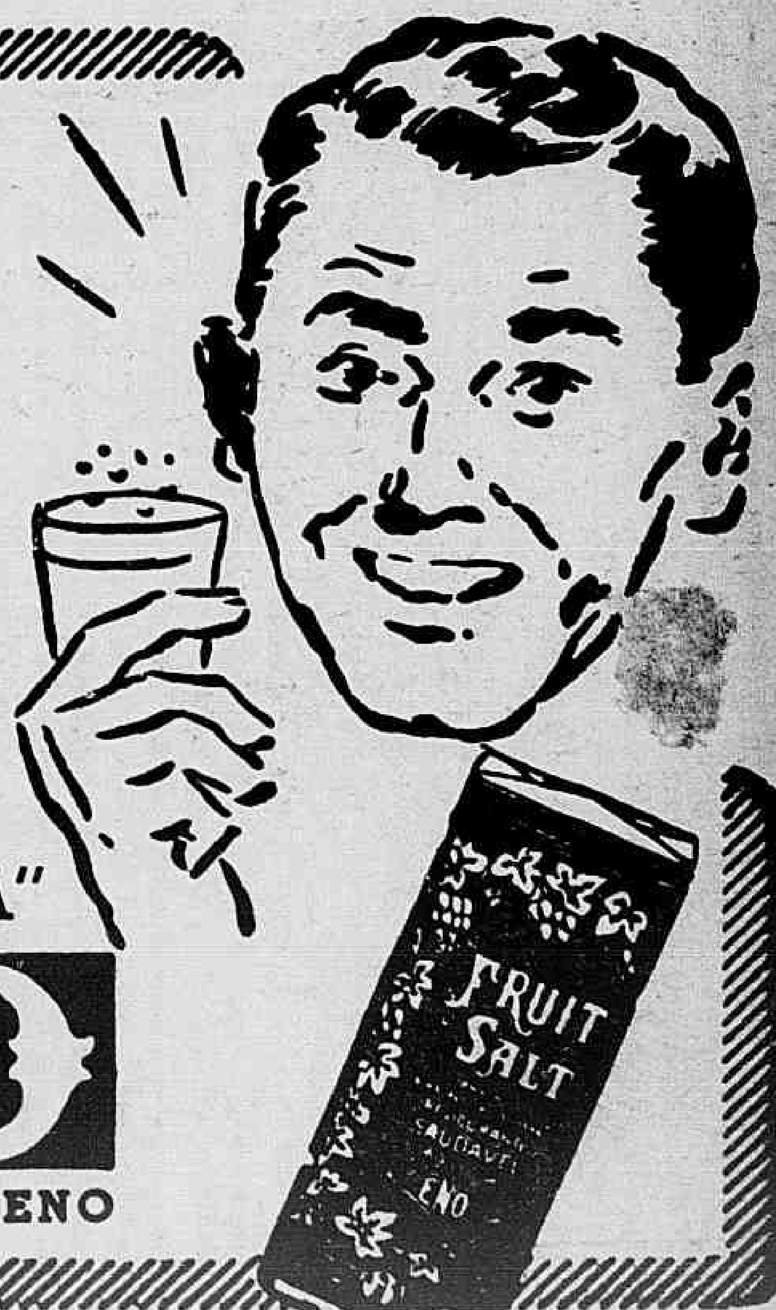
55 — Três (duas) — E' um *homem elegante, valente, forte, bem trajado*, mas teme que o sol *toste* a *película* do seu rosto...

Até Tropina — H.C. (Rio)

ENIGMA FIGURADO — 102



Dr. Jofran (Fortaleza)



Ao Euclides Vilar:

56 — Três (duas) *Boato falso* — um horror,,
Um crime, assim o presumo.
Se avisto o forgicador,
Evito-o, mudo de *rumo*.

Jayreis (Bahia)

57 — Três (duas) — Cavalgando um *cavalo velho sem préstimo*, viajava o *feiticeiro*.

J. A. Pimentel (Itapaci, Goiás)

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa.

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA

Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

58 — Três (duas) — *Sinceridade* é a característica de meu *estro poético*.

Levon (S. Paulo)

59 — Três (duas) — *Os ricos* sempre se julgam *importantes*.

Nilva — C.E.C. (Rio)

60 — Três (duas) — O *invejoso* acabou *morrendo* de inveja.

Malba Tantan — C.E.S. (Santos)

61 — Três (duas) — Há *rumores* sôbre um provável *rombo* nos cofres do Banco...

Roazo (S. Luís, Maranhão)

62 — Três (duas) — Tenho sempre *pronto para qualquer uso ou aplicação*, um *motejo*.

Rafinha — C.E.C.-G.C.N. (Pôrto Alegre)

63 — Três (duas) — De *terra estéril* nada se *tira cavando*.

Seamva (Santos)

64 — Três (duas) — Tôda *mulher pretenciosa e ridícula* gosta de fazer *fuxico*.

Zytho (Rio)

65 — Três (duas) — O *filhote de pirarucu* é *acriançado*.

Mário Noval (Bissau, Guiné)

★

ENIGMAS

66 — São cinco, de vário porte,
Numa folia animada.
Mas, sendo a primeira forte,
A quinta não vale nada.

Segunda e têrça, em relêvo
Vêm à frente. E, nesta história,
E' a quarta, dizer-vos devo,
Que simboliza a vitória.

Súbito, têrça e segunda
Giram, trocando os lugares.
A mudança é tão profunda,
Que é de efeitos singulares.

Há, de fato, um alvorôço
Que aumenta, que toma vulto,
E é tal o angu-de-caroço,
Que a coisa acama em *tumulto*.

Lutércio — H.C. (Rio)

67 — A Rosa tem um primo
Com quem muito se ajeita,
Se não fôsse tão caprichosa
Fariam uma dupla *perfeita*.

Sertaneja (Rio)

68 — Se o ladino não tem lábia,
Se o palerma tem ação,
Existirá em tudo isso
Enorme *atrapalhação*.

Sertanejo II (Lavras, Minas)

OFERTAS DINAL

Sensacionais ofertas de propaganda. Artigos que reunem a máxima qualidade a preços excepcionais. Aproveite enquanto é tempo!



Cronógrafo de alta classe. Suiço. 17 rubis. Todo folheado. Pulseira Americana. Para toda a vida.

Cr $ 880,00



Relógio Suiço. Super-automático. Não precisa dar corda. Folheado com pulseira-Americana.

Cr $ 880,00



Moderno relógio para senhora. 17 rubis. Folheado. Pulseira suiça com pedras. Uma verdadeira joia.

Cr $ 750,00

205 · Medalha de ouro DEUS TE GUIE. Com corrente de ouro.

Cr $ 140,00

130



204 · Anel de ouro. Modelo singelo. Pedras: Agua Marinha, Ametista e topazio.

Cr $ 130,00

NÃO MANDE DINHEIRO · Remessas para todo o Brasil, pelo Serviço de Reembolso. Faça o seu pedido HOJE MESMO e pague quando receber a encomenda. Vendas no varejo e atacado.

DINAL

RUA QUINTINO BOCAIUVA N. 255
3a. s/loja_ Cx. Postal, 7206
SÃO PAULO

69 — Com um violão
E boa careta
O palhaço vence
Sem usar *trombeta*.
Ferrameda, G.C.N. (Recife)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

70 — Duas-uma — *Cajado* pequeno ou *cajado* grande, é sempre *cajado*.
Dr. Jofran (P. Alegre)

---

71 — Três-uma — Quem dá dinheiro e não quer *despertar* suspeitas, finge *emprestar com a certeza de não receber o pagamento*.
El Principe (Uberaba)

---

72 — Duas-duas — Não é *troça* minha, foi na *charneca* que eu encontrei o *vestuário talar*.
K.T.Q.Z. (S. Paulo)

Ao incansável Farani:

73 — Uma-uma — Os *peles vermelhas da América do Norte, também* usam o seu *penacho* favorito.
M. de Jiquitaia (Salvador)

---

74 — Uma-duas — Uma *mentira* pode *espalhar-se* e *decretar* verdadeira calamidade.
Matsuk (Rio)

Ao Antônio C. Lima, agradecendo o seu palavras cruzadas de maio:

75 — Duas-uma — Ela tem no corpo um *sinal*, mas *onde* está ninguém nota, apesar de bem *distinto*.
N. Nuno (Feira de Santana)

---

76 — Três-duas — Vi um *sujeito simplório* casado com uma mulher *bela*, viajando sob o *tôldo de palha das canoas*.
Tony (Perdizes)

---

77 — Duas-uma — O *valente transmite* a notícia do *barulho*.
Velo-Vela (Rio)

---

78 — Três-duas — A *dor* é *penosa* quando causada por qualquer *ferimento*.
Seamva (Santos)



JUVENTUDE ALEXANDRE



79 — Duas-uma — Faz-se de *paleta*, mas *debaixo* da máscara é um homem *sagaz*.

Eva Dio (Rio)

80 — Duas-uma — Na *sociedade rudimentar*, é que se pode *fazer* conchavos ou mesmo *fazer trapaça em qualquer jôgo*.

Guilherme Tell (Rio)

81 — Três-duas-uma — *Homem muito falador* faz *sucesso sob* a capa de inocente, o *que dá na vista*.

Paulistinha (Rio)



ENIGMA FIGURADO — 103



El Campeador (Campo Grande, Minas Gerais)



LOGOGRIFO — 82

Ingênuo olhando os ninhos — 1-6-3-6
Sentindo em tudo a *aparência* da primavera — 3-6-1-6
— A melhor *estação* — 4-1-2-2-3-6.
Eu ia colhendo as rosas pelos caminhos,
Com o coração,
E soltando pétalas pela esfera.

E *porque* os anos passaram... — 3-2-5-2.
Fiquei longe do sono
E num *grito* de emoção
Achei-me no outono.

Fiote (Cuiabá)

CHARADAS CASAIS

83 — Três — O *rapazinho*, depois da doença, ficou com a *pele caída e mole*.

Adolfo Tuchman (Rio)

Ao autor de "Enclenque-enque", de Setembro:

84 — Cinco — Aquêle que é *metido a valente* às vêzes fica com a cara *machucada*.

Bisilva (Manaus)

85 — Três — Na Delegacia de Polícia, o queixoso, que apresentava um *ferimento com instrumento perfurante*, declarou não haver reconhecido o seu agressor por se achar muito *embriagado*.

Conselheiro (S. José de Mipibu)

86 — Duas — Da *popa do navio* avistei ao longe a *enseada na costa*.

Donatila Borba (Cresciúma, S.C.)

87 — Duas — Sempre *encontro* o Sylvio naquele *jôgo de rapazes*.

E. de Souza (Rio)

88 — Duas — Mais dias, menos dias se *apanha* o *gatuno*.

Ed Vep (Maceió)

89 — Três — E' branca a *faixa* de saída do *circuito* da Gávea.

Fusinho (Bangu, Rio)

90 — Três — Sofre minh'alma dorida,
Em constante *agitação*,
Minh'alma só dá guarida,
Para a dor, para a *aflição*.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

91 — Três — Também em dia *claro* se usa roupa *elegante*.

Joleno (S. Paulo)

92 — Duas — Com a música de *movimento lento* é que vem sendo levada a efeito a defesa da *liberdade* comum.

Luferra (Palmares)

93 — Três — *Esforça*-te com bastante *esmêro*.

O Sineiro, G.C.N.-C.E.C. (S. P.)

94 — Três — Êste é *o meio* para acabar com o *enrêdo*.

Ranzinza (Rio)

95 — Cinco — Êle traz consigo a *arrogância* de um homem *enérgico*.

Sertanejo II (Lavras, Minas)

96 — Duas — *Fico ruim* de gênio quando vejo mercadoria *de qualidade inferior*.

Spartaco (S. Luís, Maranhão)

UM BOM PENTEADO COMPLETA A ELEGÂNCIA



Cabelos sedosos, brilhantes e bem penteados completam a elegância do homem e da mulher. Com o uso constante de FIXBRIL assegurará V. S. aquela inconfundivel elegância, propria das pessoas de bom gosto e apurada distinção. Alem de conservar o penteado durante todo o dia, FIXBRIL evita a caspa e a queda do cabelo.



fixbril

ASSENTA E DÁ BRILHO AO CABELO.



97 — Três — Aquela *mulher grosseira, mas muito enfeitada*, usa *chinelo de estôfo encorpado para agasalho*.

Tutankâmon — T.G. (Rio)

98 — Duas — A *égua* de puro sangue foi desembarcada pelo *guindaste*.

Ueniri — C E C (Rio)

99 — Três — Logo de *saída* Tirolesa pegou a dianteira e com a *vantagem* de muitos corpos, ganhou o Grande Prêmio Brasil.

Xofrango (Ipameri, Goiás)

100 — Três — Se *chego a perceber* a tempo, essa *pessoa insolente* não me ludibriaria.

Icaro (Santos)



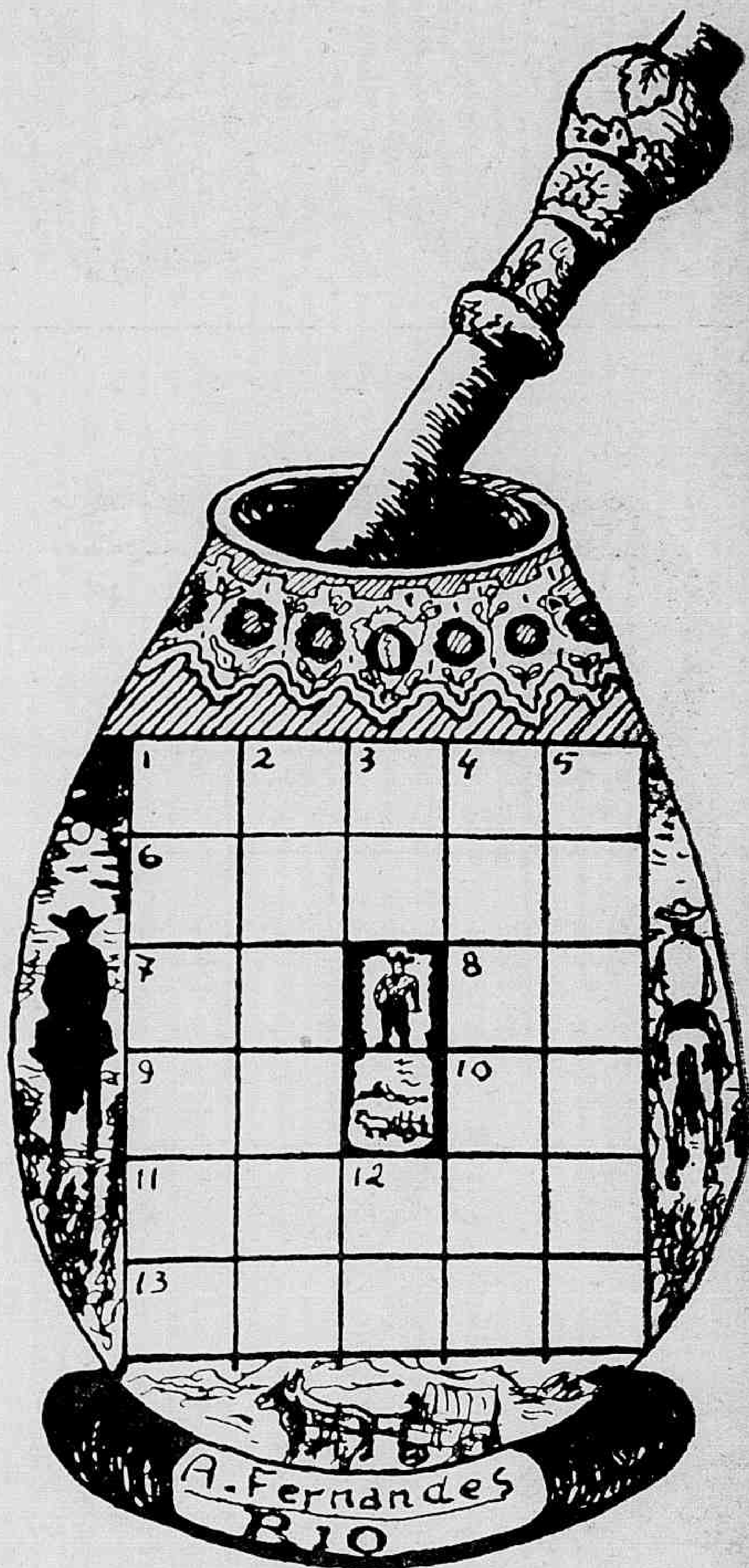
101 — Seis — Em regra geral o *espontâneo*, tem feição *tumultuária*.

Roama (Guapiaçu)

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 3



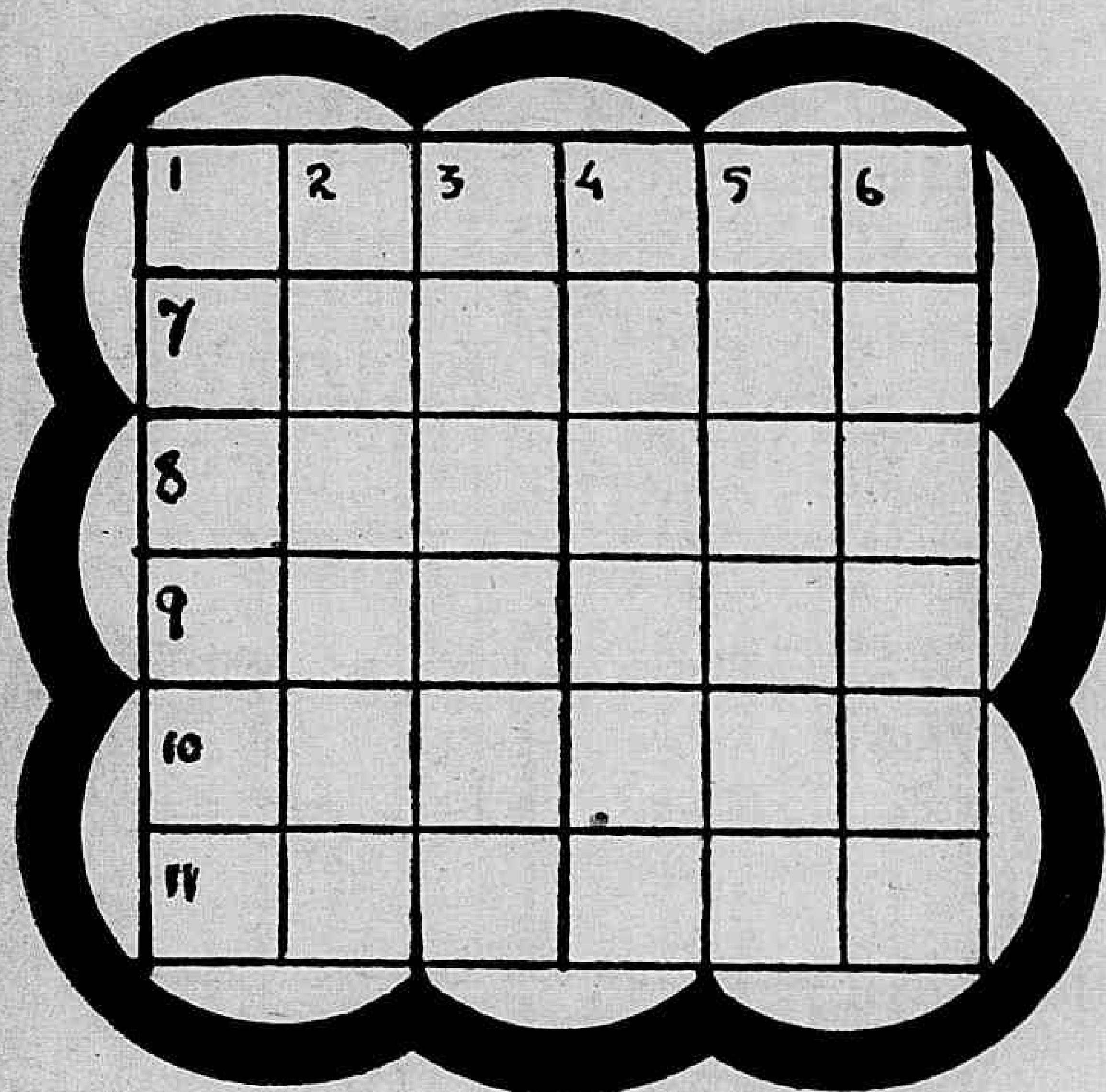
Desenho de A. Fernandes e composição de ***Matsuk*** **(Rio)**

Horizontais: 1 — Instante; 6 — Girar; 7 — Espécie de flecha usada pelos antigos turcos; 8 — Cabeça de partido; 9 — Cânhamo da índia; 10 — Cidade da índia Inglêsa; 11 — Vivo; 13 — Freg. do distrito de Faro (Portugal).

Verticais: 1 — Fragrância; 2 — Musicata; 3 — Personalidade; 4 — Madeira de Sofala; 5 — Pregador; 12 — Suf. adj. equivalente a AL: relativo a.



PROBLEMA Nº 4



Fiote (Cuiabá)

Horizontais: 1 — Apertavas com laçada; 7 — Vulcão dos Estados Unidos da Colômbia; 8 — Suco de uva; 9 — Disposição habitual para o mal (pl.); 10 — Ribeira da Beira-Baixa, Portugal; 11 — Salgados.

Verticais: 1 — Formaras; 2 — Vulcão dos Estados Unidos da Colômbia; 3 — Suco da azeitona; 4 — Erros; 5 — Ribeira de Portugal; 6 — Salgados.

SOLUÇÕES DE JULHO

1 — Moeda; 2 — Parado; 3 — **Varcira**; 4 — Picamilho; 5 — Socavado; 6 — **Perigalho**; 7 — Regalar; 8 — Salta-regra; 9 — **Malfeito**; 10 — Espalhafato; 11 — Destronado; 12 — Cortesãos; 13 — Guardoso; 14 — **Umbroso**; 15 — Crasso; 16 — Preacada; 17 — **Parlapassada**; 18 — Posposto; 19 — Buchada; 20 — **Parlapatões**; 21 — Balela; 22 — Araça; 23 — **Candonga**; 24 — Barreira; 25 — Carona; 26 — **Refrega**; 27 — Mudado; 28 — Largado; 29 — **Paulista**; 30 — Danação; 31 — Preceito; 32 — **Palato**; 33 — Matutar; 49 — Bichos em casa só **na panela**.



DECIFRADORES

Ycaro, Nostradamus, **Malba Tantan**, Irahydes, Jotoledo, **Mira**, Seamva, **Pompeu Júnior**, Janota, Julião Riminot, **Major Agá**, **El Principe**, Cantagalo, Oicaroh, **Don Roal**, **Durmel**, Oideleh, Lupe, Arpetra, O Sineiro, Ziul, **Régito**, **Dr. Zinho**, Jayreis, Ronega, Buridan, Lutércio, **Plá**, Nilva, Zytho, Radge, Sônia, Carlino, **Rei** Peratompes, Kinsos, Imara, Bigi Neto, **Sertanejo II**, R.A.C.H.A., Thisbe, Walter T. Chaves, **Milon**, **Black** Rose, Ro-Sam, Seu Teixeira, **Gorgonhe**, **Sam**, Roazo, Spartaco, Júpiter, Zepanta, **Binastro**, **Caboclo**, Edpim, Jotorácio, Centauro, **Odnalro**, Donatila Borba, Sphynx, Plutarco, **Farani**, Debrito, Botucarahy, Sefton, K. Nivete, **Violeta**, Gil Virio, Alô Tropina, Zizinho, Rafinha, Levon, Toberal, Nami, Gato Prêto, Fidosi, O. Janz, Padre Chagas, Juca Pirolito, Tony, Fandédipo, Conde de la Fére, Mambira da Jiquitaia, **Tencel**, **Ed Vep**, Emidlej, Chico Bacamarta, **Jorge Guimarães**, **Aufergo**, Alvasco, Dopasso, El Campeador, **Alguém**, Édipo, Lujoca, Segon, Varetas, Viviani, Pele Vermelha, Raul Petrocelli, Paco, **De Souza**, **Diamante**, Lidaci, Paraná, Ralvo Ilvas, **Sinhô**, **Ueniri**, Paulistinha, Eva Dio, Iza Abel, **R. Kurban** — 34 pontos; Mr. Ioso — 33; **Odnaref**, Welton, **Notrya**, Zèzinho — 32; Bisilva, Nomísio Nuno, Heron Silpes, Zucronitano — 27; Dr. **Barreto Cardoso** — 26; Magali — 23; Íris — 20.



BOAS-FESTAS

Dos nossos confrades recebemos **muitos** cartões desejando **Boas-Festas**. **Agradecendo**, fazemos votos para que todos **tenham um Ano**-Novo cheio de felicidades.

LIMPA E MACIA...
CONSERVE A SUA PELE
SARDAS, ESPINHAS E MANCHAS
POMADA
SÃO SEBASTIÃO





Não há melhor tônico que a Emulsão de Scott, isto diziam meus pais e agora o repito eu! Porque voltei ao remédio antigo e o resultado me surpreendeu! Sinto-me mais jovem, sadio, e sobretudo livre dos resfriados que assiduamente me tomavam. Emulsão de Scott é o tônico completo pela fórmula feliz que reuniu as vitaminas do óleo de fígado de bacalhau com cálcio e fósforo.



EMULSÃO DE SCOTT
Tônico das Gerações

COLABORAÇÃO

Se neste número não saíu trabalho do leitor é porque está faltando colaboração sua.

Do nosso segundo torneio (Abril a Junho) em diante passaremos a usar a 9ª edição do Pequeno Brasileiro e a Pequena Enciclopédia de Monossilábicos, de Casanovas (*Zytho*).

Lembramos mais uma vez que esta seção não aceita trabalhos *ferros*, nem os feitos com plantas, animais, geografia, etc., salvo nos problemas de palavras cruzadas.

★

R. KURBAN E R. PETROCELLI

São os dois veteranos desta seção, Dr. R. Raif Kurban e Dr. Raul Petrocelli, de S. Paulo, que aqui estiveram, sendo homenageados por todos os confrades. Ao seu embarque, entre outras pessoas, notamos: *Zytho, Alô Tropina, Ronega, Atenas, Lutércio* e *Dr. Lavrud*.

★

CORRESPONDÊNCIA

Roama (Guapiaçu) — Inscrito com muito prazer e parabéns pela brilhante estréia nesta seção.

Merode (Pará de Minas) — Como pede.

Jota (Pará de Minas) — Recebemos e agradecemos.

Violeta (Recife) — Tem razão e não será prejudicada.

Cysneirense (Coelho Bastos) — Feita a modificação do seu endereço; o livro já seguiu há tempo para Muriaé.

Carteiro (S. Paulo) — O amigo é carteiro e enviou a carta com falta de selos... Para colaborar nesta seção, quer nas charadas ou palavras cruzadas, basta mandar nome, pseudônimo e residência.

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói 45 dias; demais Estados e Portugal 90.

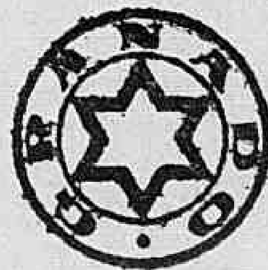
DR. LAVRUD



POLVILHO ANTISSÉPTICO



acaba com as Brotoejas



JOÃO FREY

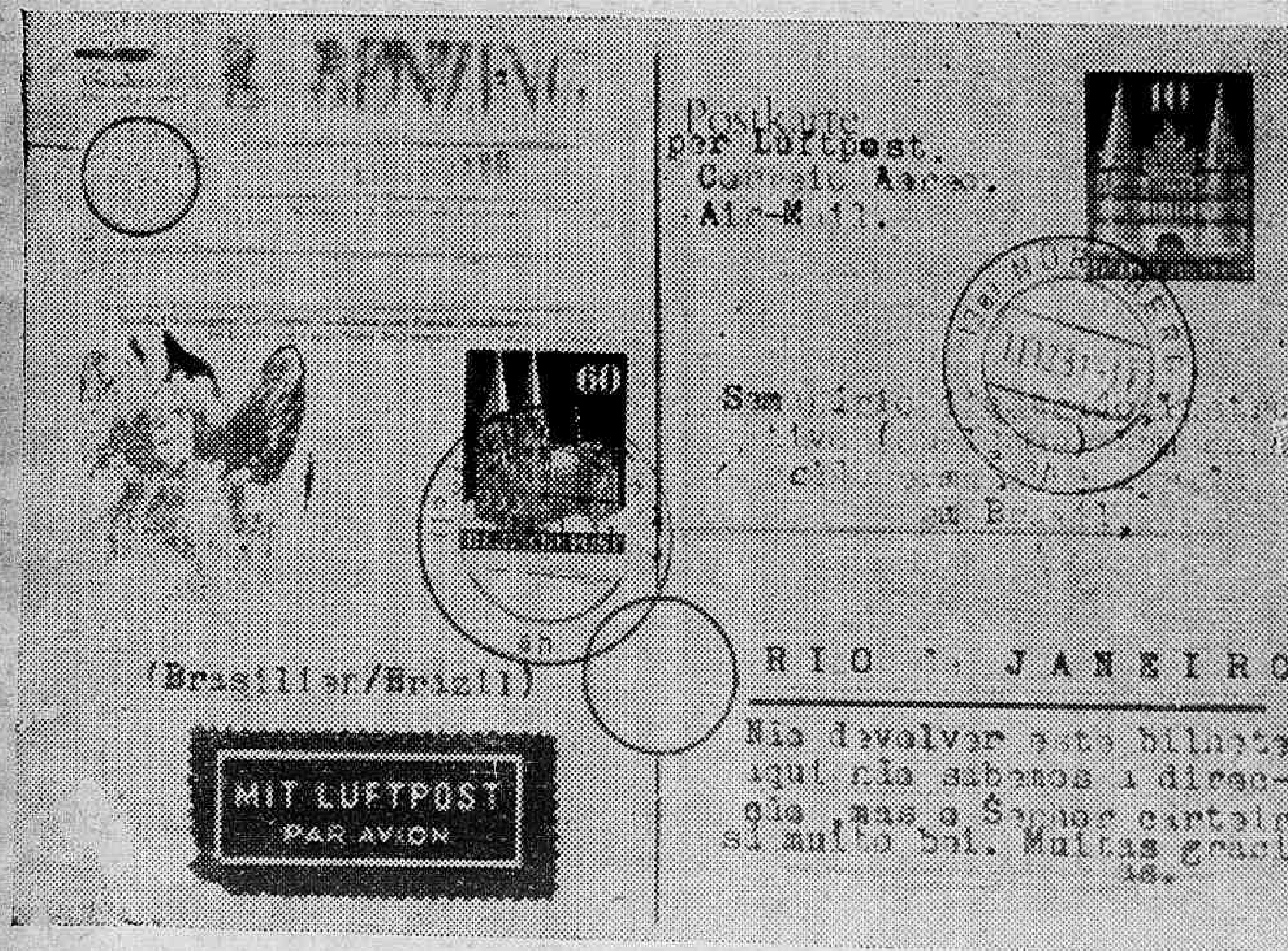
N. 417 DO ANO XXXV

EU SEI TUDO

N. 9 — 1952 FEVEREIRO

SUMÁRIO

Frontispício: Pode casar, filhinha (Conto, côres) 7
Apanhado em flagrante! 10
Para o funil 10
Ora viva o tomate! 10
Não tema a Vida! 11
Por **que** os Trabalhistas perderam 12
Curso de Vaqueiro 18
Você **descansa** mesmo? 19
Êles souberam aproveitar 21
Como **é** que pode? 21
Para o **seu** Lar: Novidades da Itália 22
Progresso comparável ao do invento do Telescópio 24
A **Idéia** — o maior Poder do Mundo 27
Como **você** resolveria isto? 33
As **Sete** Portas do Divórcio (As responsabilidades do homem) 33
Prossegue o combate ao alcoolismo! 36
Esteja em dia com o mundo 37
Ficaram muito encabulados 38
A **«Boa** Resposta» do mês 38
Como, onde e quando Nelson perdeu o braço direito? 39
O Dote de Nanette (folhetim — conclusão) 43
Suspeita (Conto, côres) 51
Êles souberam aproveitar 55
A **Revolta** do «Carneiro» (Conto, côres) 56
Ouro **azarento** (Episódio real, côres) 58
Hitler e o mistério de sua morte 59
Um **«azarão»** (conto) 64
Cursos curiosos 66
Explorando o Brasil Meridional 67
Prisão Aberta (Folhetim, continuação) 75
Vida do Campo 83
Inspiração perdida e achada 84
No Mundo dos Selos 87
Nos Domínios da Gramática 88
Memento de EU SEI TUDO (Dezembro de 1951) 97
Quebra-Cabeças, Charadas, etc. 107



A CAPA — A respeito, temos que falar um pouco sôbre como se processam as eleições no Reino Unido da Grã-Bretanha. Têm que ser sempre num dia útil, especialmente feriado para o caso, pois jamais se vota num domingo, por ser um dia que pertence ao repouso recomendado por Deus e os Inglêses não querem misturar as coisas do céu com a política. Votaram nas últimas eleições, aproximadamente trinta e quatro milhões e meio de eleitores (dos quais cêrca de 17 milhões e meio de mulheres, ou seja: pouco mais de 50%). Votaram todos os súditos inglêses de 21 anos ou mais (salvo os delinqüentes, os loucos e os membros da Câmara dos Lords). O escrutínio é uninominal direto e o candidato que recebe mais votos é eleito, não necessitando da maioria absoluta. Voltaram os Conservadores ao poder. Porém, nesta hora crucial para a Inglaterra, melhor seria dizer: voltou Churchill, pois que o velho «Winnie» proclamou, em 1940: «Só há uma resposta para a derrota. E' a vitória!» Os inglêses não esqueceram essas palavras e com o país à beira de uma derrota moral, reconduziu Churchill a Downing Street, 10. (Ler, na página 12, o artigo «Por que os Trabalhistas perderam».

★

No próximo número iniciaremos a publicação de outro romance de Henry Gréville: "O CORAÇÃO DE LUISA".

★

CORRESPONDÊNCIA

RUBEM ÁLVARES PEREIRA, Departamento dos Correios e Telégrafos, Rio — Dêsse nosso leitor, recebemos a amável carta, que transcrevemos: "Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1951 — Revista EU SEI TUDO — Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Prezados Senhores. O motivo desta é apenas o de encaminhar o cartão postal anexo, para uma revista de elevada categoria como é essa, visto que o cavalheiro que deseja possuir uma assinatura de uma revista brasileira ainda não conhece nenhuma para poder citar, no respectivo cartão. Sendo eu servidor do Departamento dos Correios e Telégrafos tive o prazer de interceptar o referido cartão antes que o mesmo tivesse um destino desagradável, pois trabalho na turma de manipulação, à noite e, assim sendo deliberei encaminhá-lo à revista EU SEI TUDO, porque está na altura de representar o Brasil em qualquer país no exterior. Sem mais subscrevo-me atenciosamente. *Rubem Álvares Pereira.*"

Ao lado, em clichê, reproduzimos o cartão a que se refere a carta acima transcrita.